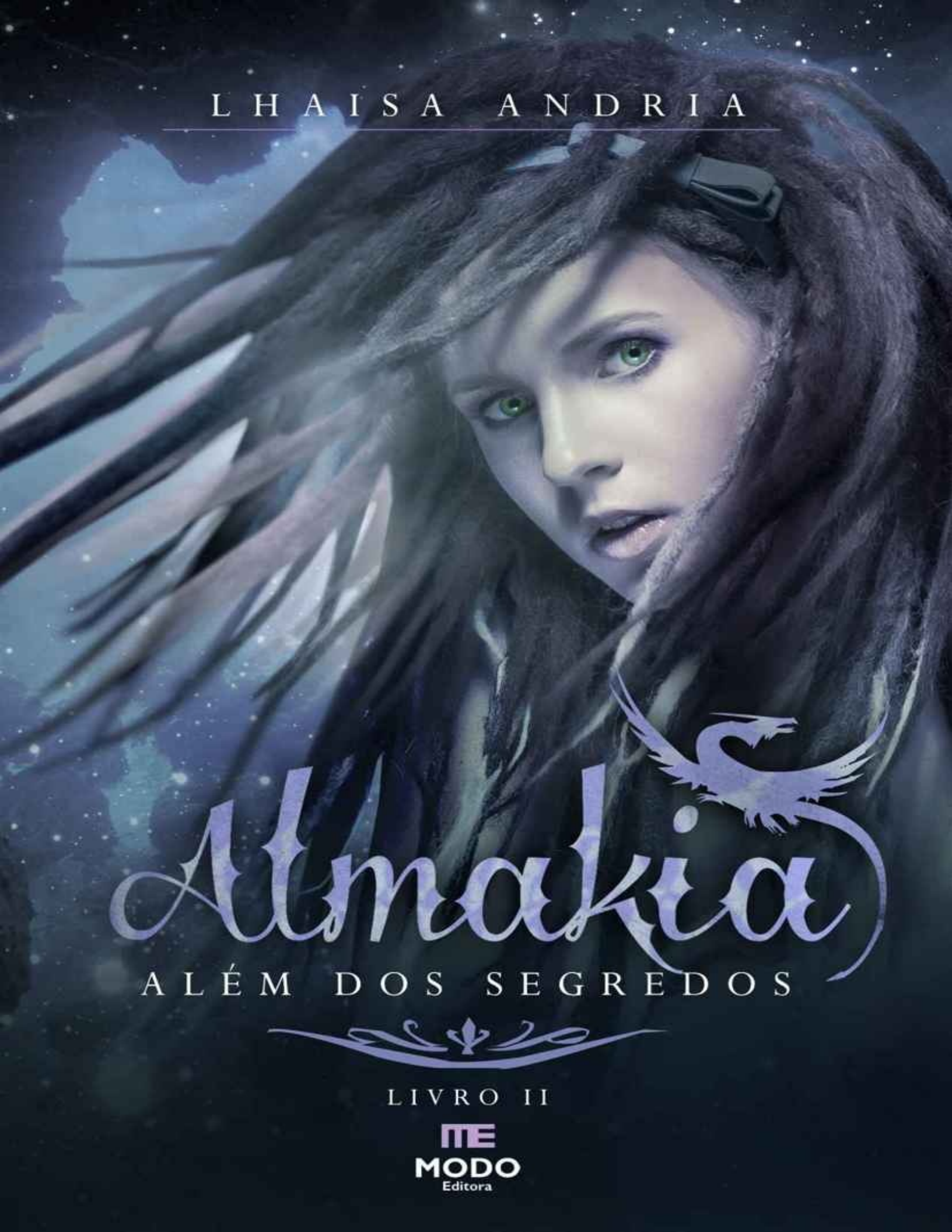

LHAISA ANDRIA
Almakia
ALÉM DOS SEGREDOS
LIVRO II
MODO
Editora

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Lhaisa Andria

ALMAKIA

Livro II

- Além dos Segredos -

Editora MODO Tradicional
2014

Pergunto-me quantos milagres se juntaram
para que nosso encontro fosse possível.
Friendship - Aiba, do Arashi

Por todos os milagres que tornaram esse livro possível.

Para o tio Renito, que sempre acreditou mas que só pôde ver o meu primeiro livro.
Para a tia Márcia, madrinha dos livros e dos filmes.
Para a Daiane, prima e primeira colega de livros.
Para o Ederson, primo que fazia rir com histórias/mentiras criativas.
Para a Dianne, aquela que ajudou a começar a EDD.
Para a Carmen, que escreve poesias da forma que eu gostaria de escrever se tivesse o dom.
Para o Alexandre, que deu um mapa para Almakia.
Para a Adriana, Luiz-pai e Luiz-filho da MODO. Ela por sempre lutar e ser a fada-madrinha dos novos escritores do Brasil, e eles por acreditarem nesse sonho e ajudar a concretizá-lo.
Para os meus primeiros leitores de Almakia, que logo no começo me emocionaram com as suas opiniões: Guilherme (TL), Maíra, Alan e Matheus (Harry).
Para todos os blogs que participaram do caminho que o primeiro livro percorreu até agora. Em especial para a Lígia Colares, Ludmila Fukunaga, Luiza Cintra, Laura Truan, Fernanda Brandão, Ana Iuliano, Juliana Bulsing, que receberam a missão de ler o livro 2 antes de todos (para saber se ele cumpria as expectativas :D).
Para os meus Amigos Alternativos Selecionados Teimosos, que com e-mails aleatórios fazem todos os dias serem como uma caixinha de surpresas divertida.

E para todos que leram o primeiro livro e agora vão se aventurando no segundo.
Boa leitura! xD

SUMÁRIO

Prólogo
Capítulo 01 - Casca de Ovo e Caramujo
Capítulo 02 - Artesã de Potes
Capítulo 03 - O que foi deixado incompleto
Capítulo 04 - Para ser o Dragão de Raio
Capítulo 05 - Marcado com fogo
Capítulo 06 - Um Rajin para Kidari
Capítulo 07 - Almaki segundo Aruk
Capítulo 08 - Quem já não é mais bem-vindo
Capítulo 09 - Acima de todos os outros
Capítulo 10 - Resgate em Vintas
Capítulo 11 - Como Almakia funciona
Capítulo 12 - Almakin de Luz
Capítulo 13 - Os pedaços do que fora quebrado
Capítulo 14 - Garos
Capítulo 15 - Apenas Um Dia
Capítulo 16 - Veneno
Capítulo 17 - A união entre os Domínios
Capítulo 18 - Relíquias de Almaki
Capítulo 19 - Além dos Segredos
Capítulo 20 - Dragão de Luz
Capítulo 21 - Almakins de fogo são como sol
Capítulo 22 - Despertar
Capítulo 23 - Permissão
Capítulo 24 - Não importa se virarmos cinzas

Prólogo

Do lugar escuro onde estava presa, somente um pedaço do céu era visível pela estreita abertura no teto. Uma estrela cintilava fraca no manto violeta do final do que fora um dia ensolarado e quente. Era essa pequena luz que evitava que seus olhos se perdessem na escuridão.

Não sabia há quanto tempo estava ali, abraçando os próprios joelhos e nada mais. Não ouvia som algum. Sem movimentos. Era como se existisse somente ela naquele mundo de quatro paredes de pedra.

Mesmo com o aparente vazio que a cercava, algo a pegou pelos braços e puxou-a para fora. Era nesses momentos que a faziam lembrar que outras pessoas a mantinham ali, e que ela ainda existia. Com a cabeça pendendo para baixo, e a visão parcialmente coberta pelos cabelos verdes que lhe caiam no rosto, via seus pequenos pés balançando e se arrastando de forma débil no chão do corredor, acompanhados por outros dois pares de botas pesadas, que batiam marcando passo.

Apesar de já conhecer, nunca estava preparada para toda aquela luz. A pouca força do seu corpo, havia sido usada no empenho de estreitar os olhos e fazer uma careta de contrariedade. Quando se acostumou parcialmente com o brilho, já estava deitada e tudo em volta parecia se misturar em um todo branco. Ela via as pessoas, cabeças e mãos se movimentando de forma estranha: ora com abalos rápidos, ora devagar; ora desfocadas, ora bem nítidas e próximas. Os sons eram disformes, mas havia vozes e coisas batendo. Pés andando apressados, ruídos de aparelhos funcionando, apitando, marcando, informando. E então, por detrás de tudo isso, começando de forma imperceptível e logo se tornando a única coisa que ouvia, um zunido contínuo e desagradável. No mesmo instante, riscos de luzes começaram a passar na sua frente, criando pequenos clarões.

A reação era automática: começou a tremer, a respirar sofregamente,

porque sabia que precisava de todo o ar que pudesse reunir. Não havia como escapar daquele tormento, nunca houve forma alguma.

Então, houve o primeiro lampejo e ela gritou com toda a sua força.

***

— **Aaaaahhh!** – Kidari se ergueu da sua cama de repente, ofegando e olhando em volta, apavorada.

Shion apareceu em cima dela, atento a tudo, pronto para defender sua princesa do que a perturbara. Um relâmpago iluminou o quarto e a kodorin se agarrou ao pescoço do seu gato alado.

— São raios – disse ele com a sua voz soprada, tentando, de alguma forma, consolar a dona. – Não estão aqui dentro.

Concordando com um movimento leve de cabeça, indicando que sabia disso, a princesa escondeu o rosto nos pelos rajados e tentou, inutilmente, engolir o choro.

— Tudo bem. – O gato grunhiu e a esfera em seu pescoço começou a brilhar.

No mesmo instante, os olhos dela se fecharam e ela deslizou para as cobertas como se ainda dormisse. Shion a cobriu devidamente e voltou para a sua posição de guarda nos pés da cama, escondendo com as patas o pingente da sua coleira.

***

Sempre olhando para o chão, cuidando para que seus sapatos não fizessem barulho ou deixassem rastros no lustroso piso do palácio, Kidari chegou à grande porta vigiada por dois guardas reais. Apesar de ter mantido o ritmo acelerado, para não demorar, ao se aproximar parou e encarou a pouca extensão restante.

O salão real onde ficava o trono era o lugar que ela sempre evitava. Tentava ao máximo não precisar passar pelo corredor de acesso, principalmente quando estava sozinha. Porém, não podia deixar de atender a um chamado do Rei Kodima, ainda mais quando ele era urgente. E, naquele momento, havia uma

sensação assustadora de insegurança que a acompanhava: Shion não fora autorizado a vir com ela. Pela primeira vez, desde que se lembrava, seu guardião não estava ao seu lado.

Então, respirando fundo, ajeitando a postura da melhor forma possível, entrou no salão com a cabeça erguida, repetindo mentalmente, com todas as suas forças, que não podia tropeçar.

O lugar resplandecia em luz. Era novo, com muito branco e vidro, colunas de mármore trabalhado e estátuas de heróis kodorins. Tudo fora estrategicamente elaborado para ter um efeito cintilante, como se houvesse uma força sobrenatural impregnada em cada canto. Ou melhor, *almaki*, como seu pai tanto desejava. O salão não só intimidava quem vinha de fora e conferia de perto o poder e riqueza do emergente Reino de Kodo, como marcava com boas impressões aqueles que o visitavam. Isso fizera o palácio ficar conhecido em outros Domínios como a Joia de Além-mar.

Ao contrário de se orgulhar do que era praticamente seu, para Kidari aquelas paredes a amedrontavam. Sentia-as como um peso enorme, que representavam toda a sua vida até ali.

— Enfim, a princesa!

Ao escutar a exclamação impaciente, ela se atrapalhou com seus próprios pés e tentou disfarçar o desequilíbrio com uma curvatura desajeitada.

— Ao dispor de Kodo e do Rei Kodima – cumprimentou da maneira devida, sem tirar os olhos do chão, pretendendo ficar assim, a menos que fosse ordenada ao contrário.

— Inútil, como sempre.

O comentário, em tom maldoso, a fez se sobressaltar, já que não esperava que houvesse mais alguém no salão. Em específico, *aquele* alguém.

Olhou disfarçadamente para a sua esquerda. Apoiado na estátua do velho Rei de Kodo, sem respeito algum, estava Diwari, com o seu ar soturno de sempre, deixando bem claro que somente aturava tudo e a todos a sua volta. Ao notar o irmão ali, Kidari também teve o vislumbre de mais alguém sentado no

lugar reservado aos convidados ilustres, mas não se atreveu a conferir melhor de quem se tratava.

— Não é momento para isso, Diwari – disse o rei. E, apesar de também ser uma repreensão, não havia como não comparar o tom mais ameno que ele usava quando se tratava do filho mais velho.

Rei Kodima, soberano de toda a Kodo e das ilhas anexas ao reino em Além-mar, estava majestosamente no seu posto de observação.

Na mesma elevação do salão, onde ficava o seu trono, havia uma pequena plataforma voltada para uma ampla sacada aberta, da qual se podia ter uma visão privilegiada de todas as praias de Kuryon. Os morros de pedra pura cravejados de uma vistosa vegetação verde, os cais e ancoradouros do Porto Myeon e a grande faixa de areia que se perdia junto com oceano esverdeado ao longe. Era impossível não ver o Rei Kodima empertigado ali, com suas vestimentas reais, e não o respeitar, como senhor governante que era.

— Tenho novidades – ele quebrou o efeito da sua pose real e se voltou para os filhos, encarando-os intensamente – Uma viagem para cada um de vocês.

Kidari lançou um olhar inquieto para o irmão, não sabendo que reação deveria ter.

Diwari vivia de forma diferente à sua. Como príncipe de Kodo, seu mundo não se limitava ao palácio. Ao contrário da Princesa de Kodo, que conhecia Kuryon somente como a paisagem emoldurada pelas janelas do palácio, ele já havia estado muito além daquelas paredes e muros. Uma viagem não era uma novidade para ele. Mas para ela, era uma ideia tanto aterradora quanto deslumbrante.

— Como vocês sabem, Kodo está passando por um processo. E uma das nossas metas é estreitarmos as relações com os Domínios do continente. Por isso, Diwari, contando três dias a partir de hoje, você irá zarpar com nosso navio para visitar todas as ilhas do reino e, também, irá conhecer os Poderes dos Domínios fora de Além-mar. Sua missão será trabalhar diplomaticamente por Kodo. Tome as providências necessárias.

Uma faísca cintilou nos olhos verdes de Diwari e um sorriso satisfeito brotou em seu rosto.

Isso fez Kidari gelar.

Conhecia muito bem aquela expressão do irmão, e essa nunca vinha seguida de coisas boas.

— Mas, antes de começar essa viagem, irá levar nossa convidada especial para a sua casa... E você, Kidari. – O Rei arrancou-a de seus pensamentos. – Irá para Almakia.

Aquele nome, seguido de um engasgo indignado de Diwari, a fez paralisar.

— Por que ela vai para Almakia? – perguntou o irmão, não encontrando lógica no que ouvira.

— Obviamente porque ela possui um almaki, Diwari – disse o Rei, lançando um olhar significativo para o filho, que o obrigou a ficar em um silêncio e fez Kidari perceber que deveria somente aceitar, calada, a sua situação. – Nossa convidada, a ilustre Kronar Dul'Maojin, Senhora da Capital de Fogo de Almakia. – Ele indicou a mulher almakin sentada no lugar de honra, limitando-se a assistir e, no momento, a dar um educado meneio de cabeça em cumprimento enquanto o Rei prosseguia: – Ele irá garantir uma vaga no Instituto de Almaki para a Princesa de Kodo.

Kidari sentiu como se todo o mundo a sua volta se distorcesse. Como ela iria para o Instituto de Almaki? Sim, era fato que possuía um almaki. Mas, naquelas circunstâncias...

A Senhora da Capital do Fogo levantou-se do seu lugar e encaminhou-se até ela. Ao perceber a aproximação, a princesa não teve tempo de raciocinar sobre qualquer possibilidade de fuga, e apenas se encolheu instintivamente.

— Será bem-vinda entre nós, Princesa de Kodo – ela disse com um sorriso, na língua kodorin, de uma forma tão perfeita que poderia ser considerada alguém do Reino.

Por um momento, Kidari relaxou sua pose defensiva contra estranhos.

Agarrou-se àquele sorriso bondoso, como se tudo fosse um dos seus sonhos, em que vivia como qualquer pessoa fora do palácio. Então, sem pensar direito, sua boca se abriu sozinha e ela começou a dizer:

— Eu posso... – mas parou.

— Sim? – A almakin provavelmente não entendera seu resmungo.

Ela viu o rei lhe lançar um olhar carregado por detrás da mulher e não se atreveu a dizer mais nada.

— Você irá representar Kodo, Kidari – falou seu pai de uma forma firme, como a que discursava para seus generais e ministros. – Não esqueça de que lá você será a figura de todo um reino.

Era claro que não havia escolhas naquela designação, e ela entendera toda a abrangência daquela ordem. Sua ida já era fato confirmado e acertado muito antes de chegar ao seu conhecimento. Porém, o pavor inicial se diluía em um novo pensamento, acalentado por aquele sorriso que vira: estaria fora dos muros, longe de Kodo, do Rei Kodima, de suas ordens, de suas ambições... Talvez, se houvesse a possibilidade, poderia, apenas por uma vez, ser como qualquer outra pessoa. Mesmo que por um momento, talvez pudesse ser como quisesse ser.

Então, olhou para a Senhora da Capital do Fogo e a viu como uma daquelas pessoas amáveis das poucas histórias que lembrava ter ouvido. Uma daquelas que sempre trazia consigo um grande presente capaz de proporcionar ao personagem todas as aventuras que ele sempre sonhara. E, com esses pensamentos, não pôde evitar um sorriso demonstrando o sentimento de alegria que raramente conseguia demonstrar.

- PARTE 1 -

Depois da promessa

Desde aquele dia, nós estamos desejando algo que não é visível.

O que importa somos nós, que estamos aqui.

Todo dia, toda noite, todo momento, sempre é assim.

O sentimento que nunca acabará.

Mada Minu Sekai E - Arashi

Capítulo 01 - Casca de Ovo e Caramujo

O dia ainda nem bem clareava e o Porto Myeon da capital de Kodo já estava em pleno funcionamento. Ali não só se concentrava toda a parte comercial de Kuryon, a capital da ilha, como era um famoso lugar de negócios e acordos; a maioria às margens da lei vigente na cidadela do palácio.

Kodo ficava estrategicamente no meio do caminho para qualquer outro lugar de Além-mar, fossem as grandes terras dos Domínios ou as ilhas dispersas. E o Porto Myeon era onde todo o movimento do Grande Mar se concentrava em terra firme.

Em sua extensão, disputando lugares, haviam tendas montadas com seus donos oferecendo produtos aos berros, em um comércio de artigos de várias procedências. Navios e barcos de todos os tamanhos zarpavam e atracavam, carregavam e descarregavam, partiam com passageiros ou somente com a sua tripulação. Porém, mesmo na agitação que era normal para os habitantes daquela parte da cidade, um acontecimento extraordinário abalava todos os cantos daquele cenário: chegara mais um navio para fazer recrutamento, e o porto estava apinhado dos mais variados tipos de pessoas.

Há algum tempo esses navios chegavam e reuniam interessados. Não somente kodorins, mas aquela oportunidade única atraía todo tipo de estrangeiros que se concentrava ali, na esperança de obterem algo melhor na vida. Assim, uma longa fila que serpenteava pelo cais não só chamava a atenção de quem vivia e trabalhava na região, como se tornara o maior objeto de especulação do porto.

A oferta era bem simples: partir para Almakia, o Domínio mais próspero que existia e para onde todos queriam ir, e aceitar os trabalhos que lhes seriam determinados. Mesmo com essa condição soando incompleta, entrar nos

territórios do Povo Almakin de forma legalizada – sem recorrer aos bandos de piratas – era uma oportunidade única. Uma chance rara para se conseguir novas possibilidades, mesmo para aqueles que não gozavam de uma boa fama. Mantendo a esperança de êxito em alta, todos os que formavam aquela fila queriam um carimbo positivo em suas Cartas de Apresentação, documentos oficiais concedidos pela Regência de Kodo. E o entusiasmo era grande, mesmo que fosse certo de que muito menos da metade deles, não entrariam naquele navio, ou em qualquer outro que tivesse o mesmo propósito.

Seguindo esse pensamento, se movendo lentamente com os outros, Ribaru segurava apertado nas mãos, o documento falso que conseguira na noite anterior.

Desde que lera, com dificuldade, o cartaz com as informações sobre o recrutamento para Almakia, ele sabia que era o seu destino. Não tinha um lugar e não tinha vínculo familiar com ninguém. Então, por quê não sair de Kodo? Não era um kodorin, não sabia de que Domínio viera, poderia muito bem pertencer a qualquer um. Poderia, inclusive, ser de Almakia, do povo comum, já que era certo que ele não tinha um almaki. Ouvira falar de filhos sem almaki, e desde criança, vivendo nas ruas, fantasiara sobre ser um deles. Sim, seria um passado cruel para imaginar para si mesmo: abandonado pelos pais almakins, por não ser digno de pertencer à família. Contudo, sem dúvidas, era uma sina muito mais esplendorosa do que ser um órfão de piratas.

Quando chegou a sua vez, o sol estava alto e fazia o chão do cais ferver. Seu estômago roncava em protesto, já que não comia nada desde a noite anterior. Tentando disfarçar o desconforto – que poderia ser confundido com receio –, ele entregou sua carta na mesa dos oficiais, e esperou trincando os dentes. Todos eles usavam uma roupa de tecidos brilhantes, que deixava bem claro de onde vinham: Almakia. Ribaru só havia visto pessoas tão bem trajadas assim uma vez, há alguns meses atrás, quando a Princesa de Kodo voltara dos Domínios para Além-mar.

O oficial olhou do documento para ele, desconfiado, e então perguntou:

— Espera que eu acredite que tem trinta anos?

Ribaru paralisou. Atentara-se tanto em ver se a sua ocupação de pescador estava bem colocada no papel que não reparou na idade. Tinha pedido para que colocassem alguns anos a mais, mas trinta era o dobro e obviamente demais para ele.

O oficial jogou seu documento em um tonel onde havia fogo almaki e o expulsou:

— Desapareça daqui antes que eu chame os guardas!

Ele não esperou uma segunda ordem e correu para longe, se embrenhando por entre os labirintos de tendas e desaparecendo com a habilidade de quem crescera naquele lugar.

***

— Não deu certo? – perguntou um menino kodorin, escorado na parede ao lado de um desolado Ribaru, que lamentava o fracasso sentado em cima de um barril.

— Eu sabia que não iria conseguir – comentou outro, também kodorin, mais velho que ele. Mesmo conversando, este prestava atenção no movimento a sua frente.

— Obrigado pelo otimismo, Rorohi – Ribaru respondeu sarcasticamente ao colega.

— Mesmo você conseguindo aquele documento falso, não acha que cedo ou tarde eles iriam descobrir que é um ladrão? Não se esqueça de que eles têm a lista com nossos nomes. Somos considerados da mesma laia que os piratas. Nunca vamos conseguir sair em um barco para lugar nenhum... Muito menos para Almakia!

Os três, depois da tentativa frustrada de Ribaru, estavam em sua função habitual nas ruas do comércio do porto, esperando por uma boa oportunidade para colocarem em prática o que sabiam fazer: roubar.

— Rorohi tem razão, Ribaru! – O menor usou um tom mais consolador. – Mesmo que você não seja de Kodo... Por ser estranho assim, você é mais

conhecido e logo alguém iria te denunciar.

— Se eu já estivesse dentro daquele navio, não teria problema, Denden. Faria qualquer coisa que me mandassem, desde que pudesse chegar à Almakia.

— Por que quer tanto assim ir para lá, afinal?

Ribaru não respondeu, mas involuntariamente fixou o olhar no chão, fato que foi o suficiente para que Rorohi entendesse:

— Ah, aquela coisa de ser um almakin, não é?

— É possível! – ele se defendeu, como alguém já acostumado a ser caçoado sobre o assunto.

— Mas também são possíveis vários outros Domínios – disse Denden. – Olha só, você tem esses olhos amarelos. Já te falaram que almakins não têm olhos assim?

— Já viu algum almakin? – retrucou Ribaru. – Não esses oficiais cheios de frescura, que devem só ser gente mandada. Um de verdade, daquele Instituto que tem em Almakia.

— Não, mas-

— Então pode haver! E eu mesmo vou lá verificar.

— Deixa, Denden. – Rorohi fez um gesto para o pequeno se calar, sabendo que discutir sobre aquilo fora justamente o que alimentou em Ribaru a ideia de que era possível embarcar para Almakia.

— Se ele tivesse dinheiro, poderia-

— Denden!

— Se eu tivesse dinheiro *o quê*? – o ladrão perguntou desconfiado diante da reação óbvia de os dois estarem escondendo alguma coisa dele.

— Ele não tem dinheiro, Rorohi – Denden se justificou.

— É, Rorohi, não tenho mais dinheiro – ajudou Ribaru. – Gastei tudo o que eu tinha naquela carta inútil.

Rorohi olhou de um para o outro e soltou um grande suspiro. Era o mais velho deles e se sentia muito responsável por dar mais margem para que o determinado Ribaru se metesse em problemas. Mas o amigo, sendo esperto

como sempre, logo descobriria. Seria melhor contar o que sabiam e buscar desencorajá-lo.

— Tem um boato de que Nirik é o cozinheiro do navio de recrutamento e que ele aceita ajudantes, desde que paguem muito bem para ele.

— Nirik? – Ribaru se surpreendeu. – Aquele Nirik? Que nos fazia carregar peixes durante todo o dia e só nos dava pão seco à noite?

— Esse mesmo! – confirmou Denden.

— Viu como desde início não é uma boa ideia? Conhecemos Nirik e sabemos que ele se aproveita de gente como nós – alertou Rorohi. – E, além disso, você não tem dinheiro. Ele não te aceitaria como ajudante nem-

Porém, ele não pôde terminar. A porta do bar logo à frente deles se abriu bruscamente e alguém foi chutado para fora, aos tropeços, caindo estatelado no chão próximo a eles.

— E não apareça mais aqui, cabeça de caramujo! Não queremos encrencas!

O alguém, esparramado no chão de pedras, se levantou rapidamente e tratou de limpar sua roupa suja de areia. Apesar do calor daquele horário, usava uma pesada roupa de viagem e uma capa preta com capuz, que lhe cobria toda a cabeça e escondia parcialmente o rosto. Com um bufo de raiva, ele seguiu caminhando, como se não tivesse desistido do que queria e estivesse indo buscá-lo em outro lugar. Era uma figura desajeitada, com uma maneira empertigada e comedida de andar, não muito comum de se ver. Mas o que realmente chamou a atenção dos três – e dos seus ouvidos treinados – foi o tilintar que lhes era familiar. Aquele estranho tinha moedas, muitas moedas.

— Quem disse que não tenho dinheiro? – Ribaru perguntou em um murmuro para os colegas, pulando habilmente do barril.

***

Depois de ter vivido tantos anos roubando pelas vielas do Porto Myeon, Ribaru aprendera que primeiro deveria observar sua vítima, analisando como ela agia, e esperar pela melhor oportunidade de atacar sem ser percebido. Então,

usando sua touca, que possuía um conjunto de lentes de mergulhadores para dificultar sua identificação, ele se embrenhou no movimento, atrás do estranho com dinheiro. Porém, para aquele estranho em especial, só faltava um aviso pendurado em suas costas pedindo para que tivesse seus bolsos esvaziados.

Seguir o viajante, expulso do bar, foi muito fácil. Fácil até demais. Ele simplesmente parecia não ter noção do perigo que corria. Visivelmente era de fora, já que caminhava com bastante dificuldade, não sabendo direito para onde ir, entrando em becos sem saída e, muitas vezes, retornando pelo caminho que viera. O único temor de Ribaru era que ele fosse percebido por outros oportunistas, e por isso precisava agir rápido.

Logo conseguiu uma chance perfeita. Mais uma vez o viajante adentrou por um caminho de pouca circulação, um corredor apertado, que o levaria para uma área rochosa do final do cais, onde dificilmente haveria alguém para pedir socorro – e mesmo que houvesse, não teria ajuda. Sorrindo satisfeito com como tudo estava saindo perfeitamente bem, Ribaru entrou logo depois dele no corredor, já planejando seus movimentos seguintes. Porém, quando estava para sair do beco, só teve tempo de ver um vulto preto e algo trombou com ele, fazendo-o cair.

Infelizmente para Ribaru, o viajante percebeu cedo demais que estava em um lugar inútil e dera meia volta, correndo. Agora os dois estavam esparramados no chão, encarando-se. E a surpresa do viajante, em descobrir que era seguido, não fora nada comparado com o espanto de Ribaru em se ver diante de uma garota kodorin.

***

— Olá!

Rorohi e Denden olharam de Ribaru para a estranha, não conseguindo chegar a nenhuma conclusão plausível.

Reconheceram de imediato as roupas da vítima de Ribaru, mas não conseguiam assimilar a garota sorridente àquela pessoa que havia sido chutada do bar.

— O que está fazendo? – Rorohi o repreendeu.

Não era aceitável que ele trouxesse estranhos para o esconderijo deles. Muito menos uma menina perdida e duvidosa como aquela.

— Espera! – o ladrão pediu, erguendo as mãos no ar num pedido para que eles se detivessem antes de formar qualquer opinião. – Primeiro ouçam o que ela tem para falar... Conte para eles você mesma, Caramujo.

— Estou procurando alguém para me levar até Almakia – ela contou declaradamente, como se estivesse cumprindo uma ordem. – Tenho dinheiro para pagar a viagem.

— Percebem? – Ribaru perguntou sem conseguir esconder o tom de felicidade e os olhos amarelos, que brilhavam. – Ela tem dinheiro e precisa ir para Almakia. Eu não tenho dinheiro, mas sei como ir para Almakia. É perfeito!

Rorohi e Denden se entreolharam. Não podiam negar que era perfeito.

— Está bem claro! Eu tenho que ir para Almakia! – ele contou feliz para a estranha, e ela também parecia contente por ele, mesmo não tendo certeza por exatamente o quê. – Vamos embarcar naquele navio!

— Mas, Ribaru, tem outro problema – começou Denden, devagar, encontrando um furo bem aparente no plano do amigo. – Ela é uma menina. Nirik não vai querer aceitá-la.

Ribaru deu um meio sorriso triunfante e cruzou os braços, pedindo de forma confiante:

— Mostre para eles, Caramujo.

Sem demora, ela pegou uma bolsa de dentro do forro do seu casaco e abriu diante deles. Não era preciso contar moeda por moeda, para que os dois entendessem que ela tinha mais dinheiro do que eles já tiveram em toda a vida.

Ainda abobado com o que vira, Rorohi o puxou para um canto e perguntou:

— E de onde ela tirou todo esse dinheiro?!

— Não sei. – Ribaru encolheu os ombros. – O que importa é que ela tem.

— Mas você sabe quem ela é? Perguntou de onde vem? O que ela quer

fazer em Almakia?

— Não.

— Não seja estúpido! – Rorohi deu um tapa na cabeça do amigo, que se encolheu e choramingou. – Está na cara que ela é problema! Por isso a expulsaram do bar!

— Problema ou não – ele esfregou a cabeça para aliviar o dolorido da repreensão –, é uma grande chance.

Os dois olharam para ela, que conversava com o pequeno kodorin:

— Por que ele te chama de caramujo?

— Não sei.

— Não tem um nome?

— É claro que tenho um nome. – Ela riu e, então, acrescentou como se fosse algo óbvio: – Não posso dizer qual é.

— Definitivamente é problema. – Rorohi suspirou.

***

Mesmo diante da espessa barba branca e toda amarrada em tranças – visivelmente feitas em algum lugar do passado –, dos dentes medonhos e dos olhos azuis inquieto, Ribaru não se deixou intimidar pela presença de Nirik. Conhecia-o desde pequeno, trabalhara para ele algumas vezes e não gostava dele exatamente. Era uma daquelas pessoas desagradáveis, de temperamento forte, das quais era preferível ficar bem longe, mas que sempre tinham um trabalho para ladrões de porto.

Nirik tinha fama de mercenário. Diziam que, quando era jovem, já havia passado por todos os Domínios e enfrentado todo o Grande Mar. Já foi pirata e também trabalhara honestamente; havia sido da Guarda Real, em um pequeno Domínio do sul. Foi parar até mesmo nas Minas de Almakia... Mas, como alguém que nunca parou em um lugar só, na sua velhice ele não encontrava um lugar onde pudesse ficar sossegado. Por isso, escolheu ser cozinheiro de alto-mar. Para a sua grande sorte, sabia como misturar os mais variados temperos, agradando a qualquer tripulação, independente da sua idade e sua reputação

anterior. Assim, sua posição sempre era garantida em uma viagem, nunca ficando, tecnicamente, em um lugar só. Com o grau de confiança que conseguira, possuía a regalia de ter ajudantes que lhe fossem condizentes. E, no seu caso, a única exigência que fazia era a de que a pessoa pagasse pela regalia, já que ser seu ajudante também significava ter um lugar reservado em um navio.

Foi Ribaru quem cuidou de combinar um lugar para se encontrarem. Mesmo desconfiado com a eminente proposta, da qual o garoto fazia muito suspense, o velho resolveu que não teria nada a perder se atendesse o convite de se encontrarem em um bar, desde que o ladrãozinho lhe pagasse algumas bebidas.

O ponto de encontro era um lugar pouco frequentado do Porto Myeon, perfeito para se tratar de negócios como aquele. Assim, no horário marcado, Ribaru apareceu juntamente com a sua financiadora.

— É bom que seu assunto valha de alguma coisa, ladrãozinho casca de ovo – ele grunhiu, limpando a barba molhada depois de um grande gole da sua bebida. – Não posso ficar saindo do meu posto por nada.

— Não sou mais casca de ovo – Ribaru reclamou em um resmungo, indicando um banco para a desconhecida e se sentando ao lado dela.

— Como se fizesse diferença o tanto que cresceu. – O velho fez pouco caso da irritação dele. – Enquanto continuar andando por essas ruas, sempre será um casca de ovo.

— Não vou mais andar por Myeon, e você vai me ajudar com isso.

— É mesmo? Pois saiba que não faço nada por consideração, coisa que por você não tenho nenhuma.

— Temos dinheiro suficiente. Queremos ser seus ajudantes nesse navio.

O velho tomou mais um gole da sua bebida, não desviando o olhar deles e avaliando o assunto. Então, se concentrou na garota e pediu:

— Quem é?

— A pessoa que tem o dinheiro.

— *Quem* é?

— Caramujo – disse Ribaru, sem mentir, já que era tudo o que sabia: o apelido que havia lhe dado.

— Tire o capuz.

Ela lançou um olhar questionador para Ribaru, que anuiu. Então, verificando disfarçadamente em volta, abaixou o capuz o suficiente para que o velho pudesse ver seu rosto.

— *Hunf*... – fez ele, dando um sorriso torto. – Caramujo, não é?

— Então? – perguntou o ladrão, com um inconfundível tom esperançoso.

— Muito bem, temos um trato. Se não aparecerem com o dinheiro hoje, no cais, o navio partirá a noite sem vocês.

— Certo. – Ribaru lhe estendeu a mão e o velho a segurou. – Temos um trato. Vai nos levar até Almakia.

Caramujo apenas sorriu, contente, deixando visível que tinha conseguido tudo o que mais queria.

O velho continuou com a sua maneira torta de sorrir, não despregando os olhos da garota, murmurando entre um gole e outro da sua bebida:

— Sim, iremos até Almakia...

***

Despedir-se de Rorohi e Denden não foi tão fácil para Ribaru como ele imaginava que seria. Afinal, eles estavam juntos há muito tempo.

Constituíram aquele pequeno grupo de forma inusitada, juntando forças para sobreviverem sozinhos em Kuryon, e acabaram ficando na mais próspera área para pessoas como eles, o Porto Myeon. Mesmo que os três fossem conhecidos, entre os moradores e visitantes constantes, eram especialistas em estrangeiros, conseguindo identificá-los assim que aportavam. Sabiam, mesmo nunca tendo tocado no assunto, que uma hora ou outra iriam seguir caminhos diferentes. Mas não havia como se preparar para aquele momento e saber o que dizer.

Ribaru jogou uma mochila esfarrapada – repleta com seus poucos pertences – em cima de um ombro e olhou demoradamente para o que havia sido

sua casa nos últimos meses. Não que realmente fosse uma casa, e eles o chamassem taticamente de esconderijo, mas era o lugar onde viviam. Denden, inquieto e sentado no chão, remexia nas mãos um pote arredondado, sempre olhando para vários pontos aleatórios. Rorohi parecia indiferente, escorado no que seria o umbral da saída do esconderijo – um pedaço de latão mal encaixado nas tábuas disformes que formavam a parede. A estranha estava sentada, comportadamente, em um toco de madeira em um canto, esperando.

— Bom... – disse Ribaru. – Nos vemos.

Aquela frase pareceu ser o máximo que Denden pôde suportar. Sem aviso algum, ele se levantou e correu até Ribaru, pulando e se agarrando no amigo, e derrubando-o no chão.

— Calma, Denden! – desconcertado, ele tentou empurrar o menino que chorava. – Eu vou voltar um dia e procurar por você.

— A-a-a-aqui. – Soluçando, o pequeno lhe ofereceu o pote que segurava, e fungou para conseguir continuar sem gaguejar: – É uma pomada que eu peguei daquele sutoorin, que veio dos Domínios. Foi muito bom para o meu corte no joelho, pode ser útil para você em Almakia.

— Mas... Devia ficar com isso, Denden. Pode precisar mais do que eu. – Ribaru se lembrava muito bem que o amigo não era um exemplo de cuidado consigo mesmo quando fugia de algo, e isso sempre resultava em machucados variados.

— E isso. – Ele tirou um lápis de carvão do bolso das roupas esfarrapadas e empurrou para ele. – Mesmo que não possa mais fazer desenhos para mim, quero que continue fazendo.

Ribaru encarou a determinação do menino kodorin. Sabia que aquele lápis representava para Denden, toda a diversão que uma criança sem pais e sem oportunidades poderia ter em Kodo.

— Denden, não posso ficar com o seu lápis.

Porém o garoto balançou a cabeça com veemência, empurrando os presentes nas mãos dele. E, quando Ribaru finalmente o pegou, ele saiu correndo

sem dizer mais nada, sumindo de vista.

— Se voltar, podemos não estar mais aqui – alertou Rorohi.

— Vou saber achar vocês.

— Podemos estar diferentes.

Ver todo o lado negativo da situação, e levantar seus problemas, era a especialidade de Rorohi, e Ribaru sabia que ele fazia isso para não ter que falar abertamente que aquela viagem o deixava preocupado.

— Obrigado, Rorohi. Por favor, continue cuidando do Denden... Pelo menos até ele aprender a correr sem esfolar o nariz no chão.

— Claro que vou cuidar do Denden – o kodorin resmungou, cruzando os braços. – É melhor ir de uma vez! Sabe que o Nirik segue o horário que bem entender.

— Então eu vou... Vamos, Caramujo!

Ela pulou imediatamente do seu lugar e o seguiu com passos apressados, acenando em despedida para Rorohi.

Sem olhar para trás, Ribaru saiu com aquele jeito decidido de quem não iria mudar de opinião, mesmo que houvesse uma parte nele que gritava desesperada para não se afastar dos seus amigos.

— Nunca dizer adeus, é pior do que se despedir – disse a estranha com um ar triste.

O ladrão, por um momento, pensou que era a primeira vez naquele pouco tempo que a ouvia falando daquela forma, algo que vinha dela mesma, mas logo tratou de esquecer. Tudo o que lhe importava era que estaria embarcando para Almakia.

***

O velho pirata cumprira sua parte no acordo e os tratara até bem demais nos primeiros dias no navio, coisa que Ribaru suspeitou. Apesar de a quantidade de dinheiro tivesse sido muito além do que ele esperava conseguir, havia claramente algo escondido atrás daquelas boas maneiras.

Nirik dava muito mais trabalho para ele do que para a kodorin, e isso era,

de uma forma, compreensível, já que ela se revelara uma catástrofe total. Mesmo se esforçando para ajudar, sempre acontecia alguma coisa desastrada que no final Ribaru tinha que limpar. O pirata conseguira roupas mais parecidas com as dos tripulantes, para que eles passassem desapercebidos, mas alertou a Ribaru para somente ele sair quando fosse preciso, e deixar que ela sempre ficasse mais escondida. Isso também era compreensível, já que se tratava de uma garota e não era comum ter uma entre a tripulação – a não ser que fosse uma almakin de vento, extremamente úteis para a navegação. Mesmo assim, diante de todos esses cuidados que o velho parecia ter com eles, a suspeita não deixava Ribaru sossegar fazendo qualquer coisa.

Talvez pensasse que eles tinham mais dinheiro. Sim, ainda havia um pouco. Uma quantia que ele prudentemente aconselhou a kodorin a guardar, já que ela poderia precisar ao desembarcar – fato que pareceu ser uma novidade para ela: guardar dinheiro para necessidades futuras. Mas, qualquer que fosse a intenção escondida do pirata, ele não a revelou durante toda a viagem.

Depois de vários dias, somente enxergando uma imensidão de águas esverdeadas e ondulantes pelas escotilhas do navio, foi um susto para Ribaru quando pôde divisar uma faixa escura se elevando disformemente no horizonte. Ele e a kodorin estavam descascando batatas enquanto Nirik cortava pedaços de carne seca, com um só golpe de cutelo, e os empurrava em uma panela de água fervendo. Mesmo que não soubesse ao certo se realmente era, para ele tudo aquilo só podia ser uma coisa: Almakia.

— Estamos chegando? – ele perguntou, sem conseguir segurar aquela informação só para si.

De imediato, a kodorin se pôs de pé e correu para espiar lá fora.

— Estamos – disse o velho pirata, olhando de relance para a escotilha e voltando sua atenção para o que fazia.

— Ouviu, Caramujo? Estamos chegando!

— Almakia! – ela exclamou contente, batendo palmas.

— Trate de voltar para o serviço, casca de ovo! – ralhou Nirik. – Ainda

falta muito para ancorarmos. Até lá, ainda trabalha para mim!

— Ceeeerto! – Ribaru arregaçou mais as mangas e se empenhou com mais vontade no seu trabalho.

A kodorin continuou espiando pela escotilha, totalmente esquecida das suas obrigações e o velho não pareceu se importar com isso.

Capítulo 02 - Artesã de Potes

Ali o vento soprava mais forte do que em qualquer outro lugar da região das Montanhas do Norte de Almakia. Não estava na parte mais alta da montanha, mas havia um conjunto de rochas que formavam um corredor, por onde o ar passava zunindo e levava consigo todo o calor que encontrava.

Benar, o herdeiro da família Sfairul, parou e analisou o tanto que ainda teria que andar até alcançar o seu destino. Não faltava muito, mas seu nariz estava a ponto de congelar e se desprender do seu rosto. Então, apertou bem o capuz de pele em volta da cabeça e ajeitou o protetor nos olhos: só precisava de mais alguns minutos para entrar no abrigo que avistara.

Porém, antes que pudesse dar mais um passo, algo lhe acertou com força na cabeça e ele caiu no chão.

Tudo que viu antes de desmaiar foi um grande par de botas peludas parar na sua frente, afundando na neve.

***

— Não mexa!

— Mas já passou da hora, mãe!

— Já disse para não mexer! Tire já essas mãos daí!

Um estrondo de algo batendo e um gemido.

Mesmo que tivesse entendido perfeitamente essa pequena conversação, tudo parecia irreal como em um sonho, desprovido de qualquer contexto.

Lentamente, o Dragão de Vento abriu os olhos e tentou identificar o mundo ao seu redor.

O ar já não era tão frio. Apesar de se sentir estranhamente gelado por dentro, o vento traiçoeiro e a neve ficaram do lado de fora, só sendo minimamente visíveis pela pequena e única janela do lugar. A iluminação vinha

de uma fogueira acesa, onde havia um caldeirão fumegando. Em volta dele, estava uma velha, torta e enrugada, que usava uma colher de pau para mexer o conteúdo do caldeirão, e ao seu lado estava um homem enorme, segurando uma tigela que mais parecia uma xícara em suas mãos enquanto resmungava aborrecido com algo. Ao reparar nas botas peludas que o homem usava, imediatamente o identificou como o seu agressor. Porém, não sentiu nenhuma sensação de ameaça no ar. Se realmente houvesse uma mínima intenção maldosa, seu almaki estaria lhe alertando insistentemente desde o momento em que recobrara os sentidos.

Percebendo que não havia sido notado pelos dois, ele se empenhou em analisar, de forma rápida, o lugar em que estava. O teto era arredondado, como se tivesse sido escavado na rocha da montanha. Praticamente sem móveis e os existentes tinham sido talhados diretamente da pedra. Mesmo que a estrutura fosse antiga, era possível ter certeza de que aquela toca de pedra fora feita com almaki, deixando a superfície lisa como nenhum instrumento ou ferramenta era capaz de fazer. Ele estava no que parecia ser um monte de cobertas de pele sobre um catre de pedra, nem um pouco confortável. Sua cabeça doía no lugar em que havia sido atingido, mas não sentia nada que prendesse seus movimentos, a não ser o frio irritante que impregnava seus ossos.

— Ele acordou, mãe – o homem informou, fazendo Benar se perder nas conclusões que estava tendo e olhar para eles, incerto.

Imediatamente a velha se aproximou, mancando e apontando de forma ameaçadora uma colher lambuzada de um caldo grosso, como se fosse uma arma:

— O que fazia aqui, estranho? O que quer?

— E-eu... – ele gaguejou por um momento, tentando se lembrar do motivo por estar ali. – Estou procurando alguém.

— Não tem ninguém aqui! – disse o homem, em tom defensivo.

— Quieto, Dinan!... Quem você está procurando, almakin?

— Como sabe que sou um almakin?

Ela não respondeu. Apenas pegou a tigela das mãos do filho, com um gesto bruto, e tratou de enchê-la com o que havia no caldeirão. Então o devolveu da mesma forma. Dinan por sua vez pareceu maravilhado e começou imediatamente a comer, sem se importar com mais nada do que acontecia a sua volta.

— Minha casa, minhas perguntas! Se quiser comer alguma coisa, tem que obedecer!

— É melhor obedecer – aconselhou o homem, entre uma colherada e outra.

— Quieto, Dinan!

Sem saber direito o que fazer, mas ciente de que sua missão ali não era causar atritos entre os que viviam nas montanhas, e com os dentes começando a bater de frio, o Dragão revelou:

— Procuro pela Artesã de Potes.

Os dois moradores o encararam por um tempo, até que o homem abriu a boca:

— Ih, mãe! Ele quer**Aaai**!

— Já disse para ficar quieto! – Ela limpou a colher de madeira no avental, depois de usá-la para bater na cabeça do filho. – E o que você quer com a Artesã de Potes? Ela não faz esse trabalho há muito tempo.

— Os Dragões precisam dela.

Aquela frase, dita por Benar de um modo determinado, pareceu fazer algo se mexer dentro da velha senhora. Ela o encarou por mais um tempo, mas não disse nada.

— Sou o Dragão de Vento, Benar Sfairul.

Diante dessa informação, ela relaxou com um suspiro derrotado, e tratou de pegar outra tigela e a encher com o caldo.

— Não podemos fugir da nossa sina, afinal – a velha resmungou para o caldeirão e lhe ofereceu a tigela.

Benar se ajeitou melhor nas cobertas, agradecido por poder receber algo

quente nas mãos ainda geladas, mesmo bem protegidas por grossas luvas.

— Dinan, pode parar.

Então, como se tivessem lhe dado um comando, o frio que sentia parou e os seus dentes detiveram o bater. Aos poucos, seus ossos pareceram voltar a ter a capacidade de se aquecer.

— Podemos não ter um Segredo de Família, mas sabemos um truque ou dois com nossos almakis.

— Eu sou almakin de vento – Dinan contou feliz, como se fosse a coisa de maior valor que ele possuísse.

O Dragão os encarou, surpreso. Todos os almakins da montanha eram registrados na Capital do Vento, devido à situação de fronteira. Mas a única almakin registrada, que vivia naquela região, era a possível Artesã de Potes. Então...

— Vo...você é a Artesã de Potes? – Benar perguntou incerto.

— Belmerin – ela disse. – E é só isso que eu sou: uma artesã! Portanto, mesmo que os Dragões precisem de alguma coisa, não tenho mais nada para oferecer além de potes.

— Mãe... – pediu o homem humildemente, se remexendo inquieto no seu lugar, querendo dizer algo.

— Mas... a senhora nem ouviu o que eu tenho para dizer. – Benar insistiu.

— Não preciso. – Ela voltou a mexer o caldeirão, rodando a colher com maior intensidade conforme o tom das suas palavras aumentavam: – Você quer que eu fale sobre coisas que não posso falar. Você quer que eu conte sobre o meu passado e não vou dizer! Já fomos punidos e aprendemos a lição. Já não é o bastante para vocês almakins corrompidos? Colocamos-nos em nossos lugares e tudo irá morrer conosco!

— Mas precisamos de você! É a única que conseguimos encontrar. Você é a única pista que-

— Isso só prova que sou uma inútil em me esconder.

— Mãe!

— **O que é, Dinan?!**

O homem se encolheu diante da colher apontada para ele, mas não se refreou em contar o que sabia:

— Eles foram banidos, os Dragões!

Apesar de já terem se passado três meses desde que o fato acontecera, a notícia pareceu ser novidade para a senhora:

— Banidos? Como assim? – E ela encarou o Dragão com um olhar inquisitivo.

Benar apenas confirmou com um aceno de cabeça.

Então a velha tropeçou até o banco onde o filho estava e se sentou ao lado dele, com uma dificuldade de quem tinha perdido totalmente a capacidade de dobrar suas articulações.

— Eu ouvi quando fui até a aldeia – explicou Dinan. – Todos comentam sobre isso... Como nunca gosta de saber sobre as coisas de fora, não contei.

O silêncio pairou por eles por alguns minutos, e o caldo nas mãos do Dragão começou a esfriar.

— Muito bem – ela disse por fim. – Me conte o que aconteceu. Se depois eu achar que devo falar alguma coisa, irei falar.

***

Dinan andava na neve com uma agilidade de quem crescera nela, e esse simples gesto fez Benar repensar boa parte da sua vida. Afinal, era – ou tinha sido – o Dragão de Vento. Viveu na Capital do Vento, cercada por montanhas e neve. E, quando se tratava de enfrentar seu próprio elemento, era subjugado por ele e ultrapassado por um simples habitante da montanha.

— Cansou? – perguntou Dinan, várias passadas na frente e olhando para trás sem demonstrar ofego algum.

— Nã-não! – Benar respondeu, tentando soar o mais verdadeiro possível enquanto lutava contra a ventania, que fustigava seu rosto.

— Já estamos chegando – o homem informou e continuou andando.

A velha Belmerin pareceu ter vivido um longo tempo em reclusão. Ainda que o filho participasse da vida do vilarejo, ao pé da montanha – principalmente das tavernas –, ela preferia ficar escondida naquele lugar isolado. Mesmo com o Dragão insistindo para que ela os acompanhasse, a Artesã de Potes bateu o pé e disse que não sairia pela porta, que não falaria mais nada e que a sua ajuda só iria até ali. Também disse que, mesmo que ele não tivesse culpa pelo que seus avós e pais haviam feito, não era obrigada a ser gentil com quem detestava.

Pressentindo que levaria colheradas na cabeça se insistisse em qualquer coisa, Benar agradeceu pelo caldo quente e saiu, ainda repassando mentalmente as instruções que ouvira.

Depois de dar apenas alguns passos, ouviu a voz do homem lhe chamando e o avistou correndo até ele. Dinan se desculpou pela mãe, contou que ela sempre fora teimosa assim e que não era certo deixar o Dragão de Vento morrer congelado na neve. Embora seu orgulho de Dragão tivesse estalado na última afirmação, Benar engoliu qualquer resposta e continuou sendo educado. Agora ele via que realmente era verdade: congelaria por não conseguir enxergar direito o caminho que deveria percorrer entre aquelas pedras indistintas cobertas de neve.

— Já estamos chegando – informou Dinan, apontando para cima.

Tentando olhar para onde ele indicava, identificou uma abertura do que só poderia ser a caverna que Belmerin havia mencionado antes.

Praticamente escalando pelas pedras escorregadias, conseguiram chegar até lá. Benar agradeceu imensamente por ter entrado em um abrigo contra o vento.

— Desculpe – pediu Dinan como se a culpa fosse dele, percebendo o alívio do Dragão em escapar do mau tempo. – Não queríamos que ninguém encontrasse, por isso o colocamos em um lugar tão difícil.

— Você sabe o que é?

— Sim. Mas não acho certo deixar você levar.

— Por quê?

Ele pareceu ficar constrangido, como se tivesse feito uma coisa errada, e confessou coçando a nuca sem jeito:

— Porque da primeira vez, a pessoa não cumpriu o que tinha prometido.

— Como assim?

— Não posso falar sobre isso – ele foi efusivo na resposta, e então apontou para um canto, onde havia vários potes retangulares e cinzentos junto da parede. – O que possui o desenho de árvore. Ela só fez dois, e esse é o último. Pode pegar.

Imediatamente, Benar entendeu porque a velha senhora tinha fama. Não era apenas a forma que encontrara de tirar o seu sustento naquele lugar inóspito, ela era realmente uma artista. Por um momento, pensou em porque uma almakin com aquele potencial não estava entre os seus. A Dragão de Metal era especialista em acabamentos, mas não desenhava daquela forma em pedras. Com certeza era um talento raro, e seria muito apreciado nas Capitais.

Entretanto, tratou de afastar esses pensamentos. Seu objetivo estava cumprido: encontrar a Artesã de Potes. Ouvira o que ela tinha para dizer e iria levar consigo algo dela. Agora, deveria voltar o mais rápido possível e entregar seu achado para Garo-lin. Ela saberia qual o próximo passo a ser dado.

***

— Me soltem! – esbravejava Ribaru, tentando se libertar dos seus supostos colegas do navio enquanto estes o arrastavam pelo depósito de carga, se perdendo pelos labirintos de caixas e sacos. **– O que querem afinal?**

— Calado! – Um deles lhe deu uma bofetada no rosto, sem cerimônia alguma.

Quando o ladrão sentiu o gosto de sangue na boca, toda e qualquer ideia de que aquilo era um engano desapareceu de seus pensamentos.

O outro, que o segurava, falou alguma coisa em tom de ordem na língua de Almakia, e imediatamente os que estavam atrás deles correram para obedecer, procurando por algo. Logo um deles acenou e Ribaru foi levado para lá, onde se deparou com um caixote de madeira com a tampa aberta e a intenção deles ficou

bem clara. Mesmo com o recado de antes ainda fazendo sua bochecha arder, ele não conseguiu refrear as próprias palavras:

— Quê que foi, hein? O quê que eu fiz? Fiz algo errado? Por que estão fazendo isso? – inquiriu ao mesmo tempo em que se debatia, e então viu Nirik vindo até eles, mancando.

— Vou cumprir minha parte do acordo, casca de ovo. Vamos te deixar em Almakia.

Ribaru fez uma careta de desentendimento para ele, o que resultou em outra careta de dor devido à recente agressão. Como assim o deixaria em Almakia? Então...

— Para quê isso? – Ele indicou o caixote, demonstrando toda a sua confusão.

— Pensa que poderia ser tão fácil assim nos enganar, moleque? Agradeça por eu ainda o tratar como um insignificante ladrão e largar esse caixote em terra firme, e não no meio do mar!

Ainda assim nada se ajustava. Não havia enganado o velho.

— Não fiz nada, Nirik! Juro! Não roubei nem uma batata!

— *Hunf*, batatas! – Ele riu abafado. – Como se batatas valessem esse trabalho todo... Prendam ele de uma vez e se certifiquem de que não**Aaaah**!

Tudo aconteceu muito rápido. Ao comando de Nirik, os piratas o seguraram com mais força. Mas, assim que ele se virou para sair, começou a se contorcer e desabou no chão, tremendo em convulsões. Tudo que havia na frente dele era a garota kodorin, encarando-o assustada com seus grandes olhos verdes, ofegando como alguém que pensara e agira muito rápido.

— Larguem ele! – ela ordenou, levantando a mão ameaçadoramente para os piratas.

Por um momento, eles ficaram indecisos. Ninguém tinha visto o que acontecera com o velho pirata, para ele estar daquela forma, mas era certo que quem fizera isso fora ela. Então, soltando as mãos devagar, eles o largaram, e Ribaru se afastou deles, incerto se deveria mesmo se aproximar da kodorin.

— Fiquem aqui! – ela falou, usando um tom de ameaça. Então pegou Ribaru pelo braço e o fez correr.

Ainda tentando entender o que havia acontecido, ele se deixou levar pelos corredores estreitos. Logo que pularam para o convés, viu que já haviam aportado, embora aquele não fosse exatamente o lugar de Almakia que esperava encontrar.

— Onde estamos? – perguntou quando ela parou de correr e tentou andar normalmente entre a tripulação, como se não estivessem fugindo.

— Agora não! – a kodorin sussurrou de maneira imperiosa de quem sabia o que estava fazendo. – Pegue alguma coisa e aja normalmente.

Pela rampa, estavam descarregando bolsas de mercadorias de Kodo e trazendo caixotes de madeira lacrados. Entendendo o que deveria fazer para passar sem chamarem a atenção, cada um pegou uma bolsa também, para disfarçarem suas ações.

— Aaaah! – Kidari tropeçou e quase deixou a sua bolsa cair no chão ao tentar se desviar de um tripulante, que subia a rampa com uma das caixas.

Foi ajudada por Ribaru antes de serem notados, mas também foi o tempo de alguém subir no convés e alertar:

— São ladrões! Peguem eles!

Os dois nem olharam para trás para saberem quem os denunciara, e voltaram a correr, descendo pela rampa praticamente atropelando os que estavam trabalhando nela.

Na confusão, demorou para que ficasse claro, para os descarregadores o que acontecia, e quando eles começaram a correr atrás dos fugitivos, os dois tinham alguns metros de vantagem.

Tudo o que Ribaru via na sua frente eram algumas casas de madeira velhas e abandonadas, os únicos vestígios de civilização naquele pequeno cais, e em todo o redor só havia mar e um pedaço de areia coberta por uma vegetação rasteira. Não tinha onde se esconder a tempo.

— Na praia! – a garota orientou, e ele obedeceu sem questionar, pulando

da plataforma de pedra e se levantando aos tropeços jogando areia para trás.

Quando se virou, para verificar se ela conseguira fazer o mesmo, a viu agachada, se equilibrando em um pé e com um joelho no chão, com as mãos afundando na areia se concentrando em algo. Imaginando qual seria a intenção dela, ele tentou alertar a tempo:

— Não vai conseguir assim!

Mas, ao invés de avançar em uma corrida de ataque, como ele achou que aconteceria, ela apenas forçou as mãos naquele lugar.

Por um segundo nada aconteceu, e então a areia explodiu abaixo da plataforma e jorrou para cima como uma chuva brilhante. Mesmo com o susto, os perseguidores não desistiram e continuaram a avançar. E, um a um, quando tentavam pular pela plataforma, batiam em uma barreira invisível e tombavam para trás. Os que estavam por último pararam e espalmaram as mãos no ar, e o grito da conclusão deles veio abafado:

— É vidro!

— Não fique parado! – Ela o alcançou. – Corre!

— O que foi aquilo? – Foi a vez dele de ficar assustado.

— Corre!

Ao ver os piratas, que estavam com Nirik no depósito, pegarem as ferramentas pesadas do navio para golpearem a parede invisível, sua única conclusão foi a de que a melhor opção era seguir com a kodorin. Ela, pelo menos, era apenas uma.

***

Ribaru pegou, desconfiado, a mochila que a kodorin lhe estendia.

Tudo era muito estranho. Como ela fez aquilo? Como ela estava com os pertences reunidos – os dos dois –, se não havia previsão de saírem do navio até o outro dia? Por que Nirik teve aquela atitude?

— Podemos ficar aqui essa noite – ela declarou, como se fosse sensato e simples ficar ali enquanto todos daquele navio deveriam estar vasculhando a mata atrás deles.

No entanto, era um lugar perfeito para descansar, e Ribaru não sentia mais suas pernas. Escalar as dunas de areia não foi fácil, já que em Kodo não existia um terreno disforme como aquele. Correr pelas praias de areia era muito diferente do que subir afundando por morros delas. Mas, felizmente, tiveram que passar somente por três, porque logo depois, o que havia, era aquela imensidão de mata verde. E, a uma distância incalculável para os perseguidos, havia montes enormes e escuros, que tinham os picos encobertos por nuvens ameaçadoras.

— Não se preocupe – ela disse, como se lendo seus pensamentos. – Eles têm um compromisso e o navio zarpou... Mas irão voltar atrás de nós, talvez ainda amanhã.

— Como sabe disso, Caramujo? – E se deu conta que essa não era a única pergunta que deveria fazer. – O que fez com o Nirik? Como explodiu a areia? Como sabe que o navio foi?

Ela largou a sua mochila nas raízes de uma árvore e se sentou, deu um longo suspiro e chorou:

— Foooome!

Todo o peso da expectativa de Ribaru desabou em cima dele, fazendo-o responder de forma grossa:

— Não é hora de ter fome!

Sem prestar atenção nos protestos dele, ela revirou seus pertences e pegou um recipiente pequeno de metal e duas batatas.

— Então foi você que roubou as batatas! – Ele se sentou no chão, perdendo para o cansaço. – E uma panela!

Ainda agindo por conta, ela se arrastou até a beira do córrego e voltou com um pouco de água. Depois juntou gravetos espalhados ao redor e os empilhou em um pequeno monte. Colocou as mãos sobre eles e, em um lampejo de luz, fez faíscas brotarem, que imediatamente se tornaram chamas.

— Almaki! – Ribaru exclamou espantado. – Você é uma almakin!

— Sou – ela disse contente.

— Mas você é uma kodorin! A única kodorin que... **Eeeeeh!** – Ele ficou

de pé em um pulo, apontando para ela como se fosse a coisa mais pavorosa que já ficara na sua frente. – Você é a Princesa de Kodo!

— Não conte para ninguém – ela pediu, estabelecendo um acordo sem a opinião dele.

— Então era por isso que... **Eeeeh!** Como assim você é a princesa de Kodo? – Ele começou a dar voltas no mesmo lugar, pensando em tudo ao mesmo tempo e dizendo tudo pela metade: – Nirik disse que eu... Então você... Era por isso... Não acredito! – Então colocou as mãos na cabeça e tentou parar, extravasando todas as suas dúvidas em uma única pergunta: – Por quê?

Nesse tempo de exasperação dele, ela colocara as batatas para cozinhar na pequena panela e, ao ser questionada, abriu a sua mochila e tirou de lá um papel dobrado, estendendo para o ladrão.

— Acho que o barbudo já sabia desde antes de embarcarmos – ela contou quando ele pegou o papel. – Acho que noite passada ele bebeu na cozinha e deixou isso cair no tombo que o fez mancar. Acordei porque ele passou reclamando e falando sobre estarem atrasados, não poderem perder mais um dia para entrar no rio. Quando levantei de manhã, encontrei esse papel e deduzi que ele já sabia, mas você já tinha desaparecido. Não queria usar almaki neles. – Ela olhou para as mãos se lamentando. – Vinshu vai ficar zangado se souber que ataquei... Mesmo assim, foi preciso. Eles iriam jogar você fora.

— Você é uma fugitiva... – Ele caiu sentado, depois de ver o papel com o retrato dela e um alerta de recompensa para quem a encontrasse.

Reconhecia aquele tipo de comunicado. Não era um meio de notícias oficial de Kodo, e somente piratas e mercenários os recebiam. Se alguém da realeza chegara ao cúmulo de ter seu nome seguido de um prêmio, só podia significar que ela fizera algo muito, muito errado.

— Por que está fugindo? – ele perguntou com um tom mais sombrio.

Ela o encarou por um tempo, como se estivesse decidindo algo. Então cutucou as batatas na água com um graveto, dizendo:

— Você tem o direito de saber, mas não posso contar tudo. Por hora...

pode confiar em mim?

Ribaru engoliu em seco. Apenas alguns instantes atrás, ela era apenas uma desconhecida que usara para chegar até Almakia. Agora, ela estava em um patamar infinitamente acima da sua realidade.

Demorou algum tempo para que as palavras se formulassem em sua boca:

— A... A Princesa de Kodo... está pedindo... para um ladrão confiar nela?

— O dinheiro que usamos para chegar aqui foi roubado do Palácio, e eu também roubei as batatas. E a panela. – Ela encolheu os ombros. – Somos praticamente companheiros agora, não?

— Não! – Ele fez uma careta de quem achava aquela justificativa um absurdo.

— Então pense por esse lado: não estamos em Kodo, sou uma almakin de Almakia. E pode me chamar de Kidari.

Ribaru deixou todo o ar que tinha nos pulmões escapar.

Em um dia tudo desandara no seu plano perfeito de viagem. Aquela sensação de que estava fazendo algo extremamente fora do que deveria não o deixava nem processar o fato de que a Caramujo lhe dissera seu próprio nome.

— Sou como um pirata! – ele disse por fim, voltando a se sentar, como se fosse tudo o que pudesse fazer no momento. – Você é que não deveria confiar em mim... E também estou com fome.

Com um sorriso satisfeito, Kidari assentiu e começou a contar o que podia sobre o porquê da Princesa de Kodo estar fugindo do seu próprio reino.

Capítulo 03 - O que foi deixado incompleto

Definitivamente não havia nada igual em toda a Almakia ou mesmo fora dela, e Sumerin nunca se sentira tão orgulhosa de algo que havia construído. Era perfeito na sua finalidade, e cada detalhe havia sido pensado pela necessidade.

Acostumada com as grandes construções empreitadas pela família Gran'Otto, sendo a mestre dos acabamentos desde muito nova, sempre esteve à frente de suntuosos palácios, imponentes prédios e majestosas residências de almakins. Eram trabalhos dos quais sempre se sentia satisfeita ao terminá-los, mas nunca pensara que qualquer obra sua pudesse ter um objetivo prático, que não fosse apenas encher os olhos de seus contratantes e impressionar seus iguais.

Ela nunca se imaginara tendo que planejar e construir algo que não fosse repleto de materiais distintos e detalhes luxuosos. Tudo era para ser mostrado, exibido, admirado e invejado. Satisfazer as pomposas exigências materiais que lhe eram atribuídas, essa sempre fora a função da Dragão de Metal dentro da Sociedade Almaki. Então, lá estava ela, diante de algo totalmente fora desse contexto, e que dependeria única e exclusivamente do seu almaki: esconder pessoas.

Por isso, em momento algum, o fato de nunca ter precisado tanto de um banho a incomodara.

Tudo começou com Garo-lin e sua pequena Vila Godan, logo depois de terem escapado da Capital Real.

Afastar os piratas, que cercavam aquela parte do Vale Interior, não fora uma tarefa difícil, já que os que estavam ali não possuíam Pedras Escuras, pois não esperavam lidar com almakins – e ainda mais estes sendo os Dragões que, mesmo sem seus títulos, não perdiam o poder que de fato possuíam.

Mesmo que para o resto de Almakia os Dragões não existissem mais,

para Garo-lin eles se tornaram verdadeiramente representantes do título após salvarem seus irmãos e todos os vilashis da sua vila.

Entretanto, isso só resolveria o problema momentaneamente. Os invasores recorreriam ao Governo e conseguiriam ajuda imediata quando soubessem que os foragidos estavam defendendo as vilas. Assim, foi preciso pensar rápido em outra estratégia.

Não era mais seguro para as famílias vilashis ficarem no próprio Vale Interior. Sabiam que seria uma questão de tempo até que medidas mais drásticas fossem tomadas em relação a eles. Mas, não havia um lugar para onde pudessem ir em Almakia. Também não havia meios de se sair disfarçadamente com um povo inteiro de dentro do Domínio. Foi, então, que o Dragão de Raio encontrou uma solução para tudo.

A ideia era simples: construir uma fortaleza que pudesse passar despercebida no Vale Interior, e ao mesmo tempo lhes dessem meios de se defender. Porém, nela não só teriam que caber todas as famílias vilashis, como mais famílias vilashis que eles iriam resgatar de outras vilas ameaçadas. Portanto, o único lugar suficientemente grande para abrigar esse número incalculável de pessoas por um tempo indeterminado seria-

— Uma montanha – concluiu.

— Uma montanha? – Sumerin se surpreendeu no mesmo instante, já que não encontrava referência alguma em todo o seu conhecimento sobre construções, e a única coisa que lhe vinha em mente era o próprio Instituto Dul’Maojin.

— Podemos usar o que temos no Vale e nos camuflar – complementou Garo-lin, entendendo rapidamente o raciocínio de Vinshu.

— Se pudermos estocar os alimentos que ainda temos e recolhermos mais do Vale, poderemos ficar muito tempo escondidos como se fosse uma Tormenta Nanfan, estamos acostumados a enfrentar isso – contou Garo-nan, também enxergando as possibilidades.

— Uma fonte de água – sugeriu Nu’lian da sua maneira serena, dando

uma importante contribuição.

— Se temos água, podemos ter peixes e folhas de lago – acrescentou Kinaito.

— Qual o problema, Sumer? – perguntou Benar em tom provocativo. – Acha que não consegue?

Sim, era chocante imaginar algo como o proposto, mas não impossível. Enquanto eles falavam aleatoriamente e discutiam dando mais sugestões, ela começou a projetar as possibilidades agregando os itens discutidos e, ainda que não soubessem o local e como a fortaleza seria feita, chegou a uma conclusão:

— Uma montanha não seria o ideal.

— Como assim não seria? – perguntou Benar confuso. – Não vai ser grande o suficiente?

— Existem montanhas depois da Floresta Ancestral, não dentro do Vale Interior. – Sumerin não deixou seu discurso se abalar com a interrupção do amigo. – Teríamos que deslocar muito material e, tanto a movimentação quanto a mudança no cenário, seriam percebidas... Porém, aqui existem muitos morros, e morros podem ser uma opção melhor! – Ela pegou um graveto que ainda queimava na brasa e apagou as chamas da ponta para poder usá-lo para desenhar no chão o que estava pensando. Então desandou a falar: – No Vale Interior existe esse terreno irregular coberto pela floresta. Almakins não conhecem e não sabem lidar com esse tipo de paisagem, enquanto os vilashis viveram todas as suas vidas aqui. Seria mais um esconderijo do que uma fortaleza. Construiremos redomas em volta de uma fonte de água, como se fosse um conjunto de morros com uma gruta do lado para que o rio escoe. Podemos aumentar o nível da água e formar uma represa dentro do esconderijo, o que resultaria em uma cachoeira no lado de fora, o que também poderia camuflar um acesso. Vamos fazer fortificações e recobrir com terra, pedras e plantas para que o disfarce seja mais real, e podemos usar troncos e pedras ocas em lugares estratégicos, com fendas para que haja ventilação e luz do sol para o cultivo. Também posso criar pequenos alçapões por onde um vilashi poderia emergir e lidar com uma

pequena plantação, como nas suas hortas em frente de casa. Mas tudo tem que ser muito rústico e contido! Não podemos deixar pistas visíveis. É fundamental termos alimentos... Não podemos viver somente de peixes e folhas do lago. Batatas e outros cultivos de terra podem ser feitos com o tempo que teremos. E, penso que, tempo será algo que os vilashis terão de sobra. Posso construir um tanque na represa para peixes, mas animais maiores terão que ser deixados para trás. Posso fazer um espaço para as mimbélulas, já que elas não são típicas dessa região e nos denunciariam ficando soltas. Mas, ficar com elas será uma experiência. Provavelmente será escuro. Posso fazer porta-chamas simples de vidros e a So-ren pode ser a responsável por mantê-los. Temos que pensar em ser práticos, e aliar nossos almakis com os conhecimentos vilashis é algo inesperado para os almakins.

Uma após a outra as ideias brotavam em sua mente e os outros apenas a ouviam, aturdidos. E ao final, ninguém tinha dúvidas de que tudo daria certo se seguissem exatamente o que a Dragão planejara.

Essa foi a parte fácil: imaginar. O mais difícil foi colocar todos os planos em prática, no pouco tempo que tinham.

Enquanto Garo-nan montou equipes, onde havia grupos responsáveis pela estocagem de alimentos, pelos peixes e pela busca de materiais, os Dragões e Garo-lin adentraram no bosque para procurar pelo lugar. Não encontraram um perfeito, mas um razoavelmente bom, que poderia ser melhorado, e Sumerin começou a trabalhar de imediato.

Em três dias, ela esgotou seu almaki como nunca havia feito antes, mas montara a estrutura maior que abrigaria as famílias, somente remodelando com tudo o que tinha a sua volta. Apesar de se parecer com um morro por fora – com direito a toda a fauna original –, a estrutura arredondada de dentro se tornara uma bela toca. O solo era rico em minérios, e para ela, era fácil senti-los, separá-los e fundi-los. Com o teto liso, paredes fortificadas com estruturas de pedras e o chão de terra batida, não era um requinte de conforto, mas com os forros que as mães vilashis traziam de suas próprias casas, logo tudo ia tomando uma

aparência próxima de um lar.

Quando tudo ficou pronto, Sumerin – decomposta como nunca alguém da Alta Sociedade Almaki um dia ousaria estar – perguntou para Garo-lin:

— O que acha?

Garo-lin olhou para tudo, procurando qualquer indício de que ali havia algo além do chão disforme da floresta:

— Acho que a piada sobre vilashis brotarem da terra agora faz sentido.

O riso foi inevitável diante da – única – parte cômica que poderiam encontrar na situação. E logo depois, anunciaram para todos os outros que a mudança já poderia começar. Aquele já era o fim do quinto dia, depois do ataque à vila e não poderiam esperar mais.

Assim, enquanto Sumerin juntava força com os amigos para concluírem os tanques d'água dentro do esconderijo, Vila Godan virou um lugar desabitado. E tudo em tempo.

Depois de dois dias escondidos, o Dragão de Água informou que presenças cheias de más intenções estavam na região. Naquela noite, houve vigília e muito silêncio quando Benar alertou uma aproximação. Mas a ameaça se afastou, e todos puderam respirar aliviados. Provavelmente, agora os piratas revirariam todos os acessos do Vale Interior em busca dos vilashis de Godan, na esperança de encontrá-los em romaria, tentando fugir.

No tempo que se decorreu depois disso, foram construídos mais morros-esconderijos para serem os dormitórios – nem sempre juntos, mas todos interligados por uma via que levava ao espaço dos tanques, como um formigueiro –, e começaram o trabalho de resgate das outras vilas. Essa vinha sendo a função de Nu'lian, Vinshu e Garo-nan enquanto os outros receberam missões especiais. Benar partiu para as montanhas. A de Sumerin era descansar depois de um trabalho tão bem feito. E foi recuperando as forças, que ela se juntou a Garo-lin e Kinaito em uma tarefa que era a segunda prioridade do grupo: a pesquisa.

***

Já anoitecera há muito tempo e som algum vinha de fora. O silêncio era uma regra geral no esconderijo dos vilashis, e todos o respeitavam, mesmo quando não havia um alerta de aproximação. Há mais de dois meses estavam naquela rotina, reaprendendo a viver apenas da luz oferecida pelo almaki de fogo e descobrindo novas formas de tornar aquele lugar o mais próximo possível do que era Godan.

No espaço construído especialmente para ela, Garo-lin lutava com seus olhos para que permanecessem abertos e, mesmo disputando com o sono, avivou a chama que estava no porta-chama rústico ao seu lado para continuar com suas anotações.

Há algum tempo vivia cercada por um depósito de papéis, livros, manuscritos, pergaminhos e todos os mais variados modos de registro, que se acumulavam em pilhas minimamente ordenadas pelos cantos. Aberto na sua frente, estava o que parecia ser um antigo e muito usado caderno de anotações, com folhas amarrotadas, dobradas e muitas coisas anexadas, de forma que ele tinha mais que o dobro de seu tamanho original.

Aquele caderno fora uma das primeiras coisas que Garo-lin recebera das mãos de Kinaito, algo resgatado na noite em que fugiram dos almakins sob o comando da Senhora da Capital de Fogo. Era um caderno de anotações que Kandara usava, que confiara a Kinaito antes de partirem, pedindo para que guardasse a salvo e que o entregasse para a vilashi. Parecia que ela já tinha uma ideia de que seriam capturados, e não queria que a mãe soubesse da existência daquele pertence.

Para Garo-lin, aquele era o seu bem mais precioso dentro do esconderijo, ao qual a vilashi se apegara de uma forma que não conseguia explicar. Era algo que Kandara deixara para ela, especificamente. Uma mensagem clara de que confiava a ela o que começara. Mais uma vez, superando as expectativas dos outros Dragões, Garo-lin se devotou àquela missão. Afinal, ela enfrentara a Senhora da Capital do Fogo, e a sua posição diante de tudo era declarada. Não podia deixar o que tinha acontecido até então morrer junto com a herdeira

Dul’Maojin.

Por primeiro, via o caderno apenas como o condutor para cumprir a tarefa que assumira. Mas, ele estava incompleto, e retomar um pensamento não era uma coisa fácil. Junto com isso, reconstruir todo o caminho que ela não sabia onde tinha começado, parecia ser uma missão para uma vida inteira.

Kandara fora cautelosa demais com detalhes, temendo revelá-los e com isso comprometer todo o seu trabalho, o que agora dificultava qualquer avanço. Segundo Kinaito, ela sabia que estava mexendo com algo muito perigoso, que havia sido apagado da história de Almakia. Esse era o único ponto que o kodorin conhecia sobre a função daquele caderno. Desenterrar esse passado, poderia trazer consequências não apenas para alguns, mas para todo o Domínio. Na posição que ocupava, mesmo tendo declaradamente abandonado a família Dul’Maojin, todos os que estivessem abaixo dela estariam condenados. E, em toda Almakia, a única pessoa que estava acima da herdeira Dul’Maojin era a própria Senhora da Capital de Fogo.

— Isso foi o suficiente para que eu confiasse nela – afirmou Kinaito, com um tom de quem ainda mantinha essa posição, sob qualquer circunstância.

Depois de ler tudo o que havia anotado dentro do caderno, e conseguido compreender muitas coisas, ele se revelara não apenas um guia: era como uma chave complicada que ainda precisava ser concluída para que pudesse ser usada. E esse era o caminho que vinha fazendo em suas pesquisas, tentando juntar essas peças para descobrir o que o caderno de Kandara Dul’Maojin tinha para lhe revelar.

Havia ali duas caligrafias. Uma que parecia ser a primeira, e que ia até um ponto. A segunda fazia apontamentos em cima da primeira, era a que estava nos anexos e a que continuava a escrita a partir de onde a primeira tinha parado. Essa segunda também estava interrompida, com páginas totalmente em branco para serem completadas. A segunda caligrafia era a de Kandara, fato confirmado por Kinaito. Mas junto com essa informação, veio a de que a herdeira nunca lhe contara de quem era a primeira, e ele não tinha certeza de que a própria herdeira

Dul’Maojin soubesse.

O que tinha entendido, até agora, era que ela viajara por toda a Almakia e por vários Domínios, anotando informações. Mas, a herdeira procurava não falar diretamente sobre as coisas ou pessoas, provavelmente as protegendo, caso aquele caderno caísse em mãos erradas.

Uma batida na entrada fez com que sua cabeça escorregasse do apoio da mão e batesse contra o caderno. Percebendo que havia cochilado mais uma vez, esfregou os olhos e disse com uma voz rouca ao avistar quem era:

— Olá.

— Ainda acordada? – perguntou Kinaito, entrando com mais uma pilha de papéis e livros velhos, e os colocando em um espaço vago na frente dela. – Foi tudo o que eles conseguiram trazer. Dessa vez havia um recado de que não poderiam mais fazer a viagem, que os guardas estão revistando todas as mercadorias que eles levam, e que optaram por trazer o que parecia ser mais importante. A maioria das minhas experiências ficaram para trás... Mas não se preocupe, elas só fazem sentido se completadas com o que está aqui. – Apontou para o emaranhado de cabelos verdes. – Não deixei nada revelador para trás e vou recomeçá-las quanto tiver oportunidade.

Com a ajuda de Benar, Kinaito tinha conseguido voltar para Rotas e conversado com as pessoas que lhe deram abrigo durante o tempo em que esteve lá, vivendo nos fundos daquela loja de tecidos. Em uma estratégia formulada por ele, essas pessoas contrabandeavam os seus pertences daquele esconderijo e o deixavam em um ponto combinado: um desvio da estrada principal que ligava Rotas ao Vale Interior, já dentro da floresta. Dessa forma, ele conseguira recuperar muito do que tinha feito nesses anos de reclusão em Almakia.

— Obrigada, Kinaito. Assim que ler esses, devolvo. – Não conseguiu evitar um bocejo enquanto apontava para alguns manuscritos em uma pilha. – Ah, Kinaito, uma coisa que preciso perguntar. Uma vez, a Kandara me disse que quando ela deixou de ser Dul’Maojin e começou a viajar por Almakia havia alguém com ela. Era você?

Ela tinha se agarrado a essa esperança desde aquela manhã, quando lera um trecho sugerindo um acompanhante e lembrara da primeira conversa que tinha tido com a herdeira, na Fortaleza Dul'Maojin. Naquela época, contara que alguém viajava com ela.

— Um kodorin não era muito bem visto para poder andar em qualquer lugar dentro de Almakia, que não fosse Rotas. Eu apenas saía, às vezes, quando havia reuniões e nunca deixava a cidade sem necessidade. Acho que ela não se referia a mim.

Garo-lin deu um longo suspiro. Essa pequena lembrança a tinha animado. Se Kinaito tivesse sido a pessoa que viajara com Kandara, ele poderia revelar boa parte de seus passos, e isso a ajudaria a entender algumas coisas do que estava escrito naquele caderno.

Em várias partes das suas anotações, a almakin parecia se referir a alguém que estava sempre junto dela. Mas, ao mesmo tempo, parecia ter um cuidado imenso em não revelar nada claramente.

Diante do desânimo dela, ao saber que não atendera as expectativas, o kodorin achou melhor dizer o que já queria ter dito, desde que a vira cochilando em cima dos livros:

— Sabe, não é da minha conta e não pretendo me intrometer nesse seu jeito vilashi determinado de ser, mas... dormir faz bem para qualquer um.

— Só faltam algumas páginas... – Ela folheou o que ainda restava, para mostrar.

— Ler tudo de uma vez não vai ajudá-la a assimilar as ideias. – Apoiou-se na pilha que trouxera – Benar informou Sumerin, pela esfera, que chega amanhã. Vá descansar e espere ele trazer as novidades.

— Tem razão. – Ela esfregou a testa, uma mania que adquirira nos últimos dias para tentar, de alguma forma, aliviar a dor incômoda que sentia ali ao se forçar em uma careta de concentração. – Vou só terminar essa folha e vou dormir.

Não muito crente na promessa dela, ele saiu e a ameaçou na entrada:

— Se houver algum vestígio de chama, mando o Vinshu vir aqui.

— Quase conseguiu me convencer... – Ela deu uma risada soprada.

Mas, por via das dúvidas, cumpriu o que prometera e apagou a luz. Ela mesma havia providenciado na sua toca de estudo – em um canto mais aberto – um espaço onde pudesse colocar as cobertas no chão forrado e dormir. Porém, dormir, mesmo estando com sono, era difícil.

Seus pensamentos pareciam ter adquirido o hábito de se formarem por conta própria e de especularem entre si, juntando e debatendo todas as informações que sorvia durante o dia. Já tinha lido quase todo o material que Kinaito lhe trouxera, ouvira atentamente suas explicações sobre os passos da herdeira, buscara informações em todos os livros que os Dragões conseguiram reunir em suas arriscadas excursões, ouvira tudo o que So-ren sabia sobre o assunto, mas... Sentia que faltava muito.

O que Kandara pesquisava tinha a ver com a História de Almakia. Existia algo que não era ensinado no Instituto, que não estava nos livros e no conhecimento das pessoas. Era esse buraco vazio que ela estava tentando preencher durante todo aquele tempo. Agora, havia um buraco enorme na própria história de Kandara e descobrir sobre um poderia ser o caminho para esclarecer o outro.

Kinaito contara que se tratava de algo que poderia ser a maior arma deles contra a Senhora de Fogo, algo que poderia desmascarar todas as suas ações. As Pedras Escuras pareciam ser algo essencial nisso, mas não o total.

— Era algo que estávamos discutindo antes de nos descobrirem na Capital de Fogo – contou Kinaito certa vez, logo que ela começou as investigações. – Kandara levantou a questão: se um poder como o das Pedras Escuras existe, deve haver um contrário. Assim como equilíbrio almaki.

— Equilíbrio almaki? – perguntou Garo-lin sem entender.

— Uma das lições mais sábias que temos na natureza, é que tudo o que existe nela é feito com um propósito e tem um equilíbrio. Da mesma forma que existem almakins e não almakins no mundo. Era algo que costumávamos

discutir. Se houvesse um contrário às Pedras Escuras, seria a nossa arma contra elas.

— Mas, e se as Pedras Escuras forem feitas de algo que não conhecemos? Algo que não seja natural?

— Então, primeiro temos que descobrir o que elas realmente são.

Quando pegou para si a tarefa de continuar com o trabalho de Kandara, Garo-lin estava pronta para enfrentar as enormes responsabilidades que viriam junto. Tinha mais medo que confiança, mas agora via que precisaria de muito mais força do que imaginara. Ao mesmo tempo tinha que lidar com vários outros problemas do esconderijo, principalmente os resgates. Mesmo tendo Garo-nan e os Dragões para ajudá-la – e estes inacreditavelmente lhe atendendo como se ela tivesse uma autoridade equivalente a da Senhora da Capital de Fogo dentro do esconderijo, – não podia evitar a sua responsabilidade autoimposta de supervisionar tudo.

Alguém se aproximou devagar e, imediatamente, ela se ergueu e acendeu uma chama na mão.

— Almaki de fogo não me assusta – resmungou So-ren, entrando com uma chama igual, trazendo um copo com bebida quente. – Kinaito me alertou que provavelmente você dormiria aqui de novo... Tome.

— Obrigada – ela agradeceu, desfazendo a sua chama, aceitando o copo e experimentando. – É bom... o que é?

— Um chá que ajuda a descansar melhor. Chá é a única bebida que podemos fazer, vivendo nesse buraco.

Garo-lin riu do tom de reclamação dela, que nunca perdia a oportunidade de encontrar algo ruim que merecesse se destacar sobre todas as coisas boas, e falou:

— É, acho que Kinaito mencionou que eu preciso disso.

— Não é preciso que um kodorin diga para que se repare nesses olhos fundos! Se começar a desmaiar pelos cantos vou jogar todos esses livros no tanque! – E ela se sentou com dificuldade em um espaço entre uma coluna de

livros e a mesa baixa, esperando que ela terminasse. – Fiz esse chá para a Kandara muitas vezes... Ela também costumava se sentar e estudar por horas, mesmo antes de ir embora de casa...

Garo-lin ficou em silêncio. Se havia qualquer coisa que pudesse ser dita para consolar So-ren, ela mesma não saberia dizer. Antes de querer consolar alguém teria que aprender a se consolar, e no momento, não havia tempo e espaço para isso.

Tomando um grande gole, ela terminou e entregou o copo para a velha almakin:

— Obrigada, So-ren. – Então o lampejo da ideia brilhante surgiu do canto mais escuro e afastado da sua mente. – **So-ren!**

— O quê?! – A senhora se sobressaltou, provavelmente pensando em um ataque.

— Sabe quem viajou com Kandara quando ela saiu de casa?

A almakin a encarou por um tempo, e Garo-lin gelou.

Aquela expressão de concentração era a mesma que o Dragão de Fogo costumava fazer para ela quando tentava processar algo que parecia estar além do seu alcance, mas que ele nunca iria admitir. Apesar de ter sido algo inevitável, a sensação que ela teve ao fazer essa comparação era a mesma que a atormentava desde daquele dia na Capital Real, e da qual ela tentava fugir desesperadamente.

— Faz algum tempo e sempre havia muitas pessoas com a menina Kandara... Mas vou tentar lembrar, vilashi. Agora, durma.

— Vou dormir – disse Garo-lin rápido, se agarrando nessa oportunidade para ficar sozinha, achando isso mais importante, no momento, que saber a resposta para a sua pergunta.

— Amanhã o garoto do Vento volta e você terá mais trabalho – ainda disse So-ren.

— É, vou ter... – e Garo-lin não a viu sair, pois houve uma quietude dentro da sua cabeça, que se estendeu e fez tudo ficar escuro.

***

— Deixa eu ver se eu entendi direito – começou Ribaru com a boca cheia e meia batata cozida ainda na mão. – Você fugiu de Kodo porque queria vir para Almakia encontrar os amigos que fez aqui?

— Sim. – Ela deu um grande sorriso, feliz por ter sido compreendida.

— Você é maluca! – ele praticamente cuspiu. – Tem noção do que fez? Tem piratas perigosos atrás de você e agora estão atrás de mim! E tudo porque você que ver seus amigos!

— Mas meus amigos são os Dragões, e eu preciso contar algo para eles!

— E isso não diminui em nada o fato de ser um absurdo!

Com a bronca de quem ela esperava que entendesse, a princesa ficou quieta, mordiscando a sua batata.

Ribaru não conseguia acreditar na imensa má sorte que tivera:

— Deveria ter desconfiado que ajudar uma estranha com muito dinheiro não era boa coisa! Deveria ter escutado quando Rohori tentou alertar! Mas, *nãããão*! Ribaru é esperto e sabe o que está fazendo! Agora não vou mais ser um simples ladrão do porto. Sabe o que eu vou ser?! Um pirata de verdade! E um daqueles que fazem coisas estúpidas como ajudar a Princesa de Kodo na sua fuga para ver seus amiguinhos fora de Além-mar!

— Tem mais uma coisa – ela resmungou em um fiapo de voz.

— O que pode ser pior que isso? – ele quase chorou.

— Meu irmão está atrás de mim.

— Seu irmão? – ele se assustou – O Príncipe Diwari?

— Sim.

— Aquele Diwari?! Por que justo *esse* irmão?!

— Não tenho outros irmãos! – ela se defendeu, sem conseguir esconder um tom de zanga com o assunto. – E, tem mais uma coisa.

— Posso começar a cavar um buraco e me enterrar agora?

Sem dar ouvidos para o lamento dele, ela contou:

— O Dragão de Fogo está com ele.

Isso fez Ribaru parar, confuso:

— Espera... Mas, os Dragões de Almakia não são seus amigos?

— A maioria deles.

— Então por que o Dragão de Fogo está atrás de você?

— Ele é a minoria.

— Por que você tem que fazer inimizade justo com o Dragão mais poderoso que existe? Acho que estou começando a entender porque o Rei Kodima não a deixa sair do palácio...

— Não é isso! – Ela ficou de pé e assumiu uma pose autoritária. – Senta agora!

Ele obedeceu. Por um breve momento se deu conta de que estava discutindo com a Princesa de Kodo. Uma fugitiva, uma garota que não parecia saber o que estava fazendo, mas que não deixava de ser a realeza, a quem ele aprendeu que devia submissão.

— Não precisa vir, não estão atrás de você. Só achei justo que você soubesse porque eu não podia contar antes quem sou... Agora que estou em Almakia, posso continuar meu caminho e você o seu. Nunca será incomodado por Diwari, pelo Dragão de Fogo ou pelo Rei Kodima.

Ele ponderou se deveria se sentir aliviado com aquilo, mas realmente não tinha efeito algum vindo dela.

— Quando amanhecer, vou tentar chegar a uma cidade e conseguir um meio de ir para o Vale Interior. Você pode ir para a Capital Real, acho que lá será um lugar melhor para pessoas de fora... Só não vá para Rotas e lugares perto do Vale Interior. Você pode ser confundido com um vilashi e, até onde eu sei, eles estão proibidos de-

— O que disse?

— Rotas. Não vá para lá. Os vilashis estão proibidos de saírem do Vale Interior e você pode ser confundido.

— E por que eu seria confundido?

Ela o encarou um pouco. Era evidente que pensava que ele soubesse,

então respondeu incerta:

— Por causa da cor dos seus olhos?

Houve um estalo dentro de Ribaru. Ele largou a sua batata no chão e se aproximou da princesa, perto o suficiente para que tudo o que ficasse no campo de visão dela fossem seus olhos amarelos e ela o ouvisse perguntar mesmo com a voz falhada:

— O que a cor dos meus olhos tem a ver com esses vilashis?

Capítulo 04 - Para ser o Dragão de Raio

Vinshu dava passos incertos em volta dos destroços espalhados pelo chão.

Uma fumaça forte ainda pairava sobre o lugar, apesar de o fogo já ter se extinguido por conta de uma garoa fina, que começara a cair há pouco tempo. Agora, restavam somente brasas em pontos espalhados. Além da fumaça, havia outra coisa evidente no ar, que não deixava dúvidas do que acontecera: um leve, mas nítido resquício de almaki de fogo.

Mesmo muito antes de começarem a avistar vestígios de destruição, ele percebera a inquietação do Dragão Real. Geralmente o amigo era calmo e não costumava dar sinais do que pressentia, sempre alertando quando algo que poderia fugir do controle para algo muito pior que tomava forma em sua mente.

Certa vez, Nu'lian lhe explicara que seu Segredo funcionava mais ou menos como segurar a bola de treinamento que Benar tinha, enquanto andava em um tabuleiro de jogo de estratégia. Conforme avançava nas casas, a fumaça da bola ficava rodando, criando imagens confusas e sem significado evidente. Cada passo em uma casa era uma possibilidade de as imagens se tornarem claras e anunciarem algo. Às vezes ele dava um passo que mostrava algo, mas nem sempre com um sentido claro. Para que o sentido ficasse claro, ele precisava ver o momento começar a acontecer e, quem sabe, prever com exatidão instantes antes. O que se estendia além desses passos era o futuro, e forçar o seu olhar sobre ele através da bola, sem avançar nas casas, era o Segredo da Família de Água: fazer o tempo fluir como líquido que escapa pelos dedos. E olhar muito além desse fluir era arriscado e embranquecia seus cabelos como uma punição, um lembrete permanente de que sua vida era reduzida. Sem correr o risco do preço a se pagar, o máximo que ele concebia eram previsões incertas. Caberia a

ele observar o presente e tirar suas próprias deduções do futuro.

Entretanto, se apenas avançasse prestando atenção no que a bola estava formando em suas mãos, poderia se concentrar em um acontecimento e pelo menos prever se ele era ameaçador ou não, mesmo que não pudesse determinar de que forma ele seria. Assim, seu almaki agia de maneira parecida com o Dragão de Vento, pressentindo a presença do perigo – mas não a intenção – antes que ele se tornasse real.

Mesmo com esse grande trunfo que lhe rendera o título de Dragão de Água, desde que eles foram banidos de Almakia o Dragão Real teve que se habituar a uma nova realidade: praticamente todo o Domínio se voltava contra eles, e distinguir situações de perigo eminente com a ameaça geral de serem capturados, lhe exigia muita concentração. Era fácil conseguir perceber um avanço por perto do esconderijo dos vilashis, mas em uma viagem a lugares novos sua capacidade de prever o perigo não conseguia abranger um grande espaço de tempo.

Assim, naquele dia, mesmo estando incomodado, ele não conseguia medir o que encontrariam no seu destino. E ao avistar os primeiros destroços do que havia sido uma vila, ficou em choque como todos os outros.

Não poderia dizer que era trabalho dos grupos de piratas com almakins desconsiderados ou se foram almakins de alto nível seguindo ordens. O fato é que chegaram tarde demais àquela vila, e ali não havia mais sinal de um vilashi vivo.

Até aquele momento, as vilas haviam sido isoladas, em uma tentativa de obrigar os vilashis a saírem. Atacar e destruir não pareciam ser as intenções dos piratas, embora eles tivessem tomado medidas mais drásticas com os que resistiam e não cooperavam com a nova ordem. Porém, nada como aquilo. A vila fora devastada por algo maior, muito além do que uma precária resistência pudesse suportar. Casas, árvores, o muro de proteção, o grande tablado no centro, tudo havia sido arrasado pelo que parecia ser uma chama gigantesca de almaki de fogo, que explodiu de um único ponto e lançou tudo para longe.

Os três desmontaram das mimbélulas diante do que um dia fora o portal da vila.

— O que fizeram aqui? – perguntou Garo-nan, o mais chocado de todos e, com certeza, vendo ali o reflexo do que poderia ter acontecido com a sua própria vila.

— Chegamos atrasados. – Nu’lian também veio até eles, já recuperado em sua aparente calma e se concentrando a tudo a sua volta.

Vinshu reconheceu nessa atitude do amigo uma busca que não parecia ter resultados.

— Deveríamos ter vindo mais cedo! – Ele chutou os restos do que tinha sido uma casa. A madeira reduzida a um carvão fraco se desmanchou, levantando fumaça.

— Ouviram isso? – perguntou Nu’lian de repente, erguendo uma mão no ar em sinal de silêncio.

Sem entender, o Dragão de Raio e Garo-nan o encararam. O Dragão mantinha os olhos fixos em um ponto.

Logo foi possível distinguir um som abafado, e antes que os dois pudessem definir o que era, o Dragão de Água já saltava entre os escombros. Quando chegou ao ponto certo, começou a revirar os entulhos queimados, e logo pediu ajuda. Um tronco da árvore que ficava no centro das vilas estava caído ali e, mesmo queimada, continuava tão pesada quanto deveria ter sido. Usando almaki, Vinshu conseguiu deslocá-la o suficiente para que a origem das batidas ficasse à mostra.

— Um pote de conserva – disse Garo-nan, identificando de imediato o objeto que não havia sido esmagado pela árvore. – Pode se guardar mantimentos dentro dele para a Tormenta Nanfan. São muito resistentes e têm alças do lado que-

O som, que agora se parecia mais com um choro abafado, recomeçou.

— Tem alguém dentro! – disse Nu’lian. – Uma presença muito fraca, mas tem alguém!

Habilmente Garo-nan destravou as alças nas laterais do pote e conseguiu remover a sua tampa. E se surpreenderam com o que viram: encolhida no fundo havia uma menininha vilashi, suando frio e respirando com dificuldades. A árvore protegera o pote contra o ataque, mas não contra o calor.

— Vamos tirá-la, depressa! – orientou Vinshu, percebendo que o estado dela era crítico e já arregaçando as mangas do seu casaco e manejando almaki nas mãos.

Mesmo agindo rápido, o Dragão não podia acreditar que ela ainda estava viva. A temperatura ali dentro devia ter atingido graus insuportáveis quando a vila explodiu. Mesmo assim, com várias queimaduras e bolhas pelo corpo, ela ainda respirava. Enquanto Nu’lian abria um espaço e Garo-nan a depositava cuidadosamente no chão, Vinshu começou a usar seu Segredo de Cura, e soube que não seria fácil.

— Ma...mãe... – ela sussurrou, fraca.

E o Dragão paralisou. Em um momento, ele via o rosto queimado da menina vilashi; no outro, via o rosto agonizante de outra menina. Por um momento, o cenário a sua volta foi trocado pelo hospital dos Zawhart, suas mãos se tornaram pequenas e, ao seu lado, havia uma mulher aos gritos, puxando suas vestes com uma insistência desesperada:

— Por favor! Salve ela! Não a deixe morrer!

Apavorado e tremendo, o Vinshu de oito anos tentava lembrar dos procedimentos que deveria fazer para começar a curá-la com o seu almaki. Então, alguém o puxou com violência e o arrastou para longe da menina. A mãe gritou alto, pedindo que a ajudassem. E, antes que as portas fossem fechadas na sua frente, Vinshu viu o pequeno rosto tombar para o lado com os olhos abertos, sem um único lampejo de vida.

— **Vinshu!**

O grito de Nu’lian fez com que o Dragão de Raio voltasse para a realidade. Então, respirando fundo, ele fechou os olhos e se concentrou totalmente na pequena vilashi.

***

— Você será o maior nome entre todos os Zawhart que já vieram antes. No futuro, quando se falar sobre almaki de raio você será a referência. Com a sua inteligência, conseguirá elevar a Família de Raio para o patamar mais alto de Almakia. Nosso Segredo de Cura será reconhecido mesmo em outros Domínios, e receberemos propostas de todos os lugares onde existem pessoas para serem tratadas. Nossa fortuna será uma das mais inestimáveis e seus filhos terão o mundo às suas mãos... Termos um Dragão seria como estarmos no mesmo nível dos Dul'Maojin, e quem sabe até ultrapassá-los... Entende isso, Vinshu?

— Sim, pai.

Mesmo em seus mirrados oito anos de idade, Vinshu Zawhart mantinha um olhar baixo de quem já tinha vivido muito e não gostara do que vira. Entendia perfeitamente o que seu pai dizia, e compreendia o tom de orgulho que ele usava para falar. Depois de anos trabalhando na Capital de Fogo, seus antepassados construíram uma reputação, mesmo que não tivessem a história nobre das outras Famílias. Conseguiram elevar seus dons almakis à categoria de um segredo, algo somente deles, e se tornaram parte da Alta Sociedade Almaki. E agora, ele seria a geração que daria um novo passo rumo à grandiosidade.

— Então por que insiste em fazer o que não deve?

Ele não soube responder. Algo no fundo dele latejava, como uma ferida aberta que insistia em não se curar. Não conseguia lembrar exatamente quando a adquirira, mas sabia dizer quando tomara consciência dela.

Há menos de um ano começara a acompanhar seus pais no hospital da Capital de Fogo. Sempre gostara muito de tudo o que lia, da teoria almaki que aprendera desde cedo, aos cuidados de tutores em sua própria casa. Sabia reconhecer e dizer todas as partes do corpo humano, mesmo em seus menores elementos, e o admirava como um pequeno e complexo mundo. A simples ideia de poder curar pessoas, com suas próprias mãos, o maravilhava. E colocar em

prática todo o conhecimento que acumulara até ali era o momento que aguardava com maior ansiedade.

Entretanto, a realidade lhe atingiu como um golpe quando enfim pôde ir ao hospital dos pais aprender com eles.

O funcionamento no hospital era bem simples: se pudesse pagar, havia cura. Se pudesse pagar muito bem, não importava o grau da sua doença, os Zawhart encontrariam uma maneira de curar.

Mesmo assim, ainda existiam pessoas que acreditavam que mesmo sem recurso algum, um Zawhart se compadeceria da sua situação. Por isso havia a divisão de almakins de raio da Guarda da Capital de Fogo na entrada e arredores do hospital, cuidando para que os indesejáveis não se amontoassem na esperança de receberem um tratamento.

Todo o conhecimento, toda a teoria, tudo o que Vinshu tinha por certo fora obscurecido pela verdade da sua posição como um herdeiro Zawhart... Se sua família tinha a capacidade de curar, por quê não o fazia? Por que ele *não podia fazer?... Se tinha o Segredo da Cura, por que ele se sentia tão doente?*

E, ao invés de colocar esses questionamentos para fora, guardava-os muito bem.

Vira de perto a distinção que o pai fazia entre as pessoas: como o seu comportamento mudava diante de alguém do Governo com uma tosse leve ou diante de uma mãe pobre com uma criança em convulsões. Era um contexto. Ele era um Zawhart e fazia parte desse contexto. Sustentar essa verdade e obscurecer todos os ideais que montara sobre como usar o seu almaki era o que o fazia calar, perder toda a sua vontade.

— Como espera ser o Guardião de um Segredo com essa atitude? Como espera ser um Dragão agindo assim? Como vai manter o nome dos Zawhart se não consegue lidar com seu próprio almaki?

Cada uma das perguntas do pai o atingia como um tapa. Tudo o que ele queria no momento era poder arrancar por completo o tão estimado poder que tinha no seu corpo e jogá-lo fora. Assim não seria cobrado e poderia ser e agir

da maneira que quisesse.

— Amanhã você começará a treinar para ser um Dragão. Não me decepcione.

— Sim, pai. – Ele saiu sem tirar os olhos do chão, fechando a porta do escritório atrás de si.

***

A sensação era como se o seu corpo houvesse sido pisoteado várias vezes e estivesse pregado no chão. Mesmo assim, Vinshu insistiu em abrir os olhos.

Não conseguiu associar imediatamente o que via, mas logo se deu conta de que estava olhando para o teto do esconderijo vilashi. Tinha voltado para debaixo da terra, e não se lembrava exatamente como.

Desde que se tornara um Dragão banido, tinha aqueles vislumbres do seu passado de antes do Instituto. Não era agradável voltar a ver em detalhes aquelas lembranças, mas nunca tivera uma sensação tão forte como aquela. E sabia que só havia um culpado por isso: Krission Dul'Maojin.

Do que adianta poder curar, se você não faz isso? Você é o Dragão de Raio, idiota! Pode fazer o que quiser! Foi o que o amigo dissera para ele durante o treinamento para serem Dragões. Uma verdade contrária a todas as outras verdades que existiam pregadas nele. Mas era a única com aquela intensidade, que o fazia levantar os olhos e enfrentar o mundo. Afinal, ele era o Dragão de Raio, Guardião do Segredo de Cura, e estava acima de todos em Almakia.

Sem o Dragão Líder por perto, as verdades que ele dissera uma vez começavam a desbotar diante das suas novas atitudes. Vinshu procurava ao máximo manter essas lembranças vivas. Mas, era complicado conseguir isso diante desse novo contexto que estava enfrentando.

Sonhar, como o que havia acontecido agora, ainda poderia ser encaixado em um estado normal. Mas ficar cego como acontecera e trocar a realidade pelas imagens do passado era no mínimo preocupante.

Ele olhou para as suas próprias mãos, que cumpriam tão bem a função de ser um Guardião do Segredo de Cura e agora tremiam de uma forma que ele não

conseguia controlar... O que aconteceria se chegasse ao ponto de ele mesmo necessitar de cura?

Então passos soaram no corredor e uma luz trêmula surgiu pela abertura do lugar onde estava:

— Acordou! – exclamou uma voz contente.

— Kidari? – ele perguntou em um murmuro, incerto.

Mas quem tomara forma na sua frente tinha olhos amarelos e cabelos mesclados, e ele reconhecera algo de Garo-lin nela.

— Sou Mira-lin, lembra? Tenho comida aqui. – Ela se ajoelhou no chão, ao lado da cama improvisada de cobertas em cima de uma esteira, bem ao modo vilashi, e colocou uma bandeja ao lado dele. – Os outros Dragões disseram que acordaria faminto e que devemos te dar muita comida para se recuperar.

Vinshu deu um longo suspiro e começou a se lembrar. Havia gasto todas as suas energias em tentar salvar aquela menina.

Sentindo-se um inútil por provavelmente ter sido um peso a mais para carregar até o esconderijo, ele esfregou as mãos no rosto, tentando afastar de vez aquela sensação de esgotamento. Então lembrou de repente:

— A vila! Ela estava... – e parou, sem coragem de continuar.

A expressão da vilashi ficou séria:

— Destruída, sabemos. Garo-nan nos contou... Acho que nenhum de nós sabe o que dizer... Tivemos sorte de ter vocês nos ajudando, de termos minha irmã, de termos Garo-nan como líder e apoiando essa ideia de nos escondermos... Outras vilas não tiveram essa sorte. Sei que não é bom pensar dessa maneira, mas... Fico feliz pela nossa vila estar aqui antes de todos.

— Não devíamos ter voltado direto para o esconderijo – ele disse mais para si mesmo do que para ela. – Devíamos ter nos dividido em grupos depois do último resgate e ter ido para aquela vila ao invés de voltarmos. Poderíamos ter chegado antes.

— Poderiam ter sido atacados também, e poderiam ter descoberto onde estávamos. Todos nós estaríamos em perigo.

— Ao menos estaríamos lá na hora... e talvez a vila não seria destruída.

— Contra o fogo? – ela perguntou, deixando bem claro que não acreditava que era possível. – Não queira ficar contra um almakin de fogo. Eles são como o sol.

Vinshu a encarou por um tempo, tentando compreender aquela forma vilashi de pensar, mas desistiu. Com muito esforço, se levantou e pegou o prato que ela lhe entregava. Era sopa de tomate de novo, com um bolinho feito de folhas do lago e batatas. Mas não podia reclamar, já que aquilo era o melhor que poderia ser feito com o que tinham ali. E tomates eram difíceis de ser cultivados.

Mira-lin se pôs de pé e avisou:

— Logo vamos servir para todos e você poderá repetir. Mas Garo-lin pediu para avisar: se sentir que já pode levantar, devem se reunir. O Dragão de Água deve vir para chamá-lo daqui a pouco.

— E... e a menina?

A vilashi olhou bem para ele, deu outro sorriso e contou antes de sair:

— Ela está melhor, apesar de não falar.

O Dragão encarou o prato em suas mãos por um tempo.

O tremor havia passado.

E, então, sussurrou com um sorriso incerto:

— Curar alguém é incrível... Não é, Kris?

***

— Eeeeeh?! De novo?! – Ribaru reclamou em alto e bom som quando chegaram a mais um salto de águas.

Ele ainda mancava do resvalo e queda que sofrera na descida anterior, e agora se encontravam em um precipício bem mais íngreme.

Para a sua surpresa, a princesa usara algum tipo de cura nele com o seu almaki, o que amenizou um pouco a dor do tombo. Com isso ele conseguira se levantar e continuar andando, mesmo que mancando de leve. Ela pedira desculpa por não poder curá-lo por completo e explicou que, se continuasse usando almaki para tudo, desmaiaria sem forças. Então, os arranhados menores

receberam uma camada da pomada que ganhara de Denden antes de sair de Kodo, e estava ajudando.

— Por que é tão difícil assim?! – Ele se largou cansado no chão. – Não podemos ir pela mata?... Você ao menos sabe para onde estamos indo, princesa?

Kidari não respondeu e continuou na sua procura por uma rota de descida.

Sabia que não tinham comida e que vagavam por um mundo completamente desconhecido. Por várias vezes encontraram animais perigosos pelo caminho, dos quais só escaparam pelo fato de ela ter usado seu almaki como defesa, os espantando. A mata fechada e úmida não ajudava no avanço da marcha, e as pedras escorregadias que beiravam pequenos precipícios eram barreiras desanimadoras.

Porém, ela se lembrava bem de Garo-lin lhe mostrando mapas de Almakia e lhe explicando sobre a geografia do lugar. Embora não fizesse ideia de em que parte do Domínio estavam para poder se localizar com certeza, uma pequena informação era muito útil: o princípio para se habitar um lugar era uma fonte de água. Então, se seguissem o curso de um rio, provavelmente encontrariam alguma cidade.

Aquele não era exatamente um rio. Ainda era apenas riacho. Provavelmente se o seguissem, não encontrariam uma cidade, mas sim um vilarejo.

E um lugar pequeno era o ideal, já que ela fisicamente chamava a atenção, e Ribaru não tinha como esconder a cor dos seus olhos. Nesses lugares não havia tantos almakins como nas capitais. Na maioria eram pessoas de Almakia, e isso poderia representar uma chance de não serem capturados. Inventando uma boa história, que fosse capaz de sobrepor às desconfianças de ter dois estranhos tão diferentes saindo da mata, poderiam conseguir ajuda.

— É o melhor a se fazer – ela concordou consigo mesma, em voz alta.

— Agora está delirando... – lamentou Ribaru com um suspiro, nada confiante na sua guia.

Mesmo não querendo se envolver tanto, já que eram problemas muito maiores do que um pequeno ladrão de porto poderia lidar, ele não tinha outra opção a não ser segui-la. Não sabia falar a língua de Almakia e, depois de toda a confusão que acontecera com o pessoal do navio – de Nirik, seu único suporte remanescente de Kodo, ter se revelado um completo oportunista – não tinha plano algum sobre o que fazer. E ainda havia uma pista. Mesmo que fosse apenas uma, sem muito sentido, era a primeira vez que estava tão perto de poder descobrir alguma coisa sobre a sua origem.

Como a princesa contara, em Almakia havia um povo com olhos amarelos como os deles, e era até essas pessoas que ela precisava chegar. Não que tivesse a esperança de encontrar sua verdadeira família ou coisa assim – isso seria realmente esperar por muito. Mas, pelo menos, descobrir que existiam outros iguais à ele no mundo e com isso conseguir definir de onde viera. Já seria um passo enorme para sanar essa dúvida que sempre o atormentou.

Por hora, a melhor alternativa seria continuar seguindo a fugitiva Princesa de Kodo. E era isso tudo que ele pensava quando Kidari parou bruscamente e ele quase se chocou com ela.

Mais uma cachoeira. Mais um obstáculo que teriam que descer. Não havia nenhum outro caminho para continuarem seguindo o curso d’água.

— Aqui – ela disse, puxando um emaranhado de galhos de aparência mole, que se prendiam nas partes mais secas das pedras. – Vamos fazer uma corda.

Isso pelo menos era algo que ele sabia fazer. Como sempre tivera que elaborar coisas que precisava, a partir do que dispunha – ou seja, do que encontrava pelas ruas –, podia se gabar dessa capacidade. Ele a ajudou a arrancar os galhos, até terem a quantia suficiente para chegarem ao chão lá embaixo.

Enquanto eles se sentaram na função de dar nós bem dados e de se certificarem que os galhos aguentariam o peso, Ribaru aproveitou a oportunidade para tentar arrancar mais informações dela:

— O que é que tem de tão importante para se contar, que a fez fugir de

Kodo? – perguntou, já se esquecendo totalmente de que deveria falar de um modo apropriado com alguém da posição dela, e voltando a considerá-la apenas a Caramujo.

— Se não fosse tão importante, eu não fugiria.

— Mas você podia, sei lá, pedir para um serviçal levar uma mensagem, ou pedir para que essa pessoa com quem quer falar fosse para Kodo.

O olhar que ele recebeu em troca foi mais intenso que esperaria ver naquele rosto. Kidari não parecia ter espaço para outra expressão que não fosse sorrir largamente ou se espantar com olhos brilhantes. Talvez fosse pela exaustão que ela sentia, por estarem há tanto tempo andando com contratempos que a obrigavam a gastar suas energias sem meios de repô-la. Porém, mesmo que fosse por esses motivos, ele sentiu um arrepiou diante daquela nova face que ela mostrava.

— Não? – ele insistiu, com uma voz mais contida.

Ela voltou a fazer os nós, e declarou:

— Meu irmão mataria tanto um serviçal quanto a minha amiga.

Ribaru parou o que estava fazendo e ficou apenas a encarando.

Sabia que o Rei Kodima e o Príncipe Diwari não eram exatamente exemplos de bondade, mas também não pareciam tão extremos em atitudes assim. Mesmo que ele fosse alguém que nunca teria nada mais do que um vislumbre daquelas duas pessoas importantes, sabia muito pelo que ouvia pelas ruas. Ainda assim, todo o seu conhecimento acumulado não podia ser comparado com o de alguém que convivia com eles.

Então, pela primeira vez, ele percebeu a princesa como alguém que tinha muito mais do que aparentava. Afinal, o que ele sabia sobre ela? O que qualquer um em Kodo sabia sobre ela?... Era a segunda filha do rei, que existia, mas nunca saía do Palácio. Há pouco tempo tinha ido para Almakia, por questões diplomáticas, pois revelara ter um almaki e... Como se algo entrasse em movimento na cabeça de Ribaru, o ponto exato da questão ficou bem claro:

— Como você tem um almaki, princesa?

Ela sorriu, como se tivesse uma resposta muito simples, mas difícil de dizer:

— Se eu conseguir encontrar essa minha amiga e os Dragões, talvez... Talvez eu possa responder isso.

— E... se não conseguirmos encontrá-la?

— Vamos encontrar! – ela foi determinada. – E temos que encontrá-la antes do Dragão de Fogo!

— Por quê?

— Ou vão entender tudo errado.

— Quem? Os Dragões?

— E Garo-lin.

Ribaru ficou quieto e não se atreveu a perguntar mais nada. Tinha decidido que não se envolveria, mas não era algo fácil de se fazer, principalmente pela situação em que estavam. Porém, agora, a apreensão era maior do que a curiosidade. O modo sombrio como a princesa agira, destoante com o que mostrava ser, só contribuía para que ele percebesse que não fazia a mínima ideia no que estava se metendo.

— Pronto! – ela exclamou, segurando a corda improvisada, com o entusiasmo de quem terminara um trabalho e estava satisfeita com o resultado, completamente contrária ao instante anterior. – Quer tentar ir primeiro?

Em questão de segundos, ela voltara a ser sorridente, e se ele contasse para qualquer um os detalhes da conversa que tinham acabado de ter, provavelmente seria tachado de mentiroso.

***

No porto da Capital Real, uma grande embarcação oficial atracou e uma recepção fora montada às pressas. As pessoas se aglomeravam atrás dos limites impostos pelos guardas para assistirem a movimentação de desembarque e conferirem de perto quem estava chegando de Além-mar. Era evidente que se tratava de alguém importante, mas não anunciado previamente nem mesmo para as autoridades.

Então, quem o povo viu saindo pela rampa de desembarque, com passos rápidos e convencidos, foi um kodorin. Muito diferente dos que passavam pelo porto nos últimos anos, aquele tinha um porte e uma altivez distintos, e a sua expressão deixava muito claro que ele não estava ali exatamente para fazer algo do seu agrado. Logo atrás dele, outra figura surgiu e parou antes de por os pés na rampa, lançando um olhar para todo o porto.

Começou devagar, mas, aos poucos, as pessoas foram o reconhecendo e logo todos ficaram entusiasmados, aplaudindo e comemorando:

— É o Dragão de Fogo!

— O Dragão voltou!

Porém, o festejado não pareceu se importar com a calorosa recepção. Da mesma maneira que o kodorin havia descido antes, ele voltou a pisar em seu Domínio. E não parecia estar minimamente exultante com isso.

Capítulo 05 - Marcado com fogo

Garo-lin, com a cabeça deitada nos braços, se concentrou na minúscula imagem das suas anotações, que apareciam, refletidas no vidro da sua esfera.

Por um tempo – tempo que agora considerava ter sido demasiado, – ela teve uma pequena esperança de que a qualquer instante uma chama apareceria dentro daquela bolinha de vidro e, imediatamente, resolveria todos os problemas. Porém, aquele vislumbre na Capital Real que durou apenas alguns segundos, em que o Dragão de Fogo a encarara com uma expressão fria – totalmente contrária a qualquer uma que ela passara a reconhecer nele –, continuava a martelar em seus pensamentos de forma dolorosa. E, dia após dia, nada aconteceu, não houve notícia alguma, nenhum sinal de que Krission Dul'Maojin ainda existia. Ele claramente a abandonara. O desânimo foi o suficiente para que enterrasse esse assunto bem fundo, e o escondesse por debaixo de coisas muito mais sérias e urgentes.

A vilashi deu um grande suspiro e colocou um dedo em cima da esfera, a empurrando levemente de um lado para o outro. Tão inútil quanto a bola de vidro estava o pedaço de Almakia que ganhara do Dragão. Um pedaço branco, de pedra, que cintilava constantemente. Não conseguira se desfazer daqueles dois objetos, por mais que se convencesse de que não deveria ficar com eles. Por um lado via uma vantagem: eles eram um lembrete de que não podia desistir. Não até encontrar o Dragão que traíra seus próprios amigos, esfregar aquelas lembranças no nariz dele e deixar claro quem havia desistido de quem.

Mas, ao pensar na sua motivação egoísta, se lembrou de um pedido de promessa que agora parecia ter sido feito há muitas eras atrás.

Ela, exausta do seu treinamento para potencializar o seu almaki, largada na beira do lago da Fortaleza Dul'Maojin, quando Kandara veio conversar pela

primeira vez. Sem que houvesse sentido algum para as suas palavras, pediu que Garo-lin zelasse pelos Dragões. Em algum momento, nesse tempo, havia entendido esse pedido, mas o contexto já não era o mesmo. Os Dragões já não eram mais Dragões, e o único Dragão restante, não era sombra do que fora um dia. Mesmo o pacto que ela havia feito com Vinshu e os outros naquele dia, na Capital Real, parecia desgastado diante de todos os novos problemas que surgiram.

Não importa quanto tempo demore, e que meios vamos usar, mas os traremos de volta. Mesmo se tivermos que atravessar o mar e sair de Almakia, mesmo que eu tenha que esquecer que sou um Dragão e que você é uma vilashi, vamos trazer o Kris e a Kidari de volta.

Tudo parecia ser tão possível naquele dia, com a junção da força de todos eles. Se alguém dissesse que o máximo que conseguiria era se esconder embaixo da terra e ficar cercada por livros e papéis – procurando por um labirinto de informações e se deparando com becos a todo o momento –, riria descrente. Mas era exatamente isso que havia acontecido. E, no momento, estava tentando descobrir como iria se reunir com os outros e declarar que o que Benar havia se arriscado tanto para trazer das Montanhas do Norte, o que poderia esclarecer o próximo passo a ser dado, não fazia sentido algum. Como encararia Nu'lian, Garo-nan e Vinshu que tinham acabado de voltar de um resgate fracassado?

Então seu dedo escorregou da esfera, como se ela estivesse molhada, e imediatamente compreendeu o que estava acontecendo.

— Garo! – disse a miniatura de Nu'lian, surgindo entre um redemoinho de água dentro da esfera e soando urgente. – Um alerta dos sentinelas! No lado leste!

Sem dar uma resposta, ela apenas pegou a sua corrente com a esfera e a pedra branca e correu para fora da sala, mergulhando nos corredores de terra do esconderijo.

***

O prisioneiro estava com as mãos amarradas e foi forçado a cair de

joelhos no chão, o que fez sem apresentar resistência alguma.

— Ele estava sozinho. – O pai de Garo-lin, um dos sentinelas, lhe informou, tratando de segurar o homem firmemente preso. – Mesmo assim, ainda estamos em alerta.

Garo-lin olhou bem para a pessoa a sua frente. Todo o seu rosto estava escondido por um emaranhado de cabelos e barba, recobertos por várias camadas diferentes de sujeira. Usava roupas no mesmo estado de imundície, puídas e rasgadas em vários pontos, onde se podia ver um corpo ossudo de quem passava fome. Sua pele era de tom acinzentado estranho.

Mesmo sendo visível que ele não podia apresentar um perigo naquelas condições, ela só acreditou nisso quando olhou interrogativamente para Nu’lian e este balançou a cabeça de forma negativa. Mas, para ter certeza, pediu:

— Benar?

O Dragão de Vento demorou um pouco para definir, e então disse:

— Ele não tem um almaki, mas é estranho.

— Estranho como? – ela perguntou.

O rosto de Benar se contorceu em uma careta de dúvida, deixando bem claro como era difícil colocar o que sondava em palavras:

— Porque não possui a mesma forma de não ter um almaki como os vilashis – foi o máximo que ele conseguiu.

Porém, ao ouvir a última palavra, o homem levantou o rosto, como se só agora tomasse consciência do que acontecia ao seu redor e em todo o tempo anterior havia sido apenas um boneco de pano carregado. Dois olhos reluzentes apareceram entre o emaranhado sujo de cabelos, como se fossem os únicos sobreviventes de um corpo moribundo, e encarou aqueles que estavam na sua frente.

Naquele instante, Garo-lin entendeu o que Benar queria dizer. Aqueles olhos tinham o brilho que ela conseguia distinguir por experiência: orgulho almakin. E ele, como se também tivesse entendido algo ao vê-la, começou a se debater e a se lamentar:

— Você! É tudo culpa sua, vilashi maldita!

A surpresa em perceber que o insulto era voltado exclusivamente para Garo-lin foi geral, e ela era a mais espantada de todos.

— Aaaaaahrrr! Me soltem! – ele continuou se debatendo. – **Foi culpa dela! Tudo!**

Com um gesto rápido e sutil, Benar se aproximou com a mão erguida em direção a ele. Como se tivesse recebido uma ordem absoluta, o homem parou de gritar e de se debater. Seus olhos ficaram desfocados e toda a sua vontade própria se esvaneceu.

— Como a conhece? – perguntou Benar, de forma apressada.

— Vale das Pedras – ele respondeu com uma pronúncia débil.

— Quem é você?

Mas não houve resposta. O homem tombou para frente e, se não estivesse sendo segurado pelos sentinelas vilashis, teria batido com força a cabeça no chão.

Benar deixou o braço pender e ofegou, fechando os olhos como se tentasse se recuperar. Foi quando Garo-lin se deu conta que havia acabado presenciar o uso do Segredo da Família de Vento.

— Me desculpe – pediu Benar, parecendo melhor. – Ele está muito fraco e desmaiou. Não consegui mais do que isso... Reconhece?

Ela entendeu o que ele queria dizer. Vale das Pedras era um pesadelo antigo da época que não tinha noção de nada além do preconceito dos almakins com quem eles consideravam estar abaixo deles. Mas aquele homem desmaiado no chão não lhe trazia nada específico à memória. Lembrava dos piratas e suspeitava que as imagens daquele dia sempre estariam nítidas em sua mente como o dia em que compreendera a força destrutiva que o seu almaki de fogo possuía.

Uma ideia lampejou em suas lembranças, e ela se aproximou do prisioneiro sem ser impedida pelos outros. Com certo receio que não queria demonstrar, tentou afastar a massa compacta que eram os cabelos compridos do

homem em volta do pescoço, e paralisou.

— O que foi? – perguntou seu pai apreensivo ao ver a cor sumir do rosto da filha.

— Lembro dele. Bohor, que me sequestrou em Godan e me levou para o Vale das Pedras! – Mostrou para eles uma marca disforme que ele tinha no pescoço, que mesmo meio escondida entre a sujeira, era visível como uma grande cicatriz de aparência amarrotada. – Fiz isso nele em um ataque com fogo almaki!

***

Mesmo a contra gosto, Vinshu tratou do prisioneiro e chegou à conclusões: ele estava esgotado, há muitos dias sem comer e desidratado, com hematomas, feridas e sinais de ter tido uma febre muito forte. Além dessa parte vital, confirmou o que Benar havia dito: existia algo estranho, indecifrável para ele.

— É como... se faltasse algum pedaço.

— O almaki. – disse Garo-lin.

— Impossível – ele rebateu.

— Este é o almakin de natureza que nos atacou no Vale das Pedras e agora ele aparece aqui, sem um pingo de almaki! – ela disse com firmeza, não deixando margem alguma de dúvida. – Foi ele que me levou da minha vila! Foi ele que fez aquelas raízes me sufocarem! Não tem como confundir alguém que quis me matar!

Vinshu a encarou de uma forma fria e se voltou para o homem desacordado a sua frente, resmungando:

— Não estou dizendo que você está errada.

Como se aquelas palavras tivessem o poder para tanto, Garo-lin deixou os braços penderem ao lado do corpo, e soltou todo o ar dos pulmões. Sabia reconhecer que estava agindo de uma forma grosseira com quem não merecia, mas ultimamente não conseguia evitar essa reação até que fosse tarde demais.

— Garo. – Nu’lian colocou uma mão no ombro dela, dando a entender

que estava preocupado.

— Precisamos nos reunir – ela declarou, ao invés de pedir desculpas como intencionara fazer. – Preciso falar com todos vocês. Vamos nos reunir daqui a uma hora na Toca dos Dragões.

***

Para o alívio dos Dragões, que traziam os grupos de resgatados das vilas ameaçadas, os vilashis de Godan assumiam todas as tarefas para com eles a partir do momento em que entravam no esconderijo. E, era surpreendente, perceber a capacidade de adaptação daquele povo. No começo, talvez por terem experiência com situações que os obrigavam a ficarem isolados durante um tempo, aceitavam o fato de não poderem sair. E, diante das notícias que eram trazidas de fora, como a destruição total da última vila, compreendiam perfeitamente que ficar ali era a única opção segura. Ainda trabalhavam para tornar o lugar não apenas um esconderijo.

Sem ter a capacidade e o conhecimento da Dragão de Metal quando o assunto era construção, o máximo que Garo-lin poderia dizer sobre o esconderijo é que ele tinha pelo menos dez vezes mais a área da vila Godan. No começo era um pouco difícil de se locomover lá dentro e ter certeza do lugar em que se estava indo, mas depois de se entender o padrão ficava mais fácil. Não havia indicações, marcações ou qualquer coisa que pudesse orientar, tudo para dificultar a passagem de invasores e dar tempo para uma fuga. Com vários níveis de corredores, atalhos e rampas de acesso, ficar confuso era o mínimo para os novatos que chegavam das outras vilas.

Além de cada família poder ter um espaço próprio onde dormiam, havia um grande espaço comunitário para as refeições; outro espaço onde estava a represa d’água em um tanque de dois níveis – um para consumo e outro para uso, – que também era um ponto de encontro das mães e moças vilashis nos afazeres domésticos. Havia também lugares individuais para os Dragões. Kinaito e Garo-lin receberam um pequeno espaço onde pudessem trabalhar nas pesquisas com todos os seus materiais. Por esses dois lugares estarem abarrotados de

coisas, o ponto escolhido para que as reuniões fossem feitas entre eles era o que eles nomearam, de brincadeira, como a Toca dos Dragões, representando o antigo espaço que possuíam no Instituto. Era algo essencial que Vinshu dissera que precisariam, quando estavam decidindo a construção do esconderijo: um lugar para discutirem, sem precisar envolver todos os vilashis no processo – já que era de pensamento comum para eles que os assuntos deveriam ser debatidos em um tablado central entre todos. Garo-lin concordava que os vilashis não estavam preparados para acompanhá-los nessas discussões, e que as reuniões comuns seriam tempo perdido em explicações desnecessárias para a situação.

E era na Toca dos Dragões, onde eles se reuniam agora, aguardando os que ainda estavam a caminho.

— Desculpe a demora – pediu Garo-nan, chegando apressado e ofegante, seguido por uma So-ren que, mesmo acompanhando o passo dele, se apresentava teimosamente composta.

Quando os dois se sentaram nos lugares vagos em volta da mesa, Garo-lin começou:

— Nesses últimos dias foi difícil nos reunirmos e surgiram vários problemas, mas sei que cada um tem uma coisa para dizer. Vamos começar pelas coisas boas?

Com um aceno afirmativo de todos, ela fez um gesto para Sumerin ao seu lado, que contou com um tom satisfeito:

— Finalmente está tudo pronto aqui embaixo. Os alçapões de fuga só são visíveis para quem sabe como identificá-los. Se precisarmos sair todos e existir uma situação de risco, os vilashis podem descer para os corredores mais fundos e irem para o outro lado dos morros, onde construí um espaço de pedras que eles revestiram com os fragmentos daquelas Pedras Escuras da Vila Godan. Se eles vierem com algum almakin de vento, não vão conseguir localizá-los lá e So-ren terá tempo suficiente para nos contatar pela esfera, sem precisar se preocupar com a segurança deles.

— É bom saber disso. – A senhora fungou, demonstrando que ainda não

se sentia confortável pelo fato de ser a única almakin ali que servia apenas para pastorear um bando de vilashis.

— Obrigada pela sua ajuda, So-ren – Garo-nan agradeceu, conseguindo com isso mais uma vez desconcertar o aborrecimento natural da senhora.

Inegavelmente uma Dul'Maojin, a velha almakin não conseguia manter a sua pose superior quando via sua ajuda reconhecida de uma forma que nunca fora antes na Sociedade Almaki. Mesmo não admitindo, o pouco tempo entre os vilashis superava de longe os anos de trabalho dedicado à Família de Fogo, e a deixando-a mais próxima da sua descendência negada.

— A outra notícia boa. – Garo-lin indicou Garo-nan, que desfez o ar simpático de antes para voltar a ser sério.

— A menina que sobreviveu à destruição da vila está bem e sendo cuidada pela minha mãe – ele disse. – Ela está assustada e não fala nada no momento, mas já responde algumas coisas com acenos de cabeça. Acho que logo ela vai poder nos contar o que aconteceu.

— A vila destruída é uma das más notícias. – Garo-lin suspirou. – Pode haver uma armadilha. Mesmo que Benar e Nu'lian continuem nos ajudando a investigar se há algum informante do Governo entre os vilashis resgatados, a destruição com almaki de fogo é sinal que já não são somente piratas e almakins de baixo nível que estão no Vale Interior. – Ela lançou um olhar firme para Garo-nan ao dizer isso, tentando abafar o seu próprio protesto de vilashi. – Mesmo que ainda existam vilas sofrendo com os piratas, não podemos mais nos arriscar. A prioridade agora é manter esse esconderijo seguro por tanto tempo quanto for possível... Benar, pode contar para todos o que você descobriu?

— Encontrei a Artesã de Potes, mas creio que ela prefira morrer congelada nas montanhas a vir nos ajudar. Ela me entregou um dos seus potes. – Colocou-o em cima da mesa.

Não havia nada de incomum nele além do formato quadrado, pouco usado em objetos daquele tipo. Tinha um desenho bonito de uma árvore em relevo, que ocupava três das suas quatro partes. Mas, o desenho importante,

estava na tampa: o símbolo que representava o antigo almaki de pedra.

Era justamente aí que estava a questão: almaki de pedra?

Garo-lin nunca tinha lido nada sobre aquilo durante seu tempo no Instituto, nenhuma explicação dos mestres a não ser que a designação metal abrangia todas as potencialidades desse almaki, ao contrário do *pedra*. Foi ao folhear seu antigo livro de História, que ela trouxe de Rotas, que se deparou com o dilema. Não fora uma formalidade, uma simples troca de nomes. Havia toda uma Família por trás do almaki de pedra, e provavelmente um Segredo.

Ao questionar Sumerin sobre o assunto, ela foi sincera ao contar que os Gran'otto se tornaram uma Grande Família de Almakia à época do seu avô. Que o que ela aprendera foi que eles alcançaram o posto de maiores representantes desse almaki devido às suas habilidades e feitos, mas não sabia como todo o processo ocorrera de fato e se havia uma antiga Família envolvida. So-ren contou que era pequena na época e que não lhe era permitido saber muita coisa, mas que se conseguisse lembrar de qualquer informação sobre o assunto, a avisaria.

Essa era uma das coisas que Kandara estava procurando, que ela teve o cuidado de não deixar aparente, mas sim em pequenas pistas em suas anotações. A Artesã de Potes aparecia nas anotações como *uma exímia manejadora de almaki de pedra que vive no norte, e era capaz de juntar todas as partes do que fora despedaçado*. Isso podia apenas parecer uma informação qualquer, anotada sem propósito. A compreensão que Garo-lin tivera ao ler esse trecho só veio pela sua estranheza no fato da herdeira usar pedra ao invés de metal para se referir ao almaki em questão. Logo depois, revisando tudo que já vira em busca de mais coisas que apontassem essa mesma informação, ela encontrou um rabisco mal feito que lembrava vagamente as montanhas do norte, com vários *x* assinalados. Depois que Benar confirmou que aquilo podia ser um mapa feito daquele jeito para que não fosse reconhecido como tal, havia evidências suficientes para que a Artesã de Potes se tornasse alguém que deveria ser encontrada.

O fato de ela juntar todas as partes do que fora despedaçado podia ser o

que faltava para Kandara completar o que planejava.

Como aquela região era território conhecido de Benar, e por ter criado contatos confiáveis entre as pessoas que não gostavam do seu pai antes de ter seu título revogado, ele era o mais indicado a embarcar nessa missão.

Contudo, foi um risco muito grande. Ver aquele pote assim que o Dragão de Vento voltou e ouvir o seu relato sobre a Artesã não lhe trouxe nada de novo ou revelador. E essa era a má notícia.

— O almakin de vento que me guiou até o pote disse que havia outro pote como esse, e que a pessoa que o levou não cumpriu o que tinha prometido. Mas, tanto ele quanto a Artesã não revelaram mais nada. Deixaram bem claro que não vão ajudar mais do que isso, porque não acreditam que possamos fazer alguma coisa a respeito – concluiu o Dragão.

— A única coisa que conseguimos foi uma confirmação de que o almaki de pedra realmente existiu e que algo foi feito contra ele – contou Garo-lin desanimada. – Infelizmente, não há mais nada que faça sentido...

— Eu posso tentar ver alguma coisa – sugeriu Nu’lian, como se estivesse dizendo que ele podia sair e buscar bolinhos para todos.

Os Dragões se mexeram involuntariamente e encararam Garo-lin.

— Não – ela foi categórica – Sabe que não concordamos com isso.

Ele anuiu. O preço que o Dragão de Água pagava para poder ajudar com o seu Segredo, de todos os pontos de vista, era injusto, mesmo que parecesse não haver solução. E se essa fosse a única opção, Garo-lin preferia esgotar todas as suas forças relendo letra por letra das anotações de Kandara do que encurtar a vida do amigo.

— Eu já vi um pote assim uma vez – disse So-ren, como se fosse apenas um comentário que ela achara oportuno dizer, chamado a atenção de todos.

A expressão dela era de concentração e dúvida, tentando puxar uma lembrança e essa se escondia entre tantas outras parecidas. Com um tom arrastado que acompanhava seus pensamentos ela continuou:

— Foi em uma viagem... E estava quebrado... O menino Krission jogou

no chão... Ele estava bravo por alguma coisa... Ah! Sim, foi isso! – e agora mais certa de tudo, com as lembranças tomando as cores e formas exatas, a expectativa dos outros aumentou. – Kronar precisava viajar e a nossa Kandara insistiu muito para ir junto. Ela queria sair do Instituto e ficar um tempo com o irmão, e uma viagem para outro Domínio seria perfeito. Então ficou decidido que, enquanto a Senhora da Capital do Fogo trataria dos negócios, nós passearíamos pela capital de Sutoor. Era uma cidade muito movimentada e não demorou para que Kandara e Krission fugissem de mim. Quando os encontrei, eles estavam em uma loja, dessas que vendem de tudo, e ele tinha quebrado um pote como esse. A dona da loja estava assustada, talvez por saber quem eles eram, e eu disse que pagaria pelo estrago. Nos fundos da loja também estava um rapaz e um senhor cego. Esse senhor disse que o descuido foi dele e que não era culpa do menino. Kandara confirmou isso, mas ela estava um tanto estranha naquele dia. Depois nós saímos e logo esquecemos sobre o assunto... Mas eu me lembro de que o pote tinha esse símbolo que você diz que é do almaki de pedra, na tampa, foi a única parte que não estava totalmente destruída e que peguei nas mãos.

Informações voaram a toda velocidade pela mente de Garo-lin e ela as forçou a parar, fazendo uma única pergunta:

— A capital de Sutoor é-

— Lotus – ela disse de pronto – Nada atrativa, devem saber, cores e barulhos para todos os lados.

Mas Garo-lin não prestava mais atenção na senhora. Ela folheava freneticamente o caderno de Kandara até encontrar o que procurava:

Meu Brilho não admite perder, e diz que um dia estará acima de tudo por mim. Lotus não seria um lugar para voltar sem Aruk.

Esse pequeno trecho, que não parecia ter importância alguma e apenas ser algo engraçado que a herdeira falara, agora assumia outro sentido.

— Acho que temos uma pista sobre o primeiro pote e sobre quem viajou com a Kandara! – ela exclamou, se levantando e batendo as mãos na mesa.

Capítulo 06 - Um Rajin para Kidari

A primeira cidade que encontraram não foi um vilarejo, como Kidari esperava que fosse, mas sim, um povoado isolado onde a mata começava a ficar mais aberta. Felizmente não era um lugar de almakins, mas do povo simples de Almakia, regidos pelo Governo Real. Portanto, haveria uma chance de poderem passar por lá sem serem detidos.

Preocupada em como pareceria aos olhos daqueles habitantes quando Ribaru e ela simplesmente aparecessem no meio da noite, vindos de lugar nenhum, cansados, sujos e desesperados para comer alguma coisa, Kidari não percebeu, no primeiro momento, que havia uma movimentação desarmônica com o contexto rústico do local.

Luzes coloridas apareciam e desapareciam, sombras dançantes estavam projetadas por todos os lados. Pessoas andavam, corriam, batiam palmas e gritavam, cantando e rindo. Por um momento, ela lembrou da noite em que passara festejando com os vilashis de Godan.

Quando o impacto da primeira visão passou, o que a impressionou mais foi a música. Constante, com sons fortes e leves, de uma maneira que ela nunca escutara igual antes.

— O que é aquilo? – perguntou Ribaru em um sussurro, indicando pessoas com vestes estranhas, usando máscaras e fazendo gestos extravagantes, que circulavam pelo povo pulando e movimentando fitas coloridas.

Mas ninguém estava ao seu lado para responder.

Surpreso, ele olhou em volta e avistou a princesa, andando aos tropeços pelas sombras.

— O qu-*Eeeeeh?!* – E, no seu desespero de não saber o que fazer, foi atrás dela, chamando de forma urgente e contida – Princesa! O que está

fazendo?!

***

— Por que estamos aqui? – Sunak perguntou para o irmão sem desfazer o largo sorriso, que deveria permanecer sempre no rosto por causa da sua meia máscara, e sem perder o ritmo do instrumento de cordas que tocava.

— Não faço a mínima ideia. – Toris, que tocava um conjunto de tambores, respondeu da mesma forma. – Continue ou ele pode-

— Sem conversa!

A ordem foi apenas sussurrada, mas foi obedecida imediatamente pelos dois músicos, que voltaram toda sua concentração em maravilhar a plateia com o som que faziam. Ao mesmo tempo, aquele que havia ordenado os acompanhou, com um pífano, iniciando uma série de notas mais estridentes. Embora as notas não combinassem com o restante da música, as pessoas não se importavam, porque pelos buracos — que ele não tapava com os dedos — saía uma cor de luz que mudava as sombras do cenário, criando desenhos e deixando a todos encantados. Ele usava roupas pretas parcialmente cobertas com fitas coloridas, como todos os outros que formavam a atração, com uma meia máscara branca de onde um emaranhado de fitas verdes formavam o que se assemelhava a uma juba em volta da sua cabeça.

Um murmúrio incomodado começou entre os que formaram um círculo para assistir a apresentação no meio da praça. Aos poucos, as pessoas se mexiam dos seus lugares, como se estivessem sendo empurradas, e olhavam para algo zangadas. Em alguns instantes, o motivo conseguiu se espremer para fora e caiu de joelhos na frente do músico com a máscara, que parou de tocar.

O cabelo verde logo foi identificado como algo real. No lugar do murmúrio começou um alvoroço de pessoas apontando e exclamando coisas umas por cima das outras:

— Piratas!

— Estrangeiro!

— Peguem!

— Levem para a Guarda!

Então houve um clarão intenso e as pessoas paralisaram, como se tivessem perdido todo e qualquer propósito, com os olhares focados para o nada.

A invasora, ainda caída no chão, olhou para cima, como se só agora percebesse onde estava, e então se deparou com o músico a encarando. Imediatamente seus olhos se arregalaram de pavor e o grito foi tão estridente quanto uma das notas do instrumento de luz.

***

Foi tudo muito rápido. Em um instante Ribaru estava tentando abrir caminho entre as pessoas que se acotovelavam ao redor do lugar de onde vinha a música, e de repente essas pessoas estranhamente deixaram de impedi-lo. Então, o grito de Kidari o fez correr sem se importar se estava empurrando e machucando alguém, e ele parou na frente dela pronto para defendê-la, como já tinha feito tantas outras vezes por Denden. Mesmo sabendo que não conseguiria proteger nem a si mesmo, caso alguém os atacasse, já que seus instintos adquiridos sendo ladrão agiam muito antes do que os de precaução.

— O que você fez?! – ele perguntou, tentando ao máximo soar ameaçador, enquanto erguia os punhos, em um sinal claro de que a estava pronto para atacar se necessário.

— Diwari! – disse Kidari, cobrindo as orelhas com as mãos, encolhida no chão.

— O que quer?! – Ribaru insistiu para o estranho a sua frente, que apenas o olhava.

Pelo canto dos olhos, mesmo com a iluminação inconstante que vinha de tochas espalhadas pelas paredes das casas da vila e de tonéis pelas ruas, ele pôde ver o estado das pessoas, como se elas estivessem vazias e apenas algo invisível os mantivesse de pé. Os únicos que não pareciam sofrer daquele efeito eram os que usavam as roupas de fitas coloridas e máscaras.

Então o estranho a sua frente falou, na língua de Almakia, e ele não encontrou sentido em nenhum daqueles sons.

Atrás dele, Kidari se movimentou, e também falou algo incompreensivo, com um tom de pergunta.

Como se para confirmar o que dissera, o estranho tirou a máscara e revelou o rosto.

Mesmo já tendo visto almakins e pessoas de outros povos que não se pareciam com kodorins, Ribaru não conseguia conter a surpresa e curiosidade quando via alguém que se assemelhava com ele. Entretanto, o estranho não tinha olhos amarelos, mas de um cinza muito claro, muito próximo do branco. E foi quando ele entendeu o que havia assustado Kidari. Talvez pelo seu estado esgotado, e pelo ar quente e agitado em volta, ela pensou que o estranho era o seu irmão. Ainda que não fosse, não significava que ele tinha que baixar a guarda, já que toda aquela situação lhe parecia perigosa.

— Ribaru. – Kidari puxou a manga da sua camisa – Você viu o relâmpago?

— Relâmpago? – ele perguntou confuso, tentando entender do que ela estava falando.

— Eu prefiro chamar de brilho.

Demorou alguns segundos para Ribaru perceber que o que o estranho pronunciara tinha sentido.

— Você fala a língua de Kodo. – O que era para ser uma pergunta saiu mais como uma afirmação.

— Sunak! Toris! – Ele chamou e falou algo incompreensível, que pareciam ser ordens.

Prontamente as pessoas das fitas coloridas começaram a se movimentar, recolhendo os materiais que usavam e ainda surrupiando comidas que estavam à venda em tendas, agora desprotegidas pelos seus donos.

— *Kidari Dema*, você vem conosco.

— O quê? – Ribaru olhou para a princesa ainda no chão, que no momento não parecia estar apta a tomar uma decisão. – Não! Ela não te conhece! Não pode!

— Você também, perdido.

— Eu nã... **O que fez?!**

Os braços e pernas de Ribaru pareceram perder totalmente a capacidade de se movimentar. Por mais que ele tentasse, era como se não agissem mais ao seu comando.

— Não temos tempo – informou o estranho, ajudando a princesa a ficar de pé e colocando nela sua máscara de fitas verdes. – O efeito nas pessoas vai passar e vocês serão presos! Temos que fugir antes que eles avisem a Guarda! – Arrancou a máscara de um dos músicos e colocou nele também. – Acha que as pessoas não vão entender que os ajudamos a fugir e nos denunciar? Vamos!

E suas pernas começaram a correr seguindo o estranho, com Kidari ao seu encalço parecendo estar no mesmo estado.

***

— Eu sabia! Não falei?! Não falei que parar naquele lugarzinho poderia ser bom?!

— Sim falou, Aruk. – respondeu com pouca vontade Sunak, que sem a máscara, se revelara uma mulher de cabelo loiro e curto. – Por isso paramos.

— E ela veio! Exatamente como eu previ que aconteceria.

— Você não falou nada disso – discordou Toris, que era incrivelmente idêntico à mulher loira.

— E agora você está aqui! – o tal Aruk falou diretamente com ela, e Kidari se encolheu, não sabendo o que fazer.

Sem chance alguma de escolher, Kidari e Ribaru estavam dentro de uma carroça coberta por uma armação de lona colorida, sacolejando junto com as pessoas de roupas estranhas e máscaras – que, naquela altura, já haviam se desfeito delas e se recostavam em qualquer canto que houvesse apoio para dormirem.

Ribaru, ao seu lado, arrancava com vontade grandes pedaços de carne de um osso e comia sem tirar o olhar desconfiado das pessoas em volta, perdendo para a fome e não deixando de estar alerta. Ela mesma não resistira e comera um

pouco, sabendo que seria bom caso precisasse usar almaki para se defender. Porém, até aquele momento, as pessoas não fizeram nada de mal com eles, e a única ameaça era ela ser acertada pelos movimentos exagerados daquele que se vangloriava por tê-la encontrado.

Esse, a quem os outros chamavam de Aruk, tinha o que ela conseguira classificar como os olhos mais profundos que já vira. Era muito simples ficar olhando para eles e se perder, principalmente pelo estranho efeito do que pareciam ser manchas naturais – quase negras em contraste com a pele mais clara – que faziam com que esses mesmos olhos parecessem flutuar dentro de círculos escuros. Os irmãos loiros também tinham aquelas manchas, mas por terem olhos escuros não provocavam o mesmo efeito. Já os olhos daquele estranho também tinham um brilho que lhe era familiar, e o susto por tê-lo confundido com Diwari ainda parecia ter algum efeito nela. Fora essas características, que se destacavam do todo, ele se parecia muito com os almakins que vira no Instituto. Tinha os cabelos pretos, iguais aos de Ribaru, e talvez já tivessem sido tão embaraçados quanto, mas que agora tinham sido cortados bem curtos embaixo, e somente em cima da cabeça se avolumavam e caíam para os lados. Por um momento, ele a fez lembrar de pessoas bem compostas, como Vinshu e Krission. Mas, ao mesmo tempo era alguém totalmente diferente dos Dragões.

— O que eles estão dizendo? – o ladrão perguntou baixinho, sem tirar o olhar de cada movimento deles e a fazendo sair de seus pensamentos para prestar atenção no que diziam.

— Ele está feliz por minha causa – contou. – Mas não entendi direito ainda. Ele fala de um modo estranho com os outros.

— Para mim não tem sentido algum. – Ribaru bufou, se sentindo inútil.

— Desculpe se falo estranho, princesa – o referido pediu, mostrando que compreendera o que os dois cochichavam. – Sei a língua de Kodo, mas aprendi tanto ela quanto a língua de Almakia muito tarde para evitar um sotaque estranho aos seus ouvidos.

— O que querem?! – Ribaru cuspiu a pergunta, aproveitando que o estranho falara de um modo compreensível.

— Não precisa ser agressivo, perdido. Estamos do lado de vocês.

— Do nosso lado? – Ele riu. – Não posso confiar em alguém que só diz que está do nosso lado! Prove!

— Você é um almakin? – perguntou Kidari, parecendo que finalmente começava a desfiar o que esteve formulando nos pensamentos.

— Sou e não sou – ele contou espontaneamente, como se não tivesse problema algum responder. – Tenho um almaki, mas não sou de Almakia.

A revelação, dita de forma direta e não parecendo ser mentira, fez com que Kidari aliviasse um pouco o seu modo defesa. Aquilo era um fato em comum entre eles.

— Somos de onde aqui chamam de Domínio do Sudeste, de Sutoor. Vou levá-la para Lotus.

Mesmo que os nomes não fossem claros para ela, uma coisa entendera muito bem, e imediatamente tomou uma posição:

— Não! Eu tenho que ir para o Vale Interior!

O nome do lugar, dito da forma que era conhecido em Almakia, fez com que todos os outros se voltassem para ela. Mesmo os que pareciam estar dormindo, abriram um pouco os olhos para ver o que estava acontecendo.

— É mais seguro irmos para Lotus, princesa – disse Aruk, com um tom sério. – O Vale Interior é perigoso agora.

— Mas... Mas eu preciso encontrar Garo-lin! Eu preciso alertar os Dragões!

— Dragões? – um coro soou das pessoas em volta.

Todas se voltaram para Aruk e começaram a protestar:

— Não disse nada sobre Dragões, Aruk!

— Não podemos nos arriscar assim!

— Não estamos aqui para interferir nos assuntos de Almakia!

— Eu sei! Eu sei! – Ele fez um gesto com as mãos, pedindo paciência. –

Não se preocupem, vou conversar com ela... – e então voltou a dizer na língua de Kodo. – Você tem que ir para lá comigo, princesa. Foi para encontrá-la que eu vim para Almakia.

Kidari o encarou por um tempo, tentando compreender.

— Como iria me encontrar? Fui embora do Domínio.

— Eu sabia que iria voltar. – Ele tirou o pífano de um bolso do seu casaco, e o girou nos dedos. – E você sabia como chegar até mim.

— Não, eu não sabia.

— Então, como chegou?

Ela abriu a boca para dar uma resposta, mas não encontrou nenhuma. Ribaru, ao seu lado, tossiu, se engasgando com um pedaço de carne e bateu no peito, procurando não perder nenhum momento de conversa compreensível.

— Viu. Eu sabia – ele disse, e soprou suavemente o pífano, que emitiu as pequenas luzes pelos buracos destapados. – Já algum tempo estou tocando com a sua ressonância.

Ribaru parou de mastigar ao ouvir aquela palavra, e prestou atenção, tentando encontrar o significado dela.

— Você sabe o que é ressonância?

— E sei que você atende a ela sem perceber, princesa – ele acrescentou. – Não é mais ou menos dessa forma que o seu guardião a protege e a denuncia?

Ela se mostrou surpresa. Aquilo parecia fazer um sentido espantoso para ela, que então murmurou sem acreditar:

— Nã-não pode ser.

— O quê? – Ribaru perguntou de forma urgente, ao perceber o estado chocado dela.

— Ele é... ele *pode ser*... como um Rajin.

Ribaru engoliu o que tinha na boca, e olhou com igual espanto para ele.

— É prova suficiente para conseguir sua confiança, perdido?

***

O Dragão de Raio observava, de longe, a menina vilashi resgatada, ainda

com braços, pernas e rosto enfaixados para o tratamento das queimaduras. Apesar de o seu almaki de cura resolver o problema da dor, a pele precisava de tempo para se recuperar, algo que não era recomendado impor através de almaki. E, mesmo com a recuperação, as deformidades causadas pela alta temperatura ficariam.

Assim como haviam constatado desde o início, ela não falava. Seus gestos eram contidos e desconfiados. Porém, ninguém conseguia ficar completamente parado, tendo o irmão mais novo de Garo-lin correndo a sua volta e falando sem parar. Mio-lin parecia imensamente feliz por encontrar alguém que só o escutava, e desfiava um assunto atrás do outro para a menina. Os dois estavam mais afastados das outras crianças, que brincavam enquanto as mães preparavam as refeições perto do tanque.

A área com os tanques era um dos lugares que Vinshu menos visitara no tempo em que ficava no esconderijo, e o movimento o surpreendera. No começo, os vilashis de Godan eram menos de duzentos, e tinha espaço de sobra ali embaixo. Porém, com o resgate de oito vilas do Vale Interior, o número já devia estar muito próximo a dois mil. Ainda, as vilas maiores, as que estavam depois do rio Yue, no Vale Interior Alto, ficaram fora dos planos de resgate depois do ataque. Avançar nesse plano, por mais que fosse o que ele queria, poderia colocar em risco tudo o que já haviam feito até agora. Então, ter a garantia de pelo menos proteger as vilas menores, de poucos recursos – como as de Garo-lin –, já era um êxito diante de todas as questões desfavoráveis que estavam contra eles, como o fato de serem muito poucos e estarem isolados.

Já os vilashis, se empenhavam em tentar levar a vida normalmente, na medida do possível, concentrados naquela área dos tanques como se fosse o centro da antiga vila, cada um em uma função. Havia velhos com pedaços de madeiras construindo móveis rústicos – ou algo que fosse ao menos parecido e aproveitável como. As mulheres se dividiam entre fazer as refeições, para atender a todos, e lavarem roupas. Os homens, que não desempenhavam a função de sentinelas, cuidavam daquele novo sistema de hortas que criaram ali:

pés de tomates, batatas e outros cultivos em potes, que eram levados revezadamente para as escotilhas com sol durante o dia. Dessa forma, tinham uma maneira de ter mais alimentos. As sementes foram algo que Benar conseguira em sua visita com Kinaito a Rotas, depois de Sumerin ter terminado o esconderijo.

As crianças maiores ajudavam no que podiam, enquanto as menores, que não tinham aulas com as irmãs Colinpis, procuravam brincar sem fazer algazarra. Aliás, fazer tudo de forma silenciosa era uma regra adotada e seguida fielmente por eles.

Esse comportamento fazia Vinshu pensar e entender um pouco mais sobre Garo-lin e os seus em geral. De alguma forma, compreendeu como ela conseguira sobreviver tantos anos dentro do Instituto: *respirar fundo e continuar mesmo que tudo estivesse desabando* — parecia ser um lema daquele povo simples. Entretanto, admitir que vilashis eram admiráveis, em sua essência, ainda estava muito longe dos seus pensamentos de um alto representante da Sociedade Almaki.

Outro fato que não escapou de seus olhos atentos, era que havia semelhanças e diferenças entre as vilas. Precisaria observar e estudar muito bem para estar apto a dizer de que região do Vale Interior cada um deles vinha. Porém, o que antes era um conjunto de características padrões ia ganhando detalhes. Não sabia dizer quando passara a reconhecer os tantos irmãos de Garo-lin, ou quando os vilashis liderados por Garo-nan se tornaram distinguíveis. Poder falar com eles como pessoas, e não como *um vilashi*, o fazia se sentir satisfeito consigo mesmo. Talvez isso viesse da época em que ainda imaginava como seria trabalhar no hospital da sua família, conhecendo as pessoas pelos nomes e sabendo exatamente os seus problemas e como tratá-los.

Pensando em tudo isso, escorado no umbral da entrada daquele espaço, demorou um pouco para perceber algo estranho e totalmente fora do comum: sua esfera estava se agitando. Emergindo de seus pensamentos, ele pegou a bola de vidro no bolso e o que viu foi um emaranhado de riscos de luz disformes, que

lutavam para assumir uma forma.

Rapidamente descartou todas as opções de contato que tinha. Benar aparecia de um redemoinho de vento, Nu'lian era com água, Sumerin brotava de um monte de areia e Garo-lin surgia de chamas. Aquilo era inconfundivelmente almaki de raio, e a única pessoa, que ele conhecida, que poderia saber da esfera er-

— Kidari! – ele gritou esganiçado quando a miniatura de quem o chamava apareceu.

Sem se importar com os vilashis que olharam para ele curiosos, o Dragão saiu em direção ao corredor, não sabendo certo ao que fazer.

— Vinshuuuu! – a vozinha praticamente chorou.

Era a Princesa de Kodo, não havia dúvidas. Apesar de ela estar com uma aparência diferente, não tinha como não reconhecer aqueles grandes olhos verdes e o sorriso largo.

— Onde você está?! Como conseguiu uma esfera?! O que aconteceu?!

— Estou em Almakia! – ela exclamou com o tom de conquista que usava quando era sua aprendiz, ao responder de forma certa uma pergunta que ele fazia.

— Como assim está em Almakia? Onde?

— Não sei direito, mas estamos indo-

— Estamos? Quem está com você? É o Kris?

O sorriso desapareceu, e ele pôde notar que não eram somente os cabelos pretos que a deixavam diferente. As grandes bochechas quase desapareceram, e os olhos estavam mais fundos no rosto redondo dela. Era evidente que não estava passando por bons momentos.

— Onde está? Vou até você!

— Não! Temos um plano! Nós vamos! Onde *Vinshu* está?

— O que foi? – Benar o parou no corredor, e só então o Dragão percebeu que estava andando sem um lugar certo para ir.

— Estamos com os vilashis! – ele respondeu de forma rápida, sem pensar

direito.

— Vale Interior?

— Não. É perigoso!

— Onde?

— No vilarejo dos moinhos, Vintas! – disse Benar, o ajudando, já parecendo entender o que estava acontecendo.

— Vintas, fora do caminho de Rotas, na represa no final da Floresta Ancestral, e o começo das montanhas que separam o Vale Interior! Em quanto tempo pode chegar?

Ela falou com alguém ao seu lado, na língua de Kodo, e então para eles:

— Não estamos longe. Cinco dias!

— Cinco dias – ele repetiu.

— Bom ver Vinshu! – Ela abriu mais uma vez o sorriso, e a sombra de antes quase desapareceu. – Garo-lin bem?

— Sim, ela... Está tudo bem.

O contato começou a falhar e a miniatura de Kidari a piscar, e desaparecer gradualmente enquanto ela se apressava em falar:

— Avisa Garo-lin que Kidari vai chegar! Kidari vai chegar antes! – ela disse em tom urgente.

— Antes do quê?

Mas era tarde demais, a bolinha ficou transparente.

Então o Dragão de Raio olhou, abobado, para o amigo e tudo o que conseguiu dizer foi:

— Ela está em Almakia.

— Temos que avisar os outros! – Benar tomou a frente, já que sabia que o amigo demoraria um pouco para processar o que acontecera e poder repassar tudo o que ouvira.

Capítulo 07 - Almaki segundo Aruk

Rajins eram um símbolo milenar de Kodo, ligados à realeza. Vários pretendentes ao posto eram treinados durante anos na Ordem dos Rajins, para estarem aptos a exercerem a função, mas somente poucos eram escolhidos para fazer parte do alto escalão e assumir o posto real. O trabalho de um Rajin, principalmente, era proteger o regente de Kodo ou seus herdeiros, e os manter firmes em suas convicções de governar, os assessorando.

Quando o Rei Kodima assumiu o trono, depois da morte de seu pai, seu Rajin desapareceu no cumprimento de uma missão e nunca foi encontrado. Nessa época, fora cogitada a ideia inédita de se eleger um substituto. Apesar da insistência, o rei rejeitou, alegando que percebera que um Rajin não representava toda a ajuda que afirmavam representar: era apenas um acessório pomposo. Assim, a Ordem dos Rajins foi desfeita e ninguém mais foi treinado para o cargo. O príncipe Diwari se viu livre da obrigação de ter quem sempre o acompanhasse, e a Princesa Kidari nunca chegou a ter essa proteção.

Devido a sua situação especial, a Princesa Kidari recebeu um guardião diferente, ao qual chamou de Shion. Desde pequena ele esteve a seu lado protegendo-a de tudo e todos. Muitos comentavam que, se não fosse pelo gato de asas, a princesa não teria durado muito tempo, tamanha era a sua facilidade de provocar acidentes.

Apesar dessa exceção, a única registrada, encontrar um Rajin fora da própria Ordem era inimaginável, mesmo ela não existindo mais. Esse posto oficial só era alcançado depois de anos de treinamentos e demonstrações de habilidades. Ainda, encontrar um Rajin fora de Kodo era impossível, um absurdo.

Por isso, Ribaru, mesmo não sendo ele próprio um grande exemplo de

kodorin, se sentia na obrigação de deixar a princesa ciente da falta de compromisso dela diante da cultura antiga de Kodo.

— Tem almaki como um almakin e agora quer um Rajin estrangeiro – ele resmungava descrente. – Que tipo de Princesa de Kodo você é?

Mas a Kidari de cabelos pretos não ouvia os resmungos dele. Estava feliz como há tempo não ficava e, no momento, sentia que seria capaz de fazer qualquer coisa, e que o plano de Aruk transcorreria perfeitamente bem.

O disfarce entre os artistas errantes de Lotus funcionara até o momento em que a kodorin e o ladrão de olhos amarelos entraram no grupo. Passar em uma fiscalização da Guarda do Governo Real de Almakia seria impossível com eles. Mesmo que Aruk usasse seus truques de ilusão com almaki para esconder a verdadeira aparência deles – Kidari agora perdera o tom verde dos cabelos e o negro se sobressaía, e Ribaru também ganhara manchas escuras em volta do olho para disfarçar o amarelo brilhante –, essa ilusão poderia se desgastar ao ponto de não conseguirem sair do Domínio a tempo. E, com a insistência da Princesa de Kodo em ir para o Vale Interior, apesar de todos os motivos contrários apresentados, ele não teve outra escolha.

— Tudo bem – Aruk disse por fim, encolhendo os ombros em um sinal de rendição – O futuro pode ser um vidro cheio de manchas. Então, a melhor escolha é aquela que nosso almaki grita com todas as forças. Se você quer ir para o Vale Interior, princesa, nós vamos... Mas eu estou no comando, certo?

— *De*. – ela concordou imediatamente.

— E o Perdido?

Ribaru tentou lhe lançar o olhar mais mortal que conseguia fazer, para deixar bem claro que definitivamente não gostava dele, do seu jeito despreocupado e superior de ser, e do apelido que lhe dera.

— Vai junto. – declarou Kidari, como se fosse uma decisão simples e não tivesse reparado na irritação que emanava do ladrão.

O comboio dos artistas em que estavam, não poderia levá-los muito perto da região do Vale Interior por causa das fiscalizações do Governo Real em busca

dos vilashis fugitivos. Havia um único caminho que ligava Lotus à Capital Real de Almakia, e se eles desviassem disso seria muito suspeito.

Assim, os três mais os irmãos Toris e Sunak foram levados até perto da divisa da Região dos Vales, entre o lado Alto e Baixo. Desembarcaram o mais perto que poderiam chegar da região central de Almakia, e teriam que seguir o resto do caminho a pé, em direção ao oeste, enquanto o comboio seguia para o sul, de volta a Sutoor.

Segundo a informação que a princesa conseguira, quando iniciara a caminhada, tinham cinco dias para chegar a um lugar chamado Vintas, onde os próprios Dragões os encontrariam. Assim, evitando as estradas que levavam para Rotas e andando por atalhos, o melhor seria seguir em uma única direção até chegar aos limites da Floresta Ancestral.

Depois de andarem três dias por áreas desabitadas, divididas entre florestas de terrenos pedregosos e clareiras de mato alto, a paisagem finalmente começara a mudar. Estavam mais uma vez cercados por árvores, mas ali não havia a variada vegetação rasteira, que dificultava o caminho, e as pedras escorregadias que Kidari e Ribaru enfrentaram antes de encontrarem Aruk. Agora havia um tapete uniforme de folhas secas, tão finas quanto fios. As árvores eram grossas como as outras, mas tinham caules cascudos e eram muito altas, com vários galhos disformes. Estes, além das folhas finas em uma cor vermelha que ainda se agarravam com vida, eram repletas de folhas mortas nos galhos mais baixos. E o resultado dessa mistura era uma espessa cortina vermelha e seca.

— Chamam de árvore Maojin, que em alguma língua esquecida significa chama – contou Aruk, ao ver o deslumbramento dos estrangeiros com a paisagem. – Dizem que, antigamente, toda a região da Capital de Fogo era repleta delas. Uma pena que agora existam tão poucas... No final do dia, se olharmos contra o sol, parece que tudo está pegando fogo. É bonito, não?

Então, animada por ele ter iniciado uma conversa, Kidari se sentiu segura em fazer a pergunta que martelava seus pensamentos desde aquela manhã,

depois de ter falado com Vinshu.

— Como tem uma esfera?

— Tenho muitas coisas – ele respondeu de forma simples, mostrando também o seu pífano.

— Por que eles vão junto? – perguntou Ribaru desconfiado, olhando para os dois irmãos que os seguiam parecendo apenas pessoas que por coincidência tomaram o mesmo caminho. – Eles não são do grupo de artistas?

Eles, diferente de Aruk, não compreendiam outra língua que não fosse a deles ou um pouco da de Almakia. Não tendo como entendê-los para tentar criar laços de confiança, era difícil para Ribaru considerá-los como companheiros de viagem.

— Sunak e Toris estão comigo – contou Aruk, e a menção de seus nomes os irmãos olharam, atentos. – Eles têm a ordem expressa de me acompanhar, então não vamos poder nos livrar deles.

— E quem é você para ter capangas o seguindo? – inquiriu o ladrão – Alguém importante?

— *Nah*... – Ele fez um gesto amplo com a mão, batendo no ar, como se aquela hipótese fosse algo muito fora da realidade. – Sabe como funciona um poder almaki, perdido?

— Sim – mentiu com convicção.

— É como um acordo – explicou Aruk, com um sorriso satisfeito de quem sabia descobrir se alguém dizia a verdade. – Podemos usá-los, mas trocamos por nossas energias.

— Trocamos? – perguntou Kidari confusa. – Não usamos?

— Não, trocamos.

— Mas, no Instituto, os livros diziam que-

— Conhece o almakin que escreveu o livro, princesa?

Ela apenas o encarou com olhos surpresos, dizendo claramente qual era a resposta.

— Não confie tanto no que os outros dizem ser a verdade suprema – ele

continuou: – Ainda mais se forem verdades almakins.

— Mas... – ela tentou argumentar.

— Claro que podemos confiar em alguns poucos que são verdadeiros.

— Vinshu é verdadeiro – ela respondeu em um tom teimoso.

— *Hum...* – Deu os ombros.

— Ei, por que você tem capangas?! – Ribaru insistiu para que o assunto voltasse ao que ele era inicialmente.

— Nós trocamos nossas energias para podermos usar almaki – Aruk continuou, aproveitando o pífano para desfazer uma elaborada teia de aranha do seu caminho. – Não somente a energia elementar que mantêm o nosso corpo, da qual precisamos nos alimentar para repor. Mas um tipo de energia como essa sua, princesa, que acredita no seu Dragão, independente de qualquer outra coisa. Que faz com que você queira enfrentar o caminho até o Vale Interior mesmo sabendo que é perigoso, somente para levar informações.

— Não aprendi isso – ela comentou, com um tom de quem acreditava, mas que tinha dúvidas.

— Não é uma boa coisa que todos os almakins saibam – ele contou, como se não fosse novidade alguma. – Senão, teríamos filas e mais filas de almakins reivindicando um título de Dragão. Descendência não seria um fator importante nesse caso.

— Quem lhe ensinou isso? – ela perguntou.

— Alguém que eu gostaria de ver nesse momento, mas não posso – ele respondeu de forma vaga, sorrindo.

Os dois de Kodo ficaram quietos, Ribaru tentando compreender e Kidari com tantos questionamentos que não sabia qual falar primeiro.

— Sunak e Toris vieram comigo porque tenho um almaki raro e difícil de ser controlado, perdido. Se usá-lo, além do limite, posso chegar a um ponto irreversível. Resumidamente, eles foram treinados para me controlar caso eu perca o controle.

— Perder o controle? – murmurou Ribaru com uma careta, com várias

formas de *perder o controle* passando na sua mente.

Ele olhou para os irmãos e então contou em um sussurro:

— Nunca precisaram fazer isso ainda, mas desconfio que a técnica secreta seja bater forte na minha cabeça. – Então anunciou, parando de repente e fazendo com que todos os outros parassem atrás dele: – Acho que por hoje basta! Mais para frente começa uma região de campos abertos e é melhor esperamos escurecer para atravessá-los.

E então ele falou na língua de Almakia para os irmãos, que imediatamente tiraram suas mochilas dos ombros e começaram a se movimentar em volta, preparando algo.

— Fome também – disse a princesa, o que foi suficiente para que o ladrão entendesse.

***

— Kidari**aai!** – Garo-lin ficou de pé em um pulo e acabou derrubando uma das pilhas de livros, que caiu doloridamente em seu pé.

— Sim, pela esfera! – contou Vinshu, parecendo estar sob o efeito de algo que aguçara seus sentidos e pensamentos, que o obrigava a olhar para tudo e nada ao mesmo tempo.

— Como *pela esfera*? – ela perguntou, pulando em um só pé, enquanto segurava o outro com as mãos para verificar o tamanho do estrago que provocara.

— Não sei, ela não disse, mas temos que ir para Vintas! Eles vão para lá!

— Eles quem?

Dessa vez ele olhou para ela, e o seu estado de agitação esvaeceu.

— Não é o Kris.

Garo-lin soltou o pé, esquecida do machucado, e assumindo um tom sério:

— Não foi *isso* que perguntei!

— Se estivesse com ela, ele mesmo teria usado a esfera. – o Dragão começou a formular hipóteses, independente do que Garo-lin dissera. – Acho

que ela não sabe usar a esfera direito, não deu muito certo. E também ela falou na língua de Kodo e não acredito que ele tenha aprendido alguma coisa, já que nem mesmo aqui em Almakia conseguia falar direito. Sim, pode ser a esfera do Kris, mas ela não respondeu se ele estava junto ou não.

— Não perguntei sobre Krission Dul'Maojin!

O grito irritado fez com que o Dragão de Raio se calasse e encarasse a vilashi de olhos faiscantes na sua frente.

— Só me interessa a Kidari – ela sibilou.

Entendendo que não adiantaria tentar fazê-la pensar de outra maneira, ele guardou tudo o que poderia dizer que tivesse relação com o amigo.

— Benar chamou os outros, vamos nos reunir de novo – se limitou a dizer, e deu as costas para ela.

Não era bom provocar Garo-lin com aquele assunto que a incomodava de uma forma que ela não aceitava admitir. O que precisavam fazer no momento, era se concentrar em como iriam para Vintas e como ficaria o esconderijo durante esse tempo.

***

Ribaru se sentia aliviado de poder se sentar e descansar depois de andarem tanto. Pegou, em um misto de agradecimento e desconfiança, um pote com água que a mulher loira enchera para ele. Ela pareceu achar graça nessa reação dele e logo se afastou para servir Kidari. Foi quando ele percebeu que o cabelo dela voltara ao tom natural esverdeado, e então olhou para o seu próprio reflexo distorcido na água: as manchas escuras tinham ido embora.

Independente de ser um disfarce, ele não gostava da ideia de mudar de aparência. Por anos se apegara nisso, a única pista que tinha sobre de onde viera, e não podia se desfazer dela, como se fosse algo precioso demais para ser modificado de alguma maneira.

Logo a sua frente Toris, irritado, jogou as pedras que estava batendo já há algum tempo na pilha de gravetos que a irmã juntara, e reclamou. Ribaru podia não entender uma palavra do que ele dizia, mas justamente por isso, seus

sentidos de compreensão estavam todos voltados para os detalhes, e ali era fácil entender o que ele queria dizer. Então, vendo que a princesa apenas observava sentada no chão, abraçando os joelhos com as mãos e escondendo parcialmente o rosto como alguém que não desejasse ser vista, ele perguntou:

— Por que não acende o fogo, Caramujo?

Ao mesmo tempo em que a princesa pulou e se virou para ele com uma expressão assustada, Aruk observou atentamente a pequena discussão que se seguiu:

— Não!

— Por quê?

— Não posso!

— Mas já fez isso antes?

— *Não!*

Então Aruk se intrometeu:

— Manejou fogo, princesa?

A pergunta a fez fechar os punhos com força, como alguém que tivesse sido descoberta e tentava com todas as suas forças desaparecer no ar.

— Ela manejou? – dessa vez, a pergunta foi direcionada para Ribaru.

Sem entender o motivo da recusa dela em admitir, afirmou:

— Se *manejar* quer dizer fazer fogo, ela fez.

Porém, ele não pareceu zangado com isso ou de alguma forma teve uma atitude que indicasse que aquilo fosse ruim. Apenas olhou pensativo para o seu pífano – como se trocasse informações com ele – e então perguntou:

— Raio ou fogo, princesa?

Ela demorou para responder e parecia muito com uma criança que tinha sido flagrada fazendo algo que sabia que era muito errado:

— Fogo.

— Há muito tempo?

— Pouco – ela admitiu com um tom culpado, olhando fixamente para o chão.

— Só com fogo?

Ela balançou a cabeça de forma negativa, mostrando não ter coragem para admitir com palavras.

Vendo a reação deles nessa conversa, Ribaru perguntou:

— Isso é ruim?

— Não é ruim, *Kidari Dema* – Aruk disse em um tom tranquilizador.

Ela apenas continuou olhando para o chão fixamente.

— É isso que precisa contar para os Dragões?

— Uma parte – ela admitiu por fim.

Então ele avaliou a resposta, deu um suspiro e concluiu:

— Não posso fazê-la entender isso agora, princesa. Mas, veja, acender o fogo para que possamos comer não é uma coisa ruim, não? Ruim não é o poder em si, mas o que fazemos com ele.

Compreendendo, ela anuiu. Então, com um estalar de dedos, uma chama pulou nos gravetos, pequena e logo crescendo ao ponto de poderem a usar para cozinhar algo.

Toris e Sunak sorriram e bateram palmas, demonstrando que apreciaram a ajuda dela.

— Viu, foi algo bom. – Aruk sorriu.

Embora ela sorrisse, Ribaru podia perceber que aquele peso de culpa que a fazia se encolher momentos antes não havia desaparecido, e nem mesmo diminuído.

***

— Eu posso ver – sugeriu o Dragão de Água, quando o plano de Benar para se encontrarem com Kidari foi exposto.

— Não! – a resposta rápida veio dos outros Dragões e de Garo-lin.

— Não pode mais fazer isso, Nu’lian – disse Sumerin, com o tom de cuidado que só usava com ele. – É perigoso.

Já fazia um tempo que Garo-lin não conseguia encarar o Dragão Real como antes, dividida entre a sua vontade de salvar os vilashis das ameaças de

Almakia e de evitar que o amigo definhasse com seu Segredo.

Naquele ambiente de pouca luz, o dourado que ainda restava no cabelo dele não era mais distinguível entre o branco. Mesmo que todos fossem contra usar o recurso de prever algo do futuro, ele não parecia se importar com o seu tempo de vida quando podia trocá-lo por tantas vidas em segurança. Somente quando a Dragão de Metal ameaçou prendê-lo no esconderijo com a Pedra Escura, ele concordou em usar somente a sua capacidade de prever decisões próximas, o que não o afetava de forma tão injusta.

— Eles vão chegar em cinco dias, nós podemos estar lá em três – contou Benar, analisando o mapa do Domínio estendido no meio da mesa para que todos pudessem contextualizar. – Já nos acostumamos a andar pela floresta e temos essa vantagem. Vamos chegar antes e verificar se não há perigo. Assim que nos encontrarmos, voltamos imediatamente.

— Mas e se eles tiverem problemas no caminho? – perguntou Garo-nan, sendo realista.

— É uma possibilidade – concordou o Dragão estrategista. – Mas, se a princesa conseguiu vir de Além-mar, deve conseguir atravessar metade de Almakia. Se eles estão há cinco dias de viagem, – ele circulou com o dedo uma região do mapa – estão vindo do leste e pretendem passar pelos campos longe das estradas. – Então traçou um caminho reto, que deixava bem claro que uma viagem por ali era muito mais rápida do que pelos caminhos abertos normalmente usados, que serpenteavam ligando uma vila ou outra.

— Mas... – começou Garo-nan, pensando bem antes de falar – Sabe, não conheço essa princesa muito bem, então... E se for uma armadilha?

Todos olharam para ele, petrificados.

Era uma possibilidade real.

— Vocês confiam nela, mas pelo que contaram, não fazem ideia de como ela tem aquela bolinha de vidro, como voltou para Almakia e quem são as pessoas que a estão ajudando.

— Vamos mesmo assim.

Agora todos olharam para o Dragão de Raio.

— Vin... – começou Sumerin e não teve coragem de continuar.

— Vamos chegar antes – expôs sua ideia sobre a questão. – Vamos poder vê-los primeiro... Se for uma armadilha, atacaremos.

O silêncio imperou entre eles. Era o melhor a se fazer, mas isso não queria dizer necessariamente que era o certo.

Benar, percebendo a inquietação silenciosa de todos, achou que deveria falar:

— Vinshu está certo. Mesmo se for uma armadilha, precisamos arriscar. E, independente de a princesa estar sendo usada ou agindo por vontade própria, termos ela aqui significa conseguirmos informações sobre o que os Dul'Maojin fizeram em Kodo. Ajudamos os vilashis de todas as formas. Agora, temos que começar a pensar em Almakia como um todo.

— Garo-lin! Garo-lin! Garo-lin!

Os berros que irromperam pelo corredor deixaram todos alertas.

— Mio-lin! – a vilashi ficou de pé assustada ao reconhecer a voz do irmão.

No instante seguinte ele estava na entrada da sala de reuniões, ofegante, segurando a mão da menina vilashi que haviam resgatado da vila destruída, que chorava e cobria a cabeça com a outra mão.

— Foi de repente! Ela fez a água vazar do tanque e então isso!

Sem delicadeza alguma, ele arrancou a mão da menina do lugar que ela cobria, revelando que entre seus cabelos mesclados de preto e marrom, que escapavam pelas suas faixas, havia surgido um grupo de fios brancos.

Ao compreenderem do que se tratava, todos olharam para o Dragão de Água, e esse parecia atônito.

Capítulo 08 - Quem já não é mais bem-vindo

— Ela é bem alta, tem as bochechas desse tamanho, os olhos bem grandes e o cabelo é verde – Mio-lin contou para a amiga enfaixada, que ouvia surpresa, sem se importar com a boca cheia. – Ela é muuuuito estranha.

— Ela é diferente. – Garo-lin tentou remediar a explicação. – Nós também somos diferentes, lembra?

— Tem certeza que é seguro sair? – sua mãe perguntou preocupada, enquanto ela e Juri-lin tentavam fazer a teimosa Nana-lin comer alguma coisa.

— Vão apenas três. – Chari-lin contou sobre o plano que já havia ouvido por Mira-lin. – Benar, Vinshu e a Garo. Vai ser mais fácil se esconder.

Garo-lin parou a meio caminho de mais uma colherada do ensopado de folhas de lago com batata e encarou o irmão. O fato de ele dizer os nomes dos Dragões de Almakia como se fossem seus vizinhos da vila Godan a deixou intrigada.

Estava reunida com os outros vilashis para a refeição do final de dia. Antes de sair do esconderijo para aquela nova missão que surgira, queria aproveitar ao máximo o tempo que dispunha para ficar com eles. Mesmo que sempre encontrasse com seus pais e seus irmãos pelos corredores do esconderijo, aquele era o único momento em que podiam forçar uma normalidade, mesmo que fosse sob a luz de chamas de almaki e que estivessem embaixo da terra. E constatar que não conseguia acompanhar o ritmo das mudanças que aconteciam neles diante de todas aquelas situações a preocupava.

Aquele também era o momento em que ela podia saber de tudo o que estava acontecendo com os vilashis, sobre as pessoas das outras vilas que se juntavam a eles, além de contar as novidades e dar orientações para tranquilizá-los. Porém, também era um momento de agonia, já que sabia que o que eles

gostariam de ouvir era uma notícia que ainda não podia dar: a solução definitiva para todos os problemas. Essa pressão não a permitia sorrir de uma forma animadora, e por mais que soubesse que isso era perceptível, não conseguia encontrar forças para mudar essa realidade.

— Ela é estranha igual a ele. **Kinaito! Aqui!** – O grito de Mio-lin, cuspido junto com pedaços mastigados de comida, acordou-a de seus pensamentos.

Vindo dos corredores, Kinaito abria caminho por entre os vilashis que se sentavam no chão, em grupos. Ele usava aquele equipamento estranho para auxiliar sua visão e adotara as roupas simples e coloridas do Vale Interior agora. Muito mais alto que todos – o kodorin quase alcançava o topo do teto do esconderijo – sua passagem sempre era uma festa para os pequenos, que o viam como um ser extravagante e divertido, visão que ele contribuía para manter.

— Garo-lin, tem um tempinho? – perguntou ao se aproximar.

— Claro. – Ela foi rápida em largar a sua tigela ao perceber que o tom que ele usava escondia certa urgência. – Mãe, eu vou voltar para ficar com vocês hoje, não se preocupe.

Ela manejou uma chama na mão e o seguiu pelos corredores até chegarem na bagunçada sala do kodorin. E, exatamente como a sua, esta não era um primor em organização. Tudo o que ele conseguira resgatar do seu antigo lugar em Rotas estava ali, buscando ao máximo manter a semelhança da moradia anterior.

Porém, Garo-lin não precisou ficar perdida na entrada sem saber onde pisar lá dentro. Um caminho já tinha sido aberto e Vinshu tentava impor uma ordem naquele lugar, para que pudessem usar um espaço para a reunião.

Quando viu que eles chegaram, o Dragão fez uma careta demonstrando toda a sua insatisfação em ter que fazer aquilo, mas ao mesmo tempo deixando bem claro que não aguentaria ficar se não houvesse o mínimo de circulação de ar.

— Desculpe por tirar você da sua família, Garo-lin – pediu Kinaito,

pulando por entre as pilhas de livros e se sentando de frente para onde estava Vinshu. – Sei que não tem muito tempo para eles.

— Tudo bem – ela respondeu de forma automática, inquietada pelo fato de o Dragão de Raio também estar ali. – O que aconteceu?

— Não foi bem o que aconteceu, mas acho que devo conversar com vocês sobre uma coisa antes que partam.

Sem cerimônias, ela empurrou uma pilha de livros e abriu um espaço para se sentar em uma das pontas da mesa, perguntando:

— Sobre?

— Ressonância.

A palavra a fez ficar totalmente atenta.

— Na verdade, é sobre como vim de Kodo para Almakia. Acho que vocês precisam saber disso antes de se reencontrarem com a princesa.

Vinshu tentou se acomodar melhor no seu lugar – ainda era difícil para eles se adaptarem aquela forma vilashi de viver, – assumindo um ar completamente atento diante do assunto.

Garo-lin perguntara ao kodorin sobre sua situação com Kodo, logo que vieram para o esconderijo. Lembrava-se do que Kinaito dissera quando foram capturados pelos piratas, sobre tudo ser culpa dele, sobre estudar possibilidades, e com certeza era algo que interessava ao Dragão também. Mas, eles tinham tantas coisas urgentes a se fazer, que esse assunto acabou ficando para outro momento.

Enfim, esse momento chegara.

— Eu precisava pesquisar mais para entender o que acontecera em Kodo nesses últimos anos – o kodorin contou, como se lesse os pensamentos que passavam pela cabeça da vilashi naquele momento. – Mas, com o contato da princesa, acho que está na hora de saber porquê sou um kinaito.

— Você *é* um kinaito? – Garo-lin ficou confusa.

— *Kinaito* é como chamam em Kodo quem já não é mais bem-vindo – Vinshu explicou, como se esse conhecimento fosse algo básico de se saber.

— É bem parecido com *vilashi* agora para almakins. – Kinaito deu um meio sorriso que ela reconheceu de ter visto uma vez há algum tempo.

Quando o kodorin a levara para a Capital de Fogo e se encontraram com Kandara, ele usara aquele mesmo sorriso para zombar dos almakins. Agora, ele tê-la ajudado naquela época em Rotas fazia mais sentido: havia muito em comum entre eles e suas relações com o Domínio.

— Então você foi expulso de Kodo? – ela tentou entender.

— Não necessariamente. Na verdade, eu também já morri uma vez, como você. Kandara me ajudou no processo e me levou para Rotas. Não é raro existirem kodorins kinaitos em Rotas, então lá eu pude apenas ser mais um, sem levantar suspeitas. Ela conseguiu registros falsos, que me permitiram circular pelas ruas despreocupadamente, sendo conhecido apenas como Kinaito... Mas, minha história aqui em Almakia não é importante. O quanto vocês já sabem sobre o Rei Kodima?

Garo-lin e Vinshu se entreolharam.

— Que ele é o principal apoiador da Senhora da Capital de Fogo fora do Domínio – ela respondeu. – Pelas anotações da Kandara, ele está comandando há mais ou menos uns trinta anos no trono e nesse tempo conquistou todas as ilhas Além-mar.

— Ele não tem *Rajin* – disse Vinshu, usando um tom que sugeria um ponto definitivamente importante.

— Sim, ele não tem um Rajin. Vinshu sabe um pouco sobre isso, já que ele esteve na reunião em Rotas e o instruímos em relação a Kidari. – Ao perceber a confusão da vilashi, Kinaito tentou ajudar. – Está confusa sobre a reunião ou sobre Rajins?

— Os dois, na verdade. – Então ela se virou para Vinshu e perguntou em tom de bronca. – Deixou a Kidari sozinha daquela vez para ir a uma reunião?

Ele deu os ombros:

— Acha que eu estava indo para Rotas ter um encontro como você e o Kris?

— Não era um encontro! – ela rebateu, mas se arrependeu logo em seguida de ter caído da provocação dele. Então perguntou de forma firme para Kinaito: – O que são Rajins?

— Rajins são pessoas treinadas para assessorarem os membros da família real. Existe uma lei antiga que diz que os Rajins devem ter essa função no reino. Ao notarmos que a princesa não tinha um, precisávamos verificar o que isso representava. E, portanto, a reunião em Rotas.

— Rajins são como os Dragões e o Governo Real?

— Não. Dragões e Governo Real supostamente têm poderes equivalentes... E o Governo Real de Almakia não funciona da mesma forma que em Kodo. Aqui, apesar de terem o Dragão Real, de os Gillion serem considerados uma Família por isso, e de existir um rei Gillion, as decisões sobre o Domínio são tomadas entre eles e os representantes da Sociedade Almaki. Ou seja, mesmo sendo a realeza de Almakia, os Gillion são fracos e dependentes das lideranças das Capitais. Kodo não tem uma comissão ou pessoas como a Kandara que trabalham de alguma forma ajudando na administração. Lá há apenas o Rei Kodima e pessoas que obedecem a suas ordens, inquestionáveis.

Na verdade ela entendia perfeitamente. Soava como a ditadura dos Dragões que ela via no Instituto Dul’Maojin.

— Estranhamos o fato de não haver um Rajin quando descobrimos que Kidari era a Princesa de Kodo – contou Vinshu. – Mas como um Rajin denunciaria a sua posição, não questionamos, e isso também justificava a proteção do gato com asas como uma substituição.

— Bom, ao que conseguimos descobrir no período depois da reunião em Rotas foi que princesa nunca teve um Rajin, porque eles não estão mais assessorando o governo de Kodo.

— Mas... não é uma lei antiga? – Garo-lin tentou encaixar aquelas informações.

— Era – soltou Vinshu.

— Como eu disse, Garo-lin, ordens inquestionáveis – o kodorin

complementou. – Essas ordens inquestionáveis quebram leis ancestrais e, muitas vezes, nos obrigavam a fazer coisas que não concordávamos. Fiz muitas delas enquanto trabalhei nos laboratórios do Reino.

“Sempre fui fascinado por almaki. Sobre como ele funciona nos almakins, entendem? Almaki não se encontra em nenhum outro Domínio, só em Almakia. Mas, como isso acontece? O nosso conhecimento Além-mar é muito limitado nesse assunto, já que Almakia sempre foi um Domínio fechado em relação ao seu bem mais precioso. Porém, com os acordos com a Senhora da Capital de Fogo, tivemos acesso a muito material para pesquisas. Foi uma festa! Por mais brilhantes que sejam as mentes pesquisadoras de Kodo, e por mais que o reino seja o mais avançado em questão de pesquisas, nada poderíamos fazer sem ter acesso àquelas informações. E não foram apenas livros ou coisas escritas que recebemos. Meu departamento conseguiu pedras brilhantes e pudemos fazer experimentos.”

— Pedras brilhantes? – Garo-lin pegou a sua corrente com a esfera. – A Pedra da Estrela?

— Pedra da Estrela? – ele retrucou a pergunta, apanhando a corrente estendida para analisar. – Sim, essa pedra, mas... em Kodo chamávamos de *kanadi*, pedras brilhantes. Tudo o que nos foi dito é que era um dos materiais mais antigos de Almakia, encontrado somente nesse Domínio, e que ele poderia conter informações sobre almaki.

— Kandara não nos contou sobre isso – declarou Vinshu, não podendo esconder um tom de desconfiança.

— Ela não podia contar para os Dragões. Vocês tinham problemas em lidar com a situação dentro do Instituto sem que ninguém desconfiasse e sem que o Dragão de Fogo soubesse dos detalhes. E não podíamos revelar informações incompletas ou não confirmadas. Só pudemos avançar com as investigações sobre o que estava acontecendo em Kodo depois que soubemos sobre a princesa em Almakia, já que isso foi o suficiente para convencermos as outras pessoas que era importante buscarem informações sobre o que ocorria

fora do Domínio. Kandara e eu não podíamos investigar por nós mesmos. A Senhora da Capital do Fogo esconde seus planos por trás de atitudes que não levantam suspeitas, e convencer almakins a serem nossos aliados nunca foi uma missão fácil... – ele se deu conta de que o assunto estava desviando o foco e tentou retomá-lo. – Mas, calma, antes de chegarmos ao ponto importante dessa conversa, preciso contar o que sei que aconteceu no Além-mar, antes de vir para cá.

"Toda aquela informação nos foi dada em Kodo mediante a um compromisso: deveríamos buscar a essência do almaki. E estudando as *kanadi*, pude descobrir que elas funcionam como um catalisador, que consegue diferenciar os almakis."

Garo-lin pestanejou e abriu a boca para uma pergunta que não veio. Tinha entendido o que ele falara, mas não conseguia alcançar a dimensão daquilo.

Percebendo a agitação dela, Kinaito explicou:

— Sabia que o almaki pode identificar os almakins? Cada almakin é um almakin, e cada almaki de é só desse almakin. Por isso é algo tão difícil de ser desvendado: não existe um padrão. Mas, essa pedra pode funcionar como um equipamento padrão capaz de ligar um ao outro. Como as pessoas daqui dizem?... Almaki puro! Assim, se o almakin que a está manejando conhece muito bem o almaki de outro, pode encontrá-la através disso.

— Almaki puro são relíquias das Famílias – disse Vinshu.

Garo-lin apertou a sua pedra. Ela era uma relíquia da Família de Fogo que Krission Dul'Maojin lhe dera. E um sentido perturbador surgiu das lembranças de Garo-lin. Depois de ter enfrentado a Senhora da Capital de Fogo, o Dragão foi capaz de encontrá-la simplesmente porque ela estava com a esfera. Ele reconhecia o seu almaki, algo sobre si que nem ela mesma tinha certeza.

— Bom, parece que algumas dessas relíquias foram para Kodo. – Kinaito apontou para a esfera e esse gesto fez o pensamento da vilashi voltar para a conversa. – Essas bolinhas de vidro foram feitas basicamente das *kanadi*, e

construídas nesse formato e nessa aparência para que fossem adequadas à função de refletir almaki. Foi o meu melhor trabalho! – Sorriu satisfeito. – Mas tudo acabou nesse ponto. Quando apresentei os relatórios das minhas descobertas, recebi a liberação para expandir minhas pesquisas além das esferas... Bem, no início imaginei que lidaria com almakins, o que parecia ser o próximo passo. Mas fui transferido para outro departamento, e descobri que as pesquisas com as *kanadi* eram apenas uma fachada.

— Como assim? – perguntou Vinshu, muito atento a toda aquela informação.

— Que as pesquisas com almaki em Kodo já existiam há muitos anos. Rei Kodima apenas estava intensificando e se aproveitando dos laços diplomáticos criados com Almakia para disfarçar tudo como algo recente. E, essas pesquisas não se limitavam às pedras. Eles testavam em seres vivos do reino. Não simples testes como pegar a esfera nas mãos e tentar se comunicar. Minha missão lá era que, a esfera não devia ser um receptor, deveria estar integrada ao receptor. – Ele suspirou, mostrando que não era uma lembrança agradável. – Era isso que eu deveria fazer.

Até mesmo para o Dragão de Raio, aquele entre todos que era capaz de entender a situação de experiência em seres vivos, a declaração soou absurda:

— Como?

— Ah, coisas simples: integrar almaki à composição viva e esperar que o resultado fosse algo semelhante a um almakin.

Garo-lin o encarou chocada. Compreendera, mas era assustador de se imaginar.

Então a ligação veio claramente:

— Shion!

— Sim, Shion – o kodorin concordou – Ele é um experimento posterior à minha saída de Kodo. O mais surpreendente experimento que vi. Demorei para reconhecê-lo como tal. O fato de ele ter a capacidade de falar nos alertou para isso.

Garo-lin se lembrou de algo praticamente esquecido: quando viu o gato pela primeira vez, no dia em que conheceu Kidari. Lembrava da sua reação de espanto misturada com curiosidade, mas sabia que não conhecia metade das coisas que existiam no mundo e que aquilo provavelmente era mais uma delas. Mas, agora entendia que o quê aqueles olhos amarelos tinham eram muito mais do que a consciência como as pessoas. Aquele brilho, que ela identificava junto com o ar de superioridade, pertencia somente à almakins.

— Quer dizer que Shion... tem almaki? – ela perguntou incerta.

Ele ajeitou o seu equipamento de visão que escorregava para frente em seus olhos e continuou para responder:

— Bom, isso é algo complicado de se dizer. Cheguei ao meu limite antes de saber se essa integração funcionava. Não aceitei continuar com as pesquisas e o Rei Kodima determinou a minha execução. Consegui fugir com ajuda, é óbvio, e no conhecimento de Kodo não existo mais... Evidentemente, alguém continuou com o meu trabalho, já que temos Shion como prova. E então chegamos à sua pergunta: Shion tem almaki? Não creio, já que ele não maneja nenhum tipo de almaki... Não que eu saiba.”

Ele a encarou, como se lhe desse um último momento para uma revelação tardia. Mas, Garo-lin nunca tinha visto o gato fazer qualquer coisa além de voar, atacar e dormir.

— Nada de almaki – ela confirmou.

— Então só me resta uma conclusão de tudo que estive pensando, desde que fomos capturados: ele funciona como isso. – O kodorin ergueu a esfera de vidro na frente deles. – Shion é o resultado do que eu recusei a chegar em Kodo. Alguém seguiu as ordens, e teve sucesso.

Era muita informação de uma vez só para Garo-lin conseguir absorver e processá-las de forma rápida. Foi Vinshu quem fez a pergunta:

— Shion pode se comunicar com as outras pessoas?

— Ele pode *comunicar* outras pessoas.

— Ah! Isso que aconteceu! – Garo-lin exclamou ao se lembrar de algo.

Quando Shion havia desaparecido e Kidari procurava por ele no Instituto, os olhos dela ficaram desfocados e depois ela sabia onde ele estava. O mesmo aconteceu naquela noite quando o pirata pediu para que ele relatasse onde estavam.

Ela contou isso para os dois.

— Mas esse não é o problema principal. – Kinaito deu um suspiro cansado.

Garo-lin pressionou os dedos no tampo da mesa. Se ainda viria um problema principal de tudo aquilo, precisava se preparar.

— Era o que Kandara e eu estávamos deduzindo, mas não revelamos para nenhum de vocês. Poderiam atrapalhar.

— Como atrapalharíamos? – Vinshu.

— Kidari.

— O que tem ela? – Garo-lin.

— Ela tem almaki.

— Sim, ela tem... – o Dragão de Raio paralisou no meio da frase, e então exclamou como se fosse a coisa mais óbvia que já ouvira – Ela tem almaki!

— O que tem ela ter almaki? – Garo-lin insistiu.

— Ela não é almakin. Não pode ter almaki.

— Eu não sou almakin e tenho almaki.

— Mas você nasceu em Almakia, Garo-lin. – Kinaito tentou a ajudar a compreender. – Almaki é algo que só existe em Almakia.

Foi como se todo o chão por debaixo dela desaparecesse e a fizesse afundar para um lugar onde a realidade se distorcia.

Era óbvio. Era muito óbvio. Como não percebera?

Sempre vira Kidari como uma igual: um erro do curso natural das coisas. Ela era uma não-almakin que podia usar almaki, e a princesa também era uma não-almakin que podia usar almaki. Mas nunca antes alguém de fora de Almakia demonstrara poder manejar algum elemento. E, diante de tudo o que Kinaito contara, só havia uma explicação.

— Quer dizer que a Kidari é... – ela não pôde completar, porque não conseguia encontrar a palavra certa para aquilo.

— Um experimento, provavelmente. – Kinaito foi preciso, com o desembaraço de alguém que dominava completamente o assunto. – Comecei a pensar nessa possibilidade quando estávamos na Capital Real. Mas não podemos afirmar nada sem provas.

Garo-lin soltou a mesa ao perceber que a queimara com almaki devido à força com que se agarrara a ela na tentativa de não se perder dentro de si. Vinshu murmurava algo consigo, como se repassasse mentalmente todas as possíveis provas que deixara escapar por debaixo do seu nariz. Mesmo correndo o risco de não ser ouvido como devia, Kinaito continuou:

— Sei que isso é perturbador, mas é necessário que saibam. Porque amanhã vocês estarão a caminho de encontrar a Princesa de Kodo e não podem estar desarmados contra o que isso significa. Como disse Garo-nan mais cedo, pode sim ser uma armadilha. Mesmo que ela em si não me pareça representar perigo, não sabemos como podem manipulá-la.

— Então o que devemos fazer? Não podemos encontrá-la? – a vilashi perguntou, tendo todas as certezas para o dia seguinte desmoronadas com aquilo.

— Sim, devem encontrá-la. É uma chance preciosa de obtermos mais informações. Mas... devem estar cientes de que esse encontro representa um perigo. Caberá a vocês julgarem a situação e determinar se é seguro ou não trazê-la para cá.

— Então... – Vinshu começou, vendo toda a missão que tinham sob uma nova perspectiva. – Benar deve saber, ele poderá-

— Não, o Dragão de Vento não pode saber. – Kinaito o interrompeu. – Se ele estiver influenciado e com dúvidas a respeito da princesa, não poderá dizer com certeza se ela representa algum perigo real ou suposto. Se houver alguma intenção perigosa ele vai sentir, mas vai caber a vocês dois interpretar e reagir, munidos com as informações que sabem agora.

Garo-lin ponderou. Ele estava totalmente certo.

Se ela soubesse tudo o que envolve o fato de Kidari ter um almaki, será que teria tomado aquela atitude de ajudá-la no seu primeiro dia no Instituto Dul'Maojin? Será que isso teria influenciado Vinshu a respeito dela?

Mas isso a fez se lembrar de outra situação parecida que jogou em um lago de incertezas: quando Kandara lhe deu a opção de ficar na Vila Godan ou voltar com os Dragões e realmente ser alguém que poderia mudar o destino deles.

— Kinaito... eu entendo o motivo de você só estar nos contando isso agora, mas... O quanto ainda existe de tudo isso? – ela não pôde evitar o tom de reclamação, e o fez ficar confuso. – O caderno de Kandara é um jogo de tabuleiro que eu preciso desvendar a cada página, e *só agora* você me conta algo tão importante sobre Kodo e sobre Kidari.

O kodorin riu, para a surpresa dela.

— Qual a graça? – resmungou Vinshu, também não entendendo a reação.

— É exatamente isso! Um jogo! – ele se explicou. – Já me fiz perguntas como essas, Garo-lin: por que não contar para os Dragões? Por que confiar em tão poucas pessoas e ainda só revelar partes de um todo? Por que agir por trás dos panos e não abertamente?... Mas Kandara tinha uma posição firme quanto a isso. Não se esqueça que se trata da filha da Senhora da Capital de Fogo, a herdeira que rejeitou o título. Ela sabe jogar com as mesmas peças que a mãe.

— Mas ela não pode mais jogar, Kinaito. – Garo-lin quebrou o efeito da fala dele – *Nós* estamos jogando agora.

O sorriso de quem se divertira há poucos segundos atrás desapareceu do rosto do kodorin. Então, ele se levantou, carregando consigo o porta-chama que Garo-lin trouxera, dizendo de forma ríspida, sem esconder que aquilo lhe incomodara:

— Vocês vão sair cedo amanhã, é melhor descansarem.

***

Estavam passando por um terreno de pastagens, onde a vegetação era mais rasteira e o relevo composto de elevações e pedras muito grandes dispersas,

por todos os lados – um cenário que já começava a parecer o Vale Interior. Mesmo que procurassem andar por caminhos distantes de qualquer tipo de população, podiam avistar criações ao longe, o que indicava que teriam que dar uma volta maior para não serem descobertos.

— Estamos chegando – Kidari informou pela décima vez em menos de uma hora, e Ribaru já pensava seriamente se deveria voltar a tratá-la só como Caramujo e falar como a sua impaciência exigia.

Mas, apesar da irritação, não era difícil perceber que o fato de estarem chegando realmente a deixava inquieta ao ponto de precisar desnecessariamente contar isso para todos. E ele tinha uma boa aposta do porque dessa reação.

Mesmo não entendendo como poderia se comunicar através daquela bolinha de vidro – que aparentemente não era nada mais do que uma bolinha de vidro, – ela falara com alguém. E essa pessoa parecia ser todo o motivo da empolgação da colega de fuga.

Ele olhou de relance para a princesa, meio que saltitando ao invés de andar, e torceu o rosto em uma careta: como ela podia ser tão confiante assim, quando era evidente que a situação em que estava não dava margem para despreocupações?

Como se os seus pensamentos carregados tivessem o efeito para tanto, a princesa tropeçou em uma pedra e caiu, derrapando e rolando morro abaixo, até ser resgatada por Ribaru mesmo – que se movimentara o mais depressa que pôde – antes de bater de cabeça contra uma das grandes pedras.

— Quando vai aprender a prestar atenção por onde anda?! – perguntou o ladrão ofegante, ajudando-a a ficar de pé.

— Desculpa – ela pediu dando um sorriso de agradecimento, limpando a roupa e não parecendo nenhum pouco alguém que acabara de sofrer um acidente que poderia ser fatal.

Os irmãos loiros chegaram até eles um tanto alarmados, largando suas mochilas pesadas e verificando se algo poderia ter acontecido com ela – apesar do sorriso que indicava que estava tudo bem. Já Aruk se aproximou de uma

forma muito tranquila para quem supostamente poderia ser um Rajin, agindo da mesma forma despreocupada que a princesa.

— Então é o Dragão de Raio? – perguntou usando um tom que sugeria um segredo partilhado entre eles.

— Ele não ficou zangado por Kidari vir! – ela contou, ainda com aquele ar feliz.

— Huuum... – fez Aruk assentindo, e continuou pelo caminho que estavam seguindo.

Sem alternativa diante da situação, todos o seguiram.

— Esse Vinshu é o Dragão de Raio? – Ribaru perguntou o alcançando, sem conter a curiosidade. Não podia se dar ao luxo de descobrir coisas conforme elas aconteciam.

— Vinshu é meu mentor – a princesa explicou, aparecendo ao lado deles. – Ele me ensinou a usar almaki.

— É um Dragão de Almakia, muito importante. – o sutoorin acrescentou informações mais completas. – Bom, ou pelo menos era, até um tempo.

— Como assim?

Aruk o encarou. Então, parecendo incerto sobre alguma coisa, perguntou:

— A princesa não contou o que está acontecendo em Almakia?

— Alguma coisa está acontecendo e ela precisa encontrar os Dragões. Mas não sei exatamente *o quê* está acontecendo.

— Vamos deixá-lo em Vintas – Aruk declarou para Kidari. – Não é justo envolvê-lo nisso tudo, princesa.

— Não pode! – ela se espantou com aquela proposta, mas então pensou por um tempo e pareceu ponderar todos os pontos que envolviam esse não poder. – Os piratas sabem que Ribaru ajudou. Diwari vai descobrir. Preciso proteger ele.

— *Puuuf!* – Ribaru desdenhou diante da declaração. – Como se eu dependesse de uma princesa caramujo para me proteger! – Então ele disse direto para o outro. – Olha, não me importo com o que esteja acontecendo em Almakia,

e posso garantir que já passei por coisas bem difíceis antes. Não sou da Guarda Real de Kodo ou coisa assim para ter uma obrigação com ela, e se a ajudei foi porque era do meu interesse chegar aos Domínios.

A princesa inflou as bochechas, em uma expressão de quem não gostara muito daquilo e não podia replicar, já que sabia que era a verdade.

— Mas, – ele continuou – aqui existem pessoas como eu, e é para eles que estamos indo. Então, até lá, como alguém de Kodo, mesmo que eu não pareça, não vou permitir que algo aconteça com a princesa kodorin.

— É uma atitude nobre – Aruk concluiu, girando seu pífano nas mãos. – Mas, um tanto estúpida se levar em consideração que você não faz ideia de onde está entrando.

— Sei me virar! – ele rebateu, mostrando sua teimosia em não admitir que gostaria sim de saber de tudo.

— Claro, já é bem grandinho.

— Não sou mais casca de ovo!

Aruk riu da reação nervosa dele, mas depois disse sério:

— Admiro a sua coragem, nobre quase-kodorin. Entretanto, tudo está muito além do meu alcance ou até mesmo da Princesa de Kodo. Não tenho nada contra levá-lo até Vintas. Só que, a partir de lá, não somos nós que decidiremos o que vai acontecer. E se você tiver que ficar para trás, vai ficar.

Ribaru entendeu e ficou quieto. Sua única intenção agora era encontrar aqueles tais vilashis... E, depois, a Princesa de Kodo teria o seu Dragão de Raio para ficar ajudando a moça a se levantar toda vez que tropeçasse e quase batesse a cabeça em pedras.

Capítulo 09 - Acima de todos os outros

Se sentindo incomodamente dividida, Garo-lin passara metade do caminho calada. Estava perdida em pensamentos sobre tudo o que acontecera no dia anterior, tentando prestar atenção por onde andava e ao mesmo tempo não conseguindo evitar voltar-se para trás – para o que deixara sem resolver. Desde a pequena vilashi resgatada aparecendo com cabelos brancos, até Kidari e a nova situação ligada a ela.

Sobre a menina vilashi, mesmo com a insistência de Mio-lin desde o dia anterior para que repetisse o que havia dito antes, ela não havia aberto a boca. E a situação continuava da mesma forma até quando eles partiram. A decisão de serem apenas três a irem para Vintas não fora realmente pensada pelo motivo dado a sua família – de ser mais fácil se esconderem em menor número. Na verdade, não sabiam muito bem o que enfrentariam e ter todos os Dragões reunidos seria a melhor opção. Entretanto, também existia o perigo de se deixar o esconderijo sem a proteção de um Dragão, e ela nunca se perdoaria se algo ruim acontecesse. Então, colocar Sumerin e Nu'lian a cargo da menina resgatada era uma decisão que garantia tanto proteção ao esconderijo como a possibilidade de desvendar o que acontecera no tanque.

Assim, a pequena comitiva formada por Benar, Vinshu e Garo-lin saíram do esconderijo pelo oeste, antes do sol nascer, e começaram a percorrer o trajeto até Vintas pela floresta, sempre por áreas que dificultassem o rastreamento através de almaki. Ainda que estivessem com Benar, ele não poderia ficar todo o tempo alerta para aproximações e muito menos esgotar seu almaki dessa forma.

Pouco se falavam, todos empenhados em manter o passo rápido e constante para continuarem em vantagem de tempo – até Garo-lin, que tinha a inconveniência de ser menor e precisar se esforçar bem mais para não ficar para

trás. Mas, mesmo no silêncio, era possível sentir a apreensão como se fosse uma nuvem em volta deles.

Ao chegarem no fim do Vale Interior, onde a floresta começava a dar lugar para as pastagens, um dia inteiro já havia se passado. Resolveram que poderiam parar e seguir o restante do caminho no dia seguinte. Se não houvesse problemas, estariam lá um dia antes do combinado.

Garo-lin manejou uma pequena fogueira para poderem esquentar algum alimento enquanto Benar descansava em um pedaço confortável de chão. Vinshu sentara ao pé de uma árvore, se escorando no tronco, e girava nos dedos a sua esfera.

O Dragão de Raio não parecia estar dividido como Garo-lin, mas sim, partido em pedaços dentro de seus pensamentos. Entre todos os Dragões, ele era aquele que sempre gostava de ter tudo em controle e, naquele momento, parecia estar enfrentando os maiores dilemas com que já se deparara, sem conseguir encontrar uma forma de se organizar.

Era impossível vê-lo naquele estado e não se perguntar onde estava o orgulhoso almakin que conhecera nos anos do Instituto. Ela não saberia dizer desde quando ele parecia tão abatido daquela forma: se desde quando voltara da vila destruída, desde que falara com Kidari ou depois de uma noite remoendo o que Kinaito havia contado.

— Parece tão fácil, mas como pode ser tão difícil?

— O quê? – Garo-lin quase entornou a mistura de sopa de folhas do lago e batatas do recipiente que tentava equilibrar sob as chamas.

— Essa esfera. – Ele mostrou a bolinha. – Ressonância... Eu nunca a usei, nunca fui capaz de reconhecer o almaki de outra pessoa.

Garo-lin achou estranho. Já o vira usando.

— Sempre alguém me chamava, nunca procurei ninguém pela esfera. – ele explicou ao perceber a reação dela. – Reconhecer o almaki da pessoa é difícil.

Ela o encarou por um tempo. Dentre todos, Vinshu era o almakin mais

inteligente que ela já conhecera. Como poderia ser difícil usar a esfera?... Mas, depois de tudo o que Kinaito contara sobre os experimentos de Kodo, a única coisa que pôde dizer foi:

— Bom... Eu também nunca procurei ninguém.

Quando usou a esfera pela primeira vez, com o Nu'lian, foi de forma inconsciente, e desconfiava que havia muito mais do almaki de previsão do Dragão atuando naquela comunicação.

— Nem mesmo o Krission? – foi a vez de ele parecer surpreso.

Mesmo pensando em várias coisas que poderiam ser ditas, Garo-lin não conseguiu dizer nenhuma.

Vinshu não insistiu, mas pareceu ponderar um pouco antes de começar a falar:

— Desde que saímos da Capital Real, – ele se ajeitou melhor no lugar onde estava – não tivemos oportunidade de conversar. Tem uma coisa que eu quero contar. Sobre o Krission.

Embora tentasse disfarçar que o tema não lhe provocava nenhuma reação, era impossível conter o movimento mais exagerado que fez ao reavivar as chamas, que explodiram para os lados.

Diante da cena que a denunciava – em que ela caiu para trás e ficou sentada no chão até as chamas extras se apagarem –, tudo o que Garo-lin pôde fazer, foi bater as mãos para se livrar da sujeira e então sentar direito, mostrando-se dignamente atenta ao que ele dizia.

Concluindo que o incômodo dela não era de grande relevância, para que decidisse não continuar o assunto, ele comentou:

— Acho que todos os alunos do Instituto nos viam apenas como os Dragões de Almakia, uma unidade em que o Krission era o líder. Não estou certo?

Ela assentiu.

Quando entrou no Instituto Dul'Maojin, os Dragões eram um grupo consolidado, e ela pensava que sempre fora assim. Agora sabia que eles

convenientemente foram colocados dessa forma, uma manipulação de interesses das Grandes Famílias em conjunto com a Senhora da Capital de Fogo. Mas... agora também sabia que, apesar de toda a manipulação, eles eram verdadeiramente amigos. Nesses últimos meses, mais do que o tempo em que esteve no Instituto, pôde conferir de perto que Vinshu, Benar, Nu'lian e Sumerin, muito além de serem Dragões, não estavam juntos pelo interesse das Famílias. Havia uma ligação entre eles que não era simplesmente a amizade. Era tão forte como a ligação que ela tinha com os seus irmãos e Garo-nan.

Poderia ser uma revelação tardia, mas entre todas as situações que aconteceram uma após as outras, usando aquele momento único para poder pensar no assunto, uma pergunta surgiu em sua mente:

— Se vocês tinham uma noção de que estavam sendo manipulados, por que concordaram em serem Dragões? Não o título, digo: serem Dragões entre vocês?

Entendendo o que ela queria dizer com aquilo, ele deu um pequeno sorriso:

— Podíamos apenas manter as aparências e na verdade nos odiarmos, não?

— Exatamente.

— De fato, isso acontecia antes, quando éramos menores. Almakins vivem de aparências, e somente dentro das Famílias podemos ter uma noção de como uma inveja as outras e busca superar quem está acima. Sumerin e Nu'lian sempre foram mais próximos. Desde pequeno, o Nu'lian era uma criança quieta, e Sumerin sempre falou demais. E como suas mães foram grandes amigas no Instituto, os dois tiveram oportunidade de crescerem juntos. Benar era das montanhas e de todos era o que mais vivia isolado. Krission, antes de se tornar um Dragão, sempre estava ao lado da mãe, então não sabíamos muito como ele era de verdade. E eu procurava ao máximo ser cordial dentro das minhas obrigações como um almakin da Alta Sociedade Almaki, sem me envolver com qualquer um deles. A rivalidade era algo que pairava no ar que respirávamos, e

sabíamos que seguir esse caminho, assim como nossos familiares, era natural. Porém, entre todas as Grandes Famílias, essa rivalidade era perceptível principalmente entre os Zawhart e os Dul’Maojin. Nós vivemos na mesma Capital, mas somente os Dul’Maojin são os patronos da cidade, não há dúvida quanto a isso. Entretanto, enquanto eles têm o Instituto, nós temos o Hospital Zawhart, referência em todos os Domínios. A medida de importância das duas Famílias na Capital de Fogo são equiparáveis... Eu pensava que somente isso bastava para odiar Krission Dul’Maojin.

— E você o odiava?

— Claro. – ele deu os ombros. – Meus familiares me incentivavam a isso, e eu sabia que era o certo a fazer... E é aonde chego ao que precisava contar.

Ela se ajeitou melhor para escutar, dessa vez sem esconder o interesse.

— Antes do Instituto nós cinco sempre convivíamos, já que éramos herdeiros de Grandes Famílias. Porém, apenas como conhecidos obrigados a ficar juntos em convenções e comemorações sociais. Nada mais que isso. Então, antes de entrarmos para o Instituto, recebemos a notícia de que teríamos títulos de Dragões e, teoricamente, seríamos mais do que elite, juntos... Teoricamente, porque sabíamos que não era assim que funcionava.

“Não fomos apenas os primeiros cinco Dragões de Almakia, fomos os mais jovens a receber o título. Krission, Nu’lian e Sumerin tinham dez anos; eu nove; e o Benar tinha completado oito poucos dias antes. Kandara tinha treze anos quando se tornou a Dragão de Fogo e mesmo assim ainda era considerada muito nova. Também começamos o Instituto juntos, quando Krission, Nu’lian e Sumerin entraram. Por conveniência, para podermos estar sempre nas mesmas classes, apesar de nossas idades diferentes.

“Tanto eu quanto Benar, Nu’lian e Sumerin não estávamos muito empolgados com a ideia de sermos Guardiões de um Segredo e Dragões. Krission era o único que se sentia bem daquela forma, e julgávamos que ele agia assim por ser um Dul’Maojin.”

— E não era?

— Pode ter ajudado, aquele jeito absoluto Dul’Maojin de ser, mas não era o fator principal. Acho que é difícil para as outras pessoas entenderem, principalmente para vocês vilashis, o que é estar aprisionado por um nome. Ser um Dragão, além de guardar um Segredo, era algo que o Krission sabia que seria. Era certo, assim como a sua mãe e a sua irmã foram. Então, ele não pensava no título como uma responsabilidade. Era mais como um meio de deixar de ser um herdeiro que só podia obedecer para ser alguém com poder. Como ser um almakin adulto. Ao contrário de nós quatro, para quem o título só representaria mais um fardo imenso a carregar.

“Não estávamos felizes com aquela decisão, mas não podíamos contestá-la. Antes de entramos no Instituto passamos por várias fortalezas das Famílias, aprendendo como deveríamos ser os Dragões de Almakia.”

— Vocês aprenderam? – Garo-lin não conseguiu entender esse ponto – Vocês simplesmente não eram?

— Se ajudar, você é uma almakin ou aprendeu a ser?

Ser chamada diretamente de almakin não era uma coisa agradável de ouvir, mas a fez compreender o que ele queria dizer.

— Enfim, aprendemos como deveríamos nos portar sendo os Dragões de Almakia. Mesmo assim, não éramos obrigados a sermos amigos, e ao final das lições nos dispersávamos. Krission sempre nos chamava para fazer alguma coisa e se recusava a entender nossas desculpas para não aceitarmos. Ele era tão insistente que sempre fugíamos ao ver ele se aproximando. E, quando não conseguíamos correr a tempo, mesmo se gritássemos e disséssemos com todas as letras que não queríamos, ele ainda tentava de alguma forma nos convencer.

— Hum... – ela fez, já que conhecia muito bem essa maneira de agir do absoluto Dragão.

— Um dia, quando estávamos na Fortaleza Dul’Maojin, depois de uma lição ele veio correndo atrás de mim e me levou até um dos mirantes. Então...

Um Krission Dul’Maojin de dez anos olhou para todos os lados,

determinado a verificar se não havia ninguém os observando. Junto com ele, Vinshu Zawhart, não acreditando que se sujeitara a ser arrastado daquela maneira, perguntou trincando os dentes:

— O que pensa que está fazendo?!

— Shiiii! *– fez o menino de cabelos desgrenhados, e então tirou algo dos bolsos das vestes e pediu: – Pode curá-los?*

Vinshu olhou, espantado, para dois passarinhos de penas chamuscadas, com várias queimaduras. Apesar do estado em que estavam, eles ainda respiravam, mas não parecia que durariam muito.

O Dragão de Raio olhou para os pássaros sem entender, e então se lembrou da aula prática que acabaram de ter.

Cada um deles precisava usar o seu almaki para destruir uma árvore. Benar arrancou a sua com uma rajada circular de vento; Sumerin manejou a terra em volta da sua e a fez ser expulsa com todas as raízes; Nu'lian retirou todo o líquido que havia dentro da sua, que não conseguiu se sustentar e tombou, seca; e Vinshu foi eficiente em estourar o tronco da sua, apenas batendo a mão espalmada no chão. Krission tinha sido o único a não fazer nada.

O instrutor, um almakin de fogo que fazia parte da Guarda da Capital de Fogo, mesmo estranhando aquela atitude, achou que ele não se lembrava dos gestos de manejamento, e fez uma demonstração.

— Nãão! *– Krission gritou ao ver a árvore inteira em chamas, e correu para lá.*

Nu'lian, prevendo o que aconteceria, rapidamente manejou a água do lago ali perto e apagou o incêndio antes que o colega pulasse nele.

Toda a situação até o momento parecia ser bizarra, já que não havia motivo algum para aquela reação do Dragão em treinamento.

Mas, agora, vendo o que ele lhe estendia, Vinshu compreendera o que tinha acontecido.

— Eles estavam na árvore?

— Eram três... pode curar esses? – ele perguntou mais uma vez.

O choque de Vinshu em ouvir o herdeiro Dul'Maojin lhe pedindo alguma coisa, em um tom que chegava muito perto do implorar, só não era maior do que com o próprio pedido.

Vários tipos de pensamentos explodiram ao mesmo tempo em sua mente, e tudo o que ele conseguiu fazer foi gaguejar:

— Ma-mas, não deve-vemos! Não po-posso usar almaki dessa manei-

— Claro que pode!

— Não posso, não!

— Do que adianta poder curar se você não faz isso? Você é o Dragão de Raio, idiota! Pode fazer o que quiser!

Aquela resposta o atingiu como se fosse o impacto do seu almaki derrubando aquela árvore.

Era verdade. Ele era um Dragão agora.

Seu pai não estava ali. Não havia ninguém para repreendê-lo. Ele poderia...

— No chão – instruiu.

Nunca havia curado animais antes, mas sabia tratar queimaduras.

Krission, ajoelhado diante dele, olhava espantado para a forma como ele habilmente manejava seu almaki para curar. E quando os passarinhos começaram a se movimentar, como se não mais sentissem dor, não pôde evitar um grito contente:

— Ah, está dando certo, Vinshu!

Diante da empolgação do Dragão de Fogo, ele teve que contar, e não conseguiu esconder o tom de lamento:

— Não posso curá-los totalmente. Mas agora eles têm mais chances de sobreviverem.

— Vou cuidar deles! – o outro declarou. – Até poderem voar de novo, vou cuidar deles!

A determinação com que ele falara aquilo não deixava espaço algum

para dúvida, e criou um imenso conflito dentro de Vinshu: aquele era um Dul'Maojin, um odiado almakin rival? Por que ele estava agindo daquela maneira que lhe parecia ser tão certa?

E tudo se tornava ainda mais surreal quando o mesmo odiado almakin olhava para ele com um sorriso enorme e dizia:

— Curar alguém deve ser incrível, Vin! Eu só consigo explodir coisas...

Garo-lin não conseguiu dizer nada depois de ouvir aquela história.

Entendeu como tudo aquilo representava algo muito profundo para Vinshu, mas não conseguia fazer ligação com o começo de toda a conversa.

— Não aprendi a ser um Dragão com o treinamento ou com o Instituto, Garo-lin. Foi o Krission que me ensinou... Entende agora por que ele é o nosso líder? Ele ser um Dul'Maojin, ser o Dragão de Fogo, aquele que irá ditar o futuro de Almakia, não tem relação alguma com a nossa amizade. Nós aceitamos segui-lo por ele ser simplesmente o Krission.

— Alguém impulsivo, determinado e orgulhoso, mas que é capaz de pensar nos outros antes de usar o seu almaki, por mais insignificante que esse alguém seja.

Vinshu e Garo-lin se sobressaltaram ao ouvir Benar falando.

Ele estava deitado, apoiado em um braço, e parecia já estar prestando atenção na conversa há algum tempo.

— O Krission me ensinou a quebrar coisas – ele continuou, contando: – Na Família Sfairul sempre aprendemos a resolver tudo brigando, no quem grita mais alto. Quando comecei o treinamento para ser um Dragão, tive problemas com isso.

— Ele quebrou o meu nariz uma vez – comentou Vinshu, apontando para o próprio rosto.

— Foi o Krission quem percebeu que eu só tinha que aprender a fazer diferente, para não fazer daquela forma, então sugeriu quebrar coisas. – Deu um sorriso satisfeito. – E funcionou! Depois que aprendi a me controlar, também

consegui usar o meu Segredo de forma eficiente. E, por saber como pessoas irritadas se sentem, posso facilmente manipulá-las.

Garo-lin pensou um pouco sobre aquilo. Entendia mais sobre os Dragões agora, mas ainda não compreendia exatamente o motivo de eles estarem lhe contando aqueças histórias.

— Essa esfera. – Vinshu levantou a sua, para ficar bem evidente sobre o que estava falando. – Segundo Kinaito, você pode contatar qualquer pessoa desde que reconheça o almaki dela, procurando pela sua ressonância. De todos nós, Krission foi o primeiro a conseguir se comunicar... Sabe por quê? Ele acreditava que tinha o poder de colocar o que queria acima de todas as outras coisas. Então, nos colocou acima de todos.

Aquilo tremulou uma lembrança de Garo-lin, da noite em que fizera as explosões coloridas na sua vila: *Não é obvio? Você está acima de todos os outros.* Mas, somente pensar nisso fazia algo doer dentro dela. E, tentando dissimular imediatamente para desfazer todo aquele efeito, reclamou:

— Se ele nos colocou acima de todos os outros e pode usar a esfera tão facilmente, por que não fez isso até agora?!

Os dois a encararam por um tempo, e então falaram entre eles:

— Ela se incluiu, não?

— Não tínhamos falado dela.

— É, não falamos.

— Com certeza o Kris disse isso para ela também.

Sentido um peso arder, desde o estômago até a testa, Garo-lin se apressou em verificar se o que estava cozinhando já ficara pronto, decidida a usar esse pretexto para fim do assunto:

— Ah! Está queimando! Como vocês não viram?!

Rindo, Benar manejou o ar e fez as chamas se apagarem enquanto ela usava as pontas do seu casaco para pegar o recipiente quente e colocá-lo no chão diante deles.

— Comam logo antes que esfrie! – ela ordenou. – E depois durmam, que

eu fico de vigia! Ainda temos um dia inteiro de caminhada amanhã!

***

— Não vai conseguir nada dela se continuar com careta de sou-mau-igual-ao-Krission. – Sumerin declarou para Nu’lian, depois de assistir calada às tentativas fracassadas do amigo em fazer a menina vilashi falar. – Ela vai começar a chorar.

Ele deu um suspiro e desistiu de encarar a pequena concentradamente como se isso fosse de alguma forma útil.

Como contou o irmão de Garo-lin, ela falara, sinal de que não tinha uma deficiência prévia ao ataque da vila. O fato de ter permanecido calada até aquele momento poderia ser pelo choque de tudo o que passou, como dissera Vinshu. Entretanto, no dia anterior, lá diante deles ela se recusara a falar novamente. Apenas chorava cobrindo o cabelo, como se fosse algo condenável e vergonhoso. Tudo o que eles sabiam veio da explicação imprecisa de Mio-lin.

Segundo o menino, ela falara sobre um fogo muito forte que queimava, mas foi só isso que conseguira entender, porque todo o resto vinha com palavras desconhecidas que dificultavam qualquer compreensão. Agora, se era apenas um eco do que acontecera com ela em sua vila, se era o despertar de um almaki como o do Dragão de Água ou qualquer outra possibilidade, caberia ao próprio Nu’lian desvendar.

— Não pode simplesmente fazer isso usando o seu almaki? – perguntou Sumerin, mostrando que não era apenas espectadora e realmente se empenhava em procurar por uma solução.

— Pode me dizer o que está pensando agora?

Sumerin o encarou por um tempo, com olhos surpresos, e então respondeu meio incerta:

— Se você pode ou não fazer?

— Foi realmente isso? Esse pensamento formado exatamente assim dentro da sua cabeça? Ou um emaranhando de ideias onde você mesma encontrou uma lógica depois da minha pergunta?

Ela o encarou mais uma vez por um tempo, processando, e por fim declarou:

— Entendi. Complicado.

— Sim, complicado e muito além até mesmo do meu Segredo... O que está dentro do meu poder seria ver o que vai acontecer com eles em Vintas.

— O que não é garantido, é arriscado e não deve ser feito. – ela disse de forma autoritária, como uma irmã mais velha orientando sobre os procedimentos corretos a serem seguidos.

— Então, tudo o que resta é fazer com que ela fale.

Sumerin deu um suspiro e encarou a menina.

Conseguiram, com muita relutância, que ela os acompanhasse, e somente depois de garantirem que não a levariam para longe dos vilashis. Por isso escolheram um lugar onde fosse afastado e silencioso na área dos tanques, e de onde ela poderia enxergar seu amigo Mio-lin como uma garantia. Mas, ela não parecia disposta a falar nada. Escondera a sua mecha de cabelos brancos nas faixas que ainda cobriam a suas queimaduras na testa e agia como alguém condenado.

Diante dessa atitude, só havia uma maneira de conseguir qualquer coisa: conquistando a sua confiança.

Então Sumerin passou a mão rente ao chão e com um gesto rápido trouxe uma boa quantidade de matérias que se desprenderam da terra. Manejando almaki de uma forma precisa e rápida, ela passou as mãos juntas e fechadas na frente do rosto da menina, e logo depois a escondeu do seu lado.

Estar queimada, traumatizada, assustada e calada não faziam a criança deixar de ser o que ainda era. Ela seguiu os gestos da Dragão de Metal, por um momento se esquecendo da sua situação, e agiu curiosamente, tentando ver o que aquela moça fazia com tanto mistério.

— Olha – Sumerin começou, como se não falasse diretamente para ela – sabemos que alguém fez uma coisa horrível com a sua vila e com você, e sabemos que está assustada por causa disso. Mas, vamos ajudá-la. – Ela estendeu

as mãos fechadas na frente da menina. – Somos Dragões, sabe? Sim, temos poderes iguais aqueles que fizeram esses machucados em você e machucaram todos os outros, mas não somos pessoas más. Com o almaki desse Dragão de Água aqui, nós temos aquele lago, com os peixes para que todos possam se alimentar. A irmã do Mio-lin tem almaki de fogo também, mas ela nunca faria mal a ninguém que não merecesse, ela protege todos os vilashis. Aqui. – Ela abriu a mão e mostrou uma miniatura de pedra em formato de dragão, mesclado de várias cores. – Com o meu almaki construí esse lugar para que todos possam ficar seguros... E fiz isso para você. – Ofereceu a pedra moldada a ela.

A menina piscou diante do presente. Era visível que aquilo a fascinara, mas não parecia ser o suficiente para que baixasse sua guarda.

Porém, o efeito do discurso de Sumerin atingira indiretamente Nu'lian. Até aquele momento ele ainda estava sob o efeito de se ver diante da possibilidade de alguém com os mesmos sintomas que o seu. Deixara de lado tudo o que aprendera durante aqueles anos para voltar a ser a criança apavorada que teria o mesmo destino que a mãe.

Então, se concentrando em retornar a ser calmo como deveria ser, deu um sorriso e tentou, com isso, passar toda a tranquilidade que sempre usara para falar com Garo-lin:

— Não precisa ter medo. – Passou a mão pelos cabelos muito mais brancos que dourados. – Se o que você fez fosse errado, eu era quem deveria estar chorando, não?

Aquilo pareceu a despertar, como se só agora percebesse que estava diante de alguém que lhe era igual. Depois de avaliar, muito devagar, se estava fazendo o certo ou não, a menina pegou o dragão de pedra que Sumerin ainda oferecia.

Enquanto ela virava o objeto nas mãos, deslumbrada, os dois trocaram sorrisos satisfeitos. Tinham dado o primeiro passo e, agora, poderiam progredir.

— Ame-ru – disse uma voz fraquinha, de quem se esforçava muito para pronunciar.

Os Dragões a encararam surpresos.

— Ame-ru Fena. – A menina ergueu a cabeça para eles, deu um soluço e começou a chorar, mas conseguiu completar o que queria dizer. – A-almaki de água.

Capítulo 10 - Resgate em Vintas

Entre pesadelos que misturavam Kidari se transformando na Senhora da Capital do Fogo e a vila Godan ardendo em chamas, causadas por mombélulas de almaki que Krission Dul'Maojin manejava, Garo-lin só pôde dormir o suficiente para tirar a exaustão do corpo. Mesmo que o Dragão de Vento, o que ficara de vigia por último, insistisse em perguntar se estava bem com aquelas olheiras – muito mais evidentes do que pelas noites de pesquisas –, assim que o dia amanheceu ela foi a primeira a colocar sua mochila no ombro e seguir o caminho.

Sem problemas, conseguiram chegar um dia antes do combinado em Vintas, quando o sol começava a se pôr. Mas, por precaução ficaram nos limites do lugar. Não tinham o apoio de previsão de Nu'lian e Benar precisava de um tempo para sondar a região e seus habitantes. Caso houvesse algo suspeito, poderiam tomar medidas antes que o grupo de Kidari chegasse.

Ali, o caminho continuava em curvas pelo declínio do relevo, e lá embaixo era possível ver as luzes já acesas em Vintas.

O lugar era um vilarejo sem importância no contexto da região de cânions que formava o Vale Baixo da Capital Real. Ele ficava fora das estradas principais, bem afastado da capital. Era distante ainda um dia da Fortaleza Dul'Maojin, mas era o mais perto que chegavam do restante de Almakia em meses.

A paisagem naquele lugar evidenciava bem sua situação de limites. Ali era o ponto onde o Vale Interior terminava nas montanhas da Região Central. Era o início da Floresta Ancestral – ou o fim, se colocasse a usual Rotas como referência. Em um ponto mais adiante, para o norte, ficava a grande represa de

Almakia, que originava o Lago T’pei. Era composto pelo rio Yue que nascia antes da Capital do Vento, passava por Rotas e se dividia em dois: o rio perto da vila Godan e o que cortava região das Fortalezas das Grandes Famílias e abastecia o lago.

Tudo o que eles podiam ver dali com a luz de final do dia era a linha que formava a represa – mais um feito dos Gran’Otto –, ao longe e ouvir o rugido da água que vertia em cascata para dar vazão ao excesso represado. O rio caudaloso continuava seu curso depois disso, até desaguar no mar. Vintas ficava em uma das suas primeiras curvas. O rústico vilarejo se constituía de um centro comercial e pequenas casas de madeira espalhadas pelos arredores. O povo dali basicamente vivia da criação de animais, aproveitando o grande espaço de campos abertos que se estendiam acima dos cânions, da pesca no rio e dos moinhos. E, esses últimos, eram o que faziam o vilarejo ser, ao menos, digno de ser mencionado em um mapa de Almakia.

Os moinhos eram uma parte do complexo da represa responsável por bombear água em um sistema de tubos que alimentava a Capital de Fogo e a Capital Real. Basicamente todo o complexo funcionava sozinho, tendo alguns moradores da vila responsáveis por sua manutenção, mesmo que eles nem ao menos soubessem da importância do serviço que prestavam. Garo-lin lera em um livro sobre o assunto: o único almakin de primeira ordem no elemento de água era o Nu’lian, e não existiam muitos outros na segunda e terceira. Esse número reduzido não era o suficiente para suprir a necessidade de água das duas capitais, que não contavam com um rio para abastecimento natural. A Capital do Metal tinha um sistema diferente, usando água do subterrâneo extraída em conjunto por almakins de metal e água, e a do Vento possuía suas nascentes.

— Está ouvindo o barulho? – ela murmurou a pergunta para Vinshu, tentando não atrapalhar a concentração de Benar.

— Barulho? – perguntou o Dragão, sem entender do que ela estava falando.

Aquele som constante de água corrente vindo de Vintas e essa

consciência de que ela seguia em várias direções por aquele sistema, faziam Garo-lin lembrar do constância que havia no trabalho dos vilashis. Era algo que não existia no Instituto ou em qualquer lugar almakin que ela já estivera antes. Era uma realidade que os Dragões não conheciam.

— Nada – ela disse, pensando que seria complicado demais explicar o que passava pela sua cabeça.

— Não estão aqui – informou o Dragão de Vento, depois de um tempo analisando o ar que vinha do vilarejo. – Tem uma concentração maior de pessoas no centro agora, provavelmente por ser final de um dia de trabalho. Existem muitas espalhadas por todos os lados, mas não há almakins.

Garo-lin largou a sua mochila no chão e se sentou ao lado dela.

— Muito bem – disse com um suspiro cansado de final de caminhada. – Vamos esperar. Por hora, vamos ficar atentos.

***

A chegada de um grupo de forasteiros, no final daquele dia, era um acontecimento como há muito não se via. As crianças já corriam atrás deles para conferir mais de perto a novidade, mas mantinham uma distância segura, com receio do que não consideravam normal. E todos eles tinham alguma coisa que os classificavam como anormais. Manchas pretas em volta dos olhos; um deles tinha olhos amarelos e os encarava com desconfiança, e havia a mais estranha de todos. Conheciam vilashis de olhos amarelos do Vale Interior e já tinham ouvido falar que, nas fronteiras do sul, havia um povo com o rosto manchado de preto, mas aquela estava além de tudo o que poderiam imaginar: alta, cor de areia, olhos e cabelos verdes. Definitivamente não traziam coisas boas.

Não demorou para que gritos de mães, mandando entrar, fossem um decreto geral, e portas e janelas foram fechadas com estrondos enquanto eles passavam. Os que ousaram permanecer no caminho, tinham um ar hostil, de uma maneira que demonstravam que só estavam esperando um motivo para expulsá-los imediatamente do lugar.

— Pessoas simpáticas – comentou Ribaru, segurando sua mochila bem

apertada ao seu corpo, como se estivesse preparado para correr no segundo que fosse preciso. – Tenho a impressão que elas vão rosnar. Não acha, Caramujo?... Princesa?

Mas Kidari não ouvia qualquer pergunta ou mesmo reparava na atmosfera pesada que os cercava. Ela procurava por algo em volta, como se as pessoas com quem ela iria se encontrar só apareceriam se ela se esforçasse na tarefa de descobrir onde estavam. Antes que o ladrão pudesse dizer qualquer coisa sobre o fato de, evidentemente, os amigos dela não terem montado uma recepção de boas-vindas ali, Aruk parou e se virou para o lado.

Demorou um segundo para Ribaru perceber que encarava dois jovens e, estes, trocavam frases aos sussurros, e que no momento seguinte um deles saiu correndo por entre as casas.

Então o sutoorin gritou algo para os irmãos e logo em seguida para eles:

— Corram!

Instintivamente Ribaru agarrou o braço de Kidari e a fez correr com ele, sem saber exatamente para onde ir, mas seguindo os irmãos, que iam na direção da saída do vilarejo.

Como se fosse uma ação combinada, os que estavam fora da casa, tanto homens, quanto mulheres, se movimentaram para impedir a passagem deles. Os irmãos e Aruk diminuíram a velocidade diante disso, mas Ribaru continuou. Já tinha passado por situações assim quando tentaram prendê-lo em Kodo, e ele sabia que aquelas pessoas não eram guardas e hesitariam no último momento abrindo espaço.

— Não! – foi a vez de a princesa o segurar bruscamente, forçando-o a parar e fazendo com que os dois caíssem rolando no chão de terra.

— O quê você pensa que-

Ele não pôde terminar a bronca diante da expressão apavorada dela, olhando para aquelas pessoas. E não fora apenas ela, Aruk também tinha perdido toda a compostura diante do que via.

Mais pessoas se movimentaram atrás deles, os cercando totalmente, e os

da frente avançaram um passo em completa sincronia. Eles tinham um brilho estranho nos olhos, uma luz esverdeada. Kidari começou a ofegar e olhar para todos os lados novamente. Mais uma vez, ela procurava algo, mas dessa vez como alguém que não queria encontrar.

Então uma risada explodiu dentro da cabeça de Ribaru, e de repente nada mais fazia sentido além de segurar a princesa com toda a sua força para que ela não fugisse.

***

Depois de passarem o dia anterior sem notarem nada de estranho, o seguinte permanecera da mesma forma: na mais absoluta tranquilidade, como se não houvesse nada acontecendo em Almakia. Benar comentara que não havia movimento estranho no vilarejo, como era esperado de um lugar afastado e pacato como aquele. As pessoas se limitavam a andar nos arredores, em tarefas comuns, nada que denunciasse algo que merecesse ser investigado.

Garo-lin olhava atentamente para aquelas casinhas distantes, vendo as pequenas figuras de algumas pessoas pelas ruas, outras levando um rebanho pela praça central e, outras ainda, em função dos moinhos. Nada suspeito. Aquele cenário pacífico só a fazia pensar no que estava além dele: onde estaria Kidari? Será que ela tinha tido problemas no caminho? E se ela não chegasse, o que fariam?

Ela olhou para Vinshu, quieto e pensativo.

Já há algum tempo queria perguntar sobre a princesa e o Dragão de Raio. Sabia que havia algo entre eles, e Kidari falara sinceramente sobre isso. Mas era fácil entender o que levara a kodorin a se encantar daquela forma, enquanto era difícil aceitar o fato de que o almakin esnobe respondesse aos sentimentos da estrangeira.

— Sabe... – Garo-lin tentou procurar a melhor maneira de começar o assunto – Sobre a Kidari...

Vinshu a encarou, esperando que ela completasse a pergunta de forma entendível, mas isso só serviu para que a vilashi se atrapalhasse ainda mais em

seus pensamentos. Diante da impaciência dele, lhe veio uma forma de perguntar indiretamente:

— Quando reencontrei a Kidari, depois de eu ter morrido, você a tinha levado para a Capital Real. E ela me contou que-

— Que chorou desesperadamente ao ponto de assustar todos os empregados dos Gillion? – ele perguntou franzindo a testa, completando a frase por ela.

— Não, sobre-

— Cheguei a ouvir a comentários de não almakins que ela era uma criatura do Além-mar mandada para amaldiçoar o rei Gillion e fazer as praias engolirem Almakia.

Garo-lin segurou o riso diante da imagem clara que lhe veio à mente, das pessoas se assustando com a amiga, e logo tratou de se desfazer dela. Não podia perder a oportunidade e deixar o Dragão escapar facilmente de uma explicação:

— Ela disse que gostava de você – foi uma afirmação, já que perguntas não a levariam a lugar nenhum.

— Ah, sobre isso. – Ele lançou um olhar atravessado para Benar, que soltara um riso soprado no seu posto de observação. – Não, não foi engraçado, Benar!

— O que aconteceu? – Garo-lin pediu, já que visivelmente fora muito mais do que uma simples declaração da parte da princesa.

Vinshu deu um suspiro e contou, meio a contragosto, como se soubesse que, se não contasse, o amigo trataria de dar a sua visão dos fatos:

— Veja bem, ela parece ter tido uma ideia errada sobre mentores. E principalmente sobre quais são as obrigações de um mentor! O fato de termos voltado da Incumbência teoricamente a colocaria no nível de ela mesma poder ser uma mentora, não de continuar dependente de mim.

— Não era dependência, Vin. – Benar riu ainda mais da explicação pontuada dele, e acrescentou para Garo-lin. – Ela agarrou ele na frente de todo mundo e-

— ***Agora*** – o outro tratou de se sobrepor na explicação – eu sei que não era!... Quando aconteceu o incêndio, ela ficou muito abalada, porque ninguém parecia se importar com o fato de você ter morrido. Levá-la para a Capital Real foi uma sugestão do Nu’lian-

— Muito apropriada, por sinal.

— Posso terminar, Benar?

O Dragão de Vento fez um gesto indicando que sim, parecendo se divertir imensamente com aquilo.

— Nu’lian disse que ela precisava se afastar do Instituto, e que eu *precisava* fazer isso. E em algum momento entre isso e ela cansar de chorar, a princesa chegou a... esse ponto.

— Não foi nesse *algum momento*. – Garo-lin viu que sabia de algo que o Dragão inteligente desconhecia, e tratou de omitir a parte que na época não havia entendido. – Ela já havia me falado quando estávamos em Godan.

A informação, mesmo que para ela fosse mínima, parecia ter atingido Vinshu como um impacto almaki. Por um momento a pose arrogante dele se desfez, e pela primeira vez pôde vê-lo sem ser a pessoa que carregava um título almaki: ele era capaz de fazer a mesma expressão perdida que já tinha visto tantas vezes no rosto de Garo-nan.

— Pode ter sido antes. – Ele se recuperou tão rapidamente quanto se perdera.

— E... quando você aceitou isso?

— Quando você me bateu na Capital Real – respondeu prontamente.

Garo-lin se lembrava do fato, mesmo ele tendo ficado ofuscado entre tantas coisas que aconteceram. Não sabia se sua sina era agredir Dragões, mas a maneira com que Vinshu agira naquele dia a fez chegar ao ponto de não poder aguentar.

— Depois daquele tapa e do que você me disse, entendi algumas coisas. Afinal, aquela kodorin me irritava de uma maneira que me fazia sentir vontade de agir rudemente, como certa vilashi.

Garo-lin deu um resmungo mínimo para registrar que se incomodara.

— Ela testava a minha paciência de todas as formas possíveis. Mas a partir do momento em que se afastou, o que me irritava era justamente isso: não haver ninguém... Eu não queria que ela fosse para longe, e só não conseguia entender isso.

Garo-lin não pôde evitar um sorriso disfarçado e, se até aquele momento havia por parte dela receio de Kidari se machucar nessa história, ele foi quase totalmente desfeito: conseguia perceber o mesmo nível de sinceridade por parte do Dragão.

Então comentou, mesmo sabendo que suas palavras soariam dissonantes da conversa:

— Ela está voltando.

— Eu sei – concordou com um ar satisfeito, e encarou o chão, sem saber como esconder isso.

E então, tudo aconteceu de forma muito rápida.

Benar ficou em pé de repente, olhando apreensivamente em direção ao vilarejo.

— O que foi? – Vinshu levantou logo em seguida, também sem entender aquela reação e seguindo o olhar do amigo em busca da causa.

— Algo está estra-

Benar não teve tempo de explicar o que lhe parecia estranho.

Houve uma claridade muito forte, que englobou todo o vilarejo e se espalhou até muito perto deles, se dissipando antes de atingi-los.

— O que foi isso? – Garo-lin perguntou espantada, já que nunca tinha visto nada igual antes.

— Isso foi... almaki – respondeu Benar, soando incerto.

Um grito vindo de lá, mesmo que abafado, foi o que fez Garo-lin e Vinshu se entreolharem. Encontrando nessa atitude uma confirmação sem palavras, os dois correram: era o grito de Kidari.

***

— Calma, princesa! – Aruk segurava a kodorin pelos ombros, a balançando para fazer com que voltasse à realidade. – Fui eu!

Mas a voz dele não a alcançava. Ela respirava de forma descompassada, perdida dentro de si com os olhos desfocados, e se recusava a fazer qualquer movimento para demonstrar vida.

— Aruk! – alertou Toris, puxando um bastão retrátil de metal da lateral da sua mochila de viagem e ficando na frente deles em posição de defesa, juntamente com o irmão que fazia o mesmo.

Entre os moradores do vilarejo, que foram completamente paralisados pelo almaki de Aruk, outras pessoas avançavam. Percebendo que o quê fizera não provocara efeito neles, Aruk colocou a princesa atrás de si e verificou Ribaru, que estava caído no chão, ainda atordoado por ter sido o primeiro a receber o manejamento antes da explosão de luz.

— Ora, veja só! – disse uma das pessoas que avançavam, em um tom debochado.

Ele era mais alto que os outros, e os cabelos verde-escuros compridos presos em camadas o fazia parecer ainda maior. Com um sorriso torto estampado no rosto cor de areia e um olhar sombrio que lançava com a cabeça levemente abaixada, era evidente que suas intenções não eram boas. Como se mantivesse uma posição de ataque, mesmo que seus gestos não demonstrassem isso, o kodorin se aproximou sem se importar de empurrar as pessoas paralisadas que atrapalhavam o seu caminho.

— Almaki de luz *realmente* existe ainda. Acho que vamos precisar dar um jeito nisso agora. O que acha, Dragão de Fogo?

Havia pelo menos mais vinte pessoas com eles, visivelmente almakins pelas roupas bem alinhadas e com um padrão que sugeria serem oficiais da Capital de Fogo. Entre eles estava alguém que não tinha como não reconhecer, e fez com que Aruk prendesse a respiração. Mesmo que não o visse há anos, a semelhança com Kandara era incrível, e não tinha como confundi-lo com nenhum outro almakin.

Ao invés de dar uma resposta, o Dragão de Fogo apenas o encarava, como se também encontrasse algo em suas lembranças, mas não conseguisse definir o que era.

— O que faremos, Asthur? – o kodorin questionou para outro almakin logo atrás deles.

— Importa se sua irmã ficar um pouco queimada? – ele perguntou, já manejando uma chama de almaki na mão, deixando bem evidente que se segurava apenas por depender de ordens.

— Sem problemas. Faça o que quiser com os outros, mas ela precisa voltar pelo menos respirando para o meu pai.

— Ao dispor do futuro rei de Kodo – o almakin empregou a formalidade, usando as palavras de reverência kodorins com um tom de quem se deliciava em compactuar com a crueldade.

Aruk gritou para os irmãos correm, já que seriam os primeiros atingidos. Mas eles não o obedeceram e só se prepararam como podiam para enfrentar o ataque em forma de bola de fogo que estava sendo manejado naquela direção. Antes que Aruk pudesse pensar em qualquer forma de proteger a todos, uma segunda bola de fogo, menor e muito mais rápida, surgiu. Ela acertou a primeira com força, como se fosse muito mais densa, apesar do tamanho, e a levou consigo para a lateral, atingindo uma ferraria que explodiu e queimou. A explosão foi o suficiente para tirar os moradores do vilarejo do transe, e eles começaram a gritar e correr apavorados sem saber o que estava acontecendo.

— Peguem a princesa! – ordenou Asthur, enquanto olhava em volta raivoso procurando por quem o impedira.

Alguns almakins que avançaram, obedecendo a ordem, caíram no chão em convulsões depois de dois passos na direção do grupo, enquanto outros foram lançados longe como se atingidos por um golpe de ar muito forte. Foi quando Aruk viu entre as pessoas que corriam alguém abaixado com as mãos espalmadas no chão, e entendeu.

— Princesa, olhe quem- – ele tentou fazê-la voltar à realidade com isso,

mas uma explosão causada pelo almakin de fogo abafou a sua voz.

Sem outra opção, ordenou que os irmãos pegassem Ribaru enquanto ele mesmo carregava a princesa em direção aos que vieram os resgatar. Agora que conseguia enxergar quem era amigo e inimigo, podia agir livremente. Só precisava ter certeza de que *amigos* não estivessem na sua frente.

***

Estava escuro e a agitação em que se encontrava após ter ouvido o grito de Kidari não lhe permitia entender quem era quem entre as pessoas que se aglomeravam no vilarejo. Porém, era certo para Garo-lin que os habitantes dali estavam anormalmente quietos diante do que acontecia, e que havia quem atacava e quem estava sendo atacado. Quando viu que um almaki de fogo era manejado, não pensou duas vezes em usar seu próprio poder para impedir. Mesmo que não o usasse para atacar desde que expulsaram os piratas da sua vila, há alguns meses, a falta de dúvida de estar fazendo o correto lhe dava confiança para acertar o seu alvo.

— Damos conta deles. Pegue a Kidari – orientou Vinshu, assim que houve a explosão do ataque e ordens de contra-ataque foram dadas.

Uma segunda bola de fogo fora lançada contra eles, e Benar a desviou de seu curso, fazendo-a ir em direção aos moinhos. Então Vinshu espalmou as mãos no chão e acompanhou o amigo em uma série de investidas contra os que avançavam, abrindo caminho para Garo-lin.

Agora com a luz do fogo que ardia nos lugares atingidos, mesmo entre o caos causado pelas pessoas do vilarejo, ela conseguiu localizar o cabelo verde de Kidari. Correu sem medo, pulando por cima dos almakins derrubados e empurrando os moradores que ficavam na sua frente, até conseguir chegar nela.

— Kida-

Mas parou, derrapando no chão de terra ao perceber que se enganara.

Quem estava a sua frente não era Kidari, embora fosse um kodorin. Ele dava atenção aos ataques dos Dragões, mas a sua parada brusca foi o suficiente para que a percebesse.

— Almakia e as suas surpresas! – ele exclamou – Se não é um dos *nilajis*.

Dar as costas e correr não era uma alternativa. Então Garo-lin rapidamente manejou almaki, na intenção de pelo menos ganhar um pouco de tempo e pensar em como escapar.

— Acha que pode brincar assim, *nilaji*? – o kodorin perguntou em um tom de quem não havia gostado nada da atitude de enfrentamento dela.

Ele tapou o olho direito com uma mão ao mesmo tempo em que o esquerdo começava a adquirir um brilho esverdeado.

— **Diwari!** – alguém se colocou entre eles. – Você não tem permissão!

A chama de almaki que Garo-lin tinha nas mãos se extinguiu sem que ela percebesse.

Quando o kodorin parou muito a contragosto o que estava fazendo, Krission Dul'Maojin se voltou para ela e declarou:

— Ela é um problema para almakins.

E então a atacou.

Garo-lin não conseguiu ter qualquer reação àquilo. De todas as coisas que poderia estar preparada para enfrentar, a súbita visão do Dragão de Fogo foi capaz de lhe tirar a sensação de mundo e a deixar completamente inútil.

Sem se importar com a incapacidade de reagir da vilashi, Dul'Maojin usou a técnica que ela conhecia bem: lançou seu almaki no chão e o fez explodir por debaixo de seus pés. Por mais que naquele instante todo o bom senso lhe retomasse, ela não conseguiria escapar, não por si mesma. Por isso que, ao se sentir sendo puxada para trás e para cima no mesmo instante em que via acontecer a explosão capaz de destruí-la com impacto e fogo, só pôde supor que já estivesse morta.

Porém, mesmo sem ar, ainda estava viva.

Envolta por uma cápsula de vento que não a deixava respirar, a vilashi se viu sendo erguida para muito acima das casas do vilarejo, enquanto uma onda rápida e densa de luz varria tudo abaixo. Parecia ser o mesmo que haviam visto

antes, mas agora em um nível de poder incomparável. Quando a luz passou, mais uma vez ela se movimentou bruscamente com o vento, e foi depositada no chão.

Benar inspirou fundo, como se todo aquele tempo que estivesse manejando para resgatar a amiga também não tivesse respirado, e soltou o ar com um misto de alívio ao colocá-la a salvo na sua frente:

— Tudo bem, Garo-lin?

Ela não sabia responder, mas fez um gesto vago com a cabeça que pelo menos sinalizava que ouvira a pergunta. Tudo agora se resumia a olhar para frente, para um único ponto: Krission Dul'Maojin paralisado junto com todos os outros que foram atingidos pela onda de luz. Ele ainda estava em posição de ataque, mesmo que as chamas de almaki manejado já não estivessem mais em suas mãos, e mantinha a expressão concentrada de quem colocava todo o seu empenho no que fazia.

— Espero que tenham um bom plano de fuga, Dragões – disse uma das pessoas do grupo que estava sendo atacado, tirando-a de seus pensamentos.

Ele entregou uma Kidari desmaiada para Vinshu e completou:

— Não posso determinar quando tempo eles ficarão assim e o quanto estarão furiosos ao descobrirem que escapamos.

- PARTE 2 -
O brilho de Aruk

Completando o quebra-cabeça

que continua a fazer o futuro, peça por peça.

Porque, mais do que qualquer pessoa,

eu conheci o brilho que há em você.

Meikyuu Love Song – Arashi

Capítulo 11 - Como Almakia funciona

Andar por aqueles corredores de terra e respirar o ar gelado e úmido que insistia em predominar – independente do eficiente sistema de circulação elaborado pela almakin de metal –, só faziam o peso em Garo-nan aumentar.

Desde a morte do pai, pouco antes de saírem da vila para aquele esconderijo, se via na posição que menos queria ocupar. Era oficialmente o líder de Godan, mesmo que não se achasse minimamente preparado para o cargo. Ainda assim, deveria ser a voz de comando para os demais vilashis no momento mais complicado por qual já haviam passado em Almakia.

No total, conseguiram resgatar oito vilas no Vale Interior Baixo, e cada uma delas tinha seu líder também. Entretanto, nenhum estava em condições de ter alguma representatividade devido ao abatimento causado pelo cerco pirata e a falta de alimento.

Era certo que tinham a ajuda dos Dragões e daquele kodorin estranho. So-ren também era prestativa de uma maneira que nunca imaginou que um almakin poderia ser. Ainda, Garo-lin estava com ele. Ela sim seria a pessoa mais indicada para liderar. Seu conhecimento, seu poder e – acima de tudo – sua coragem seriam capazes de salvar Godan de qualquer problema. E essa era a certeza na qual ele se agarrava: que o que fazia era apenas como um representante da amiga, e que quando tudo se resolvesse ela tomaria o seu lugar. Já sabia disso, desde o momento em que ela saiu para viver entre almakins.

Porém, por enquanto, deveria dar o seu melhor em manter as vilas seguras, assim como todos vinham fazendo. Embora essa fosse a prioridade, não havia muitas possibilidades além de zelar pela situação de invisíveis para Almakia. E isso era algo extremamente respeitado no esconderijo, de forma que Garo-nan não tinha muito trabalho nesse sentido.

Foi pensando em outras maneiras de ajudar, que a ideia veio clara em sua mente: tinham um prisioneiro ali. Segundo Garo-lin, ele era uma das pessoas que a sequestraram daquela vez. Era um pirata. Com certeza saberia mais do que qualquer um sobre o que tinha acontecido no Domínio naqueles meses.

Na condição dele, de prisioneiro, um interrogatório era algo provável. A questão seria: ele iria falar? E, se falasse, como saber se era verdade?

Era um risco que valeria a pena correr. Assim, de alguma forma, ele estaria sendo útil fora do contexto de líder da vila Godan.

Como o esconderijo não havia sido pensado para aprisionar alguém, o pirata estava em um dos lugares mais fundos e sem saídas. A desorientação já seria o suficiente para detê-lo em caso de fuga. Mesmo assim, a Dragão de Metal fechara a abertura do lugar com grades de pedras, para permitir que ele tivesse pouco espaço.

Também havia os vigias, sentinelas vilashis que se revezavam na guarda do prisioneiro. Quem estava agora no posto era Na-li Cadopis, alguém da mesma geração de filhos vilashis que ele.

Mesmo sendo a mais velha do grupo, ela nunca tinha pensado que deveria exercer sua posição de exemplo para os menores. Garo-nan perdera as contas de quantas vezes apanhara e quantas vezes Garo-lin o protegeu de Na-li e seus irmãos. Não eram exatamente pessoas cruéis, mas achavam que mostrar a força era a melhor forma de convivência, e não sabiam medir o tanto que machucavam os outros com essa atitude. Agora, já adulta, casada e sendo uma das sentinelas de Godan, Na-li não era mais tão assustadora como lhe parecia na infância. E, era inevitável pensar com um certo orgulho, que ela estava sob o seu comando dentro da hierarquia simples da vila.

— Vou falar com o prisioneiro – anunciou, quando ela o encarou estranhando a presença dele ali sozinho.

— Vai perder seu tempo. – Na-li lançou um olhar rápido para o encarcerado que parecia dormir, e acrescentou baixinho. – Acho que ele é louco.

— Louco ou não, alguma coisa ele pode nos dizer. Por que não aproveita

e vai comer alguma coisa? Fico aqui até você voltar.

— Mas...

Na-li não completou em palavras o seu pensamento, e Garo-nan deduziu: se ele escapar *você* não vai conseguir fazer nada.

— A guarda aqui é mais para não deixá-lo sozinho, Na-li.

Sem poder rebater aquilo, ela encolheu os ombros e saiu feliz por poder almoçar mais cedo que o previsto. Quando o som dos seus passos estava distante o suficiente, Garo-nan pegou um dos porta-chamas com fogo almaki manejado por So-ren e colocou no chão, em frente às grades, sentando-se ao lado.

— Olá – disse e esperou alguma reação.

Nem um mínimo movimento veio da trouxa de panos e tufos de cabelos que formavam a figura do prisioneiro, em um canto do lugar.

Garo-nan tossiu e continuou, soltando o discurso que já havia ensaiado:

— Bom, sei que é desconfortável ficar aqui, mas garanto que a única diferença entre você e nós são essas grades. Também estamos aprisionados. Talvez, nossas situações sejam iguais, além disso. Se nos contasse o que aconteceu, podemos pensar em algo para ajudá-lo.

A trouxa de roupa pareceu começar a tremer. E, foi com surpresa que o vilashi percebeu que na verdade o prisioneiro ria. Uma risada sem som, mas visivelmente intensa a ponto de chacoalhar o seu corpo magro.

— Então pensa que somos iguais, vilashi? – ele soltou com uma voz rouca. – Não, não somos iguais! Ou você é um almakin ou não é ninguém! É assim que tudo funciona em Almakia! – E, então, levantou a cabeça e o encarou com os olhos escondidos pelos cabelos sujos, refletindo de forma brilhante a chama almaki. – Não tem como fugir disso!

— Para os vilashis sempre foi claro que Almakia é dos almakins.

O prisioneiro riu mais uma vez:

— Pois Almakia nunca foi minha! E, olha, sou um almakin! – Ele levantou as mãos e fez gestos, semelhantes aos que os Dragões faziam ao usar seus almakis.

Porém, nada aconteceu.

O sorriso dele desapareceu imediatamente após isso, e ele voltou a enterrar o rosto nas roupas gastas.

Entendendo que falar aquilo o jogava novamente nas sombras que estava cultivando em seu interior, Garo-nan tentou resgatá-lo para que a conversa não se perdesse:

— O que fizeram com você?

Pensou se contar que fez parte do resgate de Garo-lin, no Vale das Pedras, o ajudaria a falar, e antes que pudesse concluir o prisioneiro se manifestou:

— O mesmo que logo farão com todos.

— Como assim?

— Almakia será apenas dos almakins... Somente de alguns.

Mesmo para Garo-nan – que não compreendia o mundo dos almakins, e seu conhecimento se resumia ao que tinha aprendido com Garo-lin, os Dragões e So-ren –, foi possível sentir o peso que aquilo carregava.

— Quem são esses alguns?

O prisioneiro voltou a encará-lo, mas dessa vez sério. A chama almaki brilhou de uma forma assustadora em seus olhos escuros, fazendo o vilashi sentir uma vontade imensa de sair correndo dali.

— Você faz as perguntas certas. Mas isso não garante que possa ir contra as respostas.

— Não, não posso. Mas, sou um vilashi e não entendo que não posso.

Ele pareceu não alcançar aquela forma de pensar. Porém, a firmeza usada em sua fala fez algum sentido para o prisioneiro.

— Vai ser interessante ver aonde chegará pensando assim, vilashi. – Então se arrastou para mais perto das grades, de forma que ficasse totalmente ao alcance da luz da chama. – Vou contar o que eu sei, mas quero algo em troca.

— O que? – Garo-nan perguntou, certo de que ele pediria para ser libertado.

— Quero que traga aqui aquela vilashi que me fez isso. – E ele apontou para a cicatriz em seu pescoço. – Tenho pendências com ela.

Garo-nan sentiu algo se remexer de forma inquieta dentro dele: de qualquer ponto, aquilo soava como perigo para Garo-lin.

Entretanto, quem estava atrás daquela grade não era ele.

— Muito bem. Vou trazê-la aqui, mas tem que prometer que responderá todas as minhas perguntas.

— Temos um trato, vilashi. – Ele deu mais uma risada sem som, satisfeito.

***

Quando Ribaru voltou a si, o mundo estava em movimento. Tratando de se recompor, percebeu que era carregado e não sabia por quem. Ele se soltou imediatamente, de uma forma brusca, e caiu rolando pelo chão. A pessoa parou, e todas as outras que estavam com ele, pararam também. Vendo-se diante de alguém muito grande, teve certeza de que fora capturado e, por puro instinto, já se levantava preparado para fugir. Mas uma voz conhecida desfez essa reação:

— Se você já está bem, é melhor levantar e correr – alertou Aruk e depois falou algo na língua de Almakia para a pessoa que o carregava.

— O que aconteceu?

— Sem tempo para explicar. Vamos! – Aruk o puxou pelo braço e ele foi obrigado a segui-lo, mesmo com passos confusos que o faziam tropeçar no caminho acidentado.

A última coisa que lembrava era de estar naquele vilarejo e de ter sido cercado pelos moradores de lá. A princesa havia gritado e-

— Caramujo! – era para ser uma pergunta, mas foi tudo que ele gritou no susto de perceber que não a via mais.

— Ela está com o Dragão dela – informou Aruk, indicando uma direção.

Mesmo estando escuro e a única luz disponível vir de algum ponto a frente do grupo, ele distinguiu os cabelos verdes dela, que estava sendo carregada nas costas de alguém, desacordada.

Passavam por um lugar com muitas árvores de copas altas e fechadas, e não se podia enxergar muito coisa além de três passos em volta. Uma sensação de aprisionamento começou a incomodá-lo: não sabia onde estava, não sabia o que tinha acontecido... Não sabia o que iria acontecer e não tinha a mínima possibilidade de fugir. Já tinha passado alguns dias perdido em mata fechada e não queria repetir a experiência. Mais uma vez, teria que confiar em Aruk e esperar a princesa acordar. Tudo o que poderia fazer era ficar atento.

Para demonstrar a sua decisão, ele soltou o braço da mão do sutoorin e disse de forma orgulhosa:

— Sei andar sozinho!

Andaram por algumas horas e a escuridão começou a se esmaecer. Um frio molhado de início de manhã infiltrava por entre as árvores. Nesse instante Aruk parou, olhou em volta e anunciou algo que Ribaru não entendeu, mas os outros sim. Aquelas novas pessoas com eles pararam, apesar de não pareceram nada felizes com essa decisão.

— O que você disse? – Ribaru perguntou, sem esconder sua respiração ansiosa por se ver cercado de rostos que não conhecia.

— Vamos ficar aqui – ele respondeu, de uma maneira séria.

***

— Não podemos ficar aqui! – Garo-lin avançou até onde estava aquele que usava o poder almaki capaz de paralisar todo mundo, cuidando para não apagar a chama que mantinha em sua mão. – Você mesmo disse que teríamos que fugir muito rápido, e ainda estamos longe de chegar no esconderijo!

— Quer que eles descubram o seu esconderijo? – ele perguntou como alguém que realmente acreditava que aquela era a vontade dela.

— Não! – ela respondeu indignada por o estranho pensar daquela maneira.

— Então paramos aqui – ele concluiu, já não lhe dando mais atenção.

Isso era tudo o que ela precisava: uma nova pessoa para esnobá-la. Abriu a boca para dizer algo, mas foi impedida por Benar, que colocou a mão no seu

ombro e fez um sinal negativo. Diante disso, não pôde fazer nada além de soltar todo o ar que tinha pronto para explodir em uma resposta.

— Somos em oito... – ele murmurou, indo para um lado e tocando o tronco de uma das árvores.

Então ele contou os passos até outra árvore, e outra, e outra, sempre contando os passos e colocando a mão por um tempo nos troncos.

— Oito – disse por fim. – Deve ter espaço suficiente.

Garo-lin olhou para Benar e Vinshu e viu que eles também não entendiam o que estava se passando. Os dois loiros de olhos manchados já se moviam, tirando suas mochilas das costas e limpando a área entre as árvores escolhidas. Só o menino que acordara parecia tão confuso quanto eles. E, olhando para ele, Garo-lin reparou uma coisa.

— Você é um vilashi?

Ele se virou e a encarou com aqueles olhos de um amarelo que ela conhecia muito bem e também pareceu surpreso em vê-la.

— É? – ela perguntou mais uma vez, mas não obteve resposta alguma. O menino continuou a encarando de uma forma perdida.

— Quem é ele? – ela exigiu saber, direcionando a pergunta para os loiros.

Estes apenas a olharam rapidamente e balançaram as cabeças.

— Eles não entendem a língua de Almakia muito bem, vilashi – disse o do almaki estranho.

— Quem são vocês, afinal?

Ele fez um sinal pedindo silêncio, enquanto contava cinco passos para frente e então parava, olhando concentradamente para todas as árvores que tocara. Então, os troncos começaram a brilhar, e algo começou a sair daqueles pontos brilhantes. Como se fossem véus finos, transparentes, feitos de algo vivo, aquela luz começou a se expandir dos oito pontos, em todas as direções, cada contorno da sua superfície buscando alcançar algo. Mesmo que não fosse o momento para aquilo, Garo-lin olhou encantada para o que acontecia a sua volta,

de todos eles, como se um lençol feito do tecido mais brilhante que podia existir estivesse se estendendo e formando um abrigo iluminado. Quando todos os pontos se juntaram, se emaranharam sob suas cabeças e formaram uma coisa só, o véu pousou levemente, tocando o chão e desaparecendo em seguida.

Garo-lin estendeu os dedos para onde, um segundo antes, aquela luz ainda se movia, mas foi alertada pelo almakin:

— É uma proteção, que nos deixa invisíveis. Se tocá-la com mãos de almaki de fogo pode desfazer o efeito. Com ela estaremos protegidos por um tempo.

Aquilo a fez acordar do seu estado de encantamento e voltar para a realidade:

— Quem é você?

— Sou Aruk Don'Anori. – Ele reverenciou de uma forma extravagante, curvando o corpo e jogando a mão direita para o lado em um gesto amplo, fazendo algo reluzir com esse movimento. – Como já deve ter percebido, sou um almakin de luz. E, pelo que a alegre princesa nos disse, você deve ser a amiga que ela precisava encontra, não? Karu-alguma-coisa.

— Garo-lin – ela disse de forma automática, já que seus pensamentos funcionavam no processamento de outra coisa: – Você... você é o brilho da Kandara?

Ele riu, desmanchando sua pose de apresentação e coçando a cabeça sem graça:

— Bom, sou, mas foi ela que escolheu esse apelido e... Como sabe sobre a história do brilho?

— Ele é a pessoa que viajava com a Kandara! – ela exclamou para Vinshu e Benar, apontando para Aruk como se tivesse acabado de descobrir um tesouro.

E já não mais importava se aquele almakin agia de forma estranha. Ele era a chave para decifrar os segredos que Kandara deixara para trás.

Capítulo 12 - Almakin de Luz

Garo-lin não sabia se olhava para aquela pessoa com espanto ou com desconfiança. Afinal, tê-lo ali era como encaixar peças fundamentais do caderno de Kandara. Sempre houve alguém com ela. Alguém que a herdeira nunca pôde revelar diretamente, mas que – ao mesmo tempo – não podia deixar de mencionar. E essa pessoa que vivera fatos mencionados pelas letras da herdeira agora estava ali, na sua frente.

Com a segurança daquele véu que Aruk fizera e sua explicação de que seria melhor esperarem um dia ou dois para que os perseguidores perdessem o seu rastro, o que eles mais tinham era tempo para explicações.

Depois de Benar confirmar que podia sentir a proteção realmente à volta deles, o almakin esclareceu como ela funcionava. Não era intransponível e muito menos a prova de sons, mas distorcia a realidade e os ocultava naquele pedaço de floresta. Mesmo com a vantagem de ter o Segredo do Dragão de Vento a favor deles alertando possíveis aproximações, era prudente fazerem o mínimo possível de barulho.

E em silêncio era como os irmãos gêmeos trabalhavam.

Os sutoorins compreendiam apenas algumas palavras da língua de Almakia e ninguém mais além de Aruk se comunicava direito com eles. Os dois tinham uma agilidade incrível. Construíam coisas com o que dispunham em suas mochilas e o que estava ao redor. Mesmo sem a capacidade de usar almaki, em pouco tempo montaram um lugar confortável para a princesa ainda desacordada ficar, marcaram toda a área coberta pelo véu invisível – para se saber onde ele estava – e cavaram um buraco para funcionar como um forno. No momento, eles se empenhavam na tarefa de preparar uma refeição, alheios a todos os outros. Somente pediram por fogo almaki para Garo-lin – para não criar indícios de

fumaça, – e juntaram o que havia de comestível entre os pertences de todos, cuidando para escolher coisas que pudessem cozinhar sem exalar um cheiro forte.

Também havia aquele menino dos olhos amarelos, que se sentara ao lado de Kidari, cruzara os braços e agia como se estivesse esperando alguém desafiá-lo a sair dali. Desde que Vinshu usara almaki de cura para verificar que a situação da princesa era estável – que ela realmente dormia e só restava esperar que acordasse –, ele lançava olhares nada amigáveis para o Dragão de Raio. E Garo-lin reparara que aquilo incomodava bastante o amigo, principalmente pelo fato do estranho agir como alguém que tinha a responsabilidade de cuidar da princesa... O que poderia muito bem ser o caso.

A curiosidade de Garo-lin em saber sobre ele só não era maior que saber sobre o almakin de luz. Como também descobrira que somente o próprio Aruk poderia contar algo a respeito dos olhos amarelos, não poderia falar com mais ninguém. E, estando finalmente diante do brilho de Kandara, tinha tantas perguntas para fazer que todas escapavam do seu controle, não se decidindo em grau de importância. Só podia resumi-las em uma única direção, e foi o que fez:

— Qual a sua relação com a Kandara?

— Eu sou o brilho dela – ele respondeu sem um pingo de hesitação.

Garo-lin continuou o olhando, evidentemente dizendo que aquela resposta não era novidade e esperava por algo mais consistente.

— Certo. Vamos definir por onde preciso começar... Sabe alguma coisa sobre os exilados em Sutoor?

— Exilados em Sutoor?

— Sabe que existem almakins exilados fora de Almakia?

Mesmo que ela não tivesse nenhum referencial que validasse essa informação, não era algo impossível. Então, já antecipou a pergunta ao invés da confirmação:

— Por que são exilados?

Aruk deu um grande suspiro, constatando que teria que contar muito

mais do que pensara, e se preparou para tanto.

— Sabe sobre as Famílias de Luz e de Pedra?

Aquela pergunta mexeu com a vilashi e ela ficou mais atenta do que já estava, exatamente como o que deveria ser o exemplo de uma boa aluna do Instituto. Também percebeu que Benar e Vinshu prestavam muita atenção à conversa.

— Almaki de luz é um almaki interrompido e o de pedra hoje é chamado de Metal – ela recitou rapidamente o que havia aprendido, como se o que lhe interessasse fosse somente a versão dele e apenas precisasse listar o que haviam lhe dito do assunto.

— Sim, essa é a versão oficial de Almakia... Bom, o que vou contar é sobre esses dois almakis, mas só posso dizer com certeza sobre o lado que conheço. Tudo o que sei são histórias que ouvi enquanto crescia. Oficialmente, sou um sutoorin, como Bri, minha mãe. Mas meu almaki vem do meu pai, da antiga Família de Luz de Almakia, os Don'Anori que foram exilados.

— Eles estão nos livros! – Garo-lin exclamou e rapidamente pegou sua mochila, tirando dela o seu velho e deteriorado livro de História.

Dentro do esconderijo já nem pensava mais em tê-lo consigo, só se importando com o caderno de Kandara. Mas, para aquela missão, pensara que ele poderia ser útil por ter vários mapas do Domínio, mesmo que antigos. Então, folheando, chegou à parte que precisava:

— Aqui! – e leu: – *Almaki de Luz usado em primeira ordem é perigoso e desaconselhável. Por isso, todos os almakins de luz só manejam em uma terceira ordem por determinação do Governo. A única exceção é a Família Don'Anori, possuidores do Segredo de Luz, que de bom grado aceitaram somente usar esse nível de almaki quando houver o consenso entre os representantes do Governo e de pelo menos mais cinco representantes das demais Famílias possuidoras de Segredos.* – Continuou folheando – Mas não diz nada sobre eles terem sido exilados. Não sei quando esse livro foi escrito... Mas, pensei que o almaki de luz fosse um almaki interrompido por não haver mais descendentes, como acontece

com a Família de Água. Não existem almakins de luz no Instituto, e nunca ouvi falar de um Don'Anori fora.

— Sou o único descendente que resta, mas nunca vou ser reconhecido como um almakin sendo assim. – ele apontou para o seu rosto, indicando suas manchas que o diferenciavam de qualquer um da Sociedade Almaki. – Os Don'Anori não existem mais como Família de Luz, e o nosso Segredo é considerado perdido.

Esse fato era uma surpresa para Garo-lin. Até o momento ela vinha tentando descobrir sobre a Família de Pedra e nunca pensara que haveria algo também relacionado ao almaki de luz. Então, junto com esse pensamento o questionamento foi imediato:

— E existem mais Famílias exiladas? A Família de Pedra?

— A Família de Pedra foi exterminada.

As palavras soaram pesadas, como uma sentença.

Porém, já sabiam que ainda havia alguém.

— E a Artesã de Potes?

— Artesã?

— Belmerin Marganatto.

Foi a vez de Aruk se surpreender:

— Encontrou a Belmerin?!

— Benar a encontrou nas montanhas.

E o citado confirmou com um aceno positivo de cabeça, completando:

— Está viva, apesar de querer que pensemos o contrário.

— Ah! Eu sempre disse para Kandara que usar os Dragões na busca faria diferença!

Diante do sorriso vitorioso dele, como se agora tivesse reunido provas suficientes para mostrar que sempre estivera certo, Garo-lin ficou desconsertada. Ele dissera aquilo como se mal esperasse para encontrar a herdeira e se vangloriar de ter razão.

Até que ponto ele sabia sobre o que havia acontecido com Kandara?

— Ah, sim, então, os exilados – ele continuou, tentando retomar o caminho do que estava explicando. – Meu avô e Belmerin Marganatto foram os primeiros alunos a deixar o Instituto Dul'Maojin. Sim, isso é possível – ele acrescentou rapidamente diante da expressão de assombro dela. – É inevitável você não querer ficar lá dentro quando as intrigas são expostas. As Famílias de Luz e de Pedra foram contra algo que acontecia em Almakia. Por consequência, seus herdeiros que estavam sendo cotados para serem Dragões, também tomaram uma posição saindo do Instituto. Nunca estive no Instituto da Kandara, mas meu avô contava que era como uma prisão, porque nunca se pode saber o que acontece do lado de dentro quando se está fora.

— Exatamente – Garo-lin concordou, sem demonstrar o quanto achou estranha a forma como ele se referiu ao lugar, como sendo *da Kandara.*

— Naquela época, somente alguns sabiam o que estava acontecendo entre as Famílias. Tudo o que sabiam era que havia algo que dividia os grandes almakins das capitais: os Don'Anori e os Marganatto contra os outros. Eles tentaram argumentar com o Governo, mas não os escutaram. Pelo lado dos Gillion, posso até imaginar a situação: sabiam que estavam nas mãos dos almakins, e era então melhor ficar com a maioria. E não era bom remexer no passado. Não quando havia sido tão difícil superá-lo.

— O passado?

Aruk deu os ombros para a pergunta dela, torcendo a boca em uma expressão de quem não faz ideia:

— Meu avô nunca me contou detalhes. Não queria que me envolvesse. Mas, quando me envolvi, ele disse que um dia eu saberia.

— Ele vai contar um dia?

— Bom, seria meio impossível ouvir isso dele. Ele já morreu.

Ela não encontrava uma reação para ter diante dele com aquilo. Afinal, por um momento pensara que teria outra fonte com todas as respostas, e agora ela lhe escapara tão rápido quanto a descobrira. Porém, algo no que ele dissera não era lógico:

— Então como ele disse que você saberia um dia? – e a resposta veio clara em sua cabeça. – Ele seria um Dragão. Então tinha um-

— Segredo, exatamente. Os Don'Anori tinham um segredo, e também um preço a se pagar.

Garo-lin e os Dragões se entreolharam, e ela o informou:

— Sei o que isso significa.

— Com o Segredo de Luz podemos ver o que está escondido no passado e o que ainda nos aguarda. Mas essa mesma luz foge de nossos olhos, nos tira a visão do presente. Diga-me, vilashi, de que cor são meus olhos?

— Cinza – ela respondeu rápido, não entendendo a pergunta no contexto.

— Sim, cinza. Mas já foram violetas, uma das características dos que pertenciam à Família Don'Anori. Essa é a luz que nos foge, cada vez que usamos nosso Segredo. Perdemos a cor e a visão.

— O Segredo de Água também prevê o futuro – Vinshu lembrou – Com um preço a se pagar.

— E vocês têm um Dragão de Água com cabelos quase brancos – Aruk mostrou que já sabia sobre o assunto. – Kandara me contou sobre ele, mas penso que nossos Segredos são diferentes.

— Diferentes como? – perguntou Garo-lin.

— Era algo que ainda estávamos tentando compreender. Mas compreender implica em usar o Segredo e ver como ele funciona. E, bom, não pude fazer isso muitas vezes. – Ele leu algo na expressão da vilashi e compreendeu antes que ela pudesse questionar. – Sim, meu avô me ensinou a usar o Segredo de Luz, e sim, eu já o usei.

Ele parou por um momento. Havia algo na forma como ele evitou olhar para qualquer um que dizia claramente que preferia deixar essa parte da história fora daquela conversa. Então, mais uma vez tentando retomar de algum ponto, ele continuou, gesticulando, como se fosse um artista contando uma aventura para uma plateia:

— Não sei muito sobre como foi o exílio. Na verdade, nunca tive

interesse sobre ter um passado almakin e preferia esquecer que era capaz de usar almaki. Só sei que desde que chegou em Lotus, meu avô decidiu que deveria esquecer de tudo que fosse relacionado a Almakia. Por isso, não orientou meu pai sobre como lidar com o poder que ele consequentemente tinha. Por essa falta de instrução, meu pai perdeu a visão muito cedo e morreu em um acidente por conta da deficiência. Meu avô ficou completamente cego pouco tempo depois. Sempre liguei esses dois fatos ao almaki. E meu avô, com medo de me perder da mesma forma, me ensinou pelo menos a lidar com meu almaki a ponto de não usá-lo fora do meu limite.

“Cresci em Lotus, a capital de Sutoor, uma cidade repleta de cores e movimentos. Era um tormento pensar que um dia ficaria igual ao meu avô, sem poder participar da vida agitada da cidade. Preferia ser um simples sutoorin, como a Toris e o Sunak, e tentava aprender a criar coisas sem usar almaki, como eles faziam. Infelizmente, não passo de um ajudante prestativo, com boa vontade e sem nenhum talento.

“Temos uma loja que comercializa velharias dos Domínios. Meu avô gostava muito de coisas antigas, então fez disso um negócio depois de ter sido exilado. Eu cresci nessa loja, ajudando minha mãe. Foi onde conheci a Kandara.

Naquele dia, Toris e Sunak ajudariam o pai em um trabalho importante e não precisavam de estorvos, por isso me ofereci para auxiliar na loja. Minha mãe resolveu se aproveitar da situação. Deixou comigo a tarefa de tirar o pó acumulado por anos no depósito do sótão da loja. E foi quando eu abri as janelas do lugar que tudo aconteceu.

Como nunca tinha usado meu almaki daquela forma, era só um reflexo de olhar para a rua, mas... Lá estava ela, no meio da rua – ele falava como se estivesse revivendo a cena. – Olhava para a porta da loja como se a desafiasse. Era como se sentisse um impulso de entrar ali, mas sua teimosia não deixasse. Do lado dela tinha um menino que puxava suas roupas, insistindo em alguma coisa. Foi por essas roupas que percebi que eram estrangeiros. Depois, vi aqueles cabelos cheios, avermelhados pelo sol, que faziam parecer que havia um bicho

cheio de tentáculos se mexendo em suas cabeças. Quando eu ia começar a rir disso, ela olhou para cima. Diretamente para mim. E foi como ser atingido por um golpe.

Eu tombei para trás e tudo parecia um movimento muito lento. Uma série de imagens estranhas com aquela garota passou na minha frente junto com o que parecia ser a voz dela contando algo. Mesmo que na época eu não fosse um exemplo em falar a língua do meu avô, compreendi claramente o sentido: *queimar.* No mesmo instante, percebi que ela era terrível. Que ela precisava ser terrível.

Quando bati no chão, entendi o que havia acontecido. Era o Segredo de Luz dos Don'Anori agindo espontaneamente. Então desci correndo para a loja e ela já tinha entrado. Minha mãe perguntava sobre o que procuravam, mas ela apenas olhava em volta, como quem não estava gostando. O menino parecia alguém que nunca esteve em lojas antes e não entendia que aquelas coisas ali não eram suas.

Eu não sabia o que fazer, então fiquei lá parado, olhando. Meu avô, que estava no seu canto no fundo da loja, veio até eles e perguntou, como quem já sabia e só faltava acreditar, se ela era a Dragão de Fogo. Ela o olhou com ar de desprezo, mas mostrando que estava intrigada com a pergunta. Como se a visse, meu avô tentou andar até ela e acabou tropeçando E, por incrível que parecesse, ela o segurou.

E foi quando tudo aconteceu de novo.

Por a mesma coisa ter acontecido comigo instantes antes, entendi que aquela expressão assustada e a respiração ofegante dela significavam uma visão de almaki de luz. O menino avançou em defesa, pensando que era um ataque. Meu avô pegou a mão dele e houve um brilho, que o paralisou, com olhos desfocados e distantes. O pote que ele segurava nas mãos caiu no chão e se despedaçou. Então, a outra almakin como eles, uma senhora, apareceu na porta furiosa e disse um monte de coisas que não entendi. Ela ofereceu dinheiro para minha mãe, indicando o estrago, mas meu avô falou alguma coisa na língua de

Almakia que a deixou desconfiada. Nesse tempo, a garota saiu da loja, furiosa, arrastando o menino com ela. Logo depois a senhora também saiu, sem dizer nada.

— O que aconteceu? – perguntou Garo-lin, que esperava muito mais informações – O que eles viram?

— Não sei, só as pessoas que viram podem nos dizer. – ele encolheu os ombros.

— Kandara não te contou?

— Bom, isso também depende muito. Kandara deve ter tido os seus motivos para não ter contado, nem mesmo para mim. Não é como se tudo viesse claramente, precisamos encontrar um sentido para que fique claro. E meu avô dizia que nunca devemos forçar as pessoas ou o sentido será inválido. Será nosso e não delas.

Aruk a encarou por um tempo, e Garo-lin teve a estranha sensação de que ele sabia a pergunta que ela praticamente gritava em sua mente:

— Acho que o irmão dela só se assustou com a luz, sabe, como o que eu fiz em Vintas. Acho que ele poderia ter atacado com almaki, e meu avô reagiu o fazendo se perder. Ele era só um menino na época, não creio que tenha visto alguma coisa... Mas, tenho uma teoria sobre o que Kandara viu: o que ela procurava em todos esses anos de viagem. E era algo grande o suficiente para fazê-la mudar. Algo que uma hora fez sentido, e isso a levou a deixar os Dul’Maojin.

Essa era uma história que ela conhecia pela versão da herdeira, mas que mesmo o caderno dela não explicava sobre detalhes:

— Sabe como ela deixou os Dul’Maojin?

— Não sei exatamente o motivo, mas sei o que ela fez depois. Essa é uma das coisas que posso te dizer com certeza, pequena vilashi! – Sorriu satisfeito. – Kandara precisava mudar a si mesma. Precisava aprender a ser diferente. E foi por isso que ela voltou para a nossa loja dois anos depois.

“Kandara viveu em Lotus conosco, aprendendo com o meu avô. Nessa

época, comecei a fazer viagens pelos Domínios com encomendas e convivemos pouco, já que ela sempre ficava na loja ajudando. Depois de um tempo, ela começou a viajar comigo, para aprender mais coisas sobre a realidade dos Domínios. E só depois voltou para Almakia e informou oficialmente para a Sociedade Almaki que deixara de ser a Dragão de Fogo. Ela declarou que não merecia o título, mas que continuaria trabalhando para o Domínio. Apesar de a Senhora da Capital de Fogo não aceitá-la como um membro da Família de Fogo, os almakins ficaram aliviados por tê-la de volta, mesmo que fosse dessa forma. Kandara poderia não ser mais uma herdeira Dul'Maojin, mas era a única de uma geração que mereceu o título de Dragão e o Governo não a queria contra o Domínio."

— Quando a Kandara renunciou ao título, nós fomos anunciados como os novos Dragões. – Vinshu contou. – Agora, ouvindo isso, posso entender algo que não me era claro naquela época: os almakins *precisavam* ter um Dragão para apagar a bagunça que a renúncia dela tinha causado.

— Exatamente. Almakia para os outros Domínios são seus Dragões. Eles são um símbolo do poder dos almakins. Não ter um almakin Dragão é como estar desarmado. Perder Kandara foi um grande golpe para a estabilidade de Almakia.

— E fomos cinco – completou Benar. – Uma vez ouvi meu pai dizendo que Kronar Dul'Maojin foi muito esperta: ela perdeu um Dragão, mas conseguiu cinco por causa disso.

— Ela sempre vê estratégias em tudo – Garo-lin murmurou.

Não importava o tanto que descobrisse e como suas dúvidas eram esclarecidas. Ela sempre parecia estar muito longe de alcançar o pensamento da Senhora da Capital de Fogo.

— Mesmo que fôssemos cinco, *agora* ela só tem um Dragão – Benar falou. – Nos perder deve ter sido um golpe também.

— Nos perder foi contornável, uma vez que não somos Dul'Maojin – ponderou Vinshu. – Mas, se ela tivesse perdido o Krission...

— Kandara dizia que, uma vez que sua mãe já a tinha perdido, sempre estaria atenta para não perder Krission também – contou o sutoorin. – E a única forma de conseguir isso, era controlar seu ponto fraco.

— Pontos fracos do Kris? – Benar riu. – É uma lista bem longa.

Aruk também riu e continuou:

— Mas há um em especial, e vocês sabem muito bem qual é.

Garo-lin não entendeu e isso a fez sentir algo pesado no seu estômago: tanto como vilashi ou como almakin, nunca vira o Dragão de Fogo sendo alguém que tivesse um ponto fraco. Então olhou para Vinshu de uma forma questionadora.

— Kandara – ele respondeu de forma simples.

— Kandara era o ponto fraco do Dragão de Fogo? – soou descrente, mas por um lado compreendia.

— Sabe Garo-lin, não é porque fazemos parte das Famílias de Almakia que realmente somos isso: família – Benar contou. – De todos os Dragões, somente a Sumerin convive tranquilamente com os outros Gran'Otto. Krission, sendo um Dul'Maojin, sempre respeitou a Família, mas a irmã era a única pessoa que realmente era próxima dele. E é fácil manipular as pessoas quando usamos quem eles consideram acima de todos.

Consideram acima de todos. Aquela era a forma de Krission pensar. E Garo-lin descobriu que também era a sua quando Kronar Dul'Maojin usara sua família para ir contra ela.

Garo-lin esfregou as mãos no rosto e soltou um suspiro cansado enquanto repassava mentalmente tudo o que haviam conversado até ali. Exilados, almakins de Luz, Família de Pedra, Kandara, o ponto fraco do Dragão de Fogo, o rosto impassível de Krission manejando fogo para atacá-la em Vintas...

Ela balançou a cabeça e tentou retomar o pensamento, mas se deparou com os olhos cinza de Aruk a encarando. Novamente, daquela forma que parecia ler tudo o que se passava da sua cabeça.

— Eu só vi Krission aquela vez, na loja – ele falou, a assustando com a

possibilidade de realmente conseguir enxergar através das pessoas. – Só conheço ele do que Kandara me contava. Muitas vezes eu a ouvi chorando durante a noite por causa do irmão, e muitas vezes a via olhar ansiosa para algum caminho que levava até a Capital de Fogo. Quando estivemos em Rotas uma vez, ela ficou sabendo que ele estava treinando na região para ser um Dragão. Ela sabia que isso aconteceria, mas não estava preparada para aceitar que seu irmãozinho passaria pelas mesmas coisas que ela. Ela tinha uma consciência sobre o que o título representava. Era como um fardo que carregava constantemente. Por anos, ela se atormentou com essa situação. Porém, da última vez que voltou para Lotus, ela estava feliz. Muito feliz. E o peso não estava mais lá. Ela me contou que havia alguém cuidando do seu irmão, e que não precisava mais se preocupar.

Instintivamente, Garo-lin sabia sobre o que ele estava falando. Mas tentou com todas as forças não transparecer isso. Olhou de relance para Vinshu e Benar, que não tinham ideia da promessa que ela fizera com Kandara. Afinal, não cumprira com o que lhe havia sido pedido.

— Mas Krission continua sendo o Dragão de Fogo – ela rebateu, tentando de alguma forma mostrar que não havia como mudar o fato. – Ele nos atacou hoje.

— Ah, sim. Ele atacou. E eu o ataquei também. Kandara vai ficar muito, muito brava mesmo. Com os dois.

Tanto Garo-lin quanto os Dragões fitaram Aruk, sem saber o que dizer. Agora tinham certeza de que ele não sabia sobre o que tinha acontecido com a herdeira. Sem saber o que fazer, ela olhou para os dois, na esperança que um deles assumisse a responsabilidade de contar. Entretanto, Vinshu já tinha percebido algo que ia além disso:

— Você nos disse que é um almakin de luz.

Aruk assentiu.

— E o Segredo de Família dos Don’Anori é... ver o que está escondido no passado e no futuro?

— Sim, é assim que funciona.

— O Segredo da Família de Água pode ver o futuro, e isso tira o tempo de vida deles. Porém, existe um limiar no uso desse poder e o preço a se pagar. Você também tem isso?

— Quer saber se eu posso usar o Segredo de Luz de uma forma que não ultrapasse o limiar do preço a se pagar?... Talvez eu pudesse, se alguém tivesse me ensinado como fazer isso. Como contei, meu Segredo já foi usado espontaneamente. Não vou me forçar mais do que isso. – Apontou para os próprios olhos. – Nunca mais.

— Nem por Kandara?

Aruk ficou em silêncio por um tempo, como se ponderasse várias consequências de uma resposta. E, qualquer que fosse essa resposta, eles não souberam. Porque, naquele instante, o menino de olhos amarelos gritou, e alguma coisa não estava certa.

***

Ribaru não entendia uma única palavra do que Aruk conversava com aqueles estranhos. Porém, o tom sério de conversa o desencorajava a se intrometer. Os irmãos se empenhavam em suas tarefas de forma conjunta e bem ordenada, não abrindo espaço para que ele oferecesse qualquer ajuda. Tudo o que lhe restava era permanecer ao lado de Kidari, esperando que ela acordasse e pudesse lhe explicar algumas coisas.

Por um tempo aquela garota de olhos amarelos chamou a sua atenção. Ela com certeza era uma *vilashi*, como a princesa falara. Ouvira o nome familiar da amiga que ela dizia precisar encontrar, mas não podia dizer com certeza já que todo o resto era uma massa disforme de sons. Porém, a semelhança física entre eles era evidente. Ele poderia mesmo ser do povo dela.

Tendo se acostumado a viver entre kodorins, eles eram o seu padrão de normalidade e não o contrário. Apesar de no Porto Myeon ser comum ver pessoas dos diferentes Domínios, nunca havia visto alguém tão semelhante a ele como agora. Os kodorins eram altos, com a pele escura como areia molhada, os cabelos verdes eram um padrão que só variava em tons. Os olhos e orelhas

tinham um formato bem distintos. Aquela vilashi, assim como ele, tinha uma estrutura pequena e os olhos amarelos. As orelhas eram como os dos almakins, e as principais diferenças dela com os outros que estavam ali eram a cor dos olhos e os cabelos curtos de duas cores, algo que ele nunca tinha visto. Será que todos os vilashis eram daquela forma?

Ele olhou para os outros dois estranhos. Definitivamente não eram vilashis. Eram altos também e se pareciam mais com Aruk – sem as manchas nos olhos. Um deles era maior, mais forte. Apesar de iguais, havia algumas diferenças entre eles, mas nada tão diferente como em relação aos kodorins. E desses dois, o de olhos azuis o incomodava. Nem ao menos sabia qual era o seu nome, mas já não gostava dele pelas suas atitudes.

Aruk lhe dissera rapidamente algo sobre ver se Kidari estava bem, e quando o almakin estendeu as mãos sobre a princesa, ele prendeu a respiração: poderia ser um ataque. Quando entendeu que não se tratava disso – que o estranho usava almaki na princesa de uma forma que não representava perigo, – recebeu um olhar frio que dizia abertamente que *ele* era o estranho ali. E isso o incomodou bastante.

Para deixar bem claro a forma como se sentia, Ribaru cruzou os braços e tratou de estampar a sua melhor expressão de contrariado no rosto. Não podia se comunicar, mas com certeza sua atitude seria notada e entendida.

A conversa entre eles parecia nunca acabar. Os irmãos já estavam terminando de preparar a comida quando Ribaru desistiu de ser notado. Já que nem ao menos era percebido, e sem ter o que fazer, ele pegou um pedaço de graveto, limpou as folhas de um espaço do chão a sua frente e se pôs a desenhar na terra.

Tinha pensado nisso durante a viagem de Kodo até ali: assim que pudesse, arrumaria papel e desenharia toda a sua aventura para entregar a Denden quando o visse. Claro que no começo não esperava realmente viver uma aventura tão intensa como até agora, e nem que teria tanta coisa para contar. Então, aquele seria um bom tempo para ser aproveitado em esboços.

A fuga do navio de Nirik, a descoberta de que a caramujo era a Princesa de Kodo, os dias andando pela floresta fechada, o encontro com Aruk e os irmãos sutoorins, os dias de viagem para se encontrar com os amigos da princesa, eles sendo atacados... Teria muita história para contar quando encontrasse os amigos novamente.

Estava tão entretido nos desenhos, que demorou um tempo para perceber que faltava alguma coisa ao seu lado. Só quando viu pelo canto dos olhos um vulto – indo rápido na direção mais escura de onde estavam, – notou que alguém atravessava a proteção. Só teve tempo de ver um pedaço dos cabelos verdes da princesa antes de o efeito da proteção a fazer desaparecer na paisagem da floresta.

O que ela estava fazendo?

— Aruk! *Dema!*– Ele se colocou em pé e chamou de forma urgente antes de sair correndo atrás dela.

Apesar de ter falado na língua de Kodo, até os almakins pareceram entender sobre quem ele falara e agiram tão rápido quanto o sutoorin em se levantar para segui-lo.

Fora da proteção, Ribaru procurou pela princesa por todos os lados, mas ela parecia ter evaporado.

— Não está aqui! – disse de forma urgente para Aruk quando ele se aproximou, também procurando. – Você fez alguma coisa de novo?

Os outros se juntaram a eles, e também pareciam perdidos sobre não haver rastro algum da princesa. Então o maior deles avançou, fechou os olhos e moveu uma das mãos, fazendo um gesto como se jogasse um punhado de areia a sua volta, – mesmo não havendo nada na sua mão.

No mesmo instante, Ribaru sentiu um vento passar sorrateiramente entre seus pés, movendo as folhas secas, se espalhando pelas árvores e avançando em todas as direções. Logo em seguida, o vento voltou sibilando, os atingindo com uma lufada, e o almakin disse algo, avançando. Não sabia como, mas o ladrão tinha certeza que aquilo significava que o almakin encontrara Kidari com

almaki.

Bem afastado de onde estavam, havia uma depressão coberta por uma vegetação destoante de todo o resto. Era uma planta miúda, que se estendia desde o chão até o alto das árvores, se enroscando nos troncos e cobrindo as pedras. Não foi preciso descer mais do que cinco passos para conseguir encontrar a princesa.

Ela estava lá, parada diante do que parecia ser um morro de pedras cobertos pela planta. Ela olhava fixamente para um ponto a sua frente, presa a um pensamento sem se dar conta de mais nada a sua volta.

Ribaru deu um passo dentro da depressão, mas hesitou: teve um pressentimento de que havia algo errado ali, como quando sabia que não era o momento de surrupiar o seu alvo.

— Kidari?

Ele ouviu o almakin de olhos azuis chamar.

Demorou apenas alguns segundos e aquilo pareceu ter surtido efeito. Kidari piscou uma, duas vezes. Então se movimentou como alguém que acordara e tentava entender onde estava.

— Kidari? – o almakin chamou mais uma vez, se aproximando.

Ela se virou e o encarou com aqueles grandes olhos verdes, instantaneamente se esquecendo da sua confusão. Então respirou enchendo o peito, como se estivesse se controlando para não chorar, e gritou:

— Vinshuuuu!

Em um impulso, ela saiu correndo e pulou no almakin. Pego de surpresa, ele se desequilibrou e caiu para trás. E foi para a surpresa de todos que Kidari o beijou com a intensidade de quem atravessara o Além-mar para aquele encontro.

Capítulo 13 - Os pedaços do que fora quebrado

Ame-ru respirou fundo e prendeu todo o ar que pôde. Então estendeu as mãos para o tanque d'água e repetiu os movimentos que havia aprendido.

Demonstrando o esforço que estava fazendo em uma careta de concentração, ela fez com que um pouco de água se erguesse e se desprendesse do resto, formando uma bolha deformada, em constante movimento. Com um gesto tremido, fez com que ela se erguesse lentamente, até estar cerca de um metro cima do tanque. E então soltou a respiração, e com isso a bolha voltou a cair no tanque, respingando nas crianças vilashis que se espremiam na borda oposta para assistirem.

Apreensiva, ela olhou para Nu'lian com um ar de expectativa, visivelmente pensando que tinha feito algo errado.

Mas ele sorriu e disse simplesmente:

— Muito bem.

Foi o suficiente para que a sua plateia irrompesse em aplausos.

Desde que começara a treinar a pequena vilashi, há três dias atrás, Nu'lian não fazia ideia de que teriam tanta atenção. Como ela manejava água, só poderiam usar a área comum dos tanques no esconderijo, e não tinha como não serem observados. Logo os vilashis começaram a se reunir. No princípio, eram as crianças, mas os adultos também não resistiram a curiosidade em ver os esforços daquela menina e paravam um pouco mais distantes, não querendo atrapalhar.

Sumerin foi quem começou com os incentivos para Ame-ru, se aproveitando dessa situação. Quando a menina errava, dizia para continuar tentando, que conseguiria manejá-lo, e logo era imitada pelos demais. Também começava os aplausos entusiasmados a cada tentativa com sucesso. Depois do

primeiro dia, os vilashis já tinham aprendido o que deveriam fazer e a Dragão deixava por conta deles.

Na noite anterior, ela tinha comentado com Nu'lian como aquela atitude simples deles tinha um poder incrível. Não somente Ame-ru, mas todos os outros vilashis pareciam estar mais felizes, pelo simples fato de se reunirem ali e torcerem por algo. Eles sorriam, como daquela vez em que conheceram a vila Godan, quando houve música, comida e explosões de fogo almaki. Vilashis sabiam se adaptar ao confinamento, mas, com certeza, sentiam falta de se reunirem para algo alegre.

Ainda, para Ame-ru, a torcida representava muito mais do que incentivo. Ela era alguém que perdera tudo e encontrara então motivos para se animar novamente. A cada tentativa que falhava, se sentia mais encorajada a continuar tentando. E, cada vez que conseguia completar o exercício, ficava sem jeito com os aplausos, sem conseguir esconder o quanto estava feliz.

Agora, ela não só sorria abertamente, orgulhosa pelo feito, como ofegava satisfeita com o resultado.

— Está bom por hoje, Ame-ru – Nu'lian declarou. – Peça para a Juri-lin alguma coisa para comer e não tente manejar sozinha.

Ela assentiu e correu para Mio-lin, que a recebeu com um *inacreditável*.

— Satisfeito com o treino de hoje para liberar sua aprendiz tão cedo, mentor Nu'lian? – perguntou Sumerin se aproximando dele.

Em resposta, ele apenas olhou para o teto, como se tivesse uma abertura ali e pudesse vislumbrar um pedaço do céu lá fora.

— Vai chover hoje – informou. – Bastante. É melhor reforçar as calhas e verificar todas as aberturas.

— Enfim, trabalho! – Ela suspirou, como se fosse um alívio poder ser útil.

— E eles estão de volta.

— De volta? Agora?

Nu'lian apenas sorriu, e ela entendeu muito mais do que uma resposta

positiva com isso: eles estavam bem e tinham cumprido o objetivo.

— Então vamos lá para cima! **Mira!** – ela chamou a vilashi, que estava com sua irmã menor no colo enquanto a mãe ajudava as outras mulheres na tarefa de lavar roupas. – Avise o Garo-menino que a Garo-menina chegou!

— Garo chegou! – gritou Mio-lin, anunciando para todos que não tinham ouvido da própria Dragão.

***

Apesar de toda a chuva que caíra antes, o céu ainda estava carregado e ameaçador. Isso fez com que o grupo apertasse o passo e vencessem o caminho que faltava até o esconderijo. Estavam cansados, encharcados e tudo o que queriam era chegar logo. E a expectativa da proximidade não os animava a pararem mais uma vez.

Quando a distância da entrada era apenas uma breve caminhada, Benar verificou com almaki toda a volta deles e garantiu que não acontecia nenhuma movimentação suspeita em cima da terra. Vinshu também informou que havia energia se acumulando no ar e que, em muito pouco tempo, aconteceria uma tempestade com raios. Imediatamente Kidari se agarrou mais a ele, e isso fez Garo-lin se lembrar desse detalhe: a princesa tinha medo de raios, mesmo que o seu almaki fosse desse elemento.

Ela já havia parado de chorar. Aliás, chorar tinha sido a única coisa que ela fizera desde que acordara e pulara em Vinshu. Depois de tê-lo beijado, ela começou a chorar e dizer um monte de coisas de uma vez só. Garo-lin entendera um *eu não sabia* e *trancada* no meio dos soluços. Sem saber o que fazer, Vinshu apenas a abraçou a confortando, e olhou perdido para os outros.

Aruk disse que era melhor ficarem mais um tempo naquele lugar protegido pela sua ilusão e comerem. Seguiriam viajando a noite. Durante o outro dia, enquanto ainda caminhavam, ouviram zunidos de mombélulas circulando por cima da floresta, mais a oeste de onde estavam. Por precaução, pararam mais uma vez e aproveitaram o tempo para dormir, se revezando na vigilância para Benar poder descansar.

No fim, quando parecia não haver ameaça alguma, partiram. Novamente Aruk usou o mesmo tipo de proteção em volta de Garo-lin, para que a luz da chama almaki que os guiava pelo caminho só pudesse ser vista se estivessem muito próximos a ela. Mombélulas e mimbélulas eram atraídas por luz, e fogo almaki sempre fora a forma mais fácil de capturar essas criaturas para domesticá-las.

Preocupada em voltar sem problemas para o esconderijo, Garo-lin deixou a cargo do Dragão de Raio cuidar de Kidari. Quando a princesa parou de chorar, apenas disse para ela que era bom vê-la novamente e que iria querer explicações quando chegassem. Mesmo com o rosto ainda inchado, a amiga lhe deu o seu melhor sorriso. E durante todo o percurso, ela segurava firmemente o braço de Vinshu, como se soltá-lo significasse ser sugada por uma força desconhecida para bem longe dali.

Agora, estavam perto do que significava casa. Voltariam para a segurança do esconderijo, e toda a tensão de se estar em fuga seria dissipada.

Ao chegarem, enquanto Garo-lin e Benar ficavam vigiando um em cada lado, Vinshu conduziu os outros pela entrada. Essa entrada ficava escondida em um fundo oco de uma árvore grande e velha. Como se fosse uma porta, um pedaço do casco do tronco podia ser erguido para que houvesse mais espaço para a passagem de pessoas, um de cada vez. Quando colocado novamente no seu lugar, ninguém julgaria que um animal maior que um coelho conseguisse passar ali. Para lidar com o problema da escuridão que se seguia à entrada, Sumerin teve o cuidado de construir um caminho estreito e inclinado que levava até aonde o esconderijo se ampliava. Assim, era apenas se segurar nas paredes e andar devagar, dando a volta e chegando à área iluminada por chamas almaki, afastadas o suficiente para que não pudessem ser percebidas desde a árvore.

Quando todos entraram, Benar e Garo-lin se juntaram a eles. Ela mal havia se adaptado a enxergar novamente lá dentro quando algo veio ao seu encontro:

— Garo! – Mio-lin abraçou sua cintura enquanto Nana-lin agarrou em

uma das suas pernas.

— Voltei! – foi o que ela conseguiu dizer diante do impacto da recepção inesperada, bagunçando os cabelos do menino e pegando a pequena no colo, com cuidado para não molhá-la.

Encontrar os irmãos menores daquela forma a tranquilizava e fazia qualquer pensamento sobre algo ter acontecido durante a sua ausência se esvanecer. Provavelmente alertados por Nu'lian, eles, Mira-lin, Garo-nan e So-ren esperavam pela chegada do grupo.

— Nosso esconderijo não é confortável, mas é melhor que acampar lá em cima. – Ela se voltou para aqueles que estavam ali pela primeira vez, olhando espantados a estrutura construída pela Dragão de Metal. – So-ren, Mira, podem arrumar lugares quentes para eles se acomodarem?

A velha almakin olhou desconfiada para cada um dos estranhos, na sua habitual expressão de Dul'Maojin teimosa. Então concordou, fazendo sinal para que eles a seguissem.

— Quem são? – perguntou Garo-nan, assim que eles se afastaram.

— Os com manchas nos olhos são do Domínio ao sudeste, Sutoor. O menino parece que veio com a Kidari, mas ainda não sei quem ele é.

— E são confiáveis?

— Não fizeram nada para eu pensar ao contrário, e Benar não sentiu hostilidade por parte deles... Percebeu o menino?

— Olhos amarelos – ele disse, como se fosse algo que todos haviam notado de imediato. – Nos olhou tão espantado quanto nós para ele.

— Vou descobrir quem ele é... Tudo bem aqui?

— Sim. E com você?

— Tudo bem... E o prisioneiro?

Garo-nan demorou um pouco para responder, mas por fim disse:

— Sem problemas – e se apressou em mudar de assunto, pegando a mochila dela e indicando para que eles fossem também. – Você precisa se secar antes que comece a espirrar. Juri-lin já preparou algo para vocês comerem... É

bom te ter de volta aqui.

— É bom voltar! – Ergueu Nana-lin acima da sua cabeça e deu uma meia volta com ela, já que não conseguiu fazer o movimento completo pelo cansaço. – Você cresceu desde que eu saí, Nana?

— Fogo colorido! – a menina pediu gargalhando.

— Depois. – Ela a colocou no chão e a levou pela mão. – Agora comida e contar para a mãe e a todos que chegamos bem.

***

A chuva continuava de forma torrencial no lado de fora, mas dentro do esconderijo não passava de um ruído abafado e distante.

A Dragão de Metal não conseguia andar pelo esconderijo sem ser agradecida por um vilashi pela eficiência do seu sistema de calhas e desvios. Parecia que muitos ainda não acreditavam que não morreriam afogados com uma chuva daquelas. Depois de um dia inteiro, sem nem mesmo encontrarem goteiras, todas as dúvidas de que aquele era o lugar mais seguro de Almakia haviam desaparecido: nem chuva, nem Ventos Nanfan poderia invadi-lo.

Foi com essa desculpa que Sumerin chegou atrasada na reunião na Toca dos Dragões.

Mesmo ainda precisando de uma noite de descanso – mas já estando bem alimentados –, aquele era o momento para tentar avançar em suas situações. Mesmo que não tivessem sido pegos em Vintas, foram vistos. Aquilo era o suficiente para que os almakins soubessem que ainda estavam em Almakia, vivos e muito bem escondidos. Provavelmente o confronto e a perseguição ajudaram a delimitar suas posições para aquela região. As mombélulas sobrevoando as florestas eram apenas o começo de buscas mais intensas.

Por hora, estariam a salvo enquanto aquela chuva caía de forma capaz de impedir buscas. Mas, e depois?

— Não pode fazer chover para sempre? – Garo-lin perguntou esperançosa para Nu’lian.

Ela sabia que a pergunta era boba, mas se tratando dos Dragões com

almakis mais poderosos do Domínio, poderia ser possível.

— Adoraria poder – ele respondeu, rindo. – Mas acho que morreria no processo.

— Eu costumava ouvir almakins se vangloriando de que almaki era a resposta para tudo – ela o provocou.

— Almakins precisam ficar um tempo embaixo da terra para descobrir que não estão certos.

— Bom, ainda bem que realmente não estão. O mundo seria bem mais complicado.

— Ei, vocês dois! – Benar os tirou da pequena conversação. – Estamos todos aqui. Hora de relatórios e apresentações!

— Sim, desculpa. – Garo-lin, que estava sentada da forma vilashi, ficou de pé para que pudesse ser ouvida por todos.

Tinha sido uma tarefa difícil para ela pensar em como proceder agora que estavam no esconderijo. Havia assuntos que queria falar com Garo-nan, com Soren, com Sumerin, com Kinaito, com Kidari e com Aruk. Tinha que se controlar para não agir sozinha. Afinal, a maioria das suas perguntas eram de interesse de todos, e se reunir com os Dragões e os visitantes primeiro lhe pouparia tempo.

Apesar de insistir em participar, Garo-nan precisou se contentar em ficar com o menino dos olhos amarelos e tentar de alguma forma se comunicar. Não sabiam quem ele era, e não era seguro ter alguém assim entendendo tantas coisas sobre eles. Por isso, dos que administravam o esconderijo, somente Kinaito fora convocado.

O kodorin não parecia tão à vontade de estar perto de Kidari. Mesmo que o seu equipamento de visão não permitisse que os outros tivessem certeza da direção que ele olhava, era evidente que sua atenção era toda para a princesa. Provavelmente, ele fazia cálculos sobre toda a situação, e Garo-lin gostaria de ouvir suas conclusões mais tarde.

Consciente que sua missão agora era conduzir aquela conversa de forma que todos pudessem ter respostas, ela começou:

— Bom, acho que devemos começar pelo que é mais urgente... Kidari.

Ao ser convocada, a princesa ajeitou a sua posição, sem deixar de se segurar em Vinshu.

— Precisamos que você nos conte o que aconteceu desde que foi capturada naquela noite.

Aquela noite, em que enfrentaram a Senhora da Capital de Fogo, parecia ter acontecido há muito mais tempo do que realmente acontecera. E a kodorin parecia ter a mesma impressão também, já que pensou bastante antes de finalmente falar, com gestos para ajudar na explicação:

— Cobriram meus olhos. Levaram Kidari para bem longe. Shion disse para não falar, que ele resolver. Por isso não falar.

— Foi Shion quem nos denunciou – Vinshu a lembrou.

— Shion não mau! – ela o defendeu prontamente.

Garo-lin se lembrou de quando a vira da Capital Real embarcando para Kodo. O gato estava com ela, e a protegia como sempre fizera.

— Shion tem problemas – ela contou – Shion ter que fazer o que mandam. – Ela gesticulou, erguendo as mãos em cima da cabeça, indicando que recebia algo, e então apontou para as orelhas. – Pessoas más controlam Shion... Shion não sabia o que era. Achava que servia para encontrar Kidari, só para proteger. Pessoas más vieram para Almakia durante incumbência e... *desviar* ele. – ela pensou melhor, entendendo que aquela não era a melhor palavra para o que queria dizer.

— Mexeram nele? – Vinshu ajudou, analisando o contexto do que ela dissera.

— Mexer e quebrar. – ela acrescentou, para dar a ideia completa. – Falaram Shion que se ele não obedecer como deve, quebrar mais e jogar fora. Shion com medo, porque colocar outro Shion para cuidar Kidari. Ele não querer isso.

Apesar de a Princesa ter dificuldades em falar de uma forma menos enrolada, era possível entender o que ela dizia, principalmente pela maneira

como dizia. Não defendia Shion simplesmente porque era o seu guardião. O defendia como alguém que verdadeiramente entendia o que acontecia com ele.

Garo-lin olhou para Kinaito, e mesmo sem que a pergunta fosse pronunciada ele compreendeu:

— Experimentos. Sempre achei estranho o fato de a princesa ter um animal de estimação ao invés de Rajin da Ordem. Mas, parece que as coisas mudaram bastante em Kodo desde que fui embora.

— Não tem mais Rajins. – Kidari contou. – Rajins não mais. Rajin Diwari foi embora. Aruk foi Rajin e encontrou Kidari e Ribaru em Almakia. Mas Rajins de Kodo não mais existir.

Aquela informação pareceu surpreender Kinaito e ele parecia ter muitas perguntas para fazer sobre o assunto. Entretanto, sabendo que elas não poderiam ser feitas naquele momento, apenas falou como se pedisse permissão para todos:

— Vamos precisar conversar em kodorin depois para ela poder me explicar melhor o que aconteceu.

— Tudo bem, Kidari? – Garo-lin perguntou e ela assentiu. – Então continue, depois falará sobre isso com o Kinaito.

— Kidari ficou presa com Shion até aquele dia de ir embora. A Senhora de Fogo veio buscar, disse que era para Kodo. Shion disse que estava tudo bem, que melhor voltar, porque tudo estava confuso em Almakia. Viajamos, e Krission estava junto e não falava. – ela olhou para Vinshu, como se contasse diretamente a ele, e somente esse fato a fazia usar melhor as palavras. – Eu estava com muito medo aquele dia. E vi Garo-lin no lugar do navio. Mas era perigoso e Kidari não podia fazer nada. Pensei Krission ajudar, mas ele não ajudou. – ela então voltou a olhar para Garo-lin. – Krission viu Garo, mas não disse nada. Nunca disse.

“Então, em Kodo, prenderam Kidari e Shion dentro do quarto. Só criados vinham, deixavam comida, porta sempre trancada. Eu disse que esqueceram nós, e Shion disse que assim melhor. Era melhor esquecer. Mas Kidari não podia esquecer.

Um dia a noite porta abrir e pessoa entrar. Ele tinha muito dinheiro e disse que era para Kidari ir para o porto sem ninguém ver e achar navio para Almakia. Kidari ir até Almakia falar com Garo. Precisava ser logo, ou seria muito tarde. Pessoa ajudou a sair escondida do castelo, mas Shion ficou. Shion tinha que ficar longe para não saberem que Kidari fugir. Ele tinha plano, enganar criados e eles pensar Kidari ainda estar no quarto. Se Kidari estivesse Além-mar, Shion não saber onde Kidari estava."

Essa última frase fez Garo-lin gelar. Havia uma maneira de rastrearem a Kidari. Seria daquela forma que os encontraram em Vintas? Esse foi o mesmo raciocínio de Vinshu, que perguntou:

— Eles podem ter usado o Shion para encontrar você aqui em Almakia?

Ela negou balançando a cabeça, e no mesmo instante seus olhos se encheram de lágrimas:

— Shion disse que se descobrissem, não deixar encontrarem Kidari com ele, nu-nu-nunca mais. – Ela soluçou e precisou se agarrar a Vinshu para continuar. – Tenho medo nunca mais ver Shion de novo! Shion disse *nunca*!

— Se ele não se matou foi morto. – disse Kinaito, friamente.

A princesa se enterrou no braço de Vinshu, chorando. O Dragão lançou um olhar feio para o kodorin e o repreendeu:

— Não precisava ter dito assim. Acho que todos nós entendemos a situação.

— Não temos tempo para deixar as histórias apresentáveis. – Kinaito encolheu os ombros, indiferente.

— Acho que eu posso continuar. – falou Aruk, vendo que não conseguiriam mais nada da princesa enquanto ela não se acalmasse. – Bom, parece que o plano desse Shion não funcionou. Kidari contou que só conseguiu sair de Kodo em um navio com a ajuda de Ribaru. Parece que ele conhecia um tripulante que conseguiu trabalho para eles a bordo depois de eles oferecerem uma quantia. Ribaru é o de olhos amarelos. – ele acrescentou vendo que eles não reconheciam o nome. – Não sei quem ele é, mas acho que se pode entender o

motivo de a princesa trazê-lo até os vilashis. Acho que mesmo antes de eles embarcarem, o pessoal do navio já sabia que a princesa estava fugindo. Foram traídos pela mesma pessoa que os ajudou. Desceram em algum lugar no litoral abaixo da Capital Real, e andaram sozinhos por aquela região até chegarem a um vilarejo. Foi onde nos encontramos. Ela disse que sou como um Rajin, e acho que seja mais ou menos isso. O fato é que eu já sabia que deveria encontrá-la, e saí de Lotus com essa intenção. E esse é o ponto em que precisamos continuar a conversa que estávamos tendo aquele dia, vilashi-almakin.

Benar havia feito o favor de informar para os Dragões que permaneceram no esconderijo, para So-ren e Kinaito, quem era Aruk e o que ele dissera. Sabendo que não precisava se preocupar com uma introdução sobre o assunto, Aruk continuou:

— Você me perguntou se eu já havia ultrapassado o limiar do Segredo de Luz. Pois bem, arrisquei uma vez, e *sim*: foi pela Kandara.

“Nunca concordei com a decisão dela de interferir no que acontecia em Almakia. Mas é mais fácil mudar todas as direções de Rotas do que mudar a teimosia de um Dul’Maojin, por isso a ajudava no que podia. Quando a vi pela última vez, ela estava mais animada com tudo. Disse que estavam no caminho certo, que havia mais almakins de segunda ordem a ajudando. E que logo teriam mais.”

— Sim – So-ren resmungou azeda. – Eu disse para a menina Kandara que eles não ficariam se algo desse errado. Por mais que fossem contra a Senhora da Capital de Fogo e as Famílias, Nenhum deles voltou depois do que Kronar fez. Parecem que eles estavam só esperando ela morrer para fugirem.

O comentário fez Garo-lin se movimentar involuntariamente no lugar, como se tentasse impedir a senhora de continuar. O assunto morte de Kandara, com essas palavras duras de aceitar, era evitado entre eles. Mas não pela senhora.

Como já era tarde demais para isso, ela apenas olhou para Aruk para ver a reação dele.

— Eu já sabia. – ele disse, com um sorriso fraco. – Quando você conhece

o almaki de uma pessoa tão bem, perceber que ele desapareceu não é difícil.

— Então você sempre soube? – Garo-lin perguntou.

— Mas nunca acreditei.

— Como nunca acreditou? – Sumerin fez a pergunta por todos.

— *Esse* foi o ponto em que passei pelo limiar. Eu precisava saber o que tinha acontecido, e o que aconteceria, ainda que isso colocasse minha própria vida em risco. Afinal, não via muitos motivos em continuar vivendo sem ela.

Por um momento, uma centelha surgiu dentro de Garo-lin. E se as coisas não fossem exatamente como pareciam ser?

Aruk sabia sobre o que tinha acontecido com Kandara, mas mesmo assim falava sobre ela como se fosse encontrá-la a qualquer momento. Será que-

— Kandara está viva? – ela não conseguiu conter a pergunta dentro de si.

Era possível!

De repente, vários fatos se ligaram em seus pensamentos e construíram algo fabuloso, mas possível. Benar mesmo havia dito sobre o prisioneiro, sobre tirarem um pedaço dele. Poderiam ter tirado um pedaço de Kandara: seu almaki. Pensando por esse lado, usar o recurso de forjar uma morte não seria novidade para a Senhora da Capital de Fogo. Já tinha feito isso com a própria Garo-lin, e por que não fazer com sua herdeira?

— Não. Não vi Kandara viva.

As palavras de Aruk fizeram com que todo o cenário plausível que ela montava se trincasse e não parecesse mais tão verdadeiro.

O sutoorin a encarava daquela maneira como se todos os seus pensamentos fossem transparentes para ele.

— Uma pessoa pode deixar de existir. Mas sua vontade ainda existirá enquanto alguém continuar o seu caminho. E você tem essa mesma força, Garo-lin. Ainda não entendi como ou porque, mas acho que Kandara percebeu isso desde o momento em que a viu pela primeira vez. Você carrega a vontade de Kandara, e ao descobrir isso eu deveria ajudar de alguma forma. Foi o caminho que vi ao passar pelo limiar. Eu deveria encontrar a Princesa de Kodo e trazê-la

para você, porque assim todos os pedaços estariam juntos.

O silêncio permaneceu por alguns instantes, tão pesado que incomodava. E foi Garo-lin quem teve corajem de rompê-lo:

— Todos os pedaços?

Ele apenas anuiu, indicando que também se fazia a mesma pergunta.

— Garo-lin! – Vinshu a chamou de forma urgente. – Os pedaços!

Ele olhou para Aruk, para Benar, para So-ren e então novamente para Garo-lin.

Aquele era o Dragão de Raio pensando em várias coisas ao mesmo tempo e então chegando a uma conclusão. Por um momento ele voltou a ser o Dragão inteligente do Instituto Dul'Maojin, que não falava com ninguém além dos seus iguais. E, sendo assim ele sabia que provar seus pensamentos seria mais eficiente do que explicações.

— So-ren, onde está o pote da Artesã?

A senhora pensou brevemente, se levantou e saiu.

— Aruk, você nos contou sobre o dia que conheceu Kandara em Lotus. Nós já tínhamos ouvido essa história antes. Foi So-ren quem buscou Kandara e Krission aquele dia.

Ele fez uma expressão como se agora a reconhecesse como a pessoa da lembrança.

— O pote! – Garo-lin alcançou o que ele tinha descoberto. – Inacreditável!

— O que tem o pote?! – Sumerin se mostrou desesperada com aquilo.

So-ren voltou com o objeto nas mãos e o entregou cuidadosamente para Garo-lin que se levantou para recebê-lo. E, sem hesitar ela o jogou com força no chão, o fazendo se despedaçar.

Somente Vinshu não se espantou com aquela atitude da vilashi.

Enquanto os outros ainda olhavam surpresos para os pedaços que vibravam com o impacto no chão, o Dragão pediu:

— Sumerin, pode consertá-lo?

Ela o encarou com seus olhos escuros arregalados, completamente perdida no que estava acontecendo.

— Conserte. Mas faça ao contrário.

— Como assim?

— Monte os pedaços novamente, mas de dentro para fora.

Capítulo 14 - Garos

Ao olhar para o resultado que haviam alcançado, Garo-lin se sentia como alguém que vivera um ano inteiro – mesmo que tudo não tivesse passado de um instante.

Apesar de não estar certa do que fazer, Sumerin confiara no pedido do amigo e fizera exatamente o que ele pedira. Todos assistiram o manejamento de almaki que fez com que aqueles pedaços se juntassem e se recompusesse ao estado que estavam antes. Não exatamente o mesmo, já que com muita dificuldade ela fez com que o pote se invertesse mantendo o máximo possível de precisão.

E Vinshu estava mesmo certo.

Antes o pote exibia o desenho em relevo de uma árvore, nada mais que isso. Mas ao ter o sentido do relevo invertido, o que tinham diante de seus olhos não era uma simples árvore.

Aruk foi o terceiro a entender o que aquele pote representava. Sem demora, chamou os irmãos sutoorin e pediu algo urgente para eles. Logo tinha em suas mãos um pedaço grande de tecido branco, pincéis e um frasco com algo vermelho. Foi ele quem completou a segunda parte do processo. Com o cuidado de um artista, pintou o relevo que representava a folhagem da árvore, uma face do pote de cada vez. Ao terminar um lado, comprimia o relevo no tecido. Quando a última parte foi impressa, Kinaito já não conseguia conter a alegria com o que via.

— É um mapa! – ele exclamou para todos.

— É um mapa de Almakia. – Garo-lin complementou quase em um sussurro, contemplando o que estava na sua frente.

Era aquilo que Kandara estava procurando, era para se chegar até esse

ponto aquelas anotações no caderno. E agora todos os pontos confusos dele fazia sentido!

— Kandara estava procurando esse mapa! – ela disse, ainda olhando concentrada para os detalhes do desenho em tinta fresca.

Ele não era igual ao mapa que eles tinham ali, aos mapas detalhados das paredes do guarda-livros do Instituto ou qualquer outros livros que já lera. O formato era aquele e a sua disposição de fronteiras indicava que não tinha erro: era Almakia. Mas havia algo diferente, e não era apenas a falta dos tracejados padrões que indicavam as regiões do Domínio.

— Aqui! – ela apontou para o meio do mapa – Isso é uma torre?

Era claramente esse formato que tinha o pequeno pedaço sem tinta no tecido.

— Garo-lin, seu livro – lembrou Nu’lian.

Entendendo o que ele queria dizer, ela pegou tanto o caderno de Kandara como seu livro de História. Folheou os dois até chegar às páginas que precisava e então depositou cada um deles em cima do tecido, para que todos pudessem ver e comparar os três.

O mapa rabiscado de Kandara daquela região, com as suas marcações, não traziam nenhum detalhe que fosse relevante naquele mapa impresso. Já o segundo, o do seu livro, mostrava que a indicação da torre estava no mesmo lugar onde ficava o lago T’pei e a Floresta Ancestral.

— Aldrinu – disse Vinshu. – A Floresta Ancestral é o lugar da Família de Natureza. No seu livro não há uma torre, e nesse mapa não tem um lago.

— Não existem construções lá – contou Sumerin. – Pelo menos não qualquer registro de grandes construções, ou eu saberia.

Garo-lin folheou o livro mais uma vez, até encontrar um pedaço onde lera sobre o assunto. Então recitou em voz alta para todos:

— A Família de Natureza zela pelos costumes e princípios do povo almakin, e guardam as Relíquias de Almaki.

— Já viram algum Aldrinu? – Vinshu perguntou de repente para os

outros Dragões.

— Meu pai já falou algo sobre eles – contou Benar. – Sobre não se meter com um Aldrinu. Que eles são mais perigosos que subir as montanhas em tempo ruim.

— Que estranho – comentou Sumerin. – Almaki de natureza nunca se destacou no Instituto. Nunca ouvi falar de alguém com mais do que a terceira ordem.

— Mas nenhum dos almakins de natureza do Instituto são Aldrinu – ponderou Vinshu. Não é estranho nunca termos visto nenhum deles? Eles são uma das Grandes Famílias.

— Não é o mesmo caso que os Don'Anori? – perguntou Garo-lin, indicando Aruk.

— Talvez – ele considerou a possibilidade. – Mas não são exilados.

Ela se voltou para So-ren:

— So-ren, sabe de algo?

— Já vi um Aldrinu – ela contou, dando a entender que a ajuda da sua memória não seria útil. – Quando Kronar ainda era pequena. O pai dela, o Senhor da Capital de Fogo teve uma reunião com um Aldrinu, e Kronar estava furiosa com isso. Ela disse algo sobre como seu pai aceitava receber alguém como ele na própria casa. Achei que fosse pela atitude arrogante daquela pessoa, como se fosse melhor que os Dul'Maojin. Ele não agia como um convidado. Era como se estivesse fazendo um favor imenso em visitar a Capital de Fogo. Lembro muito bem daquele ar imponente dele, nos olhando com desprezo enquanto passava no corredor. Foi o único que vi.

Garo-lin a encarou atordoada por um instante. Estava mesmo ouvindo aquilo? Existia alguém no mundo capaz de fazer um Dul'Maojin se sentir como um vilashi? Se realmente existisse, não importava se os Aldrinu fossem perigosos, queria conhecê-los.

Mas, independente dessa vontade que despontava com o seu ressentimento vilashi, só havia uma conclusão possível:

— Bom... Então acho que teremos que ir até essa torre e falar com os Aldrinu. Acima de tudo eles são almakins, e se estão marcados nesse mapa é porque Kandara acreditava que podiam nos ajudar. Aruk, você disse que eu tinha a mesma vontade de Kandara. Essa vontade dela foi até encontrar a Artesã de Potes. Agora, está por nossa conta.

Ele deu um sorriso satisfeito, como se aquilo fosse exatamente o que esperava ouvir.

***

O plano para uma nova missão fora do esconderijo foi elaborado logo em seguida. E houve uma breve discussão sobre quem iria e quem ficaria.

Como Benar era essencial para alertar aproximações, ele iria. Sumerin disse que permaneceria, já que precisava ficar atenta à estrutura do esconderijo se aquela chuva continuasse. Nu’lian ponderou por algum tempo e declarou que seria mais útil ficar e terminar o que começara. Vinshu estava mais uma vez dividido. Era evidente que ele queria muito ir, mas ao mesmo tempo tinha o fator Kidari. No fim, a decisão foi adiada para o dia seguinte. Apenas uma coisa era certa: não poderiam sair enquanto o mundo desabava em água do lado de fora.

E depois de decidido isso, houve uma dispersão. Kinaito pediu para Vinshu e Kidari o acompanharem. So-ren se encarregou de Aruk e os irmãos de Sutoor, aproveitando o momento para fazer perguntas sobre o tempo em que Kandara ficara fora de casa. Sumerin rapidamente se desviou de todos e chegou até Nu’lian, falando em tom urgente:

— Você precisa conversar com a Garo-lin, não? Por que não aproveitam e já fazem isso agora?

Garo-lin prendeu o ar. Diante de tudo o que acontecera naqueles dias, era impossível ignorar a vontade que ela tinha em correr para a área dos tanques onde a sua família estava e simplesmente ficar alguns momentos com eles, fingindo que não havia preocupação alguma. Quando finalizou a reunião achou que aquele seria o momento de fazer isso. Descobrir a ligação entre o mapa e o caderno de Kandara era se livrar de um peso, e queria simplesmente aproveitar

essa sensação passageira de alívio antes que fosse trocada por outro problema. Porém, sabia que tinha várias coisas para tratar e não podia simplesmente adiá-las. Então soltou um suspiro mal disfarçado indicando concordância.

— Ótimo! – exclamou a Dragão. – Fiquem aqui que eu vou em frente, ahn, verificar algumas coisas. – enquanto saía, ela trombou com Garo-nan que entrava. – Ah, preciso falar com você! Vem! – e saiu apressada, levando consigo um vilashi que viera até ali por algum motivo e não escondia que não queria ir com ela.

Nu'lian ficou do seu lado, aguardando até que os passos deles desaparecessem no corredor, sorrindo calmamente.

— Aconteceu alguma coisa? – Garo-lin perguntou preocupada, assim que ficaram sozinhos.

— Hum, aconteceram várias coisas... – ele respondeu, voltando a se sentar e sendo acompanhado por ela. – Mas parece que aconteceu muito mais coisa com vocês não?... Foi complicado?

Mesmo que a pergunta apenas sugerisse um assunto geral, ela sabia exatamente sobre qual ponto complicado ele estava falando.

— Eu vi o Dragão de Fogo. Ele nos atacou.

Ele continuou a encarando.

— *Me* atacou – admitiu, preferindo olhar para o seu livro ainda aberto sobre a mesa.

Era difícil falar. Ainda mais falar para o Dragão Real.

Krission foi amigo de Nu'lian por toda a vida, enquanto ela não passava de uma conhecida recente deles. Não podia comparar o seu convívio com o Dragão de Fogo diante do tempo dos próprios Dragões juntos. Ainda mais agora, que conhecia um pouco mais da história deles. Mesmo revoltada com o que tinha acontecido, não podia fugir da sensação de estar acusando alguém importante.

— Se quiser, posso ver o que o Krission planeja.

— Não! – Acabou derrubando o livro no chão com o movimento brusco que fizera junto com a exclamação. – Por que sempre faz as coisas chegarem a

um ponto onde você pode usar seu Segredo, Nu’lian? – reclamou ajeitando a bagunça que fizera.

— Porque assim, por um momento, você se preocupa com algo que não precisa se preocupar.

Ele sorriu, como se aquilo sempre tivesse sido algo óbvio.

Foi inevitável ela sorrir. Ali estava o Dragão Real com a gentileza que ela conhecera durante sua Incumbência, quando a fez perceber os Dragões de outra maneira.

— De alguma forma, agora entendo o porquê de você ter conseguido o posto de ditador junto com os outros no Instituto – comentou, alcançando algo que nunca pensara antes. – Na verdade, você nunca foi diferente deles em conseguir impor o que quer, não? Só é um ditador mais sutil... – Balançou a cabeça tentando fugir desses pensamentos. – Mas, não deve ser para me oferecer serviços de previsão do futuro que você ficou aqui. O que aconteceu?

— Ame-ru Fena.

— Quem?

— A menina com almaki.

— Ela falou?

— Ela fala muito bem.

— O que ela falou? – Garo-lin soltou um pouco de irritação no seu tom.

— Desculpa, Garo-lin. Devo falar bastante, e não sou muito bom fazendo isso.

Ela piscou algumas vezes, tentando entender o que ele dissera.

— Por que precisa falar?

— Ame-ru já consegue manejar água – ignorou a pergunta. – E está muito mais parecida com uma vilashi, sorrindo. Mas ela não nos contou sobre seu almaki. Não sabemos se haviam mais iguais a ela... iguais a você.

Provavelmente o Dragão sabia que aquela frase teria um efeito. Assim como o cuidado que ele tinha em usar seu almaki para não perder o controle, Nu’lian sabia colocar uma questão importante que não estava clara para os

demais. Se não tivesse dito aquilo, a atenção de Garo-lin estaria tão voltada para outras coisas que não chegaria àquele pensamento sozinha: de que de fato existia esse tipo de ligação entre ela e a menina vilashi.

— Acha... que tem mais iguais a mim?

— Bom, existe a Ame-ru. – Ele encolheu os ombros, mostrando que acreditava ser possível. – Foi algo que Kinaito, Sumerin e eu discutimos nos últimos dias. Ainda não queremos forçar a menina a nos dizer sobre a sua vila. Foi difícil conseguir a confiança dela e é muito fácil destruir tudo tocando na ferida. Mas, pense: por que não haver mais vilashis com almaki? Pessoas se tornam almakins ao possuírem um almaki. E eles não nascem apenas dentro das Grandes Famílias ou de pais almakins de outros níveis. Temos pessoas de Almakia, dos vilarejos e pequenas cidades, que possuem almaki, mesmo que muito fracos e até mesmo não manejáveis. Isso pode ser explicado, já que é inevitável filhos mestiços ao longo das gerações, como eu. Porém, vilashis são um caso à parte... Não é uma questão de legado de família. Parece... ser espontâneo.

Era totalmente lógico.

Garo-lin nunca tinha se questionado sobre seu almaki dessa forma. Já se perguntara porque era a única, e achou que teria respostas uma vez que passasse pelos Portões Negros. No fim, suas preocupações diárias e a vontade de sair eram muito maiores que essa curiosidade e o orgulho inicial.

Antes disso, tinha uma lembrança vaga de quando usara almaki pela primeira vez. Todas as suas memórias de uma época anterior ao Instituto pareciam mais um contexto de outra vida do que realmente a sua. Pensava que isso se devia ao tanto que o seu mundo se expandiu ao viver entre almakins – apesar de tudo, – deixando o que existia antes dele tão pequeno. Por isso, o que vinha a mente sobre o fato de ter usado almaki a primeira vez não era uma lembrança sua, mas o lembrava da sua mãe contando.

Fora em uma noite fria de Tormenta Nanfan, em que ela acendera o fogo com um espirro. Que ela estava olhando fixamente para as faíscas que seu pai

fazia, para os pontinhos brilhantes que saltavam, e, de repente espirara e houve fogo, e ela ficara feliz com o que tinha feito. Sua mãe contava tudo isso com entusiasmo, porque achava que era algo precioso. Aliás, Garo-lin também sempre achara que almaki era algo precioso, até descobrir como era ser uma almakin de verdade.

Depois do incidente do seu primeiro espirro de fogo, seu pai a levara para uma cidade grande – provavelmente Rotas, apesar de ela não ter certeza – e a apresentara aos almakins. Foi assim que conseguira uma vaga para o Instituto alguns anos depois, segundo a sua mãe.

— Eu... – ela começou a formular algo muito rápido enquanto pensava nisso tudo – Preciso perguntar para o meu pai como foi quando descobriram que eu podia usar almaki! Como nunca perguntei isso antes?! Os almakins devem ter falado algo para ele, e se soubessem de mais iguais a mim, devem ter falado algo que para o meu pai não fez sentido naquela época! Ele tem boa memória, vai poder nos dizer o-

— Garo-lin! – Nu'lian a cortou.

Diante do tom de voz mais autoritário que já ouvira dele, ela se calou.

— Deixe comigo a responsabilidade de falar com o seu pai sobre isso... Agora, você precisa ir para os vilashis.

— Por quê?

— Acho que já falei o bastante que devia. – Ele sorriu, mais uma vez sem responder.

***

— Inacreditável! – Garo-lin soltou em um tom descrente.

Aquilo era uma completa loucura, e ela tratou de deixar bem clara a sua percepção sobre.

Entender o motivo de Nu'lian atrasá-la, conversando, não era o mesmo que acreditar no que havia por trás daquilo.

Devia ter percebido a animação disfarçada de Sumerin. Devia ter estranhado o fato de que seus irmãos estavam se mantendo ocupados, longe da

sua vista, desde que chegara. Devia principalmente desconfiar que os vilashis não aguentariam ficar quietos daquela forma, mesmo que estivessem debaixo da terra.

Agora, contrariando toda a disciplina que mantiveram até aquele momento, seu povo estava ali, reunido – com tantos outros diferentes e iguais, que se juntaram a eles naqueles últimos tempos –, usando como desculpa uma data que ela nem lembrava mais.

— Há quantos anos não comemoramos o seu aniversário, Garo-lin? – perguntou a mãe Godan, com aquele sorriso bondoso que não foi apagado nem mesmo com a morte do marido. – E como podemos ter certeza de que poderemos comemorar outro aniversário dos nossos Garos?

Foi com essa justificativa que Garo-lin foi arrastada pela senhora até o centro do lugar que usavam como refeitório comunitário. O que antes era apenas um espaço amplo, circular e iluminado pelo fogo almaki de So-ren, tinha sido modificado para atender muito mais que as refeições de refugiados. Os tapetes e as mesas simples – que haviam sido construídas ali mesmo, no esconderijo – foram dispostas de forma a abrir o espaço central. Nele havia galhos secos, empilhados da maneira elaborada, como os vilashis sempre faziam suas fogueiras em festas. Definitivamente, a intenção daquilo *era* uma fogueira, mas sem fogo algum. E foi, para esse ponto, que ela foi levada enquanto era observada por todos aqueles olhos amarelos que se resumiam em uma única expressão: expectativa.

— So-ren não sabe fazer fogos coloridos! – explicou Mio-lin, que correu para o lado dela, como se só com isso conseguisse falar exatamente para a irmã qual era a intenção de todos.

— Que-querem que eu acenda a fogueira?

— Fogos coloridos! – Mio-lin exclamou para o grupo de crianças vilashis, que festejaram, ansiosos pelo que estava por vir, e no meio deles Nana-lin ecoou a frase.

Desesperada, Garo-lin procurou em volta, buscando pela outra pessoa

que estava na mesma situação que ela, e encontrou Garo-nan junto com os Dragões. Em um gesto silencioso, mas firme, ela pediu para que ele viesse até onde estava.

— Concordou com isso? – ela sussurrou, sem esconder o tom de quem era contrária.

— Adiantaria não concordar? – ele perguntou, encolhendo os ombros.

— Mas não podemos fazer barulho! Podem estar nos procurando lá fora. Se eles se empolgarem, como vamos garantir que-

O estrondo de um trovão acima deles, seguido de um tremor que indicava que o raio havia caído por perto, a interrompeu. No silêncio absoluto que se seguiu, ela pôde ouvir o ruído inconfundível de água caindo intensamente. E, então, percebeu como tudo havia sido planejado: chovia o bastante para abafar e deixar confuso qualquer som, mesmo que a festa acontecesse do lado de fora.

Entendendo isso, Garo-lin lançou um olhar carregado para o lado dos Dragões. Sumerin sorriu feliz, deixando bem claro que tinha grande parcela de culpa em toda a elaboração. Nu'lian e Benar, todos sabiam e deixaram que acontecesse. Embora o Dragão de Raio ainda não estivesse ali – e ela pensava que ao menos *ele* não concordaria –, não havia mais como evitar. Aliás, com Kidari no esconderijo, era bem provável que o Dragão pensasse que tivesse assuntos mais importantes para resolver do que dar sua permissão para uma festa de vilashis.

— Garo-lin, preciso falar com você depois – disse Garo-nan.

— O qu-

Mas a sua pergunta foi interrompida por alguém que puxava a sua mão insistentemente, e ela encarou os olhos brilhantes do seu irmão menor pedindo:

— Acende a fogueira, Garo.

Com um grande suspiro de derrota, ela anuiu e pediu para todos se afastarem.

Uma onda de empolgação percorreu os vilashis. Os da sua vila explicavam para os outros o que ela faria, e estes já deveriam ter ouvido de

antemão a história sobre os fogos coloridos que ela fizera há... tanto tempo.

Lembrando-se de como havia aprendido a fazer aqueles fogos, ela hesitou, com as mãos estendidas para frente. Não fazia realmente tanto tempo assim. Havia sido antes da última Tormenta Nanfan. E o mundo parecia ser diferente naquela época. Nesse mundo de agora, não esperava usar seu almaki para algo que significava somente diversão... E mãe Godan tinha razão. Quem garantiria que aquele não seria o último momento de diversão que seus irmãos poderiam ter? Seu bom senso de almakin agora não fazia sentido nenhum diante da vontade vilashi que brotava nela. E, reunindo toda essa vontade em um gesto, ela atendeu ao desejo de todos.

Com um manejo elaborado, fez várias chamas em forma de fitas coloridas, que dançaram por alguns segundos no ar e caíram sobre os galhos, iniciando uma fogueira brilhante de várias tonalidades. Sem calor, ela não consumia como uma fogueira de fogo comum, e assim não produzia fumaça. Tinha apenas um propósito: entretenimento.

As crianças vibravam e corriam felizes em volta da fogueira. Mio-lin e Nana-lin pegaram as mãos da irmã e a levaram junto, já formando a habitual roda que se fazia na dança. De repente, havia som de instrumentos, havia vozes entoando uma melodia, e palmas que batiam no ritmo, e já não era apenas as crianças que faziam os passos sincronizados. Juri-lin e Mira-lin se juntaram aos vilashis que traziam recipientes e colocavam nas mesas. As jarras poderiam estar repletas apenas de água, e os alimentos podiam se resumir somente a peixes e plantas cultivadas ali. Nada disso importava. Era uma comemoração, e todos precisavam de uma naquele momento.

***

Garo-lin já havia perdido a noção do tempo, e aquela devia ser a mesma situação de todos ali. Se a chuva parasse, poderia ser que o dia já estivesse amanhecendo lá fora. Ou já teria amanhecido e estaria escurecendo?

O cansaço da viagem de volta não afetava nenhum deles que estiveram fora. Poderiam se recuperar depois, assim como Sumerin dissera quando Benar

comentou sobre não ter parado desde que a chuva começara. Vinshu, Kidari e Kinaito se juntaram a eles algum tempo depois de a fogueira ter sido acesa, quando Aruk e os irmãos sutoorins começaram a tocar seus instrumentos para os vilashis.

Só no momento em que viu aquele cabelo verde familiar entrar no local foi que Garo-lin se deu conta que não havia falado com Kidari. Não como amiga. E parecia que a princesa também tinha consciência sobre isso. Seus olhos redondos varreram os vilashis até encontrá-la, e pela primeira vez ela se soltou de Vinshu para correr em sua direção. O impacto do abraço dela era tão bom quanto o fato de estar ali comemorando com sua família. Kidari falara alguma coisa em sua língua que só fez sentido depois, quando ela pronunciou palavras que tinham significado para ela:

— Um abraço para mais um ano!

Entendendo que deveria ser uma expressão de parabéns em kodorin, ela agradeceu com outro abraço apertado.

Havia um abismo de coisas que aconteceram desde a última vez em que elas sorriram assim juntas. Porém, o antes não parecia ser tão importante quanto o fato de estarem ali agora.

— Tudo bem? – foi o que Garo-lin conseguiu falar, entre tantas outras coisas que poderia ter dito.

— Saudades! – Kidari pegou as suas mãos e as ergueu junto com as suas, praticamente dando pulinhos de tão contente.

Mas, de súbito ela parou, e a encarou com os olhos assustados:

— Ribaru?

— O quê?

— Ribaru. Que veio comigo. Onde está?

Era verdade. Havia se esquecido dele.

Tão preocupada quanto Kidari, ela olhou em volta e logo o avistou juntos com So-ren e suas irmãs, e agradeceu imensamente pela senhora ainda ter o bom senso de recepção que aprendera vivendo na Alta Sociedade Almaki, mesmo na

situação em que estavam.

— Ali.

Kidari fixou o olhar na direção apontada com a intenção clara de ir para lá. Porém, Garo-lin a puxou de volta pelas mãos que a kodorin ainda não soltara.

— Quem é ele? – ela inquiriu, sem esconder o tom de preocupação.

— Ribaru ajudou Kidari chegar Almakia – a princesa explicou. – Sem Ribaru, Kida-*eu* nunca chegar aqui.

Garo-lin lançou um olhar para Vinshu.

— Benar e eu conversaremos com ele depois – disse o Dragão – Ele só fala a língua de Kodo.

Sabendo que podia confiar esse assunto para os dois resolverem, ela fez sinal para Kidari, indicando que estava liberada para ir. Mas a princesa não soltou sua mão de imediato:

— Preciso falar com Garo. Depois.

O sussurro de Kidari foi tão rápido e tão atípico dela que Garo-lin não entendeu:

— O quê?

— Depois – ela disse e em seguida voltou ao seu normal, gritando e saindo correndo: – **Ribaru!**

O garoto, que agia como um gato receoso, deu um pulo no lugar onde estava. Mas pareceu aliviado ao reencontrar Kidari, como se ela fosse a única pessoa ali, em quem ele realmente confiasse. E isso de certa forma amenizou a preocupação de Garo-lin em relação a ele. Afinal, para alguém depositar toda a sua confiança em Kidari, deveria ser uma boa pessoa.

Enquanto os dois conversavam na língua de Kodo, Garo-lin reparou no espetáculo de Aruk, que fazia os pequenos vibrarem. Com o instrumento de sopro em conjunto com seu almaki de luz e as sombras provocadas pelas chamas, ele produzia imagens de animais que saiam correndo por cima das cabeças e fugiam rapidamente das mãozinhas estendidas que tentavam capturá-los. Tudo isso ao som da música que os irmãos produziam com seus

instrumentos. Apesar de Aruk estar em um ritmo totalmente descompassado em relação a eles, nada disso tinha importância. O que importava eram suas luzes e a ilusão de um mundo melhor.

Por um momento a imagem de pequenas mombélulas coloridas, produzidas por almaki de fogo, dançou pelos seus pensamentos. Com isso, Garonan precisou abanar sua mão na frente do rosto dela para que percebesse que ele estava ali.

— Preciso falar com você.

Aruk parou com as luzes e os vilashis que possuíam instrumentos mais uma vez se juntaram a eles. Em um breve arranjo que somente quem tem o dom de manejar sons sabe, eles começaram a tocar uma canção que os vilashis aprendiam juntamente com suas primeiras palavras. Quando os visitantes pegaram o ritmo e a música começou de verdade, as palmas coreografadas dos vilashis se juntaram com as vozes que se erguiam em coro.

— Agora? – ela perguntou angustiada, já começando a bater palmas, acompanhando.

— Promete que vai depois?

Ela fez um sinal positivo com a cabeça, e cantou uma parte da música, exigindo que ele a acompanhasse:

— *Voando juntos, surgindo das nuvens, atravessando o arco-íris.*

— *Segurando todas as emoções do nosso coração.* – ele continuou.

— ***Faça ecoar!*** – Ela o puxou consigo para o meio do coro dos vilashis que mais uma vez formavam uma alegre roda de dança, e o entregou para Mira-lin, avisando. – É sua festa também. Aproveite!

Deixando-os para trás, ela encontrou Juri-lin junto com Mio-lin, Nana-lin e a outra menina vilashi – que agora sabia ser Ame-ru – e bateu palmas pulando junto com eles. Então Chari-lin a pegou pelo braço e a fez se unir ao círculo maior ao redor da sua fogueira colorida. Depois de uma volta, veio a parte em que eles jogavam as mãos para cima e cada um deveria se juntar a pessoa da sua frente para mais uma volta em duplas, e ela se surpreendeu com o seu par.

— Olá... – Foi o que veio junto com o familiar sorriso calmo de Nu’lian.

Garo-lin perdeu completamente o senso do que deveria fazer em seguida e alguém esbarrou nela, fazendo-a cair para frente. Rapidamente Nu’lian a pegou e os dois entraram no ritmo junto com todos.

— Você sabe os passos! – ela exclamou, ainda mais surpresa.

— Acho que posso usar um pouco do meu almaki para saber o que devo fazer, não? Afinal, sou um Dragão ditador.

Ela riu, e naquele momento a ilusão de estar em um mundo melhor parecia realidade para ela.

***

A expressão carregada de Garo-nan foi o suficiente para desencorajar Garo-lin a fazer qualquer pergunta durante todo o caminho até a área da entrada do esconderijo.

Desconfiava que o mau humor dele fosse por ela ter ficado com Nu’lian durante todo aquele tempo, e esquecido que tinha prometido que conversar com ele. Mas, estava se divertindo tanto que momentaneamente se esquecera. Só quando todos já estavam tão cansados e que parecia que a festa teria um fim, foi que ele a chamou novamente. Dessa vez de uma forma tão séria que ela não ousou dizer nada, e apenas o seguiu até ali.

Como as luzes só deveriam ser acesas naquele local se houvesse necessidade, dificilmente haveria alguém por perto, e Garo-nan parecia ter pensado nesse detalhe conveniente. A única iluminação vinha da pequena chama que Garo-lin manejava somente em um dedo, para ser o suficiente apenas para eles.

— Aconteceu alguma coisa? – Ela se encorajou em perguntar, já que ele parecia não encontrar por onde começar.

— Você vai mesmo nos deixar de novo?

Ela estranhou a forma como ele dissera aquilo, como se fosse algo definitivo.

— Nunca deixei vocês, Garo-nan. Posso ter ficado fora por algum tempo,

mas nunca deixei vocês.

— So-ren me informou agora a pouco que vocês vão sair de novo... Isso tudo... – Ele olhava fixo para um ponto do chão, visivelmente perdido em seus pensamentos. – Aquela vila foi destruída, essas pessoas estranhas que vieram de fora e não sabemos direito quem são, e vocês foram atacados. Agora essa decisão de sair de novo... E se algo acontecer? E se tudo der errado? Você correu muito perigo indo para Vintas, exatamente como aquela vez com os piratas! É tolice fazer algo ainda mais arriscado!

— Riscos são necessários. – Garo-lin não encontrava o ponto onde ele queria chegar com aquilo. – É a única maneira de resol-

— Resolver o quê?! – ele a cortou de forma súbita, elevando a voz.

O inconfundível tom de desprezo que ele usara a chocou, ao ponto de deixá-la sem ter o que responder. Estava acostumada a ouvir aquele tom sendo usado por almakins no Instituto, mas nunca esperara ouvi-lo de um vilashi.

Nunca esperou ouvir desprezo na voz de Garo-nan.

— Resolver os problemas de quem? – ele continuou, dessa vez se controlando ao perceber a reação surpresa dela. – De que lado você está?

— Como assim? – ela perguntou devagar, não querendo acreditar no que aquela pergunta implicava.

— Até onde eu vejo são almakins, almakins, almakins! Você e esses Dragões todos só pensam em Almakia! E os vilashis? E quanto a nós? E seus irmãos, Garo-lin? Não percebe que todos nós aqui estamos em um buraco e dependemos somente de você?! Esses Dragões são algo totalmente diferente de nós. Não representamos nada para eles! Se algo acontecer com *você*, o que nos resta?

O que exatamente era aquilo? Quando exatamente Garo-nan começara a pensar daquela forma? Até um momento atrás ele não estava se divertindo com todos?

Sem encontrar uma resposta para tudo isso, ela replicou com o que sabia ser certo:

— O que eles fizeram até agora? Ficaram sentados, olhando tudo acontecer? Quem construiu esse *buraco*? Eles nos salvaram! Queria estar lá fora?! Queria que Godan tivesse o mesmo destino que a vila da Ame-ru?!

— Porque você está aqui! Fizeram tudo isso porque você estava aqui! Acha que eles gostam de estar conosco? Acha que estariam se você não estivesse?

— Eles tiveram opções e decidiram nos ajudar!

Ele a encarou, com uma intensidade de quem descobrira uma realidade que não queria aceitar:

— Almakin.

— Como?

— Você pensa e age como uma almakin! A Garo que eu conheço não agiria assim!

— Não seja idiota, Garo-nan Godan! Qual é a cor dos meus olhos? Qual é o meu nome? Sim, sou capaz de manejar fogo, mas ainda sou uma vilashi como você!

— Uma vilashi pensaria na sua família ao invés de estranhos!

— Não são estranhos!

— São estranhos e são as famílias desses estranhos que estão querendo nos destruir! E por quê?! Por quê, Garo-lin?!

Ela não sabia responder e essa total falta de palavras se converteram em lágrimas enquanto o eco da discussão ainda reverberava pelas paredes manejadas. A voz agressiva de Garo-nan não machucava apenas os seus ouvidos: eram como pedras carregadas de raiva infundada que ele lançava na sua direção, sem errar.

Ao perceber na luz tremeluzente da pequena chama que ela chorava, ele fraquejou. Então, respirou fundo antes de falar:

— É por causa dele, não?

Garo-lin olhou espantada para ele, e aquele pensamento que relutava ficar em um canto escondido da sua cabeça surgiu imediatamente.

— Ele não vai voltar – Garo-nan afirmou.

— Não estou esperando ele voltar! – Ela não pôde evitar que a negação soasse esganiçada.

— Você foi iludida, Garo-lin! Aquele Dragão mau a levou para longe de nós e depois a abandonou!

— Não!

A reação de Garo-lin foi mais rápida do que qualquer pensamento concreto. A chama se apagou enquanto ela fechava o punho e acertava o rosto do amigo. Ele, sem esperar por aquilo, tombou para o lado.

Em meio à escuridão, ela ouvia a sua respiração ofegante e os ruídos dele se arrastando no chão.

Como exatamente as comemorações alegres pelo aniversário deles terminaram naquela maneira?

— Vo-você não entende? – ela disse de forma embargada, limpando o rosto e tentando engolir um soluço. – Não sei se o que estou fazendo é certo ou errado. Não sei se vai ser o melhor para todos ou para ninguém. Mas eu preciso fazer! Sinto isso em todo o meu almaki, tão forte que me deixa sem ar... Se *eu* não fizer, quem vai fazer?

Ela caiu de joelhos no chão e voltou a acender a chama. De relance, pôde ver o rosto manchado de Garo-nan.

O amigo sempre foi um menino fraco e o fato de ela chorar era mais espantoso do que ver ele vermelho e com olhos molhados, tentando inutilmente evitar esse estado. Mesmo que agora ele fosse praticamente adulto e o líder dos vilashis de Godan.

— Garo-nan... me desculpa, eu não queria... eu-

— Não vá – pediu com voz fraca – Nós precisamos de você aqui... Eu preciso de você aqui.

Apesar de ele não usar o método extremo dela, aquilo teve o mesmo efeito de um soco. Garo-lin compreendeu subitamente pelo que ele estava passando, já que ela mesma enfrentara algo parecido, naquela vez na Capital

Real.

— E-eu entendo como você se sente, com toda a responsabilidade da vila, mas... – Tentou tocar o ombro dele, e Garo-nan se afastou.

— Não, você não entende! – Levantou-se e fugiu, deixando uma Garo-lin completamente derrotada para trás.

Aquilo tudo tinha mesmo acabado de acontecer? Aquele era Garo-nan? Como o que parecia ser um dia quente de sol se transformara naquela Tormenta Nanfan?

Completamente transtornada com aquilo, tudo o que Garo-lin conseguiu fazer foi ficar parada no mesmo lugar.

***

Nu'lian sabia que não era exatamente sensato usar o seu almaki para aprender os passos vilashis, por mais irresistível que a ideia fosse. No fim, concluíra que mesmo que tivesse esgotado todo o seu poder, a diversão valeria por tudo. Porém, naquele instante, se arrependia de ter se entregado àqueles pensamentos. Por estar esgotado, não conseguia entender direito a sensação de algo errado que seu almaki alertava.

Não era um perigo iminente, não era algo que envolvia a todos naquele lugar, não era o esconderijo... Era Garo-lin, isso ele tinha certeza. E, quando não a encontrara entre os poucos vilashis que ainda permaneciam acordados tratando do pós-festa, ele começou a correr pelos corredores tentando sentir com mais clareza o que seu almaki dizia.

Já começava a pensar em alertar os amigos quando, como em um estalo, sabia que deveria virar o próximo corredor e seguir até a entrada do esconderijo.

E a encontrou.

Garo-lin estava de costas, e naquela escuridão ele só podia vê-la devido à manifestação do seu almaki.

— Garo? – ele chamou. – Tudo bem?

Mas ele sabia que não estava tudo bem. E, quando ela se voltou para ele assustada, não foi preciso luz alguma para entender quão carregada estava.

Carregada a ponto de chorar.

— Eu... eu fiz algo horrível – Garo-lin disse com uma voz fraca.

Em uma situação que lhe era incomum, Nu’lian avançou até ela sem ter a certeza do que estava fazendo. Da mesma forma que antes tivera o impulso de aceitar festejar junto com os vilashis, agora ele sentia que o certo a se fazer era segurá-la, antes que a visse desmoronar.

E se segurar parecia ser o que ela precisava. Era como alguém que estava se afogando no mar, e de repente encontrava algo que poderia ser a forma de se salvar. Então ela chorou, de uma maneira que Nu’lian nunca imaginara que poderia ver aquela vilashi valente chorando.

— Está tudo bem. – Ele passou a mão gentilmente pelos cabelos mesclados dela e sussurrou: – Agora, volte para as lembranças da fogueira colorida.

E, imediatamente, ele sentiu todo o peso do corpo sem consciência dela, e a respiração que aos poucos se acalmava até se tornar um ressonar de quem dorme.

Não gostava de usar essa nuance do seu Segredo daquela forma. Por mais que as suas palavras fossem gentis, nada mudava o fato de que usara deliberadamente um ataque contra uma pessoa que era importante para ele.

Capítulo 15 - Apenas Um Dia

Era difícil para Ribaru entender o que acontecia ali. Por mais que tentasse compreender o que aquelas pessoas diziam, não estava se saindo muito bem. Para ajudar, sua princesa o abandonara completamente.

Na noite em que houve aquela festa – completamente fora de contexto, uma vez que aquilo se tratava de um esconderijo de fugitivos, – ela lhe dissera para ficar com os irmãos de Garo-lin, sua amiga. Agora, quem era Garo-lin e quem eram seus irmãos? Provavelmente deveriam ser algumas daquelas moças que lhe traziam comida às vezes, mas as diferenças entre elas eram mínimas, e mesmo seus olhos bem treinados demoraram em conseguir distinguir umas das outras. E os olhos! Sim, eles tinham olhos amarelos como os seus. Também eram fisicamente muito pequenos se os comparasse com os kodorins, mas não poderia usar esse fato como uma comparação entre ele e os vilashis. Afinal, passara fome grande parte da sua vida, e sempre julgou ser essa a causa da sua falta de altura – Denden era um kodorin do seu tamanho, mesmo com grande diferença de idade.

Independente da falta de comunicação, Ribaru foi bem tratado. Teve comida, ganhou um espaço aconchegante para dormir e sempre alguém aparecia tentando falar com ele. Inclusive desconfiava que tinha se tornado um passatempo para aquelas pessoas: quem iria conseguir falar com o forasteiro e descobrir quem ele era?

Naquela manhã, depois da festa, mais uma vez ele procurou em vão pela princesa. Os irmãos capangas de Aruk estavam ali, ensinando alguns vilashis interessados a construir uma ferramenta útil que os ajudaria com aqueles potes de plantas que eles cultivavam. Eles pareciam se entender bem uns com os outros apenas com gestos. Mas Aruk não aparecia desde a noite anterior. Seu

reconhecimento daqueles túneis ainda era mínimo, então não conseguia chegar a lugar algum sem se perder. No fim, sua decisão foi se sentar naquela área do esconderijo, onde parecia se concentrar toda a atividade do local, nos tanques d'água.

Ficara um bom tempo apenas observando e analisando os ditos vilashis. Percebeu que eles tinham o que nos portos chamavam de *munari*, a sincronia de fazer.

A rotina nos portos de Kodo sempre era a mesma: tirar dos barcos, repor estoque e vender. Dentro de cada tipo de comércio, isso era basicamente o que acontecia todos os dias, e cada um sabia perfeitamente o que fazer. O como agir nas tendas de peixes já era tão subentendido que não havia necessidade de se falar. Bastava apenas apontar o que queria e fazer um sinal indicando a quantidade. O falatório ficava por conta da disputa dos preços mais atrativos. Nos bares, nas lojas, nas ruas, todos sabiam o que fazer, para onde ir e como agir. Mesmo os que vinham de fora em pouco tempo se familiarizavam com o *munari*, e entravam nessa dança. Ali, os vilashis também tinham o seu *munari*, mas era diferente do que havia em Kodo.

Todos também pareciam saber quais eram suas tarefas, seus tempos, suas formas de fazer. Mas não faziam calados, conversavam muito, como se todos fossem conhecidos há anos. E se misturavam, faziam várias coisas ao mesmo tempo, se ajudavam e não havia desencontros nisso. Era algo mais que *munari*... Será que existia uma palavra em Kodo que pudesse juntar o significado de sincronia, harmonia e dedicação em uma coisa só?

Se deixando levar por esses pensamentos, Ribaru demorou a perceber que as moças que lhe traziam comida se sentaram na sua frente. Junto com elas estava uma senhora com uma bengala – a qual ele já havia identificado como um responsável geral pelo lugar. A senhora apenas olhou para ele, disse alguma coisa para elas na língua de Almakia e se afastou. As duas permaneceram na sua frente, uma sorridente, a outra apenas o fitando de uma forma séria. Fora isso, eram iguais, e parecia ter poucos anos de diferença.

Foi a mais velha quem começou, falando com um sorriso:

— Mira-lin. – E apontou para seu rosto, depois fez o mesmo apontando para a outra. – Juri-lin.

Ribaru continuou as encarando sem expressar nada. E mais uma vez ela repetiu pacientemente as palavras e os gestos.

Eram nomes.

Só podiam ser os nomes delas.

Não importa se você está em Almakia, Kodo ou debaixo do mar, sempre se começa uma conversa se apresentando. Mas, para ter certeza disso, ele apontou para cada uma repetindo:

— Mi**ra**lin. Ju**ri**lin.

Elas riram, e ele sabia que fora pela sua pronúncia diferente.

— Mira-**lin**. Juri-**lin** – a mais velha o orientou.

— Mira**lin**. Juri**lin** – ele tentou de novo, e dessa vez pareceu acertar.

Então a mais nova fez um gesto apontando para o seu rosto. Isso não era exatamente um gesto considerado delicado em Kodo, mas dentro da situação, ele entendeu que elas queriam saber o nome dele.

— Ribaru – ele disse.

— Ribaru – elas repetiram, e não havia o que corrigir.

— Vilashi? – perguntou a mais velha, Mira-lin, indicando os seus próprios olhos.

E agora? Tinha uma chance de falar sobre esse assunto, mas como explicar? Não poderia fazer isso sem ter a princesa ou o Aruk para lhe ajudar. Era complicado demais. Então, para não as deixar sem resposta, disse de uma forma que elas pudessem entender mais do que as palavras:

— Kodorin – Ele apontou para uma direção que não sabia se era a certa, e fez um gesto amplo indicando distância. – Kodo.

Ribaru não tinha percebido de primeira, mas a mais nova segurava um livro nos braços. Ao ouvir o nome do Domínio, ela abriu o livro e procurou por algo, então o entregou para a outra apontando alguma coisa.

— Kodo – A mais velha colocou o livro na sua frente, com um grande mapa de Almakia e uma pequena mancha no meio do Grande Mar, onde ela indicava. – Além-mar.

Ribaru olhou aquilo com uma careta de descrença. Kodo não era um Domínio pequeno assim. Já havia visto muitos mapas com toda a região de Além-mar e em nenhum deles a ilha de Kodo era tão insignificante quanto naquele. Inconformado, ele pegou o livro e tirou de dentro do seu bolso o lápis que Denden lhe dera. Sem pedir permissão e sem pensar se era ou não permitido, ele fez um desenho maior ao redor da ilha, mostrando qual era o seu verdadeiro tamanho em relação a Almakia. Então, recolocou o livro no lugar, exibindo para elas o que tinha feito.

— Kodo? – perguntou Mira-lin.

— *De* – ele assentiu.

Então ela apontou para o seu lápis e estendeu a mão, como se o solicitasse por um momento. Curioso sobre o que ela faria, ele lhe emprestou. E, no mapa de Almakia, ela fez um ponto abaixo das montanhas e florestas que marcavam o centro do Domínio e disse:

— Vilashis. Godan.

Então, fez outro ponto em um lugar mais distante daquele, indo para o leste. Apontou para toda a volta deles e disse:

— Vilashis e Ribaru.

Não foi complicado entender. Provavelmente o primeiro ponto era onde eles estavam antes, e o segundo, onde estavam agora.

Vendo que ele conseguira alcançar o que ela queria dizer com as marcações no mapa, Mira-lin teve uma ideia. Foi até o final do livro, onde havia páginas em branco e fez dois desenhos parecidos. Mesmo que fossem o mínimo do mínimo de traços possíveis de se fazer para reconhecer uma pessoa, ele entendeu que ali estavam representadas as duas.

— Mira-lin, Juri-lin. – Ela indicou os desenhos.

E fez mais uma pessoa igual a elas antes do desenho que indicara como

sendo o seu.

— Garo-lin – disse por fim.

Garo-lin era o nome da amiga da princesa, aquela que ela precisava encontrar em Almakia.

Ela continuou desenhando, mais uma pessoa entre ela e Juri-lin, e dessa vez parecia um menino, por ter apenas alguns riscos representando os cabelos. Ainda fez mais dois desenhos depois de Juri-lin.

— Garo-lin. Mira-lin. Chari-lin. Juri-lin. Mio-lin. Nana-lin.– ela disse todos os nomes, ligando todos eles com um traço – Irmãos.

Ele conhecia aquela última palavra! Já a ouvira no porto e entendeu o significado dela.

— Irmãos – ele repetiu, mostrando que entendera.

Empolgada, Juri-lin olhou em volta e começou a apontar para alguns vilashis.

— Chari-lin. – Ela apontou para um garoto vilashi do grupo com os irmãos sutoorins. – Mio-lin. – ela apontou para um menino que brincava com outras crianças vilashis, correndo e levando pela mão uma menina com a cabeça enfaixada – Nana-lin. – Ela apontou para uma menininha brincando sozinha com pedras, perto das senhoras vilashis que lavavam roupas no último tanque.

Eram aqueles todos os irmãos de Garo-lin que a princesa havia mencionado? E não pareciam apenas ser todos eles. Eles foram mostrados em ordem de idade. Garo-lin parecia ser a mais velha, e não estava ali.

— Garo-lin? – ele perguntou.

— Garo-lin não. – Ela fez um gesto negativo e indicou a volta.

— Garo-lin. – Juri-lin pegou o lápis da irmã e desenhou algo nas mãos em volta da representação da irmã. – Almaki! – ela falou com um gesto.

Ribaru tinha visto aquele gesto na noite da festa e na hora tudo fez ligação. Garo-lin era a vilashi que ele vira usando almaki de fogo.

Então, tendo uma ideia, pediu o lápis e fez mais um desenho abaixo de Garo-lin, semelhante aos traços toscos delas, mas caprichando no cabelo para

ficar bem visível sobre quem ele falava. E fez um traço que ligava a irmã mais velha Garo-lin ao seu desenho.

— Kidari! – Mira-lin exclamou, mostrando que reconhecia.

— *Kidari Dema*. – Ele sorriu contente com o acerto rápido, e então indicou a volta, perguntando onde ela estava.

Entendendo, Mira-lin pediu o lápis e ao mesmo tempo falou algo com Juri-lin, que se levantou e correu em direção a uma das entradas de túneis. O desenho que ela fazia agora parecia ser mais complicado. No lugar dos traços simples de roupas, ela tentou fazer algo mais elaborado.

— Dragão. Vinshu. – ela disse.

Um almakin, por isso a diferença dos desenhos. E ele sabia sobre quem ela falava pelo nome. Também percebeu que *Dragão* era uma palavra almakin de conhecimento em comum entre eles. E isso lhe deu outra ideia:

— Dragões? – ele pediu e tentou lembrar a palavra que precisava – Quem? – perguntou indicando um espaço vazio que ainda havia na folha para que ela desenhasse.

Nesse instante Juri-lin voltou e depositou na frente deles um caderno, com muitas folhas em branco que poderiam ser usadas, e mais dois lápis.

Agora não importava se a princesa estava ocupada demais com o seu Dragão a ponto de abandoná-lo ali só sabendo algumas palavras da língua de Almakia. Sempre se virara nas ruas e sobrevivera aprendendo sozinho. No momento, aprender a falar como se falava em Almakia também era uma questão de sobrevivência. Um ladrão não poderia depender da Princesa de Kodo para sempre.

***

Ao contrário do que Ribaru imaginava, Kidari não estava realmente com o seu Dragão. Apesar de ela querer muito estar.

Mesmo que tivesse se agarrado a ele desde o primeiro minuto que o reencontrara, não podia fugir do que verdadeiramente viera fazer em Almakia. E isso era falar com Garo-lin. Foi com essa missão que fugira. Porém, não

encontrou momento algum para conversarem.

Achou que poderiam falar depois da festa dos vilashis, mas a amiga desmaiara pelo cansaço e não era justo incomodá-la. Por mais que o assunto pedisse urgência, a princesa tinha medo de que o peso da informação que trazia fosse demais. Ainda não tinha certeza do que acontecera com todos eles desde que haviam se separado. Vinshu lhe contara algumas coisas, ficara sabendo de outras pelos irmãos de Garo-lin, podia imaginar o quanto havia sido difícil para eles somente olhando em volta, para aquele esconderijo. No fim, sua decisão foi esperar pelo melhor momento. Não importava se seria repreendida por não ter falado antes.

Quando se reunira com Kinaito na noite anterior, ele a questionou sobre o que estava acontecendo em Kodo. Não sabia dizer muita coisa, já que esteve mais trancada do que nunca dentro do palácio. Mas as perguntas dele não se limitavam ao que era do seu conhecimento sobre o lugar em que vivia: a residência do Rei Kodima e as áreas onde uma vez lhe foi permitido circular, antes de ir para Almakia em sua primeira viagem. Ele queria saber sobre partes do reino que ela apenas conhecia por nome, que vez ou outra ouvira ser mencionado. Não sabia o que era o Sétimo Nível, e não fazia ideia de onde isso ficava.

— Tem certeza de que não sabe nada sobre o Sétimo Nível? – Kinaito lhe perguntou, com aqueles olhos aumentados por causa do estranho aparelho que usava para enxergar melhor.

— Sei que no Primeiro Nível ficaram os jardins e no Segundo, a cozinha e as áreas de serviço. Nunca ouvi falar de um Sétimo Nível. – Procurou passar o máximo de sinceridade no que dizia, mas mesmo assim ele não pareceu acreditar.

— E se ela realmente não souber, Kinaito? – Vinshu perguntou, como se levantando uma possibilidade, o que sugeria que ele também não acreditava na sua afirmação.

Desesperada com isso e querendo fazer eles entenderem que falava a

verdade, ela tentou contar tudo o que sabia e que poderia ser interessante para eles:

— Não poder ir cozinhas. Criadas traziam comida e conversar algo pensando Kidari dormindo. Diziam que muitos visitantes de fora iam para Kodo. Que nunca tantos banquetes foram feitos. Também ouvi que Diwari queria vir Almakia. Rei Kodima não deixou. Isso foi antes de...

— Antes de? – Kinaito a incentivou a continuar.

Kidari se calou. Não podia falar sobre aquele assunto para eles, precisava falar com Garo-lin primeiro.

Entendendo como o silêncio e a negação em falar a incriminavam, ela agarrou a manga do casaco de Vinshu e quase chorou:

— Kidari não mentir, Vinshu! Kidari vai falar, mas não agora – Ela percebeu a forma como se expressava, contrária ao que ele lhe ensinara, e tentou se corrigir. – Eu preciso falar com Garo-lin, essa foi a ordem. Depois que falar com Garo-lin, posso falar com todos.

— Kidari, entende como é importante para nós que tudo seja esclareci-

— Kinaito! – o Dragão de Raio usou o tom autoritário do seu título. – Vamos deixar a princesa descansar. Ela se esforçou muito para chegar aqui e já disse que vai nos contar tudo, só precisa de tempo. Vamos dar esse tempo para ela.

Sua vontade era de pular em Vinshu e abraçá-lo bem apertado. Eram raros os momentos em que alguém a defendia. Garo-lin, Vinshu, todos estavam do lado dela ali. Não tinha mais Shion, mas sabia que não estava sozinha. Era esse tipo de pensamento que lhe dera coragem de chegar a Almakia. E conseguira. Pela primeira vez na vida tinha feito algo sozinha, e conseguira.

Por fim Kinaito concordou a contragosto, e disse para ela dormir aquela noite, mas que no dia seguinte precisariam esclarecer mais algumas coisas e fazer alguns testes.

Testes.

A palavra a fez paralisar. Não gostava dela. Vinshu pareceu perceber que

ela apertara sua mão ainda mais e que uma apreensão pousou em seu rosto. Mesmo assim, prometeu para Kinaito que fariam isso, e não se soltou do Dragão até entrar na festa dos vilashis e finalmente falar com Garo-lin.

Havia tanto para dizer a ela, mas sabia que não conseguiria naquela noite. Por isso apenas disse baixinho que precisavam conversar, e sabia que Garo-lin iria procurá-la em um momento melhor.

Tinha esquecido completamente de Ribaru desde quando?... Desde que caiu na armadilha de Diwari, era isso. E no momento em que acordara só lembrava de ter visto Vinshu na sua frente. Ele deveria estar furioso com ela e com razão. Por sorte, So-ren estava com ele e as irmãs de Garo-lin também, então sabia que cuidariam bem dele. Também, ele finalmente estava entre os vilashis como queria. Não deveria envolvê-lo ainda mais nos seus problemas.

Por um tempo ela se esqueceu de que tinha fugido de Kodo, de que atravessara parte de Almakia para chegar ali e que Kinaito a esperaria no dia seguinte. Foi divertido ver Garo-lin sorrindo e manejando fogos coloridos mais uma vez. Foi divertido se sentar com Vinshu em meio aos vilashis e conversar como se fosse algo normal. Mas foi com um aperto no peito que ela soltou a mão do seu Dragão e seguiu Sumerin, que lhe ofereceu metade do que ela chamava de *sua toca* para ser seu lugar de dormir. Vinshu a fez prometer que descansaria bastante, que não queria mais olhos vermelhos no dia seguinte e que ela não precisava mais se preocupar. Estava com os Dragões de Almakia. Sorriu com isso, e ele pareceu ter gostado de vê-la mais animada. Mas não era fácil sorrir quando sabia que Diwari estava lá fora, muito perto e procurando por ela.

Mesmo assim tentou esquecer tudo por um tempo e dormir. E quando acordou, a primeira coisa que fez foi procurar por Kinaito, decidida a esclarecer algumas coisas antes de concordar com *testes*.

So-ren a orientou até chegar onde ele estava, e ela reuniu toda a coragem que tinha para entrar.

De primeira ele pareceu não notá-la, de tão concentrado que estava em analisar alguns papéis que tinha espalhados na sua frente, todos com anotações

recentes. Ao que parecia, ele não havia dormido e tinha se dedicado àquilo noite a fora. Não o vira mesmo entre os vilashis na noite anterior.

— Bem-vinda.

— Estou aqui.

Ela se surpreendeu ao perceber que havia sido recebida e respondido ao cumprimento na Língua de Kodo automaticamente.

— Faz tempo que não falo como em Kodo. É bom saber que ainda consigo me comunicar – ele indicou um lugar à frente dele na mesa, o mesmo que ela havia sentado na noite anterior.

Tentando não deixar transparecer o quão nervosa estava, ela se sentou, focando os papéis como se estivesse curiosa, sem conseguir realmente lê-los. Por um lado era bom ouvi-lo falando em kodorin. Não ficaria confusa com as palavras e poderia se expressar melhor. Então, usando de uma estratégia que sabia ter como vantagem sob ele, ela pediu, tentando imitar o tom de ordem real que ouvia do Rei Kodima:

— Quero que me conte a sua história.

O kodorin a encarou com aqueles olhos aumentados, como se a estivesse analisando. De repente, ela achou que não foi uma boa ideia usar aquele tipo de tom. Ela mesma não gostava nada dele, e tentou remediar explicando o seu motivo:

— Você é um kinaito. Alguém que não tem a confiança de Kodo. Se quiser que eu conte alguma coisa, tem me fazer pensar o contrário disso.

Ele, que até então estava quase debruçado sobre a mesa, ajeitou sua postura para condizer com o que ela demonstrara ser, a Princesa de Kodo, e tirou aquele equipamento estranho da cabeça.

— Lembra quando perguntei sobre o Sétimo Nível ontem? Era onde eu trabalhava em Kodo. É onde ficam os laboratórios do Rei Kodima.

Ele contou sobre o que fazia, sobre as esferas, sobre como desistira das suas pesquisas e sobre como foi condenado à execução.

— Lembra-se do último Rajin do palácio?

Ela balançou a cabeça indicando que não.

— Ele foi quem me ajudou a escapar da sentença de Kodo, e ele era quem tinha contato com Kandara em Almakia. Acredito que a minha fuga tenha relação com o fato de não haverem mais Rajins.

“Dediquei toda a minha vida às pesquisas para o Reino, e no fim tudo o que fiz era para ser usado pelo Rei Kodima e a Senhora de Fogo. Kandara salvou minha vida, e prometi ajudá-la no que fosse possível para impedir que isso acontecesse. Por isso estou aqui. E enquanto Garo-lin estiver levando adiante o que a Kandara começou, vou continuar ajudando... É o suficiente para confiar em mim?”

Aquilo era o suficiente para Kidari confiar nele. Mesmo que ainda se sentisse incomodada, e não soubesse exatamente o motivo, sabia que podia confiar.

— O que quer saber de mim? – ela perguntou.

— Primeiro, quero entender por que pensa que o sutoorin é o seu Rajin?

Ela pensou em uma forma de responder que pudesse explicar algo que ela mesmo não conseguia definir.

— Eu ouvi ele me chamando. Os Rajins orientavam o rei e os seus herdeiros. Eu sabia que ele me orientaria.

— Como sabia?

— Não sei. Apenas... sabia.

Sem esconder que aquela resposta não o satisfazia, ele tentou outro assunto importante:

— Pode me contar o que acontece em Kodo agora?

— O que sei não é de grande ajuda. Sempre vivi no palácio, e agora quando voltei não me deixavam sair do meu quarto.

— Por que vivia trancada?

— Não é suposto que a Princesa de Kodo fique dentro do castelo?

— Não necessariamente. Mas, se esse fosse o desejo do Rei Kodima, sim.

— Eu não conhecia outra realidade até vir para Almakia.

— E exatamente como veio para Almakia, da primeira vez?

— Eu tinha almaki, e a diretora do Instituto Dul'Maojin foi me buscar.

— E como você tem almaki?

A resposta foi o silêncio. E não era um silêncio de quem esconde algo, mas de alguém que não tinha uma resposta para dar.

— Sempre teve almaki?

— Se-sempre. – A princesa disse de forma incerta. – Bom, acho que sempre. Desde que eu me lembro.

— E desde quando lembra?

Ela pensou um pouco.

— Não sei dizer ao certo os tempos, eu não os marcava como as pessoas fazem. Era sempre um dia depois do outro. Todas as minhas lembranças são do palácio, de viver nele. Lembro de ver Diwari usando almaki nos criados, mas eu nunca fiz isso.

— Diwari também tem almaki? – Ele se espantou com essa informação.

— Não sabia? Fomos atacados em Vintas. Garo-lin contou isso ontem.

— Não que Diwari atacou com almaki. Que almaki ele tem?

— Não sei.

— Como não sabe?

— Ele faz com que as pessoas obedeçam às suas ordens, mas não sei que almaki é esse. Aprendi sobre almakis aqui, Vinshu ensinou muita coisa. Mas, nada do que Diwari faz está nos livros.

— E você sempre soube que tinha almaki de raio?

Ela pareceu se encolher, e dessa vez o silêncio era de quem escondia algo.

— *Kidari Dema*, entende que todas as informações que você nos der serão fundamentais para todos aqui? Não apenas os Dragões, mas os vilashis e Almakia. Rei Kodima está construindo algo junto com a Senhora da Capital de Fogo, e você é a única que pode nos ajudar a descobrir o que é.

— É que... eu tenho medo de raios. E acho que é por isso.

Ele a encarou intrigado:

— Como assim?

— É que... eu posso usar outros tipos de almakis também. Mas o Rei Kodima disse que eu deveria usar apenas o raio, já que não posso controlar meu medo deles e por isso ele se manifesta mais facilmente.

Aquilo parecia ter sido uma surpresa para ele, que assumiu uma posição mais tensa e estendeu as mãos para os seus papéis – se agarrando a eles para não se perder em todas as informações que se chocavam em sua cabeça.

— É estranho, eu sei – ela admitiu, largando todo o ar que prendeu diante da reação dele.

— Você pode usar mais de um tipo de almaki, princesa?

— Eu sou uma kodorin com almaki, e com vários almakis – ela disse em tom de defesa, como alguém que por anos tentava convencer a si própria sobre aquilo. – Mas não é algo que posso simplesmente abandonar, então tenho que lidar com isso. Ser uma kodorin com almaki de raio é bem mais fácil do que ser uma kodorin com muitos.

— Quem sabe sobre isso?

— Shion. Rei Kodima. Diwari. Você... Ribaru, Aruk... Ele disse que eu não precisava esconder.

— A Senhora da Capital de Fogo sabe?

— Não. Rei Kodima disse que ela e nem ninguém do Instituto deveriam saber. Shion era quem deveria cuidar para que ninguém descobrisse.

— E mesmo depois, você não contou para ninguém? Kandara, Vinshu ou Garo-lin, por que não contou para eles?

— Porque... – Ela respirou fundo e confessou: – eu queria ser normal! Eu queria que eles me vissem como Kidari, não como a Princesa de Kodo e não como uma aberração!

A exaltação dela o fez perceber que estava agindo como um acusador e não deveria ser assim. De todas as formas que via aquilo, a princesa era uma

vítima. Então, tentando amenizar a situação para conseguir obter mais informações, ele mudou o rumo das perguntas:

— Sabemos que Shion pode se comunicar com você. Onde ele está agora?

— Shion não vai se comunicar. Nós tiramos nossos metais. – Indicou as orelhas sem os brincos que costumava usar. – É muito difícil nos comunicar sem eles, porque tudo fica solto, não tem um ponto certo para se concentrar. Ele me ajudou a fugir. Ele disse que esconderia a fuga o quanto fosse possível, e depois voaria para bem longe, para que não pudessem me encontrar através dele.

O kodorin a encarou, como se avaliasse se deveria falar algo que sabia. Por fim, se decidiu com um suspiro e contou:

— Sabe que ele não pode fugir.

— Ele fugiu! – afirmou, com determinação. – Eu acredito que ele conseguiu fugir!

Kinaito se irritou com aquilo. Apesar de ser uma princesa bem crescida, ela insistia em agir naquela teimosia infantil. Porém, tentou se acalmar repetindo para si mesmo que ela havia sido prisioneira da situação até agora. Se a sua suspeita estivesse certa, ela chegara muito longe.

— Sabe o significado do seu nome? – ele perguntou.

A pergunta a fez se virar para ele com um olhar chocado. O significado do seu nome sempre fora um incômodo, algo que Diwari usava contra ela constantemente.

— Apenas um dia. – ela disse na língua de Almakia, desviando o olhar para as próprias mãos. – *Kidari Dema,* Princesa de Apenas Um Dia.

— E sabe o motivo?

— Não. – Seus olhos se encheram de água, e ela sabia que não conseguiria esconder mesmo se controlasse. Então contou: – Diwari diz que eu deveria respirar por apenas um dia. Que viver dois dias e todos os outros que se seguiram foi um erro. – Ela fungou e esfregou os olhos para enxugá-los nas mangas da sua roupa. – Não é justo ele dizer que não posso respirar!

Era complicado para Kinaito lidar com o choro dela. Realmente não tinha jeito para o sentimento das pessoas, embora fosse bom em detectá-los. Conhecia a personalidade de Diwari. Mesmo que ele tivesse apenas oito anos quando o vira pela última vez, aquele jeito de príncipe que pensava ter o mundo nas mãos parecia ainda existir. Na época Kidari era ainda um bebê dentro do palácio, mas sempre teve que aguentar as crueldades do irmão. Atormentar a princesa dizendo que ela não poderia estar viva devia ser uma brincadeira deliciosa para ele. E, pela reação da princesa, as feridas disso ainda estavam bem abertas.

De alguma forma, aquela teimosia infantil que o irritara momentos atrás agora estava mais clara: era uma forma de proteção. E também fazia sentido a maneira como ela agia em Almakia mesmo estando carregada com intrigas de Kodo – e não tendo realmente consciência de todas elas.

Apenas Um Dia.

Ele soltou um suspiro cansado e disse:

— *Kidari Dema*, você precisa contar tudo isso para os Dragões e Garolin.

— Não!

— Como eu já disse, suas informações podem nos ajudar a-

— Eu sei! Mas... posso ter mais um tempo?

Ele não a entendeu, e esperou por mais explicações.

— Só um pouco – ela pediu. – Eu mesma irei contar. Só preciso de mais um tempo.

— Está com medo de eles também dizerem que você deveria ter vivido apenas um dia?

O leve tremor que a fez se mexer involuntariamente confirmou essa suposição dele.

— Muito bem, *Kidari Dema*. Mais um tempo. Mas, com uma condição!

— Qual?

— Preciso avaliar o seu nível de almaki.

— Os *testes* – ela disse a palavra como se fosse uma sentença.

Percebendo o tom que ela usava, ele perguntou:

— Algum problema com testes?

— Raios. Eu disse que tenho medo.

— Muito bem – ele concordou, apesar de estranhar o motivo alegado. – Faremos testes sem raios. Podemos começar?

Mais uma vez ela reuniu coragem e respondeu:

— *De.*

Capítulo 16 - Veneno

— Querem ouvir a minha história? – a pergunta incrédula, seguida de uma gargalhada, ecoou pelos corredores daquela parte do esconderijo.

Os Dragões se entreolharam, avaliando se aquilo era mesmo uma boa ideia.

Vinshu acordou no dia seguinte com uma lembrança óbvia: tinha um almakin de natureza ali com eles. E ele era um prisioneiro, bastava interrogá-lo. Porém, aquela gargalhada doente não dava muitas expectativas ou confiança no que ele poderia lhes revelar.

Benar ajudaria, dizendo o que era verdade e o que não era com o seu Segredo. Entretanto, como iriam sair do esconderijo? Não era boa ideia ele gastar sua energia que recuperara apenas brevemente. Mesmo assim, não podiam perder a oportunidade de descobrirem algo mais sobre os Aldrinu. E como agora precisariam esperar Garo-lin acordar, para se prepararem para a nova missão, interrogar era algo necessário a se fazer.

— Apenas nos diga sobre o que sabe – Vinshu insistiu.

— E o que eu ganho com isso? – o prisioneiro retrucou – Vocês me tiram daqui? E depois o quê?... Estão tão presos nesse buraco quanto eu, sabiam?! – E voltou a gargalhar.

Logo a gargalhada se tornou uma tosse seca e forte, que o deixou completamente sem ar e o fez tombar dentro da cela. Vinshu avançou até as grades de pedras e pediu para Sumerin:

— Me deixe entrar!

Ela olhou para Benar, como se perguntasse se era uma boa ideia.

O prisioneiro soltou um guincho agudo e se encolheu, tremendo.

— Ele está sufocando! – o Dragão de Raio forçou inutilmente as grades.

— Abra – Benar concordou, e manejou o ar a sua volta, formando uma parede de vento contínuo entre eles e os vilashis, que estavam de guarda na parte de fora, os alertando: – Fiquem aí, ele não vai conseguir fugir. E não toquem na barreira! Não queremos mais pacientes.

Depois de Sumerin ter desfeito as grades, Vinshu se ajoelhou na frente do prisioneiro, dando instruções para os amigos de como deveriam segurá-lo. Ele, por sua vez, se debatia, em uma tentativa inútil de conseguir respirar, seu rosto assumindo um tom arroxeado.

— O que ele tem? – Sumerin perguntou assustada, mas o Dragão de Raio se concentrava no que fazia, e que parecia não estar dando certo.

O prisioneiro abriu a boca como se estivesse gritando, e começou a soltar uma espuma branca por ela.

— Vinshu! – Benar gritou, sentindo que um segundo a mais seria fatal.

Então, reunindo todas as suas forças, Vinshu usou seu recurso extremo: concentrou todo o seu almaki de raio nas mãos e as pressionou no peito dele, produzindo um clarão intenso que derrubou os outros dois e os vilashis que assistiam.

E pareceu funcionar.

Quando a luz produzida pelo almaki se dissipou totalmente, o prisioneiro respirou fundo e, então, muito depressa, tentando recuperar todo o ar que tinha perdido.

Ofegante e tonto por ter usado tanta energia, Vinshu encarou Benar e perguntou:

— Estranho como se faltasse um pedaço, não é mesmo?

O Dragão lembrou-se da conclusão que teve quando o prisioneiro fora trazido até ali: que ele não tinha almaki, mas de uma forma estranha.

Benar assentiu.

— Ele já teve outros ataques assim? – Sumerin perguntou aos vilashis da guarda.

— Ele tosse muito, e já demos vários dos nossos remédios para ele –

informou um dos vilashis. – A tosse aumentou nos últimos dias. Mas nunca vimos isso acontecer.

— Não é uma doença – Vinshu contou baixo para que só os amigos pudessem ouvir. – Essa tosse não é uma doença.

— Veneno – o prisioneiro resmungou.

Sua voz agora estava diferente. Não por estar fraca pela situação, nem por algum efeito do impacto de almaki que levara. Era um tom sério, algo que eles não tinham ouvido dele em nenhum momento até ali.

— Veneno – ele repetiu.

— Alguém lhe deu veneno? – Vinshu o incentivou a continuar, fazendo um sinal para que o Dragão de Vento usasse seu Segredo para verificar o que ele dizia.

— Vocês nos deram veneno! – ele praticamente cuspiu, tentando se levantar em um impulso de raiva, mas seu corpo fraco não permitiu nada além da intenção do movimento.

— Ninguém lhe deu veneno – afirmou Benar, usando o seu almaki para saber se aquilo era uma mentira.

— Sim, dragãozinho, ninguém *me deu* veneno. Mas todos estão envenenados, e vocês são os culpados!

— Se somos culpados, precisamos ao menos saber o motivo – argumentou Sumerin. – De que outra forma poderemos ajudar?

— Ajudar? Almakins como vocês não ajudam ninguém! Tudo foi uma mentira, desde o começo! Asthur e toda aquela baboseira sobre a Nova Almakia começar no Vale das Pedras! O Vale das Pedras continua tão morto como sempre foi!

— O Vale das Pedras? – perguntou o Dragão de Vento, nesse meio tempo conseguindo descobrir algo que soava como certo no que ele dizia.

— Ouça, Bohor – pediu Vinshu.

Mesmo entre o emaranhado de cabelo que cobria seus olhos, era possível ver que toda a atenção do prisioneiro agora estava voltada para o Dragão, como

se o fato de ele ter o chamado pelo nome colocasse aquela conversa em uma realidade que estava fora do seu alcance.

— Não vamos chegar a lugar algum enquanto você continuar com esse jogo, em que apenas nos culpa. Sim, somos os Dragões da Alta Sociedade Almaki. Somos os herdeiros das Grandes Famílias, e provavelmente o fato de você estar nessa situação é consequência de algo que envolve tudo o que nós representamos. Mas não somos mais considerados Dragões, não estamos em nenhuma das capitais, e somos tão bem-vindos entre a Alta Sociedade Almaki quanto você. – Vinshu pegou os cobertores que os vilashis haviam trazido para ele e, com a ajuda de Sumerin, fez um encosto confortável para que o prisioneiro pudesse se acomodar. – Porém, ainda somos Guardiões dos Segredos. Um deles acabou de salvar a sua vida, e outro pode fazer você perdê-la, se não nos contar tudo de boa vontade. Benar está apenas verificando se o que diz é verdade ou mentira. Se ele usar um pouco mais de esforço, pode obrigá-lo a usar toda a energia que você tem para falar. Até não sobrar mais nada.

Entendendo claramente a ameaça, Bohor encarou as próprias mãos caídas ao lado do corpo, ciente de que energia era algo que já não tinha de sobra. Então, a contragosto, começou a contar o que sabia.

***

Tudo o que Garo-lin queria era continuar dormindo. De alguma forma, compensar todo o cansaço com a tranquilidade plena que sentia. Porém, conforme a sua consciência do mundo ao redor aumentava, essa sensação era trocada pela certeza da realidade: não podia desperdiçar mais tempo daquela forma. Contrariando toda a vontade do seu corpo, ela soergueu-se e forçou seus olhos a abrirem.

Estava entre os seus livros, seu lugar no esconderijo vilashi. Mas não lembrava de como chegara nele. Aos poucos tentou retomar suas lembranças e, junto com elas, voltou também a angústia do dia anterior.

— Garo-nan – ela disse inconscientemente, se levantando depressa e indo em direção à saída.

Porém, foi impedida por So-ren, que entrava trazendo um pote com água. Era como se a senhora tivesse ficado todo aquele tempo atenta ao lado de fora, para estar pronta no momento em que ela acordasse.

— Aonde pensa que vai? – ela inquiriu, usando o seu tom de absoluta Dul'Maojin.

— Preciso falar com Garo-nan. Preciso passar – Garo-lin pediu suplicante, tentando avançar.

— Não com essa cara amassada! – So-ren a impediu com a bengala – E essa roupa suja, esse cabelo bagunçado e esses olhos amarelos grudentos? Você é uma líder, se pareça mais com uma!

Intimidada pela maneira como ela colocou a sua situação, Garo-lin recuou.

— E é melhor não falar com Garo-nan agora – a senhora complementou, fazendo a vilashi a encarar surpresa. – Pedi para o menino Vinshu tratar do machucado que você fez nele, para que possa evitar certas perguntas. Mas a ferida que está dentro dele não pode ser tratada ainda. Espere mais um pouco. Espere até que ele consiga escutar.

Garo-lin sabia que ela estava certa. Mesmo assim, queria muito encontrá-lo. Garo-nan sempre estivera com ela, eram amigos. Não podia deixar com que aquela discussão se tornasse um muro tão alto que nenhum dos dois conseguisse olhar por cima.

So-ren entregou para ela o vaso com água e apontou a bengala para a bacia usada para se lavar, dizendo:

— Se torne uma pessoa apresentável e vá falar com os Dragões. Eles têm uma notícia importante para lhe dar.

***

Ao entrar na Toca dos Dragões, agora apresentável da forma que So-ren achava digno para quem liderava, Garo-lin se deparou com um estranho silêncio. Os Dragões estavam lá, quietos, como nunca os vira.

Sumerin, que sempre se mostrava leve e confiante, agora torcia as mãos

no colo, pensando concentradamente em algo. E, apesar de a iluminação do esconderijo não ajudar, era possível perceber seus olhos molhados. Somente essa constatação rápida, já foi o suficiente para colocá-la em alerta e verificar os demais. Vinshu apoiava os cotovelos na mesa baixa e segurava a testa com as mãos, como se os seus pensamentos fossem tão pesados que precisassem desse apoio. Benar parecia estar até o momento seriamente contando algo para Nu'lian. Este por sua vez olhou preocupado para ela assim que entrou. Garo-lin tentou evitar aquele olhar. Lembrava-se de como havia chorado e não podia deixar com que os acontecimentos da noite anterior interferissem no presente.

— So-ren disse que vocês têm algo para me contar – ela falou, se sentando com eles ao redor da mesa.

Vinshu a olhou, se dando conta da sua presença, e Sumerin tentou esboçar um sorriso que desapareceu antes mesmo de ser formado. Benar foi quem começou o assunto:

— Falamos com o prisioneiro. E ele nos contou... várias coisas.

Várias coisas ruins, foi o que ele deixou bem claro com o seu tom.

— O que ele disse?

— Bom, sobre o Vale das Pedras. Sobre o que acontece lá. E é preocupante. Eles-

— Quando esteve lá, o que viu? – Vinshu interrompeu o amigo, visivelmente ansioso para completar suas conclusões com o que ela dissesse sem esperar por toda introdução.

Garo-lin tentou lembrar-se daquele dia. Estava desacordada quando foi levada, mas teve um pequeno espaço de tempo em que foi empurrada até a parte da pedreira daquelas minas. Havia fumaça saindo pelos canos e os carrinhos entravam carregados de pedras dentro dos túneis escuros. Lembrava-se de ter visto aquelas pessoas cinzentas, carregando as pedras, como se fossem feitas da mesma fumaça que envolvia o local.

Buscando pelos detalhes daquilo que vira por apenas alguns instantes, ela contou para eles sobre a lembrança que tinha.

— Pensei que eram pessoas dos Domínios do Sul – concluiu.

— Podem ser. Podem não ser – o Vinshu explicou. – O padrão que você viu não é de Domínio algum. Eles estão envenenados.

— Envenenados?

— Envenenados por Pedras Escuras.

— Lembra de quando ficamos presos por elas quando fugimos da Capital de Fogo? – Benar perguntou. – Aquela sensação de que seu almaki se derrete e escapa do seu corpo?

— Sim. – Ela estremeceu, começando a entender a abrangência daquilo.

— Parece que as pedras não precisam estar limpas e lapidadas para terem esse efeito. Além do mais, parecem atacar mesmo quem não tem almaki, só que de uma forma mais lenta e sutil. Aquelas pessoas foram, pouco a pouco, envenenadas pelo ar contaminado das minas, pela fabricação das pedras.

— Fabricação?

Os outros três olharam para Sumerin, que parou de torcer as mãos e se concentrou em apenas um ponto da mesa, parecendo não ter coragem de contar aquilo encarando os amigos de frente.

— Achamos que estávamos fazendo algo bom, entende? – ela começou. – E era apenas uma técnica simples. Não era rápido como usar almaki e as peças não ficavam tão perfeitas, mas era algo que podia melhorar a vida deles. De alguma forma, a Família de Metal achou que pudesse ajudá-los.

Ela dava informações como se Garo-lin já tivesse a base do assunto. Então a vilashi precisou a interromper para perguntar:

— O que a Família de Metal fez?

Sumerin respirou e contou desde o começo:

— Quando construímos as pontes, que ligam os precipícios da Capital Real e o caminho de Rotas, muitos dos nossos almakins de terceiro nível, que faziam o trabalho de extração e lapidação, ficaram na Capital. O cenário verde, azul e branco do litoral os encantou. A fartura de água fez com que pensassem em abandonar de vez as rochas e pedras da Capital de Metal. Por um tempo

muito grande tentamos lidar com todas as construções sem metade da nossa mão de obra original. Foi quando meu avô teve a ideia de ensinar pessoas de Almakia. Para eles seria algo bom: teriam um trabalho que até então somente almakins faziam, e poderiam ter uma renda maior. Quando as outras Famílias ficaram sabendo, houve uma grande reunião e fomos punidos. *Não podem dar para eles esperanças de obter algo que nunca terão,* eles disseram. Como os Gran'Otto eram uma Família nova, e a nossa Capital ainda estava em ascensão, foi mais uma punição simbólica. Fomos alertados que poderíamos perder o posto de Família de Metal, caso continuássemos agindo dessa maneira.

"Mas já tinha acontecido. Não podíamos apagar da memória das pessoas o que ensinamos. E elas passaram esse conhecimento adiante. E agora estão usando o que sabem nas minas do Vale das Pedras."

Fabricação. Então não era apenas um processo de mineração. As Pedras Escuras estavam sendo feitas lá. Será que Kandara sabia sobre aquilo?

— Como as pedras são feitas? – Garo-lin perguntou.

— O importante não são *como* elas são feitas – Vinshu respondeu. – Mas sim *do quê* são feitas. O prisioneiro contou que tudo o que faziam eram quebrar as pedras, que os piratas traziam de algum lugar, e as jogarem na fornalha.

— Existe algum material naquelas pedras que resiste à temperaturas extremas – explicou Sumerin. – Ele nos contou que existem grandes fornalhas dentro daquelas minas, e que almakins de vento de terceira ordem trabalham, resfriando-as ao final do processo. Deve ser dessa maneira que eles conseguem as Pedras Escuras e depois as lapidam. Mas estou apenas deduzindo, precisaria ir até lá e verificar o que está acontecendo.

E o olhar de expectativa deles deixou bem claro que esse era o ponto que queriam discutir.

— Você... quer ir até lá investigar isso, Sumerin? – a pergunta foi lenta, já que ao mesmo tempo Garo-lin pensava em tudo o que envolvia aquela decisão da Dragão.

— Posso chegar ao Vale das Pedras passando pelo Vale Interior. Seria

rápido e seguro se eu fosse sozinha com uma mimbélula.

— Sozinha?! – Garo-lin engoliu o *é perigoso* que tentou se formar junto com o seu espanto. Sozinha ou de qualquer outra forma seria perigoso.

Sumerin olhou para ela e ajeitou a sua postura que até aquele momento estava encolhida. Ela assumiu sua pose de Dragão de Metal, aquela que circulava majestosamente pelos corredores do Instituto Dul'Maojin exibindo toda a pompa do seu título. E, ao invés de ter receio dela, como acontecia antigamente, Garo-lin não pôde deixar de ficar surpresa: era fácil se esquecer de que aqueles quatro na sua frente ainda representavam o futuro de Almakia, e que ela nunca estaria verdadeiramente no mesmo nível que eles.

— Preciso descobrir o que está acontecendo, Garo-lin – ela disse. – Isso envolve minha Família. Mesmo que a Senhora da Capital de Fogo tenha revogado nossos títulos, ainda sou uma Gran'Otto e os Gran'Otto ainda podem se orgulhar de não terem perdido o significado da palavra família junto com a sua posição.

Garo-lin sorriu ouvindo aquilo:

— Usar toda a sua força de Dragão pela sua família é algo que eu apoio totalmente, Sumerin. Mas, sabemos muito pouco sobre o que está acontecendo naquela mina. O ar é venenoso. Como vai lidar com isso?

Ela não parecia ter pensado nesse detalhe.

— Eu posso... me proteger. Talvez o veneno demore a fazer efeito.

— Ou talvez não – Vinshu foi enfático, e parecia ter chego ao ponto onde a conversa entre eles havia parado. – O estado de Bohor não me permite tomar conclusões sobre isso.

— O prisioneiro está envenenado? – Garo-lin deixou escapar a pergunta.

Tinha pensado somente nas informações do prisioneiro, não nele como pessoa.

— Todos naquelas minas estão – foi Benar quem respondeu. – Por isso eles têm aquela tonalidade cinzenta. Provavelmente, aqueles que você viu daquela vez já tenham sucumbido. O prisioneiro contou que os que insistiam em

sobreviver eram descartados para que novos viessem.

— Ele conseguiu fugir – Vinshu contou. – Mas se perdeu na floresta e tinha somente alguns momentos de lucidez. Foi como chegou até nós.

— E não existe cura?

— Não sabemos exatamente como esse envenenamento funciona. Não consigo diagnosticar. Não encontro a parte que falta dele e não sei se ela ainda existe ou se isso é um efeito do veneno.

— Almaki – Nu'lian se pronunciou, antecipando a dúvida dela.

— É possível que ele tenha perdido o almaki? – ela perguntou para os três.

— O prisioneiro nos contou que o seu chefe era um almakin de fogo, de segunda ordem, da Capital de Fogo. Um oficial de nível baixo que foi nomeado para supervisionar as minas.

Garo-lin paralisou com aquilo. Era aquele mesmo chefe, o que comandara todo o seu sequestro e que ela soterrou com pedras? Não gostava de se lembrar daquele incidente. Mesmo não sendo a sua intenção, foi a sua explosão de almaki que provocara aquilo. Se ele era um almakin de fogo, por que não reagiu? Por que, em nenhum momento... Como ele segurara aquelas Pedras Escuras nas mãos se tinha almaki?

— Ele estudou no Instituto e trabalhou para a Família de Fogo – Vinshu continuou contando, sem se dar conta de como ela se ajeitara melhor no seu lugar tentando lidar com aquela lembrança. – Como foi um dos primeiros naquelas minas, também foi um dos primeiros a sofrer as consequências do veneno. Antes de o veneno o matar, já não conseguia manejar havia muito tempo.

Ela o encarou absorvendo aquela informação, e então perguntou:

— O... veneno o matou?

— Ele já não tinha muito tempo de vida, Garo. – Nu'lian, sempre lhe fazendo o favor de descomplicar a situação.

Não era exatamente um alívio saber daquilo.

— Bohor também nos contou sobre os almakins de natureza. – Benar colocou o assunto que era a prioridade antes de saberem sobre o veneno. – Na verdade, ele não sabe muita coisa sobre os Aldrinu além do que já sabemos. É um almakin de terceira ordem que sempre viveu em Rotas. Um braço mais antigo da sua família chegou a trabalhar para os Aldrinu. Mas, tudo o que ele sabe é que somente almakins selecionados pela Família de Natureza podem entrar na Fortaleza deles, e que nunca soube de ninguém que tenha tentado conseguir esse privilégio desde que era pequeno. Ele também nos disse que conhece poucos almakins de natureza, e que quase todos trabalhavam junto com os piratas.

— No Instituto quase não havia almakins de natureza – Garo-lin lembrou. – O mestre do Guarda-livros, e alguns poucos alunos, todos das Capitais. Pensando nisso agora, não é estranho?

— Será que os Aldrinu não têm algo como o Instituto Dul'Maojin? – Sumerin jogou a ideia. – Faz sentido, não faz? Eles existem, mas não se relacionam com as outras Famílias. Todos os almakins de Natureza que conhecemos são de terceira ordem, onde estarão os outros? Até onde sabemos, esse almaki não é como de água ou o de luz.

— Sim, faz sentido. – Garo-lin concordou, mesmo que a ideia de se ter outro Instituto em Almakia ou algo que funcionasse na mesma maneira lhe soasse muito estranha. Afinal, o Instituto era o lugar onde todos gostariam de estar, algo que todos os outros Domínios nunca poderiam alcançar. Se houvesse mais um, não seria do interesse da Sociedade Almaki o exibir orgulhosamente?

— A questão... – Vinshu trouxe a conversa para o que era realmente importante – é que temos que tomar uma decisão sobre o que fazer agora. Conversamos entre nós, Garo-lin, e achamos que o mais importante ainda é irmos até os Aldrinu. Benar verificou e o prisioneiro não nos escondeu nada sobre as minas. Porém, não podemos ignorar esse veneno. Precisamos saber qual intenção existe por trás dele e nossa única pista para desvendar isso pode estar lá, naqueles túneis. Então, também seria bom que fôssemos investigar.

— Vinshu tem uma ideia de como podemos ir aos dois lugares – Nu’lian foi mais direto, para que ela acompanhasse a conversa anterior sem depender dos pensamentos rápidos do Dragão de Raio.

— Sumerin pode enfrentar almakins de terceira e segunda ordem, e sabe o suficiente sobre as Pedras Escuras para fugir antes que a peguem. Porém, para lidar com o veneno no ar seria essencial ter Benar junto. Somente os dois são o bastante para investigar e nos trazer informações.

“Quanto aos Aldrinu, pelo pouco que sabemos sobre eles, são pessoas que seguem a etiqueta da Sociedade Almaki mais do que qualquer outra Família. Mesmo que oficialmente não tenhamos mais nossos títulos, nossos postos de herdeiros não foram revogados. E, mesmo que todos os Dragões fossem importantes para falarmos com os Aldrinu, acho que podemos compensar o desfalque com alguns substitutos de peso.”

— Quem? – Garo-lin não imaginava quem poderia substituir os Dragões.

— Kidari é a Princesa de Kodo. – Vinshu começou a contar nos dedos. – Aruk é um raro almakin de luz. E você é uma vilashi que possui almaki de primeira ordem. Mesmo que a mistura pareça algo desfavorável a princípio, podemos usar esse fato como argumento. Essa nossa diversidade é o contrário do que almeja a Sociedade Almaki, é a força que podemos mostrar agora contra ela.

Fazia sentido. Se os Aldrinu estavam afastados da Alta Sociedade Almaki era por não concordarem em como ela agia, poderia ser que os apoiassem por serem diferentes. Entretanto, não era algo garantido.

— Então Sumerin e Benar vão para o Vale das Pedras e nós vamos para a Fortaleza dos Aldrinu. Mas... – havia um problema: – E o esconderijo?

Eles se entreolharam e foi Nu’lian quem assumiu a responsabilidade de falar sobre essa parte do plano:

— Eu vou ficar. Não tivemos problemas até agora e posso prever aproximações. Caso precise atacar, temos muita água e posso inundar os corredores certos.

— Sumerin e Benar partem com as mimbélulas ainda hoje, e nós iremos

amanhã. – complementou Vinshu. – A viagem deles será mais rápida usando as criaturas e eles podem voltar antes.

— Não deixa de ser um risco, Garo-lin – disse Nu’lian. – Poderíamos saber se é seguro ou não, se eu usasse o meu Segredo. – Garo-lin fez menção de dizer algo, mas ele levantou a mão pedindo para que ela o ouvisse. – E sei que você não concorda com essa alternativa. Por isso, vou ficar e proteger seus irmãos.

Garo-lin encarou toda a determinação daqueles olhos azuis e não conseguiu fazer mais nada além de respirar. O medo de sair e deixar o esconderijo com pouca proteção era inevitável. Mas, Nu’lian era um Dragão de Almakia. E, acima de tudo, era alguém que ela confiava.

— Obrigada, Nu’lian. – Da mesma forma que ele, ela procurou transparecer no seu sorriso essa confiança que tinha nele. – Então, amanhã? Acho que vou ter tempo de organizar algumas coisas antes de sair mais uma vez. Começando por uma certa princesa fugitiva...

Capítulo 17 - A união entre os Domínios

— Soube que vocês vão falar com os Aldrinu e que devo ir junto – Aruk foi direto ao ponto ao abordar Garo-lin em um corredor.

Mesmo com o susto que levara, ela foi rápida em deduzir algo pelo tom de voz dele:

— Por quê? Não quer ir? – Pela primeira vez lhe ocorreu que talvez não concordasse com a decisão que haviam tomado.

— Na verdade quero sim, era algo que a Kandara faria. Mas...

— Mas?

— Posso ler o caderno da Kandara antes?

Garo-lin ficou sem reação diante daquele pedido.

Afinal, era algo pessoal. Mesmo que ela não soubesse muito sobre a herdeira e ela camuflasse muito do que dizia, ao conhecer Aruk agora entendia sobre a amplitude do sentido de ele ser a luz dela. Seria certo?

— Posso enxergar algo que você não viu – ele disse ao perceber o conflito da vilashi, e Garo-lin se sentiu idiota ao hesitar quando era óbvio que ele podia ajudá-la dessa maneira.

Aruk vivera com Kandara desde que ela deixara de ser a Dragão de Fogo. Ele esteve com ela em vários momentos que estavam escritos lá, e poderia ter estado em vários outros.

— Tudo bem. Vamos pegá-lo.

Ele a seguiu até o lugar do esconderijo que ela usava para estudar. O mapa com a localização da torre do Aldrinu estava lá, a tinta já seca. Aruk o analisou mais uma vez – agora com olhos de quem faria aquele percurso – e viu que Garo-lin tinha marcado a montanha:

— Não podemos usar a estrada de Rotas e nem subir pela represa. Vai ser

um caminho bem complicado.

— Só temos essa opção. – Ela trouxe o caderno nas mãos e apontou para as montanhas que separavam o Vale Interior do restante de Almakia.

— Pretende escalar?

— Seria mais fácil se tivéssemos uma mombélula, não? – ela olhou para o mapa desanimada. – Discutimos as possibilidades que podemos ter. Vamos tentar chegar o mais próximo possível da margem oeste, procurar por uma passagem entre as montanhas ou um lugar onde escalar seja mais fácil. Não sabemos de nenhum, uma vez que as estradas construídas pelos almakins são os únicos caminhos usados. A floresta do Vale Interior ainda continua um pouco depois da base da montanha, o que pode ajudar a nos escondermos. Um almakin de natureza ajudaria, mas o único que temos não está em condições de viajar. E duvido que ele aceitasse nos ajudar.

Enquanto Garo-lin falava, a atenção de Aruk se voltou para o livro de História dela, aberto nas páginas com o mapa de Almakia.

— São basicamente iguais, se não fosse pela torre.

— E isso?

Ele apontou para um quase imperceptível risco branco, onde a tinta não havia sido impressa.

Garo-lin olhou mais de perto para aquela marca, uma linha que começava no Vale Interior, passava pelas montanhas e chegavam até o outro lado.

— Não é algo feito pela dobra do tecido?

Pensando nessa possibilidade, Aruk pegou o pote com o relevo ao contrário, que Garo-lin tinha guardado em um canto protegido, e verificou.

— Não, ele existe, olha.

Ela pegou o pote das mãos dele e viu ali aquela linha, claramente fazendo parte do contexto.

— Acha que pode ser um caminho?

— Pode ser. Ou não... Se for, não precisaremos escalar.

A vilashi se animou com aquilo. Se realmente houvesse uma passagem,

não teriam que chegar tão perto da região de Vintas.

— Por que exatamente os Aldrinu não têm uma capital como as outras Famílias? – Aruk perguntou de repente, como se essa já fosse uma dúvida antiga e pensasse que ela podia ajudá-lo a esclarecer.

— Os Aldrinu guardam as Relíquias Almakis. – Ela folheou o seu livro até chegar ao ponto que precisava e recitou. – *A Família de Natureza é responsável por zelar pelos costumes antigos de Almakia.* Aqui não fala muita coisa além disso. Sabemos que eles vivem na região das Florestas Ancestrais e são extremamente reservados. No Instituto, não existia uma almakin de natureza de primeira ordem, e Benar disse que a maioria dos de segunda e terceira ordem trabalham na Região dos Campos, acima de Rotas, onde existem as criações de mombélulas e mimbélulas. Só almakins de natureza podem adestrá-las.

— Uma vez Kandara e eu fomos visitar um criadouro – ele contou, mostrando que compreendia sobre essa situação, já que as criaturas só existiam em Almakia. – Ela queria uma mimbélula para poder fazer viagens mais rápidas e não depender somente dos comboios dos comércios de Lotus, que participávamos. Foi logo que ela conseguiu o trabalho de embaixadora na Capital Real.

— São esses criadouros que absorvem todos os almakins de natureza. Até onde sabemos, só os Aldrinu estão fora dessa região... E, pela maneira como a So-ren contou, eles são orgulhosos. Talvez não queriam ter que dividir as Relíquias que protegem com todo o restante de Almakia. – Ela deu um suspiro, pensando que era possível e que mais uma vez os problemas se resumiam ao jeito esnobe dos almakins agirem – Bom, se encontrar aqui algo que possa ajudar, por favor nos diga. – Entregou-lhe o caderno.

— Avisarei... Então, amanhã saímos, não? Acho que você ainda precisa fazer algumas coisas antes, por isso não vou mais tomar o seu tempo. E, aproveitando, a princesa está procurando por você já há algum tempo.

— Ah, Kidari! – Ela se apressou em sair. – Ela estava com o Kinaito e eu organizando as coisas aqui acabei esquecendo dela!

— Obrigado pela confiança, Garo-lin. – Ele balançou o caderno no ar.

A vilashi ficou sem saber como reagir o agradecimento. Então, apenas fez um gesto com a cabeça e seguiu pelo corredor, pensando que não via Aruk como alguém que precisasse lhe agradecer.

***

O grande sorriso que Kidari lhe deu ao percebê-la ali logo esvaneceu aquela má impressão que Garo-lin teve ao entrar e vê-la cabisbaixa, encarando tristemente a refeição na sua frente.

— Garo! – ela disse contente, quando a amiga se sentou ao lado dela com um prato igual ao seu, cheio daquela sopa verde e pãezinhos doces de Juri-lin.

— Desculpe não ter vindo antes, mas você estava com Kinaito durante todo o dia.

Aquela sombra de antes passou rapidamente pelo rosto dela, o que fez Garo-lin pensar sobre o que o kodorin contara, a respeito de suas suspeitas quanto a princesa.

A aparência de Kidari estava um pouco diferente. Provavelmente por todo aquele período difícil que enfrentara para chegar até ali. As bochechas já não estavam mais tão cheias como se acostumara a ver, e os olhos verdes pareciam mais fundos. Ela sabia que Vinshu deveria ter se preocupado em verificar a saúde dela, e devia ser a pedido dele que ela recebera um pãozinho a mais do que fora estipulado por pessoa no esconderijo.

— Foi difícil voltar para Almakia, Kidari? – ela perguntou, vendo que seus braços tinham vários arranhões e machucados em processo de cicatrização, coisa que não condizia com a sua posição de Princesa de Kodo.

Ela balançou a cabeça rapidamente em sinal negativo.

— Ribaru ajudou. Aruk também ajudou. Kidari conseguiu – ela finalizou com um tom de orgulho.

Garo-lin sorriu. Mesmo que agora soubesse algo suspeito sobre Kidari, isso não influenciava em nada: aquela ainda era a mesma amiga que tivera no Instituto, a única a não ignorá-la. Porém, não podia negar toda a nova situação

ligada à princesa e tinha tantas perguntas que gostaria de fazer.

Antes que pudesse se decidir por onde começar, a outra falou primeiro:

— Garo... Fugi de Kodo – ela contou, encarando a sua sopa. – Aquele dia em que fui embora no navio e depois, sempre trancada. Não sei sobre fora. Não sei o que aconteceu. Mas... – Pensou em como colocar as palavras. – Tem um... pacto entre Rei Kodima e a Senhora da Capital de Fogo.

— Um pacto?

— Rei Kodima, meu pai, decidiu antes de Kidari vir para Almakia. Kodo e Almakia se unir com algo maior que papéis assinados. Então, assinaram muitos papéis, só os dois, e anunciaram para outros uma aliança.

— Casamento. – Garo-lin se lembrou da notícia anunciada junto com a morte de Kandara.

— Sim! – Ela tirou um papel bem dobrado e amarrotado de dentro do bolso e lhe entregou. – Eles disseram isso, olha.

Garo-lin abriu o papel e se deparou com algo que parecia ter sido escrito às pressas, na língua de Almakia, com uma letra difícil de entender e vários erros. Apesar da dificuldade, ela conseguiu compreender a única frase:

O Dragão de Fogo e a Princesa de Kodo vão selar a união entre seus dois Domínios.

— Pacto – ela continuou. – Eles esperar Kidari terminar ensino no Instituto, até Kidari agir como almakin, e então anunciar. Mas deu errado, e precisar anunciar antes. E levar Kidari embora. Primeiro plano era Kidari ser aprendiz, viver com os Dragões, ser amiga, desenvolver almaki.

— Mas, os Dragões não sabiam que você era a Princesa de Kodo.

— Não. Kidari pediu para não saber. Poucos saber sobre Kida-, sobre mim – ela tentou se corrigir, para não deixar as informações confusas. – Irmã de Krission sabia. Talvez por trabalhar por governo. Talvez conhecer Diwari. Dizem que eu parecer com ele.

— Diwari? – Garo-lin achou que já havia ouvido esse nome.

— Diwari meu irmão. Príncipe de Kodo. Herdeiro Rei Kodima.

Diwari, ela lembrava daquele nome! Foi o nome que Krission gritou quando foram atacados em Vintas.

— Então, aquele kodorin era- – parou ao lembrar que a princesa estava desmaiada e não viu nada acontecer. Não era prudente dizer qual a impressão que tivera dele para a irmã.

— Diwari está em Almakia, procurando – ela disse, parcialmente adivinhando o que Garo-lin pensava, e acrescentou sorrindo satisfeita mais uma vez. – Fugi dele. Diwari deve estar furioso.

Pelo que acontecera em Vintas, ele realmente estava.

— Mas Diwari não assunto importante agora. – Kidari balançou uma mão na frente do rosto, como se o irmão fosse um inseto sendo espantado para longe. – Isso importante. – Apontou para o papel. – Só fugir do palácio de Kodo por receber missão: vir Almakia e contar Garo-lin sobre pacto.

Uma missão? Receber uma missão envolvia um mandante. Seria a pessoa que a ajudou a fugir? Só havia uma maneira de descobrir:

— Quem te deu essa missão?

Kidari, que estava sentada da maneira típica dos vilashis com as pernas cruzadas para poder usar a mesa baixa, virou para o lado para poder falar de frente para a amiga:

— Quem entregar o papel disse que ouvir planos da Senhora da Capital de Fogo e Rei Kodima. Que para atrasar, Kidari deveria ir para Almakia procurar Garo. Ajudou a fugir, deu tempo e dinheiro. Shion ajudar também. Kidari precisava embarcar em um navio, chegar em Almakia, encontrar Garo-lin e entregar um recado.

— Esse papel? – Garo-lin o pegou da mesa.

— Papel e mais isso: *Não sou um Dragão de Fogo.*

Garo-lin sentiu o estômago afundar com o impacto daquilo e a sua cabeça explodiu com informações que não conseguiam se juntar em um único

significado.

— Krission disse que Garo muito brava com ele! – Kidari foi rápida ao perceber a reação da amiga. – Disse que Garo entender monte de coisas erradas, porque todos falam monte de coisas. E disse que antes de Kidari contar tudo o que acontecer, até mesmo para Vinshu, contar primeiro Garo. E repetir palavras depois de mostrar o papel: *Não sou um Dragão de Fogo*. Porque aí, Garo entenderia... Garo entende?

Garo-lin percebeu que o tom da pergunta sugeria esperança, e isso era demais para ela naquele momento. Primeiro porque ainda não conseguia alcançar que Krission Dul'Maojin, aquele que a atacara tão prontamente em Vintas, antes disso havia ajudado Kidari a fugir de Kodo para encontrar os vilashis – e a ela, consequentemente, – e dar um recado. Não fazia o mínimo de sentido. Mas não podia descontar a sua vontade de gritar tudo isso na princesa.

— Kidari... – ela começou, fechando os punhos com força e amassando ainda mais o papel nas mãos. – Eu preciso pensar sobre isso. Podemos conversar de novo outra hora?

— Você não comer – a princesa disse simplesmente.

Garo-lin pegou um pãozinho e empurrou o restante da sua refeição para a princesa:

— Você precisa mais do que eu.

E então saiu, se controlando para não correr e gritar como era a sua vontade, para não deixar a amiga preocupada.

Mas Kidari ficou preocupada mesmo assim, e olhou para o prato de sopa intocado falando sozinha:

— Krission disse Garo gritar...

***

Cansado, Vinshu se arrastava pelos corredores indo em direção ao lugar onde dormia, apenas com vontade de poder se desligar de todos os problemas e renovar suas energias para o dia seguinte.

Ajudara Benar e Sumerin nos preparativos para a partida durante todo o

dia. Apesar de bem tratadas e de os vilashis terem um conhecimento na criação de animais, as mimbélulas estavam inquietas por ficarem tanto tempo dentro do esconderijo. Não havia como explicar para elas o motivo do aprisionamento sem um almakin de natureza, e a sensação de cerco fazia com que ficassem nervosas. Como resultado, elas pareciam estar retomando para seus hábitos naturais e selvagens. Benar conseguira acalmá-las e o sutoorin tentou algo com o seu pífano e almaki que parecia ter dado resultado.

Pouco antes do sol se pôr, os amigos partiram. Aproveitariam a capacidade das mimbélulas de iluminar o seu caminho para andarem pela floresta à noite, e durante o dia se esconderiam. Ao chegarem ao limite do Vale Interior, seria mais um dia de viagem até o Vale das Pedras, e o caminho não contaria mais com a proteção das árvores. Dali em diante, o Segredo de Vento seria a maior proteção que eles teriam.

Mesmo tentando aparentar ao máximo que não estava preocupado, Vinshu sabia que não conseguia esconder esse fato dos amigos, da mesma forma que eles não conseguiam esconder dele. Todos embarcariam em situações perigosas fora do esconderijo, com nenhuma certeza. Não era igual a Vintas ou ao resgate das vilas, em que tinham uma ponta de confiança em retornar. Agora, estavam dando passos em direções completamente desconhecidas. Gostando ou não, aquela toca de vilashis em que eles passaram os últimos tempos se tornara um lugar para voltar. Algo que eles sabiam que não tinham mais em suas capitais, em suas próprias casas.

Um espasmo percorreu seu ombro esquerdo e desceu até sua mão, que começou a tremer. Vinshu encostou-se à parede e segurou firme a mão que tremia com a outra, tentando não pensar na dor e sim na maneira de fazê-la parar com o seu almaki.

— Não agora. Não agora – ele murmurava, sem perceber que já havia escorregado para o chão.

Esses ataques estavam ficando cada vez piores e tudo o que podia fazer era aliviar a dor que vinha junto. Não havia como curar uma doença, se ele não

soubesse para onde deveria direcionar o seu almaki. E isso o fazia se sentir completamente incapaz.

— Vinshu?

Ao ouvir a voz, ele tentou levantar e parecer ao máximo normal. Mas tudo que conseguiu foi se desequilibrar e cair novamente no chão.

— Vinshu! – Kidari se aproximou correndo e caiu ajoelhada diante dele, o amparando. – O que foi?! O que aconteceu?!

Justamente o que ele não queria que acontecesse. Ver Kidari assustada daquela forma era uma cena que estava evitando que acontecesse. Não sabia até quando conseguiria esconder, mas esperava que fosse por bastante tempo, e principalmente que não fosse ela, a primeira a descobrir.

— Machucado? – a princesa percebeu que ele segurava a mão e tentou pegá-la para ver o que tinha acontecido.

— Está tudo bem – ele disse, fugindo do contato dela.

— Não está tudo bem! – ela retrucou, de forma séria, pegando a mão dele e a puxando para ver.

Foi a vez de Vinshu a olhar assustado, e acabou deixando com que ela visse que ainda tremia.

— É a sua mão de curar – ela disse preocupada, segurando-a entre as suas. – O que está acontecendo?

— Não sei. – ele admitiu com um suspiro, já que não conseguia, ao menos, pensar em uma história boa o suficiente para disfarçar o fato.

Sem largar a sua mão, ela se sentou ao lado dele.

— Desculpa.

— Pelo quê? – ele perguntou sem entender.

— Por não poder ajudar a curar.

— Você não é uma Zawhart, não precisa se preocupar em poder curar ou não.

— Queria poder. Kidari seria mais útil.

— Você não é inútil, Kidari. Isso ajuda. – Ele ergueu a mão que ela

segurava e entrelaçou seus dedos com os dela. – Isso ajuda. – Descansou sua cabeça no ombro dela e fechou os olhos. – Ter você aqui, ao meu lado, ajuda muito.

A princesa sorriu e esfregou a bochecha nos cabelos dele, dizendo:

— Kidari não mais embora.

— Kidari precisa reaprender a falar como uma almakin, se quiser ficar.

— E-eu aprendo! – ela quase se engasgou.

Vinshu não pôde evitar desmanchar o seu tom sério com uma risada, e percebeu aliviado que o tremor já havia passado.

***

So-ren podia preparar quantos chás fosse possível fazer com toda a água do tanque, mas aquilo não ajudaria Garo-lin a dormir direito. Aliás, ela suspeitava que nunca mais conseguiria realmente dormir despreocupadamente.

Talvez, se Nu’lian fizesse aquele truque mais uma vez...

— O que está pensando, Garo-lin? – Ela bateu na própria testa com o seu livro de História.

Já que não conseguia dormir, tentava usar o tempo para pesquisar. Ou pelo menos para tentar pesquisar. Tudo o que esteve fazendo naquelas últimas horas era folhear o livro sem um objetivo, enquanto se perdia em pensamentos com o olhar fixo na chama a sua frente.

Não sou um Dragão de Fogo.

Sim, ela entendia o que ele queria dizer.

Uma vez, durante a chuva na Capital de Fogo, Krission lhe disse que desistiria de ser um Dragão, como se fosse algo simples e fácil de fazer. No fim, ele era o único Dragão de Almakia que restara. O único que continuara a ser. E ele ainda era. Em Vintas ele era.

Ela é um problema para almakins.

Por que o Dragão que a atacara faria Kidari se arriscar daquela forma para entregar aquela mensagem? O que ele estava pensando afinal?

Garo-lin pegou o papel amarrotado, que a princesa trouxera de cima da

mesa, e o abriu mais uma vez. *Prinsesa* ao invés de *princesa* e *zelar* ao invés de *selar*. Só havia uma pessoa que ela conhecia que cometia erros simples assim.

Você foi iludida, Garo-lin! Aquele Dragão mau a levou para longe e depois a abandonou!

As palavras de Garo-nan ainda machucavam de uma forma que ela não conseguia evitar.

Uma batida na entrada a fez dobrar o papel rapidamente e remexer nos seus livros, fingindo estar fazendo outra coisa enquanto dizia:

— Por favor, chega de chás, So-ren.

— So-ren desistiu dos chás e foi dormir.

— Mãe? – Garo-lin olhou surpresa para ela.

— Por que essa surpresa? É estranho a mãe vir verificar o motivo de a filha não estar dormindo quando deveria?

— Eu vou dormir, não se preocupe.

— Não minta.

Garo-lin ficou quieta. Poderia usar todas as estratégias possíveis contra So-ren, mas sua mãe saberia que estava mentindo mesmo se fingisse dormir com convicção. Pensava que escapara desse poder que as mães têm sobre os filhos por ter vivido tanto tempo no Instituto. Mas, mesmo com pouco tempo novamente entre os vilashis, se via na mesma situação que os outros irmãos diante da mãe Colinpis.

— Ninguém perde o sono sem um motivo. Por que não me conta os seus, Garo? Isso pode ajudar. – Sua mãe olhou em volta, para toda aquela bagunça de livros e papéis soltos com anotações. – Bom, posso ser apenas uma vilashi e não ser de grande ajuda em tudo isso que está fazendo, mas posso pelo menos escutar.

— Não diga que é apenas uma vilashi, mãe. – ela pediu – Metade dos problemas foram causados por esse tipo de pensamento.

— Os seus problemas são por você ser apenas uma vilashi?

— Não... Sim. – Ela soltou um suspiro cansado, admitindo – Bom, acho

que a maioria... Esse foi.

— Esse?

Então ela pensou: por que não contar? Talvez, com tudo fora da sua cabeça, ficasse mais fácil de organizar. E, afinal, sua mãe não sabia de muita coisa sobre ela desde que entrara no Instituto. Poderia lhe dar um conselho como alguém próximo que não estava tão envolvido na situação.

— Esse problema é *esse*. – Ela tirou do seu bolso a corrente com a esfera e a pedra da estrela, e os depositou na mesa na frente da mãe.

— Essa não é a joia que o Dragão Dul'Maojin te deu naquela noite dos fogos?

— Sim, mas não é uma joia. É algo para... manter uma ligação.

Sua mãe pegou a esfera na mão e a olhou bem de perto. Explicar o que realmente era aquilo seria muito difícil, e Garo-lin ficou agradecida por ela não estar curiosa por esse detalhe:

— Foi um presente muito bonito. Mãe Godan achou que com esse presente você seria uma almakin para sempre.

Sim, bastava um presente de um almakin para um vilashi se tornar domesticado. Mudar essa percepção do seu povo seria trabalhoso.

— Um presente não pode mudar quem eu sou.

— Não, não um presente. – Sua mãe sorriu, e Garo-lin teve certeza que ela já sabia de tudo, mesmo não tendo contado nada. – Pensou em mudar por ele?

— Não.

— Ele pensou em mudar por você?

Garo-lin encarou aqueles olhos amarelos iguais aos dela, procurando por um vestígio de almaki de água ou de luz.

— Sim – admitiu por fim.

E ela contou sobre como era a sua vida no Instituto, sobre os Dragões ditadores, sobre a Incumbência, sobre como socara o Dragão de Fogo, sobre como descobriu seu almaki de primeira ordem, sobre como ele a ensinou a fazer

fogos coloridos, sobre como perdera o medo de Dragões, sobre como ele a colocara acima de todos, sobre como enfrentara a Senhora da Capital de Fogo, sobre como ver Krission procurando por ela depois a fizera perder todo o chão, sobre como Kandara morreu, o que acontecera na Capital Real, como o reencontrara em Vintas e como ele a atacara, sobre aquele papel amarrotado e o recado de Kidari.

Sua mãe ouviu atentamente até o fim.

Garo-lin respirou fundo, de alguma forma se sentindo mais leve.

— E o que acha sobre tudo isso? – sua mãe perguntou.

— O que devo achar?

— Gosta dele?

— Mãe, ele é o Dragão de Fogo, um Dul'Maojin, quem vai ditar o rumo de Almakia. É complicado.

— Você é a única vilashi que saiu da sua vila para ir ao Instituto Dul'Maojin. Você conheceu os Dragões e agora faz parte do que está acontecendo em Almakia. É tão importante quanto ele, não?... Você é tão grande que arranjou problemas gigantes com os almakins. E são esses problemas que não a deixam dormir, e agora vejo que é por ter esse tipo de pensamento: de achar que é menor que eles. Se o Dragão de Fogo de Almakia quis mudar por você é porque viu algo especial na nossa Garo-lin. Acho que agora só falta você decidir se quer mudar por ele. Quer, Garo?

— Não é tão simples.

— Não, não é simples dizer que sim. Mas também não é simples dizer não, não é mesmo? – Sua mãe levantou e foi até o seu lado, e então colocou no pescoço dela a corrente da esfera. – E é por isso que você carrega essa forma de manter ligação sempre com você.

— Mãe? – Juri-lin apareceu na entrada, segurando uma Nana-lin chorosa. – Ela acordou.

— Outra filha que não consegue dormir – ela disse para Garo-lin, pegando no colo a pequena que correra até ela. – Mas essa ainda não está imune

aos chás. Durma um pouco, Garo. Ficar acordada não vai ajudar a resolver nada.

— Está bem, mãe.

— Quer que eu traga alguma coisa para comer? – Juri-lin perguntou.

— Não precisa, Juri, obrigada.

— Boa noite, então – ela se despediu.

— Durma – ordenou sua mãe.

— Vou dormir.

— Boa noite.

— Obrigada por ouvir, mãe.

Sua mãe sorriu e acenou se despedindo, embalando uma Nana-lin que já caía no sono novamente ao se sentir segura.

Garo-lin sentiu o peso da esfera no seu peito e caiu para trás, se arrastando até o canto de dormir. Sabia que mãe estava certa: nada iria se resolver com ela perdendo horas de sono, que poderiam fazer falta mais para frente. As coisas que Kidari contara, a deixaram-na abalada, mas não poderiam ser resolvidas daquela forma. Por hora, deveria pensar nos Aldrinu. Krission Dul’Maojin teria que se redimir a esperar por uma vaga na sua fila de problemas.

Capítulo 18 - Relíquias de Almaki

A preocupação em terem que passar perto da região de Vintas era tanta que Garo-lin não pensou que superado esse obstáculo o verdadeiro problema surgiria: precisavam encontrar o ponto exato daquela linha que poderia ser uma passagem no mapa.

— Será que estamos no lugar certo? – pediu Vinshu, quando Garo-lin jogou sua mochila no chão e retirou o tecido com o mapa impresso, o estendendo na sua frente.

— Podemos não estar exatamente no lugar marcado, mas não tem como erramos o local por muito. Está vendo? – Ela apontou para o desenho das montanhas e então para a paisagem diante deles – Os picos próximos. É em algum lugar aqui. Só temos que procurar melhor.

— Muito bem! – Aruk ajeitou sua mochila de viagem nos ombros. – Vamos nos dividir e procurar. Vou pela esquerda com a princesa e, qualquer coisa, ela usa isso para chamar o Dragão dela. – Entregou a sua esfera nas mãos da princesa, e então puxou Ribaru pela gola da camisa. – Você vem junto, perdido!

Sem parecer realmente entender o que estava acontecendo, Ribaru seguiu com o sutoorin já que parecia que a princesa faria o mesmo. Ela por sua vez, lançava olhares suplicantes para Vinshu, que a incentivou a seguir em frente, pegando a sua esfera do bolso e mostrando que a seguraria na mão agora em diante:

— Vá.

Com um último olhar para trás, ela correu até Aruk e Ribaru que já estavam seguindo caminho.

Sem os irmãos Toris e Sunak com eles, aqueles que vieram de Vintas

pareciam incompletos, mas Aruk disse que não poderia mantê-los por muito mais tempo com ele. Apesar de os irmãos terem iniciado a jornada junto dele mediante uma missão específica, não podia exigir que eles fizessem parte dos assuntos de Almakia. Por isso, os enviara de volta para Sutoor, também para tranquilizarem sua mãe, dizendo que ele estava bem e que não sabia quando voltaria.

— Ela precisa de ajuda na loja – ele explicou de forma simples, depois que se separaram dos irmãos ao saírem do esconderijo.

Kidari perguntou qualquer coisa sobre perder o controle, mas ele apenas sorriu em resposta e disse que estaria tudo bem.

Garo-lin já havia sido alertada que os irmãos teriam que voltar, e que seguiriam pelo sul, passando pelo Vale Interior Baixo e pegando o caminho de Rotas que levava para a fronteira de Almakia. E com essa notícia, também veio a de que Ribaru se juntaria ao grupo dos que iam desvendar o mapa, uma vez que ele se recusava a deixar a princesa sair sozinha. Vinshu disse que estavam em número suficiente e que ele não seria de grande ajuda. Aruk defendeu o lado do garoto explicando que ele era um ladrão do Porto, e que suas habilidades – que não dependiam de almaki, – poderiam ajudá-los no caminho. Garo-lin concordou com o sutoorin, enquanto a informação nova de que o companheiro de viagem de Kidari era um ladrão só serviu para que o Dragão de Raio o desaprovasse ainda mais.

— Bom, vamos pela direita. – Garo-lin dobrou o mapa e recolocou a mochila nos ombros.

A viagem até aquele ponto demorara muito mais do que a primeira vez que rumaram para Vintas, por terem que fazer um trajeto diferente. Agora haviam tomado um caminho mais a oeste, evitando se aproximarem muito da trilha pela qual fugiram. Por sorte, Aruk podia usar o truque do véu de luz que os camuflava em qualquer situação suspeita. Como não tiveram problemas, não precisaram recorrer àquela defesa.

Um problema que veio junto até ali – carga exclusiva de Garo-lin, – era o

desconforto que sentia em ter saído do esconderijo sem conseguir falar com Garo-nan. Mãe Godan dissera que o filho estava tratando de algo do esconderijo e que não poderia falar com ela. Mas, pela maneira nervosa como ela torcia as mãos, era evidente que estava dando uma desculpa mais amena e que Garo-nan simplesmente avisara à mãe que não falaria com a amiga. Todos sabiam que algo havia acontecido entre eles naquela noite, mas ninguém falava nada. Era um assunto de Garos, e eles precisavam se entender como sempre fizeram no passado.

— Acha que essa entrada pode mesmo existir? – perguntou Vinshu. – Não poderíamos usar o caminho da represa durante a noite, com a proteção do Aruk?

— Não sabemos se o caminho está aberto ou sendo vigiado, estaríamos perto demais para eles poderem nos perceber. Aruk pode nos disfarçar dos olhares, mas não é uma garantia, uma vez que agora eles sabem que estamos com um almakin de luz e podem estar atentos a ruídos e outras formas que podem nos denunciar.

— E se não encontrarmos?

— Sabe escalar? – ela perguntou sorrindo.

Vinshu olhou descrente para as montanhas adiante, visíveis pelos espaços das copas das árvores.

— Está brincando? Realmente pensa em escalar isso?

— Então temos que encontrar essa entrada. Se precisarmos ir por um dos caminhos conhecidos, prefiro tentarmos a estrada de Rotas, apesar de ser uma viagem muito mais longa.

Ela olhou mais uma vez para a linha, que fazia uma leve curvatura. Antes, percebendo esse detalhe, Aruk levantou a possibilidade que poderia ser um túnel. Era uma forma de construir caminhos que transpassavam montanhas, que havia muito disso no sul, onde cidades se espalhavam por regiões montanhosas.

— O que acha daquele menino que veio com a Kidari?

A pergunta feita pelo Dragão, fora de contexto, a fez se perder por um momento.

— Ribaru?

— Sim.

— Bom, ele ter olhos como os dos vilashis me surpreendeu. Acho que foi por isso que a Kidari confiou nele... Ele não fez nada suspeito até agora. So-ren contou que minhas irmãs ficaram bastante tempo com ele, e que parece que conseguiram se comunicar. Que ele aprendeu algumas coisas. Talvez, se conseguir falar conosco sem depender da Kidari ou do Aruk, vamos poder saber mais sobre ele.

— Eu sei falar kodorin. Posso falar com ele.

Percebendo que a intenção dele tinha seus próprios motivos, Garo-lin apenas concordou. Apesar de estar curiosa a respeito, não poderia ter mais essa responsabilidade no momento. Vinshu e Kidari podiam lidar com o ladrão de Kodo.

— Seja simpático – ela pediu – Ou ele não irá colaborar com um interrogatório seu.

— Ser simpático? Por que acha que não sou simpático, vilashi?

Mas Garo-lin não respondeu. Um brilho surgiu pelo tecido da sua roupa e imediatamente ela soube que era a sua esfera e quem a estava chamando.

— Aruk, o que foi?

— Venham para cá! – a miniatura do sutoorin pediu com urgência. – A princesa! Acho que encontramos!

E antes que ela pensasse em dar a volta para correr, Vinshu já se colocara a caminho adivinhando o que estava acontecendo.

***

A explosão, seguida do desmoronamento, fez com que alguns pássaros em volta levantassem voo e, por alguns instantes, permaneceram imóveis, apenas escutando apreensivos como se aquela ação denunciasse a posição em que estavam para toda Almakia.

Já estiveram naquele lugar antes. E, da mesma forma, foi Kidari quem os trouxera até ali.

Quando ela acordou depois de Vintas e saíra da proteção do véu de Aruk, eles a encontraram naquele lugar. Era uma depressão, com um morro de pedras coberto por plantas diferentes das outras em volta.

Da primeira vez, Garo-lin estava tão preocupada com o que acontecia com a princesa, que não havia notado o lugar. Aquelas plantas miúdas por si só já denunciavam que havia algo que não pertencia naturalmente à floresta dali. Além de camuflar, para que não fosse possível perceber que elas estavam ali propositalmente, suas ramificações formavam uma rede complexa, que mantinha aquelas pedras bem firmes na posição em que estavam.

Com Vinshu usando o seu almaki e Aruk sua faca, os dois cortaram as plantas que se enroscavam nas árvores em volta, abrindo caminho para que pudessem visualizar melhor.

Não era um morro coberto de vegetação como parecia à primeira vista. Era uma construção de pedras, no formato de uma concha. Modelado propositalmente para parecer um monte de pedras.

— Inacreditável... – Garo-lin murmurou diante do que via.

— Garo-lin, olha aqui! – Vinshu a chamou e os outros se aproximaram também.

Bem rente ao chão, havia uma pedra diferente das outras. Ela era trabalhada, provavelmente com almaki, e bem no canto inferior, à direita, bem pequeno...

— É a mesma árvore do pote que Benar trouxe! – ela exclamou, não podendo evitar que seu queixo caísse de surpresa.

Se havia alguma dúvida sobre aquele ser o lugar marcado no mapa, depois do vislumbre não existia mais.

O problema só estava em como aquilo poderia ser uma entrada. E foi Ribaru quem ajudou a resolver esse mistério. Ele indicou um espaço, no outro lado de onde estavam aquela pedra, onde havia uma quase imperceptível

passagem de ar por um buraco no encaixe do conjunto, provavelmente causado pelo desgaste do tempo.

— Vamos ter que remover as pedras. – Aruk chegou a essa conclusão.

— Mas não sabemos o que tem embaixo disso, pode ser perigoso – alertou Vinshu. – Se houver mesmo uma passagem aí, tudo pode desmoronar.

— Então vamos fazer desmoronar e depois vemos como seguir. Garo-lin, faça a gentileza de mostrar o quanto o seu almaki de fogo pode ser útil para explodir coisas.

Ela encarou o sutoorin, decifrando, silenciosamente, se estava mesmo falando sério. Em resposta, ele apenas sorriu, fazendo uma mesura na qual se inclinava e oferecia para ela o caminho até aquela parte das pedras.

Sabendo que não havia como escapar disso, ela pediu:

— Se afastem.

— Só abra uma pequena passagem, Garo-lin – Vinshu a orientou. – Se fizermos muito barulho alguém pode ouvir.

Ela se concentrou, sabendo o que deveria fazer. Ajudara Sumerin com algo parecido enquanto ela construía a área dos tanques. Bastava manejar uma explosão no chão que atingisse com impacto suficiente aquela área. E foi o que fez.

Mas não esperava o desmoronamento total daquilo.

Descobriram então que a configuração daquela forma nas pedras não era uma concha, e sim uma abóboda.

Quando o barulho das pedras caindo cessou lá no fundo, um silêncio aterrador parecia tê-los cercado. O vento, que saiu de dentro daquele buraco aberto rugia, trazendo a poeira da destruição que causara w provocando calafrios.

Foi Ribaru quem se movimentou primeiro, corajosamente, para espiar o que havia lá.

— Caminho – ele disse de forma simples, apontando.

Aruk se juntou a ele e explicou melhor:

— Tem escadas aqui. Podemos descer.

— Garo-lin – Vinshu a chamou e ela se virou para mais uma vez se deparar com Kidari agindo de forma estranha, da mesma maneira que ela fez quando os levou até aquele lugar.

Ela parecia olhar para um ponto distante, mas vendo-a de frente, Garo-lin percebeu que o que ela olhava era para dentro dela mesma.

A princesa então saiu desse devaneio, piscou algumas vezes e olhou para Vinshu, agarrando o seu braço com urgência:

— Eles ouviram!

— Rápido! Entrem! – Aruk saiu, tocando árvores em volta do buraco, criando pontos de luz, e então começou a manejar seu almaki com o pífano, criando aquele véu de proteção e o jogando por toda a extensão do buraco.

As escadas começavam no ponto exato em que a pedra talhada estava, o que sugeria que nem sempre fora daquela maneira, que a cobertura era algo posterior. Uma tampa, feita para esconder. Vinshu, Kidari e Ribaru desceram, com Garo-lin à frente manejando uma chama almaki para iluminar o lugar, que se tornava escuro ao longo da descida. Aruk os seguiu assim que terminou seu manejamento.

O buraco deveria ter uns três metros de diâmetro, como um poço, com as paredes recobertas de pedras encaixadas. A escadaria era estreita e em espiral, sem uma proteção, o que os fazia andar comprimidos contra as pedras para evitar uma queda fatal. E, os destroços do desmoronamento eram armadilhas depositadas nos degraus, que em alguns pontos haviam levado pedaços da escada junto.

Mesmo que lá em cima fosse parcialmente iluminado com a luz do dia que passava pelas copas das árvores, ali embaixo a penumbra dominava. Somente com a luz provida pela chama de fogo almaki de Garo-lin foi possível enxergar que a escadaria tinha um fim e que chegava a uma entrada também feita de material talhado.

Eles abriram um caminho por entre o entulho criado pela explosão e

conseguiram enxergar a entrada por completo. Nela havia o mesmo desenho da árvore reproduzido, vários deles, espalhados em cada ponto de junção das pedras que sustentavam a abertura. Garo-lin tocou no desenho, o contornando com os dedos, sentindo-os. Tão bem lapidados que só poderiam ter sido feitos com almaki.

— Bom, acho que é um sinal de que podemos entrar – Aruk comentou.

Uma corrente de ar vinha daquela entrada, e Benar poderia ter sido muito útil em lhes dizer se deviam dar um próximo passo. Entretanto, como Benar não estava com eles, tudo o que lhes restava fazer era seguirem por conta e risco.

Garo-lin aumentou o tamanho da chama na sua mão, e eles puderem ver um longo corredor até onde a luz alcançava.

— Vamos. – Ela corajosamente se colocou à frente, mantendo a iluminação em uma das mãos e a outra preparada caso precisasse usar algum ataque.

***

A viagem pelo subterrâneo deveria ter durado uns dois dias, apesar de eles não terem muita certeza sobre a exatidão do tempo lá embaixo.

Não era um lugar muito diferente do esconderijo de vilashis, embora não fosse exatamente um lugar construído para se viver. Era visivelmente uma passagem. Uma forma *escondida* de passagem por debaixo das montanhas. Ou uma rota de fuga, como Aruk sugerira.

Na primeira vez em que pararam para descansar em um local mais amplo que encontraram, o sutoorin pressionou as mãos nas paredes por algum tempo, tentando, dessa forma, conseguir alguma informação sobre a idade daquela construção.

— Vai muito além do que eu posso ver.

— E quanto é isso? – Vinshu perguntou.

— Centenas de anos, não posso dizer com certeza. – Ele olhou em volta. – É tão antigo que as pedras se esqueceram da marcação do tempo.

No último dia, antes de chegarem ao final daquele caminho, pairava

sobre eles a preocupação de, talvez, aquilo não ter um fim. De ser um labirinto, de os portais de pedras nas salas que passaram, na verdade, se moverem com a intenção de prendê-lo debaixo da montanha. Porém, a corrente de ar voltou e eles sabiam que poderiam respirar livremente se seguissem adiante.

A saída era como a entrada, mas apenas com uma pesada porta de madeira arruinada. Bastou tocar nela para que desmoronasse, caindo para frente e batendo no chão com um estrondo.

Apesar de estarem desacostumados com a luz do dia depois de tanto tempo andando na escuridão, não demorou muito para que o panorama que se abria para eles naquela entrada ficasse compreensível. Era um pavilhão, grande e espaçoso, assim como tantos que o Instituto Dul`Maojin possuía. Porém, não havia o glamour do que representava o orgulho de Almakia. E a única palavra que vinha a mente de Garo-lin para descrever aquele cenário era *abandono*.

As paredes do pavilhão eram compostas por grandes colunas, que sustentavam um teto em forma de vários arcos. Em meio a cada conjunto de colunas havia uma janela com vitrais, que um dia poderiam ter sido bonitos. As janelas eram estreitas, começando bem próximas ao chão e terminando quase no teto. Esse, por sua vez, estava repleto de aberturas, desmoronando em alguns pontos. A pouca luz que passava pelo teto, e pelos vidros embaçados ainda era retida por algo que predominava ali dentro: plantas. De todos os tipos, mas principalmente iguais as que cobriam a entrada da passagem antes da montanha. Elas se espalhavam por todo o interior, e onde não estavam verdes e saudáveis, estavam secas e formavam um revestimento que moldava toda a construção. Um olhar desatento poderia dizer que o prédio era feito dessas plantas ao invés de material.

O pavilhão estava totalmente vazio, sem móveis ou qualquer coisa que indicasse que um dia houvera vida circulando ali. Os passos do grupo avançando provocavam estalos, que ecoavam nas paredes e voltavam até eles. À frente deles, no final do pavilhão, havia uma grande porta que se abria para o que era o mundo além das montanhas do Vale Interior.

Ainda com receio do que encontrariam, os cinco saíram.

Se aquela era uma parte da Fortaleza dos Aldrinu, parecia não ser habitado há muito tempo. A madeira que era usada para fechar a porta daquele prédio também estava tombada ao lado dele, se decompondo, coberta de musgo e vegetação.

Todas as construções ao redor se encontravam no mesmo estado. Uma vez haviam sido brancas, mas agora, seus tons eram todos os possíveis de adquirir em anos sem cuidados e a mercê do tempo. Logo diante da porta, havia um corredor coberto, também sustentado por colunas, que circulava um pátio quadrado. Árvores cresceram demais e raízes romperam o chão calçado de pedras, desnivelando todo o terreno.

Com cautela, eles atravessaram o pátio e saíram daquela área construída, encontrando uma passarela com degraus, em forma de arco sobre uma vala – onde um dia poderia ter passado um rio.

Depois da passarela havia um caminho de pedra, agora ladeado por muros baixos, todos trabalhados, mas em total estado de abandono. Definitivamente aquele caminho adaptado aos altos e baixos do terreno daria inveja aos construtores do Instituto Dul’Maojin, apesar de desgastados.

— Seguimos? – Aruk perguntou para os outros, que olhavam desconfiados para a estrutura da passarela.

— Não será uma queda muito grande se ela ruir – Garo-lin tentou aliviar a situação e seguiu na frente.

Não tiveram problemas com a passagem, apesar de o peso deles fazer com que a passarela se movimentasse em seus alicerces corroídos. E, ao chegarem ao outro lado, perceberam que o caminho desaparecia em meio às raízes das árvores gigantes da Floresta Ancestral.

Garo-lin as havia visto uma vez. Como a situação em que se encontrava não era exatamente a de quem poderia apreciar a paisagem, ela não pôde ficar impressionada com o que vira como agora; não pôde formular a ideia de que somente uma árvore daquelas construiria uma vila vilashi inteira; ou que se

tivesse caído da mombélula na altura em que passou pelas copas não teria a mínima chance de sobreviver.

Não era possível enxergar além. Mais uma vez, eles não tinham outra alternativa a não ser seguir em frente. Porém, agora, tinham certeza de estavam chegando a um destino.

***

— Não acredito! – a voz de Garo-lin ecoou pela imensidão do Lago T'Pei que se desdobrava a frente enquanto ela olhava perplexa para tudo aquilo. O caminho murado os levara até aquele ponto e afundava dentro daquelas águas, desaparecendo.

Mesmo com sua indignação, o lago se manteve tão calmo e indiferente como ela o conhecera em sua outra extremidade.

Vinshu espiou para o mapa que ela segurava, estendido a sua frente, onde dizia claramente que a Torre dos Aldrinu estaria ali, quase no final da Floresta Ancestral. Mas não havia nada além de água e as árvores gigantes, com suas raízes afundando no lago e escondendo as margens daquela região.

— Erramos o caminho em algum momento? – perguntou o Dragão. – Talvez na montanha. Podemos ter passado por uma entrada sem ver.

Aruk pegou um pequeno pedaço quebrado do muro e o atirou no lago, fazendo anéis de ondas que se moveram lentamente, como se a água ali fosse feita de uma substância mais densa.

— Talvez o mapa esteja certo – ele disse, analisando o caminho. – Talvez o lago esteja errado.

Entendo o que o sutoorin quis dizer, Vinshu teve uma ideia:

— Garo-lin, lembra-se do seu treinamento no lago?

Ela fez um gesto positivo com a cabeça.

— Faça uma explosão que seja suficientemente pesada como uma pedra, para empurrar a água.

Ela ficou parada, o encarando.

— Não consegue fazer isso?

— Modelar fogo almaki com peso e forma é o Segredo da Família de Fogo – ela falou, colocando um tom de óbvio na resposta.

— Então, não consegue fazer isso? – Vinshu franziu o cenho e usou um tom de desdém.

Garo-lin estreitou os olhos para ele, largou a mochila e o mapa no chão, e seguiu para frente do lago.

— Duvidar da capacidade de um almakin de fogo é como acender um pavio – Vinshu explicou em um murmuro para Aruk. – Aprendemos isso com o Kris.

— Acha que ela consegue?

— Sei que o Krission já mostrou como funciona o seu Segredo para ela. Não precisamos de técnica ou perfeição. Quanto mais desajeitado for, melhor.

Respirando fundo, Garo-lin lembrou-se do passo a passo que aprendera uma vez, naquele mesmo lago, e se concentrou. Fechando os olhos, usou as mãos como se manejasse um fogo colorido, mas não parou quando sabia que a sua bola de almaki alcançara o tamanho que ela queria. Precisava concentrar energia, segurar o que acumulava apenas com uma mão e modelar. E concentrar mais energia, o máximo que pudesse.

Quando sentiu que as pernas iriam falhar, ela deu um soco com a outra mão e arremessou aquele concentrado de almaki para frente. A bola caiu sobre a água com um impacto forte, distorcendo o ar em volta e fazendo o espelho calmo se abrir como uma ferida.

Foram apenas alguns segundos em que as águas se dividiram, mas foi o suficiente para vislumbrar o final do caminho murado e as ruínas de uma imensa construção desmoronada e submersa.

— Está ali! A torre! – Vinshu comemorou por ter acertado em sua dedução.

— Ou o que sobrou dela – Aruk comentou.

Ofegante e ainda tentando recuperar a força das suas pernas, Garo-lin olhou para eles e perguntou:

— Se encontramos, onde estão os Aldrinu? – E, então, se deu conta de algo mais. – Onde está a Kidari?

Eles olharam em volta e não viram sinal algum da princesa e muito menos de Ribaru.

— Kidari! – Vinshu chamou, o mais alto que pôde.

Então um assovio veio da direção das árvores, pelo caminho que tinham vindo, chamando.

— Ribaru – disse Aruk, e começou a correr, seguido por Vinshu.

Garo-lin usou a mochila como apoio e ficou de pé. Então tentou segui-los, não com o mesmo impulso, mas dentro do que o seu almaki debilitado permitia.

***

— *Shiiiiii*! – Ribaru fez, colocando um dedo sobre os lábios, pedindo silêncio.

Kidari estava parada diante da passarela, olhando além, para o prédio da base da montanha pelo qual haviam saído. Estranhamente, ela parecia concentrada em algo que não estava ao alcance da sua visão.

— Foi o que ela fez do outro lado – Aruk sussurrou para Vinshu.

— O que-

— ***Shiiiii!*** – Os três fizeram para Garo-lin, que finalmente os alcançara.

Mas Kidari pareceu ter os escutado.

Ela se virou olhando para trás e os encarou com uma expressão vazia. Deu alguns passos para a direita, e então saiu correndo, como alguém que fugia.

— O que ela está fazendo? — Vinshu resmungou, se levantando e voltando a correr atrás dela – Kidari!

Ela saiu da área calçada com pedras e pulou para o meio das árvores, seguindo por entre aqueles obstáculos criados pelas raízes gigantes como se não representassem desafio algum. Ao contrário dela, os outros tentavam avançar com dificuldade, se prendendo nas plantas que fechavam o caminho e subindo pelas raízes com a mínima destreza. Deles, somente Garo-lin tinha o fato de ser

uma vilashi acostumada a viver em lugares naquele estilo, mas ainda não estava em condições para ficar escalando.

Quando só Ribaru conseguia manter um ritmo sem perder a princesa de vista, ela parou novamente, dessa vez diante de um espaço aberto no meio das árvores gigantes. E esperou que os outros a alcançasse.

— Kidari! O que você-

Mas Vinshu não pôde terminar a bronca. Apesar de Ribaru já estar olhando admirado para o cenário a frente deles, foi o Dragão o primeiro e compreender o que via.

Havia uma cidade inteira no meio da Floresta Ancestral.

Bom, houvera. Agora, o que não estava parcialmente submerso nas águas do lago, estava vazio e destruído.

Algumas construções estavam em ruínas, outras resistiam. Havia ainda galhos que caíram das árvores gigantes, em algum momento, e provocaram mais estragos. Tudo devia estar daquela forma há anos.

Garo-lin sentiu como se o impacto daquela bola de fogo agora houvesse caído sobre ela quando se juntou a eles e viu também. Entendera que não era uma questão de onde estariam os Aldrinu, e sim uma questão sobre o que havia acontecido com aquela Família.

— Como sabia sobre isso, Kidari? – ela tentou perguntar.

Mas a princesa não respondeu. Permanecia tão calada e séria como o próprio lago. E, mais uma vez como alguém que sabia exatamente o que estava fazendo, Kidari seguiu para dentro da cidade abandonada.

A princesa atravessou os destroços das construções e os conduziu para mais próximo da base da montanha. Lá havia outro prédio imponente, mas não parecia ser apenas um portal pomposo, como aquele pelo qual saíram. Dava para perceber, pelos detalhes, que aquele lugar representava algo muito mais importante. Era como o edifício dos Dul’Maojin na Capital de Fogo, ou o Palácio dos Gillion na Capital Real: um lugar de poder. Porém, da mesma forma que todo o resto, estava abandonado e prejudicado pelo tempo.

Aquela construção usava matérias diferentes em sua consistência, parecendo ser anterior a qualquer outra que já tinham visto até ali. Havia muito mais pedra e metais aparentes que em todas as ruínas desde o lago. Diferente dos outros lugares, esse não estava tão destruído ou coberto com as plantas, o que contrastava com o fato de o prédio parecer ser mais antigo que os demais. Os detalhes dos ornamentos ainda eram distinguíveis, assim como era possível reconhecer um formato de torre, acima do telhado de colunas, erguendo-se três andares acima e parecendo muito com os mirantes do Instituto Dul'Maojin.

Ali não havia uma porta. Apenas um portal de entrada, e Kidari estava parada diante dele, olhando concentradamente para dentro.

Ela se voltou para eles, como se os chamasse, e sem hesitação alguma passou pelas portas entreabertas.

— Devemos pará-la e saber o que pretende? – Garo-lin questionou, indecisa entre o que fazer.

— Ela quer nos levar para algum lugar – disse Aruk.

— Mas como ela pode saber aonde ir? – Vinshu perguntou preocupado.

— Só tem uma maneira de descobrir. – O sutoorin entrou, também, e foi seguido pelos outros.

A estrutura que encontraram lá dentro lembrava um templo. Garo-lin já lera sobre os templos de adoração da época em que ainda existiam dragões, e entendia a lógica do reverenciar deles, semelhante ao que hoje a Sociedade Almaki fazia com os Dragões de Almakia – ou mesmo com que as pessoas de Almakia faziam com os almakins.

Era um salão oval circulado por um andar superior. O térreo tinha um grande espaço aberto, coberto por entulhos do que parecia ter sido uma explosão. Não eram simplesmente desabamentos causados pelo abandono ao tempo, mas algo que foi deixado daquela maneira antes. O teto abobadado, parcialmente destruído, poderia ter sido azul, mas agora era de um cinza pálido, que se descascava em camadas. Nessa abóbada havia grandes janelas com vitrais. O primeiro andar tinha uma estrutura padrão de colunas, que sustentava bancadas,

como se servisse de posto de observação para o que quer que acontecesse no local.

Diretamente à frente, naquele salão, na parede contrária ao portal, Kidari esperava diante de uma bancada de pedra, posicionada em cima de um patamar ao qual ela ascendera por uma escada lateral.

Ela segurava na mão dois pedaços de um recipiente de vidro, com um aspecto tão desgastado como todo o resto. Pareciam ser pesados, mas mesmo assim ela os ergueu um em cada mão e os juntou, mostrando a eles em seguida. Juntas, aquelas duas partes também tinham um formato oval, com toda a superfície enegrecida, com se tivesse sido queimado até rachar e quebrar. A princesa soltou as duas partes e mostrou para eles o interior daquilo, onde havia um espaço oco. Faltava algo ali dentro. Algo do tamanho da mão de Kidari, e era certo que alguém havia quebrado o vidro para obter o que quer que fosse.

— As Relíquias Almakis dos Aldrinu! – exclamou Garo-lin, entendendo.

Kidari assentiu, como se confirmasse que realmente era aquilo.

Era óbvio! E agora ficava claro, o motivo de os Aldrinu não estarem ali. O que quer que tivesse acontecido com eles, uma Família mais orgulhosa do que os Dul’Maojin não deixariam o que lhes era precioso ser levado facilmente. A questão era: quem levou? Seria essa a causa de tudo ali estar em ruínas? O que havia ali para alguém querer ao ponto de tornar a Fortaleza Aldrinu um lugar abandonado?

Então, a princesa voltou a juntar o vidro quebrado e usou almaki de luz nele. O objeto flutuou em suas mãos, ficando envolto de um leve véu com um pulsar luminoso.

Garo-lin olhou apreensiva para Aruk, entendendo imediatamente o que era aquilo, mas não encontrando a lógica que ligasse Kidari ao fato de ela possuir almaki de luz.

Quando ela parou de manejar almaki, o objeto ainda enegrecido, mas intacto, voltou ao seu lugar na bancada. Então, Kidari pôs as mãos sobre ele e se concentrou, fazendo com que o ovo de vidro brilhasse em várias cores

diferentes. A bancada começou a tremer. Toda a estrutura em volta deles também tremeu levemente, como se fosse um eco. Alguns dos vitrais e pedaços da abóboda que ainda resistiam, caíram e se despedaçaram no meio do salão.

Kidari abriu os olhos e os encarou, soltando o ovo já sem o brilho. Então, deu as costas para eles e afundou em direção à parede.

Surpresos, eles correram e subiram os degraus rapidamente, e se depararam com uma abertura atrás da bancada, com uma escadaria que submergia em escuridão. Uma chama branca acendeu de repente e iluminou o caminho. Kidari esperava pacientemente por eles lá embaixo, iluminando o lugar por onde deveriam seguir.

Capítulo 19 - Além dos Segredos

Garo-lin não sabia o que era mais impressionante: ver Kidari, também manejando um fogo almaki branco, ou o motivo para ela estar fazendo isso. Com a luz que produzia a sua volta enquanto passava, parecia que as paredes tremeluziam com pequenas estrelas. A luz almaki que ela produzia, parecia fortalecer algo que já existia ali.

A princesa os tinha levado para um lugar semelhante a uma caverna, no interior da montanha. Era algo bem diferente do túnel que atravessaram. Não era feito para ser um lugar que pessoas passeassem, e sim algo sem saída, apenas de entrada. A caverna era uma câmara espaçosa, sem qualquer abertura para o ar de fora, e assim que Kidari andou até o meio dela, aqueles pontos de luz que os acompanharam até ali se multiplicaram, como se respondessem ao almaki dela.

Kidari se posicionou no centro do lugar e se voltou para eles.

Com receio, Garo-lin foi a primeira a pisar lá dentro. Mas, deu apenas alguns passos para ver de perto o que era aquilo.

Ao se aproximar de um daqueles pontos brilhantes, a vilashi notou que realmente não eram um reflexo da luz que a princesa trouxe. Era um pulsar. O conjunto de todas as luzes naquela câmara escura pareciam um céu em uma noite sem nuvens, com estrelas cintilando despreocupadamente. Então, ela olhou mais de perto. Era exatamente como...

A vilashi buscou pela corrente com a esfera e a sua pedra da estrela no pescoço. Ela brilhava também, assim como todas aquelas outras em volta deles. Tudo aquilo era...

— Pedras da estrela. – Vinshu foi quem chegou à conclusão ao perceber que o pingente nas mãos de Garo-lin agindo exatamente como os pontos na parede.

Mas não foi possível eles concluírem algo mais.

Inesperadamente, Kidari atacou Aruk com um feixe de almaki de luz, o fazendo tirar os pés do chão e ser elevado para o teto da caverna. Ao perceber o que acontecia, Vinshu se movimentou na direção dela. Antes que ele pudesse chegar perto, Kidari lançou a chama almaki com outra mão contra ele, arremessando-o na parede. Ele passou voando por Ribaru, que se jogou no chão para não ser atingido, e o Dragão bateu a cabeça na parede, caindo desacordado. Ainda mantendo Aruk preso naquela luz, a princesa então avançou para Garo-lin, que não conseguia ter uma reação diante daquilo. No último momento, o instinto de defesa da vilashi se sobrepôs ao senso de que aquela que atacava era sua amiga e deu um passo para trás para ganhar tempo em manejar. Mas, Kidari foi muito mais rápida e pegou a sua mão – a que segurava a pedra da estrela, – e tudo ficou escuro.

***

Era como se seu almaki voasse com a velocidade de uma mombélula por um lugar repleto de claridade. Porém, apesar dessa sensação, seu corpo permanecia suspenso no ar. A luz, a sua volta, era tão intensa que não a deixava perceber nenhum contorno, mas ao mesmo tempo não machucava seus olhos. Parecia estar em um deserto brilhante, e não fazia ideia de para onde todos haviam ido.

Onde estava a Kidari que a atacara? O que acontecera com a caverna e os pontos brilhantes?

A pedra!, ela lembrou e tentou comandar sua mão para ir até a corrente no pescoço. Com essa tentativa de movimento, pontos negros surgiram a sua volta, nos mesmos lugares onde antes havia os pontos brilhantes da caverna. Eles aumentaram de repente e se fundiram, tornando toda a luz escuridão e trazendo alguma coisa pesada que caiu sobre ela.

Garo-lin olhou em volta e se deu conta que não era exatamente algo caindo em cima dela: era ela própria saindo daquele estado de suspensão e voltando a perceber o mundo que a rodeava. Porém, não tinha retornado para a

caverna, mas para outro lugar.

Estava ao ar livre – apesar de ela não sentir ar algum. Era noite fechada, e as sombras a sua volta se avolumavam em formas conhecidas de árvores e as vegetações baixas da paisagem do Vale Interior. Não havia uma fonte de luz. Era como se um brilho tênue se escondesse por detrás de cada coisa – até mesmo do chão –, e isso lhe permitia distinguir o que a cercava. De um espaço mais aberto a sua frente vinha um inconfundível som de água corrente. Fora isso, não havia ruído algum, tudo era silêncio.

Ela tentou dar um passo a frente e conseguiu. Deu mais outro, cautelosa e aflita pela sensação de não sentir nada por debaixo dos pés. Então, alguém passou de forma apressada do seu lado, como se não a visse.

Um clarão cruzou os céus e assustou tanto ela como aquela pessoa, que pôde ver claramente naqueles poucos momentos de luz: uma garota, provavelmente da sua idade ou menor. Era pequena como ela, daquela forma miúda de ser vilashi, mas não tinha as mesmas características que seu povo.

— Olá – Garo-lin tentou, e tudo o que ouviu foi o próprio eco da sua voz que não chegou à garota, como se houvesse uma barreira ali entre elas.

Agindo de uma forma apressada, olhando para todos os lados e parecendo muito alarmada, a garota afundou um jarro no riacho. No mesmo instante, outro clarão iluminou o céu, seguido de um estrondo. Ao longe, algo gigante e luminoso se ergueu acima do topo das árvores. Parecia um animal ferido que tombava, se desfazendo em uma explosão de luz. O impacto daquele evento chegou até elas, e a garota se jogou para trás apavorada, deixando o jarro cair no riacho.

Sentindo seu estômago afundar, Garo-lin entendeu que conhecia aquela cena. Cada detalhe fazia algo remexer em sua cabeça, ligando tudo aquilo a uma das histórias mais antigas que tinha lembrança, e que ouvira pela última vez há apenas alguns meses atrás, contada pela própria irmã. Aquela era Gu-ren, na sua missão de buscar água para seus familiares que se escondiam. E o que a assustara era o... Garo-lin olhou imediatamente para frente esperando ver os

dentes afiados e olhos amarelos que povoava os pesadelos das crianças vilashis.

Porém, aquele não era o dragão de Gu-ren. Pelo menos não o que ela esperava.

Lá estavam os olhos amarelos, mas não haviam dentes afiados, escamas, asas encouraçadas e uma cauda espinhosa. Ao invés do monstro enorme que rugia e se alimentava de pessoas, quem assustara Gu-ren era um menino ferido. Suas vestes estavam chamuscadas e rasgadas, como alguém que conseguira fugir de um ataque. Seus cabelos brancos foram manchados de vermelho vivo pelo sangue que escorria em seu rosto. Apesar de ele manter o semblante calmo, a sua respiração descompassada denunciava completamente um estado de desespero. Dentro de todo esse quadro, o que mais chamou a atenção de Garo-lin foi o fato de ele ser o que mais se destacava de tudo. Ao contrário de todo o resto, era como se ele tivesse luz própria, como se ele emanasse...

Almaki... Um Dragão!

Garo-lin entendeu.

E, como se entender aquilo fosse o que provocasse aquela reação, sua pedra começou a brilhar mais uma vez e tudo se desfez em uma explosão de cores, que dispararam para todos os lados, giraram em um turbilhão e novamente se juntaram, mostrando outro cenário.

Ela viu a mesma Gu-ren, agora mais velha, em meio ao seu povo. As pessoas estavam divididas em dois grupos, e a garota da lenda fazia parte do pequeno grupo que enfrentava o maior. Estavam no centro de um lugar que parecia ter sido uma cidade próspera, mas que agora se encontrava devastada. Ao fundo do grupo oponente, Garo-lin viu pessoas aprisionadas. Elas tinham olhos amarelos como os do menino-dragão, mas seus cabelos tinham cores variadas. Eram na maioria jovens, com expressões desoladas e perdidas, como se alguém tivesse lhes arrancado de uma só vez toda a vontade de viver.

— Nos entregue o *dranos* que vocês esconderam, almakins! – ordenou a pessoa que estava à frente do grupo maior.

Gu-ren deu um passo para trás, em uma atitude que podia parecer

defensiva. Mas, de onde estava, Garo-lin sabia que ela estava protegendo alguém.

— Não escondemos nenhum deles! – ela disse de forma valente.

A atitude dela não conseguiu convencê-los. Com um gesto daquele que parecia estar no comando, vários outros avançaram empunhado armas de lâminas afiadas. Nesse mesmo momento, alguém que estava atrás de Gu-ren – escondido sob um capuz – também avançou, e com uma habilidade surpreendente manejou fogo, criando uma barreira de chamas.

— Fujam! – ele gritou.

— Não, Ram! Você não pode-

— Vá! – ele não cedeu ao apelo de Gu-ren. – Agora *vocês* devem ser protegidos!

Ela ainda hesitou um tempo, olhando para o mesmo menino-dragão do riacho, mesmo com todos os outros já tendo fugido por detrás dela. Então, mesmo querendo ficar ali, com toda a sua vontade, sabia que precisava ir. E correu.

Mais uma vez a garota passou por Garo-lin, chorando, sem se dar conta da presença dela ali, e mais uma vez a pedra da estrela brilhou. As cores se condensaram em borrões, que rodaram a sua volta e em segundos lhe mostravam várias cenas, como se fossem as imagens de luz que ela via reproduzidas em seus livros do Instituto, em movimento e passando rápido a sua frente:

Ram e Gu-ren se reencontrando. Junto com ele haviam outros de olhos amarelos, que pareciam exaustos e famintos, mas ao mesmo tempo sustentados pelo ar de quem fora vitorioso e conquistara algo.

Uma Gu-ren deslumbrada com um pequeno menino de olhos amarelos em seu colo, enquanto ele era instruído por Ram a manejar fogo.

O mesmo menino, agora adulto, observando crianças de olhos amarelos que aprendiam a manejar. Mesmo sendo uma visão rápida, Garo-lin pôde ver que os sete tipos de almaki estavam ali. Logo depois ela viu uma cidade sendo construída com almaki, onde a maioria das pessoas que manejavam, possuíam os

olhos amarelos como aqueles que tinham sido aprisionados.

Manejadores-antepassados!, a compreensão veio inconscientemente e a pedra brilhou.

Dessa vez não houve a explosão de cores, apenas o brilho intenso. Ela voltou a sentir aquela sensação de estar suspensa, que não durou muito.

O cenário que caiu sobre ela, dessa vez, parecia ser situado em um tempo muito mais próximo do dela. Estava dentro de uma loja, com as mais variadas coisas em exposição. Mas não se deteve em nada daquilo, já que quem estava em sua frente era Aruk.

Apesar de ser ele mesmo, sua aparência era diferente: estava muito mais jovem, com os cabelos pretos compridos e amarrados atrás da cabeça. Os olhos que orbitavam as manchas pretas eram de um violeta vivo, e no momento estavam perdidos em algum ponto além dela.

Então, um movimento ao seu lado a fez se voltar para trás.

Um senhor tropeçou e uma garota o segurou antes que ele caísse no chão. O seu espanto só não foi tanto, ao reconhecer Kandara, pelo fato de no segundo seguinte um menino de cabelos desgrenhados ter avançado contra eles com o punho erguido.

Krission, Garo-lin ofegou.

Mesmo sem ver, o senhor deteve a mãozinha dele um pouco antes de acertar o seu rosto, e houve um lampejo de luz. Os olhos do pequeno Krission Dul’Maojin ficaram desfocados por um breve instante, e então encararam surpresos a vilashi que deveria estar imperceptível na sua frente.

Ele a vira. Mas, antes que Garo-lin pudesse abrir a boca, sentiu que era sugada junto com todo o cenário a sua volta para dentro daqueles olhos e tudo mudou novamente.

Mais cenas começaram a surgir em volta dela. Ela espirrando fogo em uma noite fria enquanto seu pai tentava acender uma fogueira. Ela, com muito esforço, conseguindo produzir uma pequena chama na palma da mão e recebendo as exclamações surpresas de Garo-nan e as outras crianças da vila.

Ela correndo perdida por uma multidão de pessoas, chamando pelo pai, e então alguém surgindo a sua frente, lhe estendendo a mão e perguntando: *‘Quer ser uma almakin, Garo-lin?’*. Ela, maior, no dia em que chegara aos Portões Negros do Instituto Dul’Maojin, nos momentos em que ficara olhando para um futuro grandioso que a aguardava. Os Dragões de Almakia sendo ditadores, os alunos almakins e os professores deixando bem claro que sua presença era apenas tolerada no Instituto. Ela vendo, pela primeira vez na vida, uma pessoa de Kodo, que entrava na sua sala de aula e escolhia um lugar aleatório para sentar. Ela gritando para os Dragões pararem e não machucarem o gato de Kidari.

Todas essas imagens se juntaram em algo só, e Garo-lin foi suspensa em outro cenário que preencheu tudo ao seu redor. Era a Fortaleza Dul’Maojin, naquele dia em que chovera muito e ela limpava as folhas trazidas da Floresta Ancestral. Mas, dessa vez ela não olhava a cena com seus próprios olhos: ela estava no lugar de Krission Dul’Maojin. Ela estava vendo pelos olhos dele e estava de frente para o dragão-menino de Gu-ren. Este o encarava com os olhos amarelos furiosos, como se uma raiva enorme tivesse chegado ao seu cúmulo. À volta dele, chamas começaram a se erguer e a se emaranhar, formando a mesma imagem do animal ferido que se erguera ao longe naquela floresta, agora um dragão de fogo. Porém, quando ele ergueu o punho e gritou, quem avançou para cima de Krission não foi Ram, mas sim a própria Garo-lin:

— Se quer ser respeitado aprenda primeiro a respeitar, Dragão idiota!

O impacto daquele soco envolto pelo dragão foi mais uma explosão intensa de chamas, que se espalharam rapidamente e se condensaram em volta dela.

Por um momento achou que seria consumida pelas chamas, que aquilo era um ataque do qual não tinha como escapar. Entretanto, ao mesmo tempo, percebeu que não iria se queimar. Era quente, havia a sensação das labaredas ardendo a sua volta, e então reconheceu: almaki. Era o *seu* almaki, de uma forma que ela nunca pensara ver.

Diante dela, uma figura envolta de luz surgiu. Não era possível distinguir a forma que tinha, apenas os olhos amarelos brilhantes. Junto com ela, uma voz disse dentro da sua cabeça:

‘Vou ficar até que possa entender.’

Então, as chamas que a cercavam, seu próprio almaki, se ergueram naquele nada escuro, tomaram uma forma e explodiram junto com a figura que brilhou intensamente. Dessa vez ela sentiu o brilho machucar todo o seu corpo ao ponto de conseguir ouvir o seu próprio grito de dor ecoando, como vindo de um lugar muito distante.

Então, tudo cessou e ficou escuro, e ela se chocou pesadamente contra o chão.

Alguém a segurou a tempo, e sua cabeça foi protegida da queda.

Com um esforço imenso, Garo-lin conseguiu abrir um pouco os olhos e tentou dar um sentido para a imagem borrada que via.

— Um Dragão – ela disse em uma voz quase sem ar e tudo se apagou em seguida.

- PARTE 3 -

A história que ninguém conhece

Como se estivesse misturando o passado e o futuro
o sol começa a se elevar em direção ao céu...
Lotus - Arashi

Capítulo 20 - Dragão de Luz

Asthur Dul’Maojin abriu a porta com violência, já demonstrando como estava o seu estado de ânimo.

— Como deixou ele ir?! – perguntou para Diwari, quase rosnando.

O kodorin se limitou a levantar os olhos para o almakin, como se deixasse bem claro que daquela vez não o repreenderia por aquele tom de voz, e então voltou a folhear despreocupadamente o livro na sua frente.

Com as costas curvadas, uma mão apoiando o queixo e as pernas esticadas por debaixo da mesa com os pés descansando na cadeira de fronte, a postura dele não era exatamente o que se esperava do Príncipe de Kodo. Porém, estar preso naquele lugar remoto e sem graça também não era o que o Príncipe de Kodo esperava.

— Krission era nossa responsabilidade! O que diremos para a Senhora da Capital do Fogo agora?! – Asthur esbravejou, batendo as mãos na mesa.

— Relaaaaxa! – Diwari se jogou para trás, fazendo a cadeira se equilibrar apenas nas duas pernas traseiras enquanto deixava os braços penderem. – O menino mimado deve estar aprendendo alguma coisa sobre a vida, perdido naquele mato. Logo ele aparece aqui na porta, com fome e chorando, pedindo que o levemos de volta para a mamãe.

Asthur respirou fundo, e esfregou a testa, tentando buscar uma forma de fazê-lo entender:

— Vossa alteza, devo lembrar que esse *menino mimado* é o Dragão de Fogo de Almakia?

— Ora, Asthur. Se, por acaso, o Dragão de Fogo de Almakia sofresse um acidente na floresta, você ficaria sentido?

O almakin lhe lançou um olhar carregado e Diwari riu:

— Sei que você só não faz algo com suas próprias mãos, por viver acorrentado a essa aparência de ordem familiar que Almakia insiste em manter. Para se ter o poder a regra é bem simples: elimine quem está no seu caminho. Para todos aqui, Krission fugiu porque não está aguentando a pressão de ser um Dragão de Fogo. – Diwari cruzou os braços e levantou os ombros, como alguém que estivesse apenas contando sobre o clima agradável lá de fora. – Se ele não voltar, as pessoas só terão a certeza de que ele não servia para o título, e vão procurar por outro Dul'Maojin a altura de ocupar o cargo... O chefe da Guarda da Capital de Fogo, Asthur, agora poderia ser uma boa escolha, não acha?

Asthur manteve o olhar sério para ele mais um tempo, e então abaixou a cabeça e riu:

— Realmente, não se pode confiar no Príncipe de Kodo. – O almakin puxou uma cadeira e sentou-se à mesa. – Então, o que quer em troca?

— Agora estamos tendo uma conversa! – Diwari ajeitou sua postura e deixou de lado o ar relaxado.

O diálogo deles foi interrompido por batidas na porta, e logo um oficial entrou com um aviso:

— Temos um prisioneiro interceptado da floresta, senhor.

— Já estou indo – disse Asthur, e então sussurrou para o príncipe: – Continuamos a conversa depois, alteza.

— Estarei esperando. – E ele o seguiu para fora.

Não podia perder um raro momento de distração estando naquele fim do mundo em Almakia, mesmo que fosse apenas mais um viajante perdido que se aproximava demais de Vintas, descoberto pelos inúteis subordinados de Asthur.

Porém, quem aguardava de joelhos no chão, preso pelos guardas, era algo bem mais interessante. Com os cabelos de duas cores e olhos amarelos, aquilo era um *nilaji*, sem sombra de dúvidas.

— Ele diz ser o líder dos vilashis e que está aqui para um acordo – relatou um dos oficiais, não parecendo realmente levar a sério a afirmação do prisioneiro pelo tom que usara.

Asthur riu e demonstrava concordar com o guarda que aquilo era muito engraçado.

— Me chamo Garo-nan Godan, sou da Vila Godan – o *nilaji* ofegou, explicando. Era visível que estava cheio de medo. – Vim sozinho. Quero apenas conversar.

— Muito bem, vilashi – disse Asthur, com um gesto para que os guardas o erguessem do chão. – Vamos ver o que ele tem para nos contar.

***

O calor se sobrepunha a todas as outras sensações. Permaneceu uma eternidade naquelas chamas, como se fosse a única coisa que existisse no mundo. Mas, houve um momento em que aquela ardência recuou e logo se escondeu aonde não era visível, dando lugar à dor. E essa era constante, como um ser vivo tentando desesperadamente escapar. Perdida entre tudo isso, sem poder formular um pensamento básico, Garo-lin não sabia dizer quando tomou consciência de que ela era ela, e que precisava reagir, mesmo isso parecendo ser uma tarefa impossível.

De uma só vez ela aspirou todo o ar que pôde e abriu os olhos, como se fosse uma pessoa afogada voltando para a superfície.

O que viu foi um teto manchado e iluminado por uma luz alaranjada tremeluzente. Olhou pesadamente para o lado e se deparou uma fogueira acesa. Estava no que parecia ser uma sala, com um aspecto familiar, e era possível ver a escuridão da noite por uma janela com vidros quebrados. Sua cabeça repousava sobre algo macio e estava coberta com o que reconhecera ser a manta que carregava na mochila, como proteção para o frio. Com essa pequena constatação, as lembranças foram voltando, ordenadamente, e ela lembrou que tinha partido em busca dos Aldrinu. O túnel, a cidade destruída e submersa, o templo, a caverna, Kidari, tudo que vira no sonho.

Ela tentou se erguer em um impulso ao se lembrar disso, mas as bordas da sua visão escureceram e mais uma vez voltou a tombar. Não podia se mexer. Ainda não.

Alguém a resgatara quando caíra, mas quem era?

Percebeu um brilho fraco no peito e tentou movimentar a mão para alcançá-lo.

— Ainda resta uma memória nela.

Mesmo reconhecendo a voz, Garo-lin se assustou.

Aruk estava sentado em um canto, e a luz da fogueira não a deixava perceber direito os contornos dele.

Mais desperta com o susto, ela reparou que estava no que parecia ser uma sala, abandonada e vazia, como era de se esperar do lugar onde estavam. Como não havia vidros nas janelas, a solução para enfrentar o ar frio que vinha de fora era aquela fogueira. O lugar fora provisoriamente limpo, mas tudo indicava que ele só fora escolhido por estar livre de entulhos desmoronados.

— O que aconteceu? – ela perguntou, com uma voz pastosa.

— Muita coisa.

— Onde estamos?

— Ainda na Floresta Ancestral.

— Onde estão os outros?

Aruk ficou quieto por um tempo, e então, respondeu:

— A ferida na cabeça de Vinshu foi um problema e ele está muito fraco. Os outros estão tentando ajudá-lo – e acrescentou com um tom de voz de que não havia muito a se fazer a respeito: – Eu fiquei para vigiar o seu sono, já que no momento não posso ser de alguma ajuda.

Havia algo errado com ele. Mesmo estando afastada, e não conseguindo enxergá-lo direito, era possível afirmar isso.

— Aruk, o que aconteceu?

— Primeiro, a sua pedra. Ainda resta uma memória. – Ele a lembrou.

— O que quer dizer com isso?

— Parece que essa pedra que você possui é uma parte das Relíquias de Almakia, daquela que deveria estar dentro daquele vidro queimado. Parece também que o que é antigo gosta de você e lhe deu alguns privilégios. Você viu

várias coisas, não?

— *Hum* – ela afirmou, não conseguindo pensar em nada mais desenvolvido a dizer sobre aquilo.

— Ainda falta uma coisa para ver. Ela interrompeu o processo antes que fosse tarde demais, mas conseguiu guardar algo importante na pedra.

— Quem fez isso?

— Por favor, veja a lembrança antes, Garo-lin. Ou não poderemos juntar todos os pedaços.

Percebendo que aquilo era realmente importante, ela olhou para a sua pedra, que pulsava em uma luz muito mais intensa do que o seu normal, e perguntou:

— Como faço isso?

Aruk se levantou e começou a andar pela sala, de olhos fechados, usando a parede como guia para a direção que deveria seguir.

— Fale alguma coisa que pode me ajudar a te encontrar – ele pediu, não conseguindo segurar o riso de quem se sentia estranho fazendo aquilo.

— Você está bem?

— Não se preocupe com isso agora. Apenas me oriente.

— Mais dois passos. – Soergueu-se e estendeu uma mão para ajudá-lo a se sentar na sua frente – Aqui.

— Muito bem. Segure a pedra firmemente na mão e me dê ela. – Ela fez isso. – Agora se concentre, feche os olhos. Prometo que vai ser mais rápido do que parece ser.

A pedra dentro da mão de Garo-lin começou a brilhar, e Aruk abriu os olhos que não eram nada mais do que órbitas luminosas.

***

— Inacreditável... – foi a única coisa que Garo-lin conseguiu expressar enquanto olhava em volta fascinada.

Nunca pensara que pudessem existir tantas pessoas. Nunca pensara que pudessem haver tantas pessoas diferentes juntas. Nunca pensara que elas

andariam assim, apressadas, gritando, mostrando coisas, reclamando, discutindo, rindo, falando alto, cantando, correndo, trabalhando, vendendo... Então aquilo era Rotas? O lugar para onde seu pai ia sempre.

Ali não tinham apenas tomates e batatas, como aqueles que estavam na carroça na qual se escondera. Nas bancas havia caixas e mais caixas de produtos que ela nunca conhecera antes. Eram tantas cores, formas e aromas, que se esquecera quase imediatamente da bronca que levara ao ser descoberta. Também se esquecera do alerta do pai de ficar por perto enquanto ele ajudava a descarregar. E a ideia de prestar atenção aos passos que dava também se perdera em meio àquele fascínio.

Foi com um susto que ela se deu conta de que não via mais o pai, não via mais a carroça da vila e não via nenhum vilashi. E junto veio o pânico: era uma criança perdida em meio a estranhos.

Pela primeira vez sem a segurança que sempre teve como certa, ela começou a correr, olhando em volta em busca de algo familiar. Mesmo que já se achasse bem grande para chorar, era inevitável segurar aquele soluço que lhe subia pela garganta. Então ela tentou respirar fundo, reunir toda a coragem que tinha e chamar pelo pai enquanto abria caminho por aquele mundo de pernas desconhecidas. Alguns a olhavam, sem realmente vê-la, e ninguém respondia aos seus apelos:

— Onde estão os vilashis? – ela tentava perguntar de forma clara, pensando que talvez eles não a entendessem.

Talvez ninguém ali falasse da mesma forma que ela.

— Ora, veja só! – Alguém a puxou pelas costas do casaco, interrompendo sua corrida. – Parece que os vilashis estão trazendo mais do que batatas do Vale Interior hoje em dia!

Era uma pessoa de Almakia. Parecia ser apenas um rapaz bem jovem, mas o tamanho dele do ponto de vista dela era de um adulto crescido. E, ao contrário dela, ele não estava sozinho ali.

— Me solta! – Garo-lin gritou, não gostando nada da expressão de

deboche dele.

— Opa, ela é bravinha! – Ele se divertia, rindo com os outros a sua volta, vendo o esforço dela em se soltar.

— Cuidado que esse bicho do mato vai te morder! – Outro gargalhou.

— Pequena assim ainda nem deve ter dentes direiAAAAIII!

Garo-lin tirou uma manga do casaco e conseguiu se virar para morder a mão dele, que a largou imediatamente. Ela tropeçou, tombou no chão e se levantou, preparada para fugir, mas um dos outros a agarrou a tempo, com raiva:

— Sua-

— O que é isso?

Alguém interferiu na cena, e a mão estendida pronta para acertá-la no rosto parou bem perto da sua bochecha. Garo-lin, que havia fechado os olhos com força esperando pelo impacto, abriu um deles e espiou.

Era outro menino, menor que aqueles e muito mais limpo do que eles. Não parecia em nada com as pessoas de Almakia, não as que ela tinha visto naquele curto espaço de tempo.

— O que é isso? – ele perguntou mais uma vez.

O que levara a mordida parecia incerto no que responder, e o que a segurava, hesitava entre mantê-la presa ou largá-la e fugir. Garo-lin percebia essa maneira de eles agirem, já que não era a primeira vez que crianças maiores tentavam lhe bater. Mas não entendia o que provocava isso.

— Essa vilashi nos ofendeu – o mordido enfim disse, mostrando a mão machucada.

Não havia sangue, e ela pensou que deveria ter mordido com mais força.

— Então isso é um tilashi.

Os meninos se entreolharam, enquanto o que interferiu se aproximou mais, interessado. O que a segurava finalmente a soltara, a jogando no chão e dando dois passos para trás.

Era impressão dela ou aqueles meninos crescidos estavam com medo

dele?

— Mas olha o tamanho dela. – O menino menor a mediu, comparando consigo. – Não têm vergonha de apanhar disso*? – Colocou a mão na sua cabeça, impedindo-a de ficar de pé como estava tentando fazer.*

Essa movimentação deles já tinha atraído olhares das pessoas em volta, que paravam o que estavam fazendo para assistir a cena?

Furiosa, Garo-lin tentou lembrar-se de alguma coisa ofensiva que ouvira das crianças mais velhas e grunhiu:

— Me solta, idiota!

As pessoas em volta exclamaram, como se ela tivesse feito algo muito errado e chocante. O menino a encarou por um tempo, parecendo realmente ofendido, e então a colocou de pé declarando:

— Vou queimá-la.

Os outros sorriram satisfeitos e as pessoas começaram um murmúrio que sugeria expectativa.

Sem entender nada do que acontecia, Garo-lin viu o menino colocar a mão em frente ao seu rosto e dizer:

— Não é um dilashi *que vai-*

— Krission! – Mais alguém surgiu entre a multidão, pegou a mão do menino e a abaixou, dando uma bronca. – Não faça isso!

— Mas eu ia-

— Não vai mais, Krission!

O menino cruzou os braços, contrariado, assumindo uma expressão emburrada.

— Está perdida? – o homem perguntou gentilmente para ela.

Não sabendo o que esperar, Garo-lin apenas balançou a cabeça de forma positiva.

— Vem. – ele pegou a sua mão. – Vamos encontrar os seus.

E ela se deixou levar, porque pela primeira vez ali alguém falara de um modo que lhe passava aquela segurança perdida no momento em que não vira

mais o seu pai.

O menino menor os seguiu pelas ruas, ainda com aquela expressão aborrecida, até chegarem ao ponto que Garo-lin reconheceu como sendo o seu primeiro vislumbre de Rotas.

— Pai! – Ela se soltou e correu logo que encontrou quem procurava entre os outros vilashis do local.

— Garo! – seu pai se ajoelhou e a abraçou forte, e reconheceu na voz o mesmo sentimento de alívio que ela sentia em passar seus bracinhos pelo pescoço dele.

O homem que a trouxera de volta e o menino se aproximaram, e o seu pai foi rápido em ficar de pé, segurando-a no colo, para agradecer:

— Muito obrigado por trazê-la de volta! É a primeira vez que ela vem para Rotas, e veio escondida na carroça. Desculpe pelo incômodo, senhor.

— Não se preocupe. – O homem sorriu. – E você, – ele a tocou na ponta do nariz com o dedo – não fuja do seu pai. Rotas é um lugar grande demais para uma pequena vilashi.

— Ele disse que ia me queimar. – Garo-lin apontou para o menino.

— Eu estava ajudando! – ele se defendeu, indignado. – Eu só estava fingindo para distrair e depois fugir! Você que não entendeu, idiota!

— Krission! – a repreensão veio mais como um alerta, e o homem o segurou pelos ombros para que permanecesse quieto junto com ele. – Desculpem meu filho, é a primeira vez que trago ele para Rotas também.

Garo-lin reparou que o pai olhava para aquele homem reparando em suas roupas, e parecia estar pensando em algo. E, quando ele falou, sua voz soou incerta:

— Senhor... posso... posso fazer uma pergunta?

O homem o encarou por um tempo, e ela não soube como interpretar aquele silêncio. Nunca vira o pai falar daquela forma tão educada com alguém, com tanto respeito.

— Claro – o homem respondeu por fim.

— O senhor é um almakin?

— Rhus Dul’Maojin, da Capital de Fogo.

Dul’Maojin. *Garo-lin viu os lábios do pai formarem o nome, sem pronunciá-los. E então a voz soou ainda mais incerta, e baixa o suficiente para que só eles pudessem ouvir:*

— É que... a nossa Garo-lin... – Ele a depositou no chão, para que ficasse bem visível aos olhos do homem. – Achamos que ela tem algo de almaki nela. Ela... tem um problema com espirros. Ela espirra fogo.

O menino soltou uma risada abafada, mas o homem a olhou como se não fosse nada engraçado. Alguém gritara alguma oferta perto deles, e isso fez com que o almakin olhasse em volta, para as várias pessoas que os cercavam.

— Será que podemos conversar melhor sobre isso em um lugar com menos movimento?

— Sim, claro, só um momento. – Seu pai a pegou por debaixo dos braços e a ergueu em cima da carga da carroça, alertando – Se ficar bem quietinha aqui me esperando, quando chegarmos em casa vou dizer para a sua mãe que já te dei um castigo bem merecido.

— Feito! – ela concordou contente.

E então ela apenas obedeceu e observou seu pai se afastar, seguindo aquele homem para longe das carroças dos vilashis. O menino foi com eles, mas antes de desaparecer em meio à multidão ele virou para ela e mostrou a língua, ao que Garo-lin respondeu no mesmo nível.

***

Garo-lin abriu os olhos e encarou um Aruk sorridente sentado na frente dela.

O sutoorin fechara os olhos, mas ela tinha certeza de que ele a estava olhando mesmo assim.

— Lembrou?

Sim, havia lembrado. Agora, era como se nunca tivesse esquecido aquela memória, como se ela tivesse acontecido há apenas alguns dias atrás.

Tinha cinco anos naquela época e fazia pouco tempo que seus pais perceberam que havia algo diferente nela.

O fato de ser uma manejadora de almaki alterou completamente a sua vida. Não que ela realmente tivesse consciência sobre o que aquilo significava, mas as pessoas falavam dela como se fosse algo muito especial. Isso a enchia de coragem, de achar que poderia fazer as coisas que sempre quis fazer. Uma delas era a de ir para Rotas junto com o pai. Foi aquele sentimento de poder que a fez subir na carroça escondida, e o mesmo que a fez se desprender do pai e começar a andar pela cidade movimentada.

Mas nunca, nem na mais remota possibilidade, ela diria que nesse dia havia conhecido Krission Dul'Maojin. O nome, o rosto, o poder da família, o Instituto. Todas aquelas coisas importantes que aprendeu a ligar à figura do Dragão não faziam o mínimo sentido para ela naquela época. Mas, lembrar daquilo era importante, segundo Aruk. Agora ela precisava descobrir em que ponto exatamente era...

Algo se iluminou dentro de Garo-lin. Sem se importar em ainda estar dolorida e fraca, ela se ergueu e procurou pela sua mochila, a encontrando um pouco atrás de si. Então se esticou para alcançá-la e pegar o seu livro de História de dentro dela.

Ela olhou para a capa negra desgastada, passando a manga das vestes para limpá-la, mesmo que não precisasse. Decidindo fazer algo, ela o colocou rente ao nariz e o movimentou, até que a luz da fogueira a ajudasse a ler as marcas antigas na capa de couro, onde, um dia, estivera escrito o nome do autor daquele livro.

— Faz sentido! – ela exclamou, ao conseguir ler.

— O quê? – Aruk perguntou curioso, apenas movendo lentamente a cabeça para o lado, posicionando a orelha de uma forma a escutar melhor o que ela dizia.

— Como entrei no Instituto! – Ela folheou o livro até encontrar no começo dele uma nota. – *Diretor do Instituto e mestre do departamento de*

História de Almakia, R. D. nos passa todos os seus conhecimentos acumulados de anos de viagens e pesquisas sobre o nosso Domínio. R. D, Rhus D., como está na capa. Rhus Dul'Maojin era o Diretor do Instituto! Foi para ele que meu pai contou sobre eu poder manejar fogo! Foi ele quem me colocou no Instituto! – Lembrou-se de algo mais e mencionou apenas em um sussurro. – Ele é o pai do Krission...

— Rhus? O pai da Kandara? Você viu ele?

— Sim... Você sabe sobre o pai deles?

— Ele já havia morrido quando Kandara deixou de ser a Dragão de Fogo, e ela nunca tocou no assunto.

Garo-lin pegou sua mochila e retirou o caderno de Kandara de dentro dele.

— Acha que essas anotações com a letra diferente que ela colou nas páginas podem ser dele?

— Bom, vamos ter que descobrir...

Aruk parou de falar abruptamente e segurou a testa com as mãos, como se estivesse sentindo dor.

— Tudo bem? – Garo-lin tentou ajudar de alguma forma, mas apenas ergueu suas mãos em direção a ele sem saber o que fazer.

— Tudo bem. – Ele fez um gesto que complementava o que dizia, mas ainda apertando os olhos. – Parece que o processo não é fácil.

— Que processo?

Um barulho veio da porta e alguém entrou.

A princípio, Garo-lin não reconheceu aquela pessoa. Mas ao perceber que era Kidari se assustou, porque não era ela.

O cabelo verde tinha se tornado totalmente branco, e os olhos agora brilhavam em um amarelo forte.

Dragão-menino. Foi a imagem que veio na mente de Garo-lin. Kidari, apesar de ainda ter a forma kodorin, aparentava ser exatamente como o Dragão-antigo que vira.

Ela se aproximou de Aruk e dobrou um joelho no chão, se abaixando ao lado dele:

— Vejo que já está melhor. Como se sente?

A voz era algo completamente diferente de tudo o que Garo-lin já escutara. Havia duas: a voz conhecida de Kidari, e outra, mais profunda, que parecia sair com um instante de diferença em relação à primeira.

— Melhor. A dor está passando – Aruk respondeu.

— Deixe-me ver os olhos – ela pediu.

Obedecendo, ele os abriu, e a exclamação de Garo-lin foi inevitável:

— Seus olhos!

Aquele cinza claro das pupilas dele havia desaparecido, junto com as próprias pupilas. Agora, só havia branco e nada mais.

Kidari, ou alguém que se parecia muito com Kidari, olhou diretamente para ela, e Garo-lin teve medo.

Não era um medo que denotava pavor, mas sim um medo como o de uma criança que se encontra diante de algo muito maior do que ela, onde a única chance de sobrevivência é obedecer. Era essa sensação que ela transmitia, e com isso a percepção de que quem estava na sua frente poderia ser a princesa foi completamente anulada.

— Não seu preocupe, Garo-lin – Aruk a tranquilizou. – Só não estou enxergando temporariamente, enquanto me adapto a essa mudança.

— O que aconteceu?

— Ainda não contei para ela – ele disse para aquela de cabelo branco. – Precisava ver a última memória, e viu.

— Ele é meu Dragão de Luz – ela informou para Garo-lin, colocando a mão na testa de Aruk, como se estivesse sentindo se estava realmente tudo bem com ele. – O primeiro e essencial para os outros... Estava tão corrompido que achei que não poderia salvá-lo. Mas ele se mostrou forte.

Toda aquela conversa dela soava completamente fora da realidade. E Garo-lin não conseguia pensar em mais nada para dizer além dessa pergunta:

— Quem é você?

— Apesar de estar aqui, não pertenço ao que está acontecendo agora, então podem me chamar pelo nome dela.

Com o *dela*, ela se referia a Kidari?

Era demais para Garo-lin. Sentia-se fraca, dolorida, confusa e intimidada pela presença de alguém que simplesmente assumira a identidade de Kidari. Devia estar dormindo ainda. Ou melhor, era uma alucinação! Algo havia acontecido dentro daquela caverna. Talvez o ar estagnado, com algo venenoso; talvez aquelas pedras brilhantes com um poder estranho. O que quer que fosse, tinha provocado alucinações complicadas nela, e essa era uma delas.

Estava quase tendo certeza da sua teoria quando alguém mais entrou naquele lugar, e toda a trama bem elaborada sobre como tudo aquilo na verdade era uma peça pregada pela sua cabeça, caíram por terra. Porque no momento em que instintivamente olhou para o lado ao perceber o movimento, foi puxada para a realidade de ter diante de si Krission Dul’Maojin.

Capítulo 21 - Almakins de fogo são como sol

— Como está o Vinshu? – Aruk perguntou alto, visivelmente falando com alguém que chegava, mesmo que não desse sinal algum de que o notara chegar.

— Está dormindo. O menino vai ficar com ele – informou Krission, largando no chão ao lado da porta uma manta, que fora toda rasgada em tiras e estava suja de sangue.

— Vinshu – Garo-lin disse, assustada, tentando se levantar, não sabendo exatamente o que fazer, querendo sair correndo dali.

— Se preocupe com você também. Não está em condições de-

— Não fale comigo com a voz da Kidari!

Seu grito, em uma explosão nervosa, deixou-a surpresa. Não sabia como, mas já estava de pé, apesar de suas pernas estarem tão fracas que não conseguiam se firmar direito para sustentá-la. Era difícil de respirar e aquela sensação de queimar por dentro, voltou. Seus olhos se encheram de lágrimas, porque parecia ser a única coisa que conseguia fazer no estado em que estava.

— Ela está se perdendo – disse a Kidari de cabelo branco.

— Faça alguma coisa! – Aruk pediu, se esquecendo da sua condição e abrindo os olhos.

— Não posso interferir no processo.

Um barulho veio da porta e quebrou aquela atmosfera. Krission largara no chão a mochila de Vinshu que estava no seu ombro e avançou.

Vendo que ele vinha na sua direção, Garo-lin tentou se afastar, mas ao primeiro passo todo o peso do seu corpo pendeu para trás. Sem conseguir resistir de alguma forma à queda – e nem conseguindo pensar em resistir, – ela simplesmente viu o mundo girar.

Mas ele parou na metade.

— Vou levar ela lá fora para se acalmar. – Krission a ergueu nos braços como se não fosse nada e a carregou em direção à porta.

— Não vou me acalmar. – ela disse, sem realmente ter certeza do que falava, mas achando que era muito certo dizer aquilo.

— Vai sim! – eles ainda ouviram o Dragão de Fogo dizer antes de sair.

— Acha que é uma boa ideia deixar eles dois conversarem? – Aruk perguntou para a Kidari de cabelo branco. – Sabe que eles têm vários problemas complicados para serem resolvidos?

— Quanto mais rápido resolverem, melhor – ela disse.

— Mas ela parecia estar bem falando comigo até pouco tempo atrás.

— Ela precisa me dar um nome, para conseguir lidar com o que aconteceu – foi a conclusão dela, que mais uma vez voltou a colocar as mãos na cabeça dele, o fazendo erguer os olhos brancos. – Se não conseguir me aceitar com essa aparência, não vai escutar o que temos a dizer.

Aruk ouviu apenas uma voz vinda dela naquela última frase, e perguntou:

— Kidari?

— Vai ser difícil, Aruk, ser o meu Rajin agora. – Ela deu um sorriso fraco.

E, percebendo mesmo sem ver os olhos molhados dela, ele tocou o seu rosto, apertando suas bochechas em um gesto estranho de passar confiança:

— Que graça teria lutar por algo se fosse fácil?

***

Garo-lin se sentia estranha e idiota. Não sabia explicar direito o que acontecera, mas de uma hora para a outra todos os seus pensamentos perderam o foco e se tornaram aleatórios, como se ela tivesse sido jogada para cima e não conseguisse se segurar em nada que lhe pudesse salvar da queda.

Começara no momento em que vira aquela Kidari diferente, entrando. Uma dor mais aguda na cabeça que tentou não perceber, porque não podia dar atenção para aquilo naquele momento. Quando viu o Dragão de Fogo, aqueles

pensamentos rápidos, que tentavam encontrar uma lógica para tudo o que acontecia, explodiram e nada mais tinha um lugar.

Mas, ao sair e respirar o ar gelado da noite, aquela dor incomoda na cabeça diminuíra. O suficiente para que ela voltasse a sentir forças e começasse a se debater:

— Me solta!

— Não.

— Me coloca no chão!

— Não!

Ela tentou empurrar para se soltar, mas tudo o que conseguiu foi que Krission a segurasse mais forte, e recebeu uma ameaça:

— Se continuar me batendo vou te jogar dentro daquela água suja das ruínas!

Não foi apenas o tom que ele usara que a fizera obedecer. Garo-lin nunca o tinha ouvido usar aquele tom sério de ameaça, e isso realmente a fez lembrar que ele a atacara em Vintas. Ele não hesitara em momento algum daquela vez, mesmo quando ela perdeu toda a certeza do que fazia, e não hesitaria desta vez também.

Não reparara muito no lugar de onde haviam saído, mas agora percebia que estavam em um conjunto de prédios do que talvez tivesse sido a área mais próspera daquela cidade destruída, ao lado da construção do salão oval. Havia estruturas que, mesmo naquele estado de abandono, podiam ser reconhecidas como casas. Tudo indicava que ali havia sido uma cidade. Talvez não a Fortaleza dos Aldrinu como era de se esperar levando em conta a sua posição no mapa de Almakia, e nem mesmo uma grande cidade. Mas definitivamente um dia houve vida circulando ali.

Andaram por uma rua calçada e deformada por raízes de árvores, chegando a um espaço aberto. Por fim ele a colocou sentada em um banco – ou o que sobrara dele. Havia vários outros em volta caídos, destruídos e partidos, o que sugeria que ali poderia ter sido uma praça, uma área de descanso, algo com a

mesma função do centro da Vila Godan. Era noite, como já tinha percebido, mas o quanto ficara desacordada? Aquela sensação de estar perdida no tempo e no espaço era horrível.

Uma luz surgiu, e ela viu o rosto de Krission se iluminar quando ele manejou uma chama almaki e a depositou no bloco de pedra quebrada do banco, aos pés deles.

A chama podia preencher o escuro, mas não o silêncio que ficou entre eles depois disso.

Algum pássaro noturno piou na direção do lago, e foi só.

— Oi – ele disse, por fim.

Garo-lin respirou fundo, prendendo as mãos nas bordas do banco para não se levantar e dizer um *oi* com os próprios punhos. Tinha vontade, mas não força.

De alguma forma percebendo que não começara bem, ele tentou remediar contando algo que não fosse complicado de falar:

— Vinshu não está tão ruim. Ele só abriu um pouco a cabeça, mas vai dar para consertar.

— Por que está nos ajudando agora se nos atacou em Vintas? – ela perguntou, direta, quando conseguiu sentir que não desmaiaria falando.

Ele pensou por um tempo, como se tentasse lembrar exatamente quando fizera o que ela estava lhe acusando de ter feito:

— Não ataquei vocês! Estava dando tempo para que fugissem!

— Sim, ia jogar todos os nossos pedaços bem longe com uma explosão. Muito bom esse seu plano!

— Não ia! Você iria conseguir escapar! Era só correr!

Ela ficou quieta. Não tinha uma resposta para ele. Não teria corrido. Se não fosse por Benar, ficaria lá, chocada, pegando fogo.

Por que não correra naquele dia? Se tivesse corrido, não precisaria ficar ali, agora, tendo que deixá-lo pensar que estava certo.

— Não quer saber?

— O quê?

— Ora, *o quê*? – ele resmungou. – Como estive todo esse tempo, como estava em Kodo, como voltei para Almakia, como encontrei vocês aqui. Tudo isso!

Garo-lin o encarou não acreditando no que ouvia.

— Todo esse tempo você esteve sendo o Absoluto Dragão de Fogo, vivendo em um palácio em Kodo enquanto nós precisávamos ficar escondidos. Esteve brincando de caçar a Kidari enquanto tentávamos resgatá-la. Esteve ajudando a Senhora da Capital de Fogo enquanto nós, aqui, tentávamos terminar o que a Kandara começou – falara demais, e uma pontada dolorida na cabeça a fez fechar os olhos. – Se esqueceu que nos abandonou naquele dia na Capital Real? – e ao abri-los novamente, viu que conseguira.

Como era esperado, Krission não parecia ter pensado muito no outro lado de toda aquela história, no que ficara para trás.

— Ou fez isso para que tivéssemos tempo de fugir também? – ela se permitiu pisar um pouco mais no assunto.

— Kandara morreu – ele contou, simplesmente.

E então, como se o fato de ela estar tentando ao máximo se opor à realidade de ele estar ali equivalesse a nada, ele se sentou ao seu lado. E o ar desolado dele fez com que uma ponta de culpa surgisse nela.

— Naquele dia, ela olhou para mim e disse: *acredite na Garo-lin*. Foi a última coisa que ela falou. E, quando minha mãe falou comigo pela primeira vez depois de tudo, foi: *não importa como, Krission, aquela vilashi irá pagar por isso*. Eu acreditava em você, Garo-lin. Mas também acreditei no que minha mãe disse.

“Ela precisou se explicar para as outras Famílias, sobre como uma vilashi levou embora seus herdeiros. Os Zawhart estão furiosos. O pai de Nu’lian está desesperado, porque ele acha que você pode convencer o filho a usar o seu Segredo e acabar com o tempo dele. Os Gran’Otto disseram que não vão fazer mais nada por Almakia enquanto Sumerin não voltar, e os Sfairul prometem tirar

as Montanhas do Norte do Domínio se algo acontecer ao Benar. De todos, acho que somente os Gran’Otto e o pai do Nu’lian estão preocupados de verdade. Os outros estão aproveitando a situação para enfrentar a minha mãe... Ela seria capaz de incendiar a Capital de Fogo inteira se pensasse que você está escondida por lá, só por ter conseguido dar esse trunfo às Famílias.”

— Ela incendiou as nossas vilas – Garo-lin contou, achando que esse fato merecia mais atenção do que as rivalidades das Grandes Famílias.

— Asthur. Ele recebeu ordens. Não pude fazer nada... Almakia virou uma bagunça, sabia?

— Como assim?

— Sem os produtos que os vilashis traziam, muitas coisas começaram a faltar em Rotas. E se falta em Rotas, falta nas Capitais.

— *Hunf*. – O riso que lhe escapou, saiu mais como um engasgo de satisfação, já que sabia que isso aconteceria. – Então fazemos falta, não é?

— Eles estão tentando resolver isso, tentando trazer outras pessoas para o lugar dos vilashis. Mas não é algo fácil.

A ideia do ponto de vista deles era fácil de conceber: vilashis são substituíveis para os almakins. Contudo, para toda a Almakia, era simples assim? Eliminar os pequenos que incomodam e colocar outros no lugar? Não seria uma questão de tempo o mesmo acontecer com todos os que não fossem almakins?

— E todos em Almakia concordam com isso?

Krission ergueu os ombros, indicando que não sabia:

— Estava em Kodo. Minha mãe cuidou para eu não voltar para Almakia. Por isso precisei enviar a Kidari. Ela disse que a princesa deveria ser responsabilidade minha. Então, pensei que, se a princesa voltasse, seria minha responsabilidade vir atrás dela e poder voltar. Funcionou... Recebeu o recado dela?

— Como pôde enviar a Kidari para cá?! Sabe de todos os perigos que ela correu?

— Acredite, Garo-lin, Kodo é muito mais perigoso para ela do que

Almakia. Aqui ela tem você, tem o Vinshu e os outros. Lá, ela não tem ninguém.

Aquilo a fez lembrar-se da Kidari branca que havia deixado para trás, e ao olhar naquela direção ela se sentiu tonta novamente.

— Cuidado! – Krission a segurou antes que ela caísse do banco.

— Por que estou assim?! – ela reclamou, se sentindo inútil e tentando fugir da ajuda dele.

— Ela disse que fez você ver muitas coisas. Que usou o seu almaki ao máximo para isso acontecer, e que teria consequências.

— O que *ela* é?

Ele olhou na direção da construção ao longe, onde os outros estavam, onde a luz produzida pela fogueira criava o desenho de um retângulo na parede escura. Parecia pensar em uma resposta para dizer, e Garo-lin teve a impressão de que ele já tinha feito essa pergunta no tempo em que esteve desacordada.

— Ela disse que precisamos esperar.

— Esperar pelo quê?

— Não sei. Mas, confio nela.

— Como pode confiar? Não sabemos o que aconteceu com a Kidari!

— Ela tem os seus olhos.

Diante daquela resposta, Garo-lin não sabia se ria ou gritava:

— Como assim confia naquela coisa que está no corpo da Kidari só por que tem olhos iguais aos meus?

— Não é óbvio?

Começou. Ela sabia que se continuassem dali, as respostas absolutas dele iriam irritá-la ao ponto de a conversa perder o controle. Na verdade, ela nem sabia como ficara ali falando com ele.

Sim, não estava se sentindo bem e a sua ânsia de saber o que tinha acontecido a fizera escutar e também falar. Mas, para ela, Krission Dul’Maojin não devia ter essa atenção da sua parte. Mesmo que ele afirmasse que tudo o que estava fazendo era para ajudar, que tudo tinha um propósito, nada apagava aquele tempo todo em que ele simplesmente abandonara os amigos com a ideia

de traição. Recuperar a imagem de Líder dos Dragões e conquistar a confiança deles novamente não seria tão fácil.

Conquistar a sua confiança não podia ser fácil assim.

— Como estão todos? – ele perguntou. – Sei que Vinshu está com a cabeça estragada agora, mas e os outros? Estão todos bem?

— *Tsc*... – Garo-lin se lamentou com a pergunta, fazendo uma careta de quem havia perdido.

Seria mais fácil ignorá-lo se ele continuasse falando coisas absolutas e não sendo um amigo preocupado.

— Benar e Sumerin foram para o Vale das Pedras. Nu'lian está no esconderijo dos vilashis. – ela respondeu de forma rápida, para não alongar o assunto.

— Foi difícil se esconder durante todo esse tempo?

— Foi. – Vendo que não conseguiria escapar das perguntas, resolveu usar uma estratégia diferente: contar para ele como os *verdadeiros* Dragões a ajudaram a manter o caminho que Kandara começara e auxiliaram os vilashis. – Godan foi o primeiro lugar que os almakins procuraram, então eles nos protegeram. Conseguimos encontrar um esconderijo, já que todas as fronteiras estavam fechadas – ela tentou não revelar muitos detalhes sobre isso. Devia pensar na segurança dos seus acima de tudo. – Conseguimos resgatar algumas outras vilas, mas não todas. Ah, e temos uma nova manejadora de água! É uma vilashi, igual a mim, o Nu'lian está sendo o mentor dela.

Era estranho, mas quanto mais falava, melhor se sentia. A dor na cabeça parecia escapar junto com as palavras, e por isso continuou no assunto:

— Se não fosse pelo Nu'lian prevendo o perigo, Godan poderia ter sido invadida duas vezes. Ele nos ajudou com os tanques, que é o que mantêm a vida naquele esconderijo. Agora que precisávamos vir atrás dos Aldrinu, ele ficou para proteger os vilashis. Se não fosse por ele, nós...

Ela parou de falar ao perceber que o Dragão de Fogo não parecia estar realmente prestando atenção no que ela dizia.

— Pede para eu contar, mas não me escuta.

— Por que o Nu’lian?

— Quê?

— Nada de *quê*! Não fuja do assunto!

— Quem está fugindo do assunto é você!

— Porque não importa qual seja o assunto, tudo é Nu’lian! Você não consegue juntar cinco palavras sem colocar o nome dele no meio!

— Não estou fazendo isso!

— Está sim! *Porque o Nu’lian, o Nu’lian fez, o Nu’lian isso, o Nu’lian toda a hora!* – ele provocou, usando um tom miado de voz que sugeria uma imitação dela.

Aquilo era o cúmulo para ela e não conseguiria continuar. Nem sabia mais porque insistia em ficar ali sentada escutando ele falar besteiras quando já se sentia bem melhor. Estava muito claro agora que uma conversa sensata entre eles era impossível.

— Está agindo como um idiota!

— Estou sim! O absoluto eu pode agir como um idiota se você também está!

— Eu não-

Sabendo que o Dragão não iria parar até vencê-la de alguma forma, usou um argumento que não queria usar, mas o qual ele não seria capaz de retrucar:

— Porque o Nu’lian estava aqui comigo!

Ele tinha algo preparado para dizer, mas parou bruscamente e a encarou.

Atingira-o em cheio, e de repente Garo-lin sentiu a necessidade de continuar martelando aquilo:

— Todo esse tempo, durante todos esses problemas, nos momentos mais difíceis, quem esteve comigo foi o Nu’lian! Desde quando meus problemas com Dragões começaram no Instituto, sempre foi o Nu’lian! Ele...

Mesmo sabendo exatamente o que dizer em seguida, por algum motivo, era difícil. Difícil como se houvesse uma correnteza dentro dela e ela tentasse

andar ao contrário daquela força. Ainda assim, respirou fundo e completou com uma voz controlada:

— Ele é quem sempre está ao meu lado.

Um silêncio se seguiu, e Garo-lin podia ouvir claramente a sua própria respiração e a dele. Era exatamente como naquele dia em que a sua vida tinha mudado completamente, quando seu senso de justiça falou mais alto que o medo dos Dragões. Podia sentir aquela mesma atmosfera tensa, repleta de almaki, e mesmo ficando ali corajosamente e o enfrentando, uma parte dela gritava desesperada querendo correr.

Como se soubesse perfeitamente disso, ele se inclinou para ela de uma forma ameaçadora. Garo-lin tentou se levantar para sair dali, mas ele a puxou pelo braço e a fez se sentar de novo.

— É tudo uma questão de estar próximo? – perguntou em um tom não absoluto, encarando-a nos olhos.

Totalmente desarmada, ela não conseguia desviar o olhar. E isso não tinha relação alguma com o fato de conseguir ver um almaki de primeira ordem estalando dentro deles. Agora ela também enxergava aqueles mesmos olhos do menino na loja de Aruk. Ela via aquele menino que encontrara em Rotas. Ela via aquele Dragão de Fogo que socara uma vez. E agora sabia que era inegável: se fosse uma questão de proximidade, ela e Krission Dul’Maojin estavam muito mais próximos do que jamais puderam imaginar. Sempre estiveram.

Entretanto, aquela proximidade real e imediata a incomodava, e não podendo lidar com aquilo no momento, tentou se soltar. Mas o Dragão não parecia ter problema algum em se manter perto. E, quando ela tentou o empurrar, sem sucesso, ele segurou a sua nuca e puxou sua cabeça para frente.

A surpresa de ser beijada por ele se perdeu em algo que não sabia explicar. Algo que fora soterrado dentro dela, desde o dia em que Kandara morreu, explodiu de repente, e não a deixava pensar em nada mais.

A esfera sempre guardada em um bolso, a insistência em deixar o Dragão de Fogo fora dos seus pensamentos e planos; a irritação constante; o choque por

ter sido atacada em Vintas; o fato de se deixar ficar, ali, conversando com ele. Tudo isso agora tinha sentido e se resumia em um único sentimento: todo esse tempo, tudo o que queria era estar com ele, mais do que qualquer coisa. Podia se perder nessa sensação e nunca voltar.

Assustada com esse pensamento, ela o empurrou com força e tentou retomar o seu bom senso. Não podia se perder daquela maneira. Não podia se esquecer de quem era, de porque estava ali e de onde deveria ir só porque Krission Dul'Maojin aparecera, de repente, e-

Antes mesmo que ela pudesse recuperar o ar, ele a abraçou forte e disse bem perto da sua orelha:

— Não se esqueça, vilashi inútil: já a coloquei acima de tudo, e nem mesmo você pode mudar isso.

Um ditado do seu povo veio claro a sua mente: *almakins de fogo são como o sol, se ousar enfrentá-los, acabará se queimando.*

Ela estava pagando pela sua ousadia.

Capítulo 22 - Despertar

Garo-lin não podia evitar a desconfiança em ver aquela que não era Kidari com eles, tratando do ferimento da cabeça de Vinshu com tanta desenvoltura, como se fosse uma Zawhart. Aliás, não podia ver nada do que ela fazia sem desconfiança. Embora Aruk tentasse tranquilizá-la, dizendo que haveria uma explicação, que precisa ser paciente agora, e que o mais importante era Vinshu se recuperar, não conseguia aceitar aquela situação.

Não poderiam permanecer naquele lugar por muito tempo. Precisavam voltar, uma vez que não tinham alimentos e nem mais motivos para ficar naquelas ruínas. Entretanto, era preciso que primeiro Vinshu acordasse e o seu estado fosse avaliado.

Na manhã seguinte àquela noite, quando ela acordara se sentindo muito melhor, Aruk parecia saber que algo dentro dela tinha encontrado seu lugar. Ela tentava agir como se nada tivesse acontecido, mas era meio impossível conseguir isso quando Krission estava insistentemente por perto, como se sempre estivesse estado ali, tratando-a como uma doente. Enquanto ele a obrigava a comer mais dos pãezinhos de Juri-lin – agora secos e duros –, e ela afirmava que deveriam guardá-los para qualquer problema, o sutoorin mantinha aqueles olhos brancos neles.

Era assustador, na verdade. Com aquelas manchas negras em volta fazendo contraste. E, mais assustador ainda, o fato de ele parecer enxergar, mesmo naquele estado.

— Como conseguiu chegar até aqui, Krission? – Aruk perguntou, curioso, uma vez que não tinham nada para fazer enquanto aguardavam.

E isso pareceu animar o Dragão, que por um momento esquecera dos pãezinhos:

— Uma explosão de almaki de fogo – ele disse, como se apenas isso explicasse tudo.

Os outros dois o encararam.

Percebendo que não explicava nada, ele continuou:

— Depois que vocês fugiram em Vintas, Asthur e Diwari vasculharam toda aquela região. Choveu muito e vários lugares ficaram inundados. Mombélulas eram inúteis, porque as árvores escondiam tudo abaixo. Mesmo assim, eles não desistiram, porque não podíamos voltar sem um resultado. A chuva passou e eles continuaram procurando, avançando em grupos e indo mais para o sul. Asthur estava no comando, e é claro que ele não me deixou ir com nenhum grupo.

— Quem é Asthur? – Garo-lin perguntou.

— É um Dul'Maojin secundário. – Ela demonstrou entender menos ainda. – Acha que só existem Dul'Maojin dentro da Família de Fogo? Existem outros, mas nós somos o ramo principal. – Ignorando a surpresa dela, ele continuou explicando. – No terceiro dia depois que os grupos partiram, eu senti a explosão. Como daquela vez na Capital de Fogo – ele contou exclusivamente para Garo-lin. – *Rusnância*. E eu soube que você estava lá. Diwari deveria estar me vigiando, mas ele não gosta que lhe deem ordens. Então, não perceberam quando juntei o que podia em uma mochila e saí. Cheguei até o lugar que sabia que a Garo-lin esteve, mas não havia nada. Então caí em um buraco e, por sorte, consegui me segurar nos degraus que haviam dentro. Corri por todo aquele túnel e, ainda dentro dele, senti novamente o almaki da Garo-lin, e sabia que vocês estavam perto. Saí do túnel, segui o caminho até o lago, mas não havia nada lá. E quando voltei senti o almaki da Garo-lin de volta. Foi como encontrei vocês naquela caverna. Consegui pegar ela a tempo. E o menino ajudou você... A propósito, quem é você?

— Sou o seu cunhado – Aruk respondeu com um sorriso.

Krission paralisou.

— O que ele quer dizer? – ele inquiriu para Garo-lin.

Engasgando-se com o pedaço de pão que tentava mastigar, ela perguntou para o Dragão:

— Nã-não conhece o Aruk?

— Não formalmente – o sutoorin respondeu no lugar dele. – Uma vez ele quebrou algo na minha loja, mas depois nunca mais nos vimos.

— Aaaah! – Krission fez. – Então você realmente existia!

Garo-lin olhou para ele, esperando por uma explicação.

— A Kandara nunca ficava em lugar nenhum. Uma vez perguntei se tinha uma casa, e ela me respondeu que sim. Então contou uma história de que vivia com alguém em uma loja, onde uma vez eu tinha quebrado um vaso, e que ela trabalhava como escrava para pagar a minha dívida.

— De certa forma, sim – Aruk reforçou a versão.

— Achei que ela estivesse inventando isso... – e não aguentou não questionar. – Ela vivia mesmo com você?

— Nos casamos.

— Aruk! – Garo-lin interviu ao perceber que aquilo fez Krission ficar sem cor.

O sutoorin riu e começou a rodar o seu pífano nos dedos. Não tinha mais a destreza de antes, mas estava tentando treinar.

— É verdade? – Krission direcionou a pergunta para ela, percebendo que a vilashi estava informada sobre o relacionamento da irmã.

E, de alguma forma, Garo-lin se sentiu agradecida quando viu a Kidari entrar – apesar da pontada na cabeça que anunciava, também, o retorno daquela dor incômoda. Já tinha entendido que a dor estava relacionada com a presença daquela princesa modificada, e esperava que ela lhe explicasse o motivo. Logo.

A Kidari de cabelos brancos olhou para cada um deles, como se avaliasse se estava tudo bem ali, e então, anunciou:

— Ele acordou. Assim que ele estiver melhor poderemos ir.

Então, percebendo que havia algo de expectativa no ar, ela acrescentou:

— Vamos conversar. Sigam-me.

Era uma ordem.

Krission não parecia ter entendido como tal, mas se levantou. Aruk se pôs de pé prontamente e a seguiu. Garo-lin lutava contra aquilo: por que obedecer a ela? Porém, não negou a mão estendida do Dragão lhe oferecendo ajuda para se levantar.

E por que somente ela se sentia abalada com aquela presença?

O Dragão de Raio foi colocado em um anexo daquele salão oval, onde havia uma bancada parecida com o lugar da relíquia perdida, e que agora fazia a vez de cama. Deveria ter sido o único lugar que oferecia uma estrutura próxima ao adequado para abrigar um ferido naquele estado. Aquele espaço não parecia parte do contexto de ruínas do lugar. Estava impecavelmente limpo e organizado – mesmo que não tivesse nada além da bancada e chamas almaki postas em vãos. Havia uma porta com aspecto de nova, e as paredes também pareciam ter recebido um acabamento de material há pouco tempo. Ribaru estava sentado no chão, em um canto, rabiscando algo em um maço de papéis, e os encarou quando eles entraram. Incomodamente, ele lembrava um gato que não falava nada e sempre observava a tudo tirando suas próprias conclusões.

Percebendo que ela reparava em volta, Krission sussurrou ao seu lado:

— Ela arrumou tudo aqui.

— Como *ela* fez isso? – perguntou, entendendo que ao dizer arrumou ele queria dizer *reconstruiu*.

— Uma forma de me desculpar – ela, a Kidari de cabelos brancos, respondeu.

— Por quase ter matado o Vinshu?

Aqueles olhos amarelos, que eram os grandes olhos de Kidari e ao mesmo tempo não eram, a encararam. E a voz dupla disse:

— Machuquei-o, mas esse machucado o salvou. Se não tivesse perdido a consciência e participado, não teria resistido. Infelizmente, o estado dele era mais crítico do que o de Aruk. – Ela pousou a mão iluminada na testa de Vinshu e se concentrou. – Não posso fazer nada por ele.

E, como se tivesse recebido um comando, ele abriu os olhos.

Vê-lo com os olhos abertos, mesmo com o rosto ainda inchado e a cabeça enfaixada em ataduras improvisadas, era um alívio. Mas, reparar nesses mesmos olhos e perceber neles aquele misto de confusão e desespero, por não entender o que via, era angustiante.

— Não se preocupe.

Garo-lin agarrou mais forte o braço de Krission ao ouvir a voz da amiga, somente a dela, falando com Vinshu. A princesa segurou o rosto dele, como se nesse gesto tentasse transmitir calma e confiança, e disse:

— Kidari vai continuar aqui. Mas você precisa ouvir e entender.

Ele tentou levantar a mão e ela o impediu. Então ajeitou melhor a manta enrolada que ele usava como travesseiro, e alertou:

— Não se mexa, ou vai doer. Só escute agora.

Aquele sorriso típico de Kidari desapareceu do seu rosto, e foi sem expressão alguma que ela voltou a falar com suas duas vozes:

— Almakins e Almakia são denominações que não têm sentido para mim. Tudo o que existe é apenas o almaki, desde o princípio. Mas, o conhecimento dela, da Kidari, me faz entender o que é o mundo hoje. Se for para falar de uma maneira que fique mais fácil de vocês entenderem, eu sou as Relíquias de Almaki, ou o coração do dragão de Gu-ren da lenda dos vilashis. Sou também o almaki puro que caiu do céu, a pedra da estrela.

Garo-lin automaticamente agarrou a pedra na corrente que carregava no pescoço. Com esse gesto, aquela Kidari olhou diretamente para ela:

— Não roubei o corpo da sua amiga, Garo-lin. Ela está aqui, mas sabe que chegou o meu momento de assumir. Infelizmente, ela não pode fugir disso, uma vez que foi feita a partir de mim.

— Feita? – a vilashi perguntou, já que a palavra soava estranha na forma como ela dizia.

— Aruk! – aquela Kidari chamou, como se o convocasse.

— S-sim? – ele respondeu, mostrando que ainda estava se acostumando

a ideia de atender a esse chamado autoritário.

— O que seu avô dizia sobre o Segredo de Luz?

Ele pensou por um instante, reação que era difícil de definir com exatidão por conta daqueles olhos brancos.

— Que nunca devemos forçar as pessoas a entenderem o significado do que viram, ou o sentido será inválido – ele respondeu – Se forçarmos, o entendimento será nosso e não o delas.

— Exato – ela afirmou. – Antes de escutarem o que tenho a dizer, é preciso alertá-los: só vou contar o que está ao meu alcance contar. Quando eu me calar para as suas perguntas, significa que vocês mesmo terão que buscar o significado do que procuram. Vocês precisam encontrar um sentido, ou nada será válido.

Garo-lin pestanejou diante daquilo.

Isso queria dizer que ela não iria esclarecer o que aconteceu?

— Mas, para a sua primeira pergunta, Garo-lin, eu tenho respostas: sim, Kidari foi feita. Ela foi feita da ambição de Kodo, em consequência da ambição de Almakia. Uma criança criada a partir de almaki puro. A única que deu certo. Ao contrário dos seus irmãos, apenas ela resistiu e sobreviveu. Quando ela respirou por um dia inteiro, acharam que era tempo suficiente para que ela recebesse um nome. *Kidari*, Apenas Um Dia, esse foi o nome que escolheram. A partir do sucesso alcançado com ela, Diwari obteve a capacidade de manejar, mesmo que inconstante.

Tudo o que Garo-lin pôde fazer foi deixar a boca se entreabrir com aquilo.

— Mesmo que eu fosse apenas o seu almaki e não pudesse me manifestar dessa forma, como faço agora, participei de todo o crescimento dela – a voz dupla continuou contando: – Quando a dor e o medo eram impossíveis de suportar, eu a fazia esquecer. Esquecer foi o que a fez respirar dia após dia depois de ter sobrevivido ao primeiro.

“Também, esquecer que tinha a capacidade do almaki puro, em todas as

suas formas, a salvou do que era planejado para ela e não deu continuidade ao que inicialmente era para ser. Sem utilidade e sem poder ser descartada, ela cresceu como a Princesa de Kodo. Uma vez que todos os experimentos eram filhos do Rei, ela recebeu o título de tal posição. Mas nunca passou de uma prisioneira, que apenas aguardava o momento para ser usada. E o título de nobreza a obrigava a viver dessa maneira.”

A cabeça de Garo-lin dava voltas com tudo aquilo. Kinaito havia contado sobre Kidari ser um experimento, mas nunca imaginara que poderia ser algo com aquela amplitude.

— Recentemente, ela foi útil para uma aliança entre Almakia e Kodo, para o jogo de influência dos Domínios. Foi esse jogo que a trouxe para cá, onde todas as minhas partes puderam ser reunidas, mais uma vez. Bom, partes suficientes para que eu acordasse dessa maneira.

— O que a fez acordar? – Aruk, de todos eles, parecia acompanhar e compreender cada palavra do que ela dizia.

Garo-lin apenas absorvia aquilo com total descrença. Krission parecia acreditar, mas não realmente entender. Ribaru voltara a seus papéis.

— Um propósito fez o almaki puro acordar – ela respondeu – O tempo esmaece as memórias. O que o mundo aprendeu uma vez, já se tornou tão antigo que foi esquecido. Os *dranos* falharam por causa da ambição de poucos, e agora a história volta a se repetir com os almakins.

— Dranos? O Dragão de Gu-ren?

Ela apenas a encarou, e Garo-lin entendeu que aquilo era uma pergunta que não seria respondida.

Então ela continuou, para todos:

— Precisei despertar Aruk primeiro, porque ele é o único que poderia mostrar as memórias necessárias e iniciar todos os processos.

— Parece que é por isso que agora eu sou um Dragão de Luz – ele contou para Garo-lin, tentando ajudar na explicação.

— É assim que os Guardiões são chamados hoje – a voz dupla

acrescentou. – E isso foi necessário, para que a força do almaki puro impregnados naquelas paredes trouxessem para você o que era importante saber, Garo-lin.

Havia um tom pesado na forma como ela dissera. Algo que lembrou muito a maneira como Kandara falara com ela naquele dia na Vila Godan, lhe dando uma oportunidade entre ir e ficar. Com isso, era inevitável perguntar:

— Por que precisei saber?

— O sangue dos antigos Guardiões ainda existe. Ele foi passado dos *dranos* para os manejadores-antepassados, e ainda sobrevive. Você recebeu todas as informações que precisa para revivê-los, Garo-lin.

Diante daquilo, a única pergunta que a vilashi conseguiu formar foi:

— Por que eu?

E, mais uma vez ficou sem resposta.

Vinshu tentou erguer a cabeça, querendo dizer alguma coisa, mas tudo o que conseguiu foi fazer uma careta de dor e soltar um grunhido.

Kidari – a Kidari de verdade, uma vez que aquele ar de preocupação só tinha uma dona –, se voltou para o seu Dragão, e mais uma vez usou almaki de cura nele. Mesmo que a dedicação da princesa estivesse com Vinshu, a voz dupla continuou dizendo para todos:

— Você viu o caminho, Garo-lin. Acreditar e aceitar essa missão depende de você. O processo do seu despertar já se iniciou e você conseguiu superar a fase mais complicada.

— Ela conseguiu? – Krission perguntou, preocupado. – Mas a cabeça dela ainda dói. Ela faz caretas, mesmo que não fale.

Garo-lin o encarou, querendo mandar que ficasse quieto.

— Porque ela não me aceitou – aquela Kidari respondeu de forma simples, ainda usando almaki no ferimento de Vinshu.

— Por que não a aceitou ainda, Garo-lin? – a pergunta dele soou como uma repreensão.

Preferindo ignorá-lo, a vilashi inquiriu:

— O que são os Guardiões?

— São os que despertam para usar o almaki puro. Hoje, vocês chamam esse despertar de Segredos.

— Então... – um entendimento tremulou na cabeça da vilashi. – Guardiões seriam como os Dragões.

— Esse é o nome que vocês dão hoje, apesar de terem uma imagem deturpada do que deveria ser a realidade.

— Então, o Aruk é um desses Guardiões? – a surpresa dela foi maior. – Esses olhos brancos significam isso?

— Usar almaki puro tem as suas consequências. Kidari ficou assim. – Ela apontou para os cabelos, tão brancos quanto neve – Porém, o despertar completo não existe entre os almakins de hoje, nem mesmo para os que vocês chamam de Dragões e que manejam, como se realmente soubessem, os antigos Segredos. Os que chegam muito perto do despertar, sofrem de algo que vocês conhecem como “preço”.

Nu’lian, o nome reboou pelos pensamentos de Garo-lin.

— Almaki deve ser usado da forma correta, ou ele se torna prejudicial – a voz continuou explicando: – Almakins pensam que sabem usar seus almakis, mas não passam de crianças brincando de manejar. Vocês não morrem porque usam seus almakis até o limite. Vocês morrem por usarem seus almakis como não devem.

Era muita informação que ia contra tudo o que Garo-lin tinha estabelecido em sua noção de mundo. Tentando compreender, ela perguntou:

— Quer dizer que Guardiões são aqueles que usam os Segredos, sem o preço a se pagar?

Mais uma vez a pergunta ficou sem resposta, e isso era irritante.

— Espera! – a vilashi pediu, levantando uma mão para frente, pedindo o mesmo com o gesto, e sentiu mais uma pontada na cabeça enquanto tentava colocar seus pensamentos no lugar. – Desde o começo: *quem* é você?

— Como já disse, sou almaki puro. Sou algo forjado a partir da vontade

dos últimos Guardiões. Se fosse para usar uma palavra que fizesse sentido para vocês, eu seria um guia.

— E, sendo um guia, qual a sua função? O que você deve guiar? – Aruk perguntou.

— Os novos Guardiões.

Aquilo não era uma explicação esclarecedora, mas ela não parecia que revelaria algo mais que isso. Então, foi Krission quem fez a próxima pergunta:

— Se você é algo do passado, por que está aqui agora?

— Almakia.

Todos a encararam, e mesmo Ribaru que parecia concentrado no que fazia, parou para ver o que estava acontecendo.

Foi Aruk quem primeiro compreendeu:

— O que disse que está se repetindo do passado, tem a ver com o que vai acontecer com Almakia?

— Receio, Dragão de Luz, que há muito tempo algo está acontecendo com Almakia. E, o meu despertar significa que esse repetir chegou a um ponto que precisa de intervenção.

— O que está se repetindo? – Garo-lin tentou.

E, mais uma vez, o silêncio.

— Vinshu está melhor para viajar. – Kidari anunciou alegre, como repassando um comunicado que recebera. – Só vai precisar de apoio para caminhar.

E a segunda voz não voltou mais a se manifestar.

***

— Ame-ru, Mio-lin! Voltem e digam para todos se esconderem! Avise a So-ren! – Nu’lian pediu de forma urgente.

Assustados, os dois correram pelo corredor por onde, instantes antes, vieram brincando de dar pulos, ao invés de passos. O Dragão não queria os assustar daquela forma, mas havia algo muito errado que vinha junto com Garo-nan. Não conseguia saber exatamente o que era, mas seu almaki o alertava para

um sentido de defesa.

Ele vinha sozinho, isso era certo. A presença dele se aproximando do esconderijo, ainda era a mesma que sentira antes, quando avisou So-ren de que o vilashi desaparecido estava retornando e que iria para a entrada recebê-lo.

Sabia sobre o que tinha acontecido entre ele e a Garo-lin e conseguia entender o motivo de ele ter desaparecido logo depois de ela ter partido novamente. Sabia que o que faltava para ele sair do esconderijo e segui-la, era apenas coragem. Quando deram pela falta dele, Nu'lian pensou que finalmente ele teria reunido um pouco daquela força vilashi que Garo-lin tinha de sobra.

Entretanto, nesse retorno, ele não trazia esse propósito que o Dragão tinha pensado a princípio. Também não era pelo motivo levantado por So-ren: de não ter conseguido encontrá-los e desistido. A única ideia clara que o seu almaki de água lhe mostrava era que ele trazia a convicção de voltar, e nada mais. E isso era muito estranho. Ninguém poderia andar com um único sentido assim.

Quando ele chegou à entrada do esconderijo, Garo-nan já descia pelo caminho.

Nu'lian ergueu o porta-chamas, para que o círculo iluminado chegasse até o vilashi. E ao vê-lo, desesperadamente soube com todo o seu almaki que estavam em perigo, que seriam atacados e não havia tempo para fazer mais nada. Mesmo naquela iluminação precária ele pôde ver o brilho das Pedras Escuras lapidadas nos braceletes do vilashi, antes mesmo de perceber seus olhos desfocados e sem vida.

E, como se essa constatação fosse a chave para um comando, Garo-nan correu e o atacou, com uma velocidade e força que não aparentava ter. Nu'lian ainda tentou manejar, mas o efeito das pedras o atingiram antes que o vilashi o derrubasse no chão. Com uma mão ele prendeu as suas para trás e com a outra segurou a sua cabeça contra a terra. Mesmo que houvesse espaço para Nu'lian conseguir empurrá-lo e reagir, os braceletes tiravam rapidamente toda a força que tentava reunir.

— Foi mais fácil do que eu pensei! – Alguém riu de forma debochada,

chegando até eles.

Nu’lian conseguiu movimentar um pouco a cabeça e viu que muitas pessoas entravam. Agora entendia que as pedras de Garo-nan também serviram como um escudo mandado à frente, para que ele não sentisse a presença dos que vinham atrás e não estivesse preparado para defender.

— Não deixem ninguém escapar! – Uma ordem e passos correndo soaram dos dois lados da sua cabeça.

As roupas pretas eram uniformes da guarda da Capital de Fogo. Eram todos almakins e cuidavam para passar afastados de Garo-nan. Eram eles que haviam incendiado as vilas dos vilashis.

— Garo-nan! – Ele ofegou, em uma tentativa desesperada de acordá-lo daquele transe em que estava. – Eles vão atacar a sua vila!

— Isso não tem efeito, dragãozinho – quem falou, foi a primeira pessoa que havia falado, debochando, antes de a guarda avançar.

Um kodorin se aproximou e se abaixou diante dele. Ele mantinha um olho tapado, com uma mão, mas o outro deixava bem visível o como se divertia com tudo aquilo. E, ao vê-lo de perto, Nu’lian o reconheceu:

— Diwari!

— Quanto tempo! Como vai, príncipe quebradiço de Almakia? – Ele deu um sorriso simpático e então se levantou, ordenando para Garo-nan. – O segure com uma mão só. Precisamos dele vivo até encontrar todos os vilashis desse buraco.

Capítulo 23 - Permissão

Asthur não gostava do Vale das Pedras.

Nas poucas vezes que precisou ir até lá, foi obedecendo ordens, e tentara, ao máximo, não ficar muito tempo. Porém, dessa vez, não poderia simplesmente deixar a cargo de um comandado a tarefa de trazer os vilashis que o atormentaram nos últimos meses.

E precisava admitir que, acima de todas as suas expectativas, eles foram espertos. Sabia que não aguentariam muito tempo e que não teriam tido tanta sorte se não contassem com a ajuda dos Dragões.

Outro fato que o fizera aceitar a missão de ir para aquele lugar inóspito de Almakia, era justamente não querer ficar como responsável de levar para a Capital de Fogo a notícia de que não estavam com nenhum dos Dragões. Diwari, estando protegido pela sua posição de Príncipe de Kodo, considerado pela Senhora da Capital de Fogo, ficaria a cargo de repassar essa informação e não sofreria as consequências da fúria de Kronar Dul'Maojin. Bom, talvez alguns daqueles vilashizinhos, que ele selecionara para levar consigo, poderiam servir como escudo caso ela se enfurecesse a ponto de não se importar com o fato de estar lidando com a realeza de um Domínio aliado.

Também não precisaria explicar que o inútil do Krission desaparecera em Vintas – provavelmente aproveitando a oportunidade para fugir das garras da mãe. Já que Kronar sempre fizera tanta questão de enfatizar que ela era a Dul'Maojin principal, então que lidasse com a questão de seu filho problemático, os herdeiros desaparecidos das Grandes Famílias e o fato de o Dragão Real estar morto.

Já fazia muito tempo que tinha desistido de ocupar a posição de Kandara. Vislumbrara bem de perto a possibilidade de se tornar o Dragão de Fogo quando

a herdeira desistiu do título, para a desgraça da orgulhosa Kronar. Mesmo que estivesse no último ano do Instituto, seus professores tinham um consenso de que ele merecia uma posição de almakin de primeira ordem e, consequentemente, de Dragão. Tudo dependia da aprovação da Senhora da Capital de Fogo, que também ocupava o cargo de Diretora do Instituto. Mas ela surgiu com aquela ideia de cinco Dragões. Eram apenas crianças, que nem pensavam em entrar no Instituto ainda. A revolta com o fato durou pouco tempo. Ao servir de tutor para Krission Dul'Maojin e os outros pirralhos por um período, percebeu que eles eram o mesmo que Kandara: apenas fama. Poderiam ter Almakia inteira em suas mãos, mas se contentariam apenas em ter essa mesma Almakia os bajulando em suas posições. Logo eles cairiam, disso tinha certeza. O que de fato aconteceu.

— Senhor, a última mombélula chegou – um dos guardas o informou entrando no lugar, uma sala de comando da mina.

— Perfeito. Prenda todos nos galpões. O efeito do transe deve passar daqui a algumas horas, e uma noite trancados, sem saberem onde estão, servirá para estarem submissos durante a manhã. – Ele fez um sinal dispensando o guarda, mas se lembrou de algo e voltou a chamá-lo. – Ah, não se esqueça de tirar os braceletes daquele vilashi que nos mostrou o esconderijo deles. Se ele não se matar quando descobrir o que fez, ainda pode ser útil. Jogue ele em uma cela. É melhor mantê-lo afastado dos outros.

— Sim, senhor!

Havia sido fácil. Diwari usara aquele truque de fechar o olho naqueles vilashis e todos seguiram obedientemente para as mombélulas. Levá-los até o Vale das Pedras, dessa maneira, foi rápido e não teve nenhuma dor de cabeça ou empecilho no processo. Teria sido muito mais fácil se tivessem aquela opção desde o início. Não precisariam ter eliminados os vilashis que resistiram e o contingente ali, no Vale das Pedras, seria bem maior.

Já haviam deixado de usar os recrutas que os navios traziam de Kodo e dos outros Domínios. Os que chegavam nem sempre reagiam bem ao saberem

que teriam que trabalhar nas minas, mesmo que todos estivessem bem cientes de que só ganhariam vistos para Almakia, a partir do momento em que aceitassem o trabalho. Talvez eles se revoltassem pelo fato de descobrirem que seriam mantidos presos, e muitos chamavam aquilo de escravidão – mesmo recebendo água e alimento todas as noite, quando voltavam para o galpão onde dormiam. Aquela história de veneno que corria de boca em boca e que eles não conseguiam eliminar, também contribuía para que eles se revoltassem. No final, vilashis era muito mais fáceis de ser controlados.

Apesar de demorar para se manifestar, aquela reação às Pedras Escuras de não almakins atacava de forma rápida quando os delírios começavam. A pele acinzentada, o primeiro sintoma, podia ser encoberta com a desculpa de ser apenas a sujeira do trabalho, difícil de ser removida. Quando os primeiros trabalhadores, trazidos de Nanfan começaram a desmaiar, não foi fácil manter a ordem por muito tempo. E ao verem que o *veneno*, como chamavam, não se limitava aos sem almaki, os piratas e almakins renegados que haviam sido contratados para controlar o local, se revoltaram.

Eliminá-los foi outra tarefa trabalhosa, e ainda houveram os poucos que fugiram para o Vale Interior e precisaram ser caçados. Muitos já estavam debilitados com a intoxicação das Pedras Escuras e não conseguiam chegar muito longe.

Por todos esses problemas, e uma vez que não tinham mais responsáveis competentes para administrar o lugar, almakins oficiais da Capital de Fogo eram obrigados a vir ali, revezadamente. Com a grande quantidade de Pedras Escuras concentradas, ficar por muito tempo era um teste de resistência.

Asthur, como um Dul’Maojin e chefe da guarda principal da Capital de Fogo, não precisava se preocupar em ser escalado. Seu trabalho era apenas trazer os vilashis e isso acabaria de uma vez por todas. Eles passariam a ser problema de outro escolhido para a função.

Pensando em finalmente poder voltar para casa e descansar depois de noites sem dormir, Asthur reuniu os documentos que deveria levar para a Capital

Real com o número exato de vilashis que trouxera. Entretanto, ele não chegou a pegá-los.

Alguém o estava chamando.

Não era uma voz. Não era uma pessoa.

Era apenas um chamado.

Sem saber muito bem o que fazia, ele saiu daquele ponto de administração e seguiu em direção à entrada das minas.

O sol já estava se pondo naquele horário e todas as atividades estavam suspensas. Quando o calor do dia ia embora, aquela região que parecia derreter se tornava tão gelada quanto as Montanhas do Norte. E, como já ouvira alguém dizer, era um frio de ossos mortos. Por isso, os galpões onde os recrutados dormiam ficavam escavados nas pedras: já havia muitas perdas dentro das minas para se darem o luxo de perder mão de obra para aquele clima extremo.

Como não havia ninguém ali, não precisaria dar explicações sobre o que estava fazendo e nem ouvir que não era uma boa ideia se aproximar de um lugar repleto de Pedras Escuras. Ele mesmo repetia em pensamento, sem efeito algum, que não deveria entrar na mina. Mas era uma força muito maior que a sua vontade, que o atraía para lá. Era algo que lhe fazia promessas.

Ele acendeu uma chama na mão para iluminar o túnel estreito, sustentado por vigas. Apesar de antigo, tinha que admitir que aquele lugar fora bem feito. Conseguira resistir mais tempo do que quem os construíra.

Ele desceu por uma escada e chegou ao lugar onde as pedras eram fabricadas. As fornalhas estavam apagadas; as caixas, que os navios traziam e levavam, estavam empilhadas a um canto. Algumas com pedras em estado bruto já lacradas e prontas para serem levadas para Kodo. No fundo, havia uma montanha das pedras moídas, o material que iria para as fornalhas e de onde seriam extraídas as Pedras Escuras. Os carrinhos para o transporte estavam alinhados na parede, aguardando para que, no dia seguinte, os vilashis os usassem.

No mais, ali o silêncio era total.

Por que se contenta em ser apenas um subordinado quando pode estar no poder?

A pergunta chegou até os seus ouvidos como o soprar do vento. Mesmo que baixa, era perfeitamente compreensível.

Asthur olhou em volta, iluminando o local a procura de alguém.

Vazio.

Aquela sensação incômoda do efeito das Pedras Escuras começara a lhe atingir, e a chama na sua mão se apagou. Agora só havia era escuro.

Pode ter tudo.

— Quem está aí?!

Pode ser o Dragão de Fogo.

— Apareça!

O Senhor da Capital de Fogo.

Uma luz fraca, muito fraca e azulada, rastejou pelos cantos. Com ela e seus olhos se adaptando a essa situação, ele conseguia vislumbrar as formas do lugar.

Pode ter Almakia e fazer dela o que desejar.

— Saia ou vou incendiar esse lugar! – ameaçou, sem conseguir esconder o tom de pavor.

Com o que, almakin tolo?

A voz parecia se divertir.

Eu estou ao seu lado.

Ele se virou na direção da voz.

Atrás.

Ele se voltou para trás.

Em cima.

Ele olhou para o teto enegrecido.

Estou em toda a sua volta.

Não havia uma direção para olhar, e a risada ribombou por todos os lados, como se fossem milhares rindo ao mesmo tempo.

— Quem é você?

Sou quem pode tornar todos os seus desejos realidades.

— Prove.

Um vento começou a soprar, varrendo tudo a sua volta e se concentrando em um redemoinho de pó negro reluzente a sua frente. Tinha aquela mesma cor azulada, que se modelava conforme o sopro do vento.

Não posso lhe dar a prova que quer. Não, estando nessa forma aprisionada.

— E como pode se libertar?

Com uma permissão.

— Que tipo de permissão? – Asthur perguntou desconfiado.

Se me der permissão de usar o seu corpo, para assumir uma forma, posso te dar todos os almakis que deseja possuir.

O vento começou a girar mais rápido e o redemoinho ganhou uma camada de fogo, raio e de água. Uma luz muito forte iluminou todo o local e o chão começou a tremer, com pedras se levantando e se desfazendo em areia. Aquelas raízes escuras das plantas rasteiras, que sobreviviam ao clima da região, começaram a descer pelas paredes, como se tivessem vida própria.

Não havia dúvidas de que aquilo era verdade. E, completamente deslumbrado com aquilo, Asthur perguntou:

— O que preciso fazer?

Permita.

— Todos esses almakis?

Todos.

— Eu permito.

Todas aquelas demonstrações de almaki desapareceram. As Pedras Escuras que estavam nas caixas, arrebentaram a madeira e saíram voando. As que estavam moídas na montanha se desprenderam, mesmo ainda sem passarem pelo processo da fornalha, e se juntaram às outras. As que estavam esfriando nas caldeiras, jorraram para fora. Todas se esfarelaram e se juntaram ao redemoinho

de pó negro. Então, formando uma massa compacta, saltaram para os olhos do almakin, que recebeu o impacto inesperado sendo sustentado por algo invisível.

Quando todas as pedras do lugar já não existiam mais e até o redemoinho foi absorvido por Asthur, ele caiu de joelhos no chão e ficou imóvel por um tempo, no escuro.

Então, devagar, ele ergueu a cabeça e respirou fundo. Levantou uma mão com o punho fechado e abriu de maneira brusca, lançando uma chama roxa em direção à caldeira principal e a explodindo como se fosse feita de um material muito frágil, iluminando o lugar com destroços fumegantes.

Ele abriu os olhos, que agora eram totalmente negros e emitiam aquele brilho azulado, como as pedras fabricadas naquele local.

— Finalmente, liberdade. – Ele sorriu satisfeito.

***

Kidari olhou para cima e parou a caminhada.

— O que foi? – Vinshu perguntou, uma vez que ele só conseguia se manter de pé e andar com o apoio dela.

— Começou – disse a voz dupla, quebrando o silêncio que durava desde as ruínas da Fortaleza dos Aldrinu.

— Eles pararam – Krission informou para Garo-lin, olhando para trás e vendo que Aruk e Ribaru também haviam parado.

Mas ela não o escutou.

Olhava para frente, estreitando os olhos:

— Tem algo errado – disse apreensiva, assim que enxergou a entrada do esconderijo entre as árvores.

A casca estava aberta, quebrada como se tivesse sido forçada, e aquilo fez o seu coração afundar.

Sem se importar em deixar os outros para trás, ela correu.

Desceu todo o caminho da entrada correndo e seguiu em frente, mesmo no escuro. Quando chegou à altura em que as chamas de So-ren não estavam acesas, como sempre estiveram, ela começou a correr com tudo o que tinha,

acendendo uma chama sua.

Não! Não! Não! Não! Não!

Ela repetia, tentando negar o que já se mostrava certo.

Parou derrapando na área dos tanques e olhou ofegante para o vazio. Tudo estava revirado, as coisas jogadas no chão. Um dos tanques tinha sido quebrado e água vazava fora do curso.

— Não! – Ela começou a andar, tropeçando nos próprios pés, sem ter certeza da onde ia. – **Nu'lian! So-ren! Kinaito! Garo-nan!** – Não teve resposta. – **Mira! Juri! Chari!** – Começou a chorar – **Mãe! Pai!** – E caiu de joelhos no chão, a chama se apagou – Mãe Godan...

Alguém a segurou e a abraçou forte.

— Fica calma! – Krission pediu, com a respiração rápida de quem correra para alcançá-la.

— E-eles nã-não estão a-aqui. – As mãos dela tremiam quando tentaram se segurar nos braços dele.

— Calma! – ele repetiu, porque não tinha mais o que falar.

Seu povo, os vilashis de Godan, seus irmãos. Todos eles tinham desaparecido.

— Você disse que tem um lugar onde eles poderiam se esconder, não? – Ele acendeu uma nova chama, e tentou formular alguma possibilidade pelo pouco que ela havia contado sobre o esconderijo durante a viagem de volta.

— O lu-lugar da Pedra Escura. – Ela fungou, tentando se levantar, conseguindo apenas com a ajuda dele.

Os outros os alcançaram naquela altura. Kidari se deixando revelar como a própria, ao fazer uma expressão de espanto. Vinshu, que era ajudado pela princesa, tentava levantar a sua cabeça pesada pelo ferimento e olhar em volta. Ribaru entrou por último, guiando Aruk.

— Tem alguém aqui – disse o sutoorin, parando de repente.

— Vilashi!

O grito de Ribaru, apontando para um lado, assustou a todos. Garo-lin se

virou rapidamente e viu o vulto encolhido espiando por uma das entradas, que levavam ao lugar onde eles dormiam.

— Ame-ru – ela murmurou, reconhecendo a pequena.

Mas vê-la daquela forma, acuada, não era um sinal de alívio.

A menina demorara a confiar em alguém quando foi trazida ali. E agora que todo o avanço alcançado se esvaía naquela reação assustada.

Ela parecia ter reconhecido Garo-lin, mas Krission e a Kidari, de cabelos brancos, eram estranhos. Vinshu, no estado em que estava, não era uma visão animadora, nem Aruk com aqueles olhos inexplicáveis para ela.

Por quanto tempo ela ficara ali, no escuro, sozinha?

Sabendo que a menina não se aproximaria deles, Garo-lin limpou o rosto com as mãos, se soltou de Krission e foi até ela. Ame-ru continuou imóvel, apenas a observando se aproximar e se abaixar na frente dela.

Queria falar alguma coisa tranquilizadora, dizer que estava tudo bem, mas sabia que não conseguiria fazer isso.

Não estava tudo bem.

Então, o que pôde fazer, foi passar a mão pelos cabelos dela, esperando que somente o gesto ajudasse de alguma forma e que a menina não percebesse que estava a ponto de desabar.

E pareceu ter funcionado. Ela pegou a sua mão e a segurou firme. Então se levantou e a puxou consigo para dentro do corredor.

A menina podia saber aonde ia mesmo estando no escuro, mas Garo-lin acendeu uma chama e sabia que Krission estava vindo atrás dela por ouvir seus passos.

Ame-ru a carregou até a Toca dos Dragões. Ela largou a sua mão na entrada e correu para dentro, atrás da mesa baixa.

Mais uma vez, Garo-lin sentiu o coração afundar ao perceber que havia alguém ali:

— Nu’lian! – Ela correu para ele.

Seu nariz estava inchado e provavelmente quebrado, havia um corte

enorme em um lado do seu rosto, agora coberto com o sangue seco. Mesmo com a luz fraca, era possível ver que ele estava sem cor, como se... Ela se ajoelhou ao lado dele, sem saber o que fazer. Pegou um dos porta-chamas caído no chão, para colocar a chama e o depositou ao lado deles. Então tocou no amigo, com medo de confirmar o pior, tentando perceber se ele ainda respirava.

Krission se juntou a ela, tão atônito quanto.

— Ele está gelado! – ela murmurou desesperada.

— Ele está vivo! – o Dragão afirmou, não aceitando que pudesse ser o contrário.

E, como se a voz dele tivesse o poder para tanto, Nu’lian respirou fundo e abriu os olhos. Primeiro olhou para Krission, como se tentasse entender que ele realmente estava ali. E então olhou para Garo-lin.

Ela segurou a mão dele, em um gesto que tencionava segurar a vida de Nu’lian ali e tentar esquentá-lo de alguma forma.

— Garo... – sua voz estava fraca.

— Nós voltamos. – ela contou, sabendo que era algo idiota a se dizer, mas precisando dizer qualquer coisa.

— Me desculpa – ele pediu, quase em um sopro. – Não pude proteger seus irmãos.

Aquilo foi demais para ela aguentar. Mesmo quase sem vida, ele se desculpava.

Ela começou a chorar descontroladamente e o abraçou. Queria dizer que ele não tinha culpa, mas não conseguia.

Capítulo 24 - Não importa se virarmos cinzas

Krission acendeu alguns dos porta-chamas espalhados pela área dos tanques, criando um ambiente iluminado para que eles pudessem ficar ali. Enquanto Aruk e Ribaru tentavam organizar aquele espaço, a outra Kidari curava os ferimentos de Nu’lian e Vinshu descansava ao lado deles. Garo-lin trouxe cobertas e esteiras que encontrara jogadas em volta e arrumou um lugar para os dois Dragões feridos.

Depois de ele ter sido tratado pela Kidari de cabelos brancos e ter recebido uma explicação rápida e precária sobre o que ela era agora, Nu’lian quis contar o que acontecera. Entretanto, ele hesitou em começar, olhando firmemente para Garo-lin, como se avaliasse se ela aguentaria ouvir. Por fim, sabendo que independente de tudo, a vilashi deveria saber, ele se voltou para Krission e pediu, ainda com a voz fraca:

— Segure-a.

O Dragão de Fogo obedeceu, mesmo não sabendo exatamente o que fazer e a agarrando por um braço, de forma a prendê-la ao lado dele. Mesmo não gostando dessa situação, Garo-lin não reclamou: queria saber.

— Garo-nan trouxe a guarda da Capital de Fogo até aqui.

Foi pior do que ela imaginara.

Demorou para entender e aceitar aquela informação, e depois só pôde murmurar:

— O Garo-nan não...

— Ele veio com Pedras Escuras. – Não se deixou abalar pela negação chocada dela. – Elas bloquearam meu almaki e não tivemos tempo de nos esconder. Eles invadiram. Levaram todos. – Olhou Krission, contando especificamente para ele. – Asthur levou os vilashis para o Vale das Pedras.

Diwari levou os irmãos de Garo-lin para a Capital de Fogo.

— Não!

Krission segurou o braço de Garo-lin a forçando a ficar no lugar e continuar escutando.

— So-ren, Kinaito... Acho que eles foram levados para a Capital também, apesar de não ter certeza. As Pedras Escuras tinham me esgotado, e tudo o que eles falavam era tão distante como em um sonho. Eles me jogaram no tanque depois disso, para morrer afogado, sem ninguém levar a culpa diretamente por ter matado o herdeiro dos Gillion. Se Ame-ru não tivesse sido esperta em usar seu almaki para se esconder dentro do tanque quando viu que ninguém conseguiria escapar, provavelmente eu teria me afogado.

Garo-lin olhava para o amigo naquele estado, claramente falando uma verdade que ela não conseguia admitir como real. O choro insistia em voltar, e ela tentava se controlar, pois sabia que chorar não mudaria os fatos.

— Como Garo-nan pôde ter feito isso?!

— Ele foi controlado, Garo-lin. – Nu’lian contou. – Assim como todos os outros.

— Diwari consegue fazer isso – a voz dupla de Kidari informou. – É o que ele pode fazer com o pouco almaki que tem.

Garo-lin encarou o chão a sua frente. Sentia-se cair em um poço sem fundo, submergindo e vendo tudo se perder na escuridão, com a voz de todos se perdendo.

Não conseguia pensar. Não conseguia formular uma ideia sobre o que fazer, qualquer pensamento sugeria que algo horrível estava acontecendo para todos. Tudo o que ela fizera até agora, tentando protegê-los; tudo pelo que lutara para não perder, tinha se desmanchado.

Mesmo nesse estado em que se perdia, a voz dupla de Kidari chegou aos seus pensamentos claramente:

— Está na hora de me dar um nome, Garo-lin.

A vilashi se forçou a olhar para ela, tentando entender. Não conseguia ver

onde dar um nome para aquela que tomara o lugar de Kidari seria importante.

— Por que um nome? – Aruk perguntou, a livrando de ter que fazer a pergunta que provavelmente sairia da sua boca de uma forma grosseira.

— Porque um nome me faz mais forte.

Garo-lin esfregou o rosto com as duas mãos, esgotada, e pediu de forma impaciente:

— Pode, por favor, ser mais clara e falar diretamente o que quer de nós?

Da mesma forma que agira até agora, ela não demonstrou reação alguma. Garo-lin já não lhe dava mais atenção, pensando que essa era uma daquelas perguntas que não responderia, quando a resposta veio:

— Como eu disse, sou uma vontade forjada pelos últimos Guardiões, a partir dos seus almakis puros. Estou aqui para ajudar. Esse é o meu propósito. Mas antes, você precisa me aceitar. Entender que não sou a Kidari.

Garo-lin respirou fundo. Enquanto seu mundo desmoronava, a outra só queria ser compreendida?

Aquilo a fez se levantar em um impulso e a encarar de cima, de pé.

— Se um nome vai te fazer forte, se você pode usar todos os almakis e quer que eu lhe dê um nome, por que não faz isso: traga todos os vilashis de volta! Pare o tempo! Inverta tudo o que aconteceu!

A Kidari de cabelos brancos apenas a encarou, impassível, não reagindo ao ataque. Isso apenas serviu para deixar Garo-lin ainda mais irritada:

— Nos jogue no passado, naquela droga de dia em que eu espirrei fogo e me faça ser só uma vilashi ignorante do Vale Interior!

— Garo-lin!

Ela não teve tempo de entender qual era o sentido do grito de alerta de Aruk.

Antes mesmo de olhar para ele, algo se chocou contra ela violentamente, jogando-a no chão e a arrastando para longe do grupo. Fora do alcance da luz, ela não conseguia enxergar o que estava acontecendo. Havia um peso sobre ela e algo apertava seu pescoço lhe tirando todo o ar.

Um ataque de fogo tirou aquele peso de cima dela, e com um inspirar dolorido, ela tentou recuperar o ar que seus pulmões necessitavam.

Ainda não entendendo o que tinha acontecido, ouviu um grito de dor.

Era uma pessoa. Alguém a atacara daquela forma repentina.

— Foi tudo culpa sua, vilashi!

O grito agonizante a fez entender quem era: o prisioneiro, o pirata do Vale das Pedras.

Krission chegou até ela, segurando-a protegida enquanto aquele que a atacara se debatia na frente deles, pegando fogo. Ame-ru começou a gritar ao ver aquilo, e no mesmo instante, água jorrou do tanque e apagou as chamas.

Mas o manejamento involuntário dela veio tarde para salvá-lo.

Ainda ofegante e sentindo a dor do impacto que sofrera, Garo-lin se arrastou até o corpo queimado do pirata prisioneiro.

Ele ainda se mexia e virou o rosto para ela quando percebeu a aproximação.

A vilashi tapou a boca com as mãos para evitar um grito quando o viu. As queimaduras na pela cinzenta não eram tão chocantes quanto aqueles olhos completamente negros brilhantes, que a encararam por alguns instantes, emitindo uma luz azulada, e então, se apagaram.

Krission se aproximou dela e também pareceu espantado ao ver a cena. Mas só quando a Kidari com cabelos brancos se aproximou, foi que ele falou, olhando para as próprias mãos:

— Era para ser só uma chama de impacto. Eu só queria que parasse.

Aqueles olhos amarelos o encararam, e então disseram sem emoção:

— Ele estava contaminado. Qualquer pequeno ataque com almaki, nesse estado, consome como um ataque fatal.

— O ve-veneno das Pedras Es-escuras? – Garo-lin perguntou com a voz falha, segurando o pescoço dolorido.

Ela apenas confirmou com um aceno mínimo de cabeça.

— Isso... isso significa que todos os que forem contaminados... vão ficar

assim?

Mais uma vez um aceno para confirmar.

Krission a puxou para longe dali, e Kidari seguiu-os. Mas Garo-lin apenas obedecia mecanicamente, se deixando levar enquanto vários pensamentos explodiam em sua cabeça.

As Pedras Escuras estavam no Vale das Pedras. Os vilashis tinham sido levados para o Vale das Pedras.

Ela olhou para Ame-ru que a sua frente, soluçando com o rosto escondido nas vestes de Nu'lian, e então voltou a olhar para o corpo carbonizado que ficava para trás.

Os vilashis, aquelas pessoas da mina, aqueles que usavam as Pedras Escuras sob o comando dos almakins. Todos seriam contaminados? Todos ficariam... daquele jeito?

Não podia deixar isso acontecer!

Ela se segurou no Dragão de Fogo, como se esse gesto a prendesse no mundo e então começou a dizer de forma urgente:

— Preciso resgatar os vilashis! Preciso resgatar meus irmãos da Capital de Fogo! Preciso... – Ela olhou para ele, se dando conta de algo, e confessou em um sussurro tremido. – Eu não sei o que fazer.

— Me dê um nome – pediu mais uma vez a voz dupla.

— Se te dermos um nome, você nos ajudará a resgatar os vilashis? – Krission perguntou sem esconder um tom de esperança, segurando uma Garo-lin que parecia não ouvi-los mais.

— Não posso garantir isso.

— Como pode nos ajudar, se não pode fazer isso?

— Não é meu propósito.

— Não pode fazer nada além do seu propósito?

— Não.

— Nem sendo a Kidari?

— Não sou a Kidari.

— Pode, pelo menos, nos dizer o que fazer? – ele insistiu.

— Sou um guia.

— Kanadi – Garo-lin disse.

E todos se voltaram para ela. Inclusive Aruk, com seus olhos totalmente brancos. Mas somente Ribaru encontrou um significado para o que ela pronunciou.

— Pedras brilhantes – ela explicou. – É assim que chamam almaki puro em Kodo. – Então olhou para a Kidari de cabelos brancos. – Se um nome a faz mais forte, e assim pode nos ajudar de alguma forma, vou chamá-la de Kanadi.

Ela sorriu. Era um sorriso no rosto de Kidari, mas não era o sorriso de Kidari. Aquela era a Kanadi, satisfeita com o nome que recebera.

Ao mesmo tempo em que tomara essa decisão, aquela dor incômoda em sua cabeça, que a atormentava desde o momento em que acordara nas ruínas, parou. E ela entendeu que havia aceitado a realidade de sua amiga agora ser duas pessoas.

Não poderia dizer que havia sido uma decisão racional e ponderada. Mas, foi tentando fazer as coisas de forma pensada que almakins levaram seus irmãos embora. Se aceitar aquela que estava com Kidari – que demonstrara saber sobre tudo o que estava acontecendo –, iria ajudar em seu propósito, poderia ser uma forma de salvar os seus, então aceitaria. Mesmo não sabendo o que fazer.

Então, tentando de alguma forma parecer alguém condizente com o que estava prestes a fazer, ela ajeitou a sua postura e pediu:

— Por favor, Kanadi. Para que eu possa cumprir essa tarefa de reunir os Guardiões que você precisa, me ajude a resgatar os vilashis e meus irmãos.

Diante do pedido, a recém-nomeada voltou a ter aquela expressão séria que não combinava com Kidari.

— Posso ajudá-la nesse percurso, Garo-lin. Kidari também pode ajudá-la. Mas, quem irá ditar o rumo que vamos seguir será você. E aqui só existe uma pessoa que pode lhe dizer, com certeza, o que deve fazer.

Era como se a compressão fosse um jorro de água fria que lhe atingisse.

Só havia uma pessoa ali que podia definir o passo que deveriam dar diante de todas as possibilidades que se estendiam à frente. E ela inevitavelmente olhou para Nu’lian.

— Não – tentou dizer, mas todos já haviam entendido, inclusive o próprio guardião do Segredo de Água.

Gentilmente, ele fez Ame-ru se soltar dele, afagando seus cabelos e dizendo que estava tudo bem. A menina agarrou um colar que ela tinha no pescoço, com um grande pingente de pedra em forma de dragão enquanto ele se erguia com dificuldade.

— Não! – Garo-lin foi mais efusiva. – Não, Nu’lian! Eu vou pensar em alguma coisa! Eu vou resolver isso!

— Garo, eu-

Ele não pôde terminar.

A vilashi se colocou na frente dele, abrindo os braços, como se essa atitude imperiosa pudesse detê-lo de alguma forma.

Por um momento, ele encarou aquela vilashi decidida em sua frente, negando o que poderia ser a única forma de salvar seus irmãos e seu povo para que ele não precisasse usar um recurso que lhe tomaria seu tempo de vida. A determinação dela sempre foi algo que a tornava encantadora. E mesmo que lhe pedisse que não daquela forma, ele sabia que valeria a pena se seu último suspiro fosse por ela.

— Garo-lin, eu prometi que protegeria seus irmãos – ele disse por fim. – Me permita, uma vez na vida, fazer algo pelo que eu acredito que seja o certo.

Toda a resolução dela se abalou com aquele pedido feito com o sorriso gentil do Dragão Real.

Lentamente, ela abaixou os braços. Percebeu que, assim como ela, ele também já havia feito uma escolha. E que acreditava nessa escolha com a mesma intensidade que ela não queria que ele fizesse aquilo.

Então Nu’lian lhe abraçou forte e sussurrou:

— Não importa se virarmos cinzas, Garo-lin. No fim, tudo vale a pena.

Ela retribuiu o abraço com a mesma força pedindo:

— Não vire cinzas agora. Ajude-nos até que tudo valha a pena.

Ainda a abraçando, ele olhou para Krission.

— Nu’lian... – foi tudo que o Dragão de Fogo conseguiu dizer.

— Que bom que voltou, Kris. – Sorriu para o amigo.

Então, soltou Garo-lin e se voltou para Vinshu, pedindo:

— Se algo acontecer, pode dar um recado para a Sumerin?

Vinshu apenas anuiu.

— Que ela cumpriu a promessa que fez para a minha mãe.

— Vou dizer – o Dragão de Raio confirmou, com um tom firme.

Reunindo toda a sua coragem, Nu’lian se afastou deles, indo em direção ao tanque.

Apreensiva, Garo-lin segurou a mão de Krission e ele segurou a dela, demonstrando estar no mesmo estado.

Sabendo exatamente o que tinha que fazer, Nu’lian manejou toda a água do tanque, criando uma bolha e a trouxe para si. Respirando fundo, fez com que ela o envolvesse, prendendo-o naquela gaiola líquida.

Garo-lin o viu fechar os olhos e se concentrar lá dentro, como se estivesse vendo-o dentro de um espelho. Os cabelos esbranquiçados flutuavam lentamente e pequenas bolhas de ar se desprendiam do seu rosto.

Por um momento, parecia que nada ia acontecer. Então a água da bolha começou a girar de forma rápida, e ele soltou todo o ar que tinha respirado quando seu cabelo começou a brilhar, em um grito sem som. A luz envolveu a bolha, iluminando todo o espaço dos tanques. E, quando a claridade ficou tão intensa que eles foram obrigados a proteger os olhos, a bolha explodiu, lançando água para todos os lados.

Tirando o braço da frente dos olhos, Garo-lin viu o Dragão cair de frente no chão enlameado. Imediatamente ela e Krission correram para lá.

Nu’lian estava encharcado, gelado, com o cabelo todo branco, e parecia pesar como uma montanha quando Garo-lin tentou virá-lo. Mas ele ainda

respirava, ofegante, e isso foi tudo o que ela reparou.

Então, ele abriu os olhos azuis para eles e tentou pronunciar no máximo que o tremor que começara em seu corpo permitia:

— Es-tá... na hora de-de os Dragões... de Almakia vo-voltarem... para o Instituto.

Rabiscos da autora:

Para você que chegou até aqui e com muita paciência acompanhou todas as desventuras dos Dragões e da Garo-lin, muito obrigada! Esse livro 2 representa um grande passo para mim como escritora, já que pela primeira vez escrevi sabendo que leitores ansiosos aguardavam pela continuação :D Espero não ter decepcionado e que a espera tenha sido válida \o/

Aprovou? Odiou? O livro 3 deve ser lançado ou não? Qual personagem devo salvar a todo a custo dos acontecimentos seguintes? Curta a **fanpage de Almakia** e deixe uma autora feliz com a sua opinião! xD

ALMAKIA III – Domínio de Almaki

A nova missão que se estende para Garo-lin e os Dragões agora está em duas direções: eles precisam encontrar os verdadeiros Dragões para Kanadi para enfrentar o seu oposto, ao mesmo tempo em que precisam entrar no coração de Almakia e convencer os almakins desse perigo eminente. As descobertas continuam através dos mistérios que as pedras do Instituto Dul'Maojin e a própria história dessa Grande Família esconde. Ainda, algo se movimenta Além-Mar, e traz para os Domínios verdades que deveriam ser esquecidas. Um pensamento antigo precisa ser retomado e renovado, para que o futuro de Almakia possa existir.

Acesse o site oficial da série e acompanhe as novidades!

Almakia tem uma série-irmã, conhece?

Poucas pessoas sabem e a maioria delas ainda confundem pensando que Paula Vendramini e eu somos a mesma pessoa. Não, não somos xD Mas, nesse universo literário, praticamente fazemos tudo juntas.

Paula Vendramini e eu nos conhecemos na época da escola (2001 – Foz do Iguaçu) e desde então escrevemos juntas. Começamos com as fanfics e depois de uma década de amizade nos aventuramos nos originais. Quando os primeiros pensamentos sobre Almakia começaram a ganhar forma, a série Devoy já se desenvolvia em caderninhos de rascunho. Por essa proximidade que temos, uma é leitora-beta a outra

Então, se você gostou de Almakia, não deixe de conhecer a **Série Devoy**!

Grupo LAP

Lhaisa Andria e Paula Vendramini

A LAP surgiu despretensiosamente durante os nossos anos no Ensino Médio, quando nos divertíamos inventando, escrevendo, bagunçando e rindo muito. Foi nessa época que a base da LAPlândia foi construída, usando referências de universos imaginários dos quais éramos fãs com acréscimos gratuitos nossos.

Desde então, participamos de várias atividades culturais e literárias em nossas cidades, sempre procurando estimular as pessoas a compartilhar um pouco de imaginação, na nossa tentativa de contribuir para um mundo um pouco mais colorido.

Não temos como objetivo fazer com que nossos leitores, mochileiros em nosso mundo, formem uma opinião, mas sim um sorriso. É a nossa forma de retribuir, pela dádiva da troca, toda a formação que tivemos ao longo desse tempo, e que nos ajudaram a sermos o que somos agora.

Hoje, depois de mais de uma década de caminhada, pedras, risadas, encontros e desencontros, temos orgulho do que construímos e confiança para continuar em frente com nossos sonhos.

LAProom